E.D.R 1945

Ano 1940

Tomo 35

Fasciculo 3

IMP. INST. ONT.
— LIBRA
27 AUG 1945
SERIAL
C.S.A.T

MEMORIAS
DO
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Rio de Janeiro - Brasil

[1941]

INDICE

Tomo 35 Ano 1940 Fascículo 3

CARDOSO, RITA ALVES DE ALMEIDA — Degenerescência basófila da fibra muscular cardíaca 495
MACHADO filho, D. A. — Ocorrência de *Oncicola canis* (Kaupp 1909) Hall & Wigdor, 1918, no Brasil 511
LENT, HERMAN e FREITAS, J. F. TEIXEIRA DE — Estado atual de três espécies do gênero *Cephalogonimus* Poirier, 1886 (Trematoda) 515
TRAVASSOS, LAURO e FREITAS, J. F. TEIXEIRA DE — Relatório da excursão científica realizada na zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em julho de 1939 525
VIEIRA, CARLOS C. — Algumas observações sobre a fauna da região de Salobra, Estado de Mato Grosso 557
FREITAS, J. F. TEIXEIRA DE — Novo trematódeo parasito de peixe de água doce 569
TRAVASSOS, LAURO — Espécies do gênero *Ornithostrongylus* Travassos, 1914, capturados em Salobra (Estado de Mato Grosso) (*Nematoda: Strongyloidea*) 571
CARVALHO, ANTENOR LEITÃO DE — Observações sobre casos de Batracofagia entre as aves 575
TRAVASSOS, LAURO — Adelocefalídeos do Estado de Mato Grosso, capturados pela expedição do Instituto Oswaldo Cruz 577
FREITAS, J. F. TEIXEIRA DE — *Cathaemasioides callis* n. g., n. sp. trematódeo parasito de *Enxenura galeata* (Molina) 589
MACHADO filho, D. A. — Pesquisas helmitológicas realizadas no Estado de Mato Grosso — Acanthocephala 593
FREITAS, J. F. TEIXEIRA DE — Sobre um interessante nematódeo parasito de de reptil (*Spiruróidea*) 603
I. — TRAVASSOS, LAURO — Relatório da terceira excursão à zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, realizada em fevereiro e março de 1940 .. 607
II. — TRAVASSOS e FREITAS — Pesquisas Helmintológicas 610
III. — NEWTON SANTOS — Aspecto Médico e Social das localidades de Salobra (Estado de Mato Grosso) e Ilha Seca (Estado de São Paulo) 634
IV. — H. DE SOUZA LOPES — Relação do material Entomológico capturado .. 641
V. — J. MOOJEN — Aves coligidas em Ilha Seca, São Paulo e Salobra, Mato Grosso 660
VI. — CARLOS C. VIEIRA — Lista sistemática das aves incorporadas a coleção do Departamento de Zoologia 668
VII. — NEWTON SANTOS — Sobre o aspecto da flora de Salobra, Estado de Mato Grosso 672

As **MEMORIAS,** orgão oficial do Instituto Oswaldo Cruz, são reservadas exclusivamente à publicação de trabalhos originais nele realizados e aparecerão, em fascículos, em Março, Junho, Setembro e Dezembro.

Toda a correspondência deverá ser dirigida à:

REDAÇÃO DAS MEMORIAS DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ
CAIXA POSTAL 926
RIO DE JANEIRO—BRASIL

MEMORIAS
DO
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Tomo 35 Ano — 1940 Fasciculo 3

Degenerescencia basófila da fibra muscular cardiaca

pela

Dra. Rita Alves de Almeida Cardoso

(Com 3 estampas)

Já, de longa data, são do conhecimento corrente várias alterações degenerativas do tecido muscular. Assim, os aspetos histológicos da tumefação turva, da infiltração gordurosa, da degenerescência hidrópica, da degenerescência cérea, nenhuma dificuldade apresentam para o seu diagnóstico.

A lesão de que nos vamos ocupar, porém, é de recente verificação e, até agora, apenas três trabalhos a seu respeito estão registrados na literatura.

HEWITT (1910) descreveu uma "degenerescência peculiar encontrada nas células musculares cardíacas", à qual MARIA HAUMEDER (1935) aplicou o nome de "degenerescência basófila do músculo cardíaco". Novas contribuições à questão foram trazidas, mais recentemente, por LIEBEGOTT (1937).

Nota da Redação: Devido à transferência da tipografia do Instituto Oswaldo Cruz para a Imprensa Nacional, em novembro de 1940, e à mudança de séde desta instituição, os fascículos 3 e 4 do Tomo 35 destas Memórias, sómente foram dados à publicidade em abril de 1941 e serão expedidos conjuntamente, no mesmo invólucro. O índice do Tomo 35 será distribuido com o Fascículo do Tomo 36.

* Recebido para publicação a 9 de maio de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

A lesão foi descrita por HEWITT (1910) como sendo "uma pequena área, redonda, ová1, ou irregular, de coloração azul clara, que se encontra na célula muscular cardíaca".

O autor assinala uma reação característica para as áreas degeneradas : coram-se em pardo pela solução de lugol, qundo examinadas em água.

MALLORY, consultado por HEWITT, considerou a lesão como "uma alteração hialina aliada a degenerescência hidrópica, com presença de um pouco de mucina". HEWITT declara, porém, que não conseguiu as reações da mucina no seu material.

HAUMEDER (1935), estudando 320 corações, encontrou a lesão em 33,43 % dêles.

A sua maior incidência foi verificada no septo interventricular. Os casos, em sua maioria, eram de indivíduos entre 40 e 80 anos de idade, sendo mencionado, contudo, um jovem de 17 anos.

A autora descreve fases diferentes para a lesão. No início do processo, "these degenerated areas stained a rather dark blue, were fairly dense, finely granular, occasionally clumped, and sometimes included fragments of muscle fibres". Em estádio mais avançado, as áreas coram-se em azul mais claro e aparecem vacúolos ; nos estádios ainda mais adiantados, encontrou HAUMEDER "only a fine network of basophilic, interwining fibers, which included small tissue spaces".

MATERIAL E TÉCNICA

Estudámos 66 necrópsias, arquivadas na Secção de Anatomia Patológica do Instituto Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, tendo examinado, em média, 4 preparações histológicas de miocárdio de cada caso. Em todos êles havíamos retirado, propositadamente, material do septo interventricular, sede preferencial da lesão, segundo HAUMEDER.

Os fragmentos foram fixados em líquido de ZENKER, incluidos em parafina e corados pela hematoxilina-eosina, hematoxilina-férrica, método de MALLORY pelo azul de anilina, muci-carmin de MEYER, sendo, ainda, feita a reação nuclear de FEULGEN.

DESCRIÇÃO

A degenerescência basófila da fibra muscular cardíaca foi encontrada em 14 dentre 66 corações examinados, ou, seja em 21,2% dos casos.

O aspeto que apresentava era semelhante ao que HAUMEDER (1935) descreveu como "grau avançado da degenerescência",

A fibra muscular apresenta-se entumescida, sendo o seu diâmetro transverso nitidamente superior ao das fibras vizinhas; assim, no caso n. 13 (fig. 2), ao passo que o diâmetro transverso da fibra degenerada foi igual a 52 *u*, o das fibras vizinhas mostrou-se igual a 20μ, 30 μ, 35 e 38 μ. A fibra lesada, representada na fig. 1 mede 50 μ, e as fibras vizinhas, 15 μ e 20μ.

No sentido do diâmetro longitudinal, a zona atingida pela degenerescência basófila ocupa extensão variavel; em algumas, a extensão é pequena, em outras atinge 190, 270 e mesmo 300 μ.

O conteudo da fibra muscular entumescida e atingida pela degenerescência basófila é heterogêneo (fig. 1 — 6).

Ao lado de fibrilas delgadas, a maioria corada em azul, e outras, menos numerosas, em roseo, existem massas irregulares, mostrando grande variabilidade na intensidade com que se coram em azul-violeta, nos preparados pela hematoxilina-eosina (figs. 1, 2 e 3). Entre as partes cromófilas da zona degenerada, notam-se espaços claros ou faixas de forma muito irregular, desprovidos de qualquer estrutura.

Examinando com atenção as margens da zona atingida pela degenerescência basófila, tem-se a impressão, mesmo nêsses preparados pela hematoxilina-eosina, de que as próprias miofibrilas constituem parte do material heterogêneo aí situado.

Assim, em córtes transversais, aparecem pequenas massas roseas, circundadas por um halo claro, as quais poderiam ser tomadas por secções transversas de miofibrilas (Figura 3, *m*).

Por vezes, em plena zona com degenerescência basófila, nota-se uma formação oval, mais intensamente basófila que o material adjacente, a qual poderia ser tomada por um núcleo em picnose (Fig. 1, *a*).

O entumescimento e aumento do diâmetro transverso da fibra muscular são, tambem, aparentes em preparados corados pela hematoxilina férrica (Figs. 5 e 6). Em uma das fibras, a zona atingida pela degenerescência basófila media 270 μ.

Na porção degenerada (Figs. 5, *b* e 6, *b*), distinguimos pequenos bastonetes corados pela hematoxilina férrica, nos quais existe alternância entre zonas mais intensa e outras menos intensamente siderófilas. A estrutura peculiar dessas formações sugere relação com o protoplasma contratil da fibra muscular (miofibrilas em desintegração).

A massa principal é constituida por material inteiramente amorfo ou vagamente reticulado, fracamente corado em tonalidades do castanho e do cinzento, de permeio com grânulos siderófilos, de dimensões e forma irregulares e tambem espaços claros, desprovidos de estrutura aparente.

O detalhe mais interessante, apreciavel pela hematoxilina férrica, consta da tumefação e difusão da matéria corante nas colunetas das miofibrilas. Tal modificação é melhor apreciavel nos fasciculos delgados e cilíndricos, vizinhos do centro da fibra cardíaca (Fig. 6, *m*).

O mesmo aspeto heterogêneo da zona atingida pela degenerescência basófila é aparente nos preparados pelo método de MALLORY (Mallory's aniline blue colagen stain).

Verifica-se, em determinadas áreas, nítida estrutura fibrilar, na qual determinadas formações conservam arranjo e colorabilidade semelhantes a porções componentes de miofi-

brilas (Fig. 4, *m*). Outros aspetos foram interpretados como tumefação dos discos escuros e sua transformação gradual em grânulos corados pela fucsina (Fig. 4, *m*).

Nas colunetas vizinhas do centro da célula cardíaca, as quais são delgadas e cilíndricas, é onde melhor podemos apreciar fazes intermediárias entre miofibrilas normais e as formações heterogêneas que constituem a degenerescência basófila.

As faixas escalariformes estriadas ("Schaltstücke) são, contudo, a estrutura que mais claramente nos revela o método de MALLORY, como um dos elementos constitutivos do material heterogêneo da degenerescência basófila. Coradas intensamente pela fucsina, elas conservam nitidez de contorno, disposição escalariforme e dimensões semelhantes às das encontradas em fibras musculares não alteradas, nas mesmas preparações (Fig. 4, *i*).

Espaços claros desprovidos de estrutura, grânulos corados em azul, massas mal definidas tintas ora em azul, ora em vermelho, complicam o aspeto microscópico, contribuindo para dar a impressão de heterogeneidade característica deste processo degenerativo (Fig. 4).

Os núcleos das fibras musculares, nos pontos atingidos pela degenerescência basófila, mostram igualmente alterações regressivas. Nas Figs. 4 *n*, e 6 *n*, são representadas estruturas com os carateres indubitáveis de núcleos, e, na Fig. 1 *a*, uma formação basófila relativamente volumosa, possivelmente um núcleo picnótico.

O material que constitui a degenerescência basófila não contem mucina, nem ácido timonucleico, a julgar pelos resultados que obtivemos com os métodos do muci-carmin de MAYER e de FEULGEN.

RELAÇÕES ENTRE DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA E IDADE

Na série de necrópsias que estudámos, a qual compreende indivíduos entre 15 dias e 100 anos de idade, os casos onde a degenerescência basófila foi encontrada apresentavam a idade mínima de 27 anos e a máxima de 75 anos. Mais de metade (57 %) dos casos, eram indivíduos entre 60 e 76 anos.

Já HAUMEDER (1935) havia notado a frequência da degenerescência basófila em indivíduos de idade avançada, sendo, contudo, êsse fato negado por LIEBEGOTT (1937).

RELAÇÕES ENTRE DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA E ESTADOS PATOLÓGICOS

Dada a grande variabilidade de condições patológicas nas quais encontrámos a degenerescência basófila, parece-nos difícil esclarecer as relações que acaso tenha com elas.

Contudo, verificámos a sua associação frequente a lesões renais, visto como 10, dentre os 14 casos onde foi achada, apresentavam o diagnóstico anatômico de nefropatia, predominando as lesões crônicas. E' possivel que se trate de simples coincidência, visto como a lesão é mais frequente na idade avançada, na qual as nefropatias mostram, necessariamente, maior incidência,

Outra observação que fizemos em nosso material, foi a da existência de fibrose do miocárdio em metade dos casos em que era encontrada a degenerescência basófila.

RELAÇÕES ENTRE DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA E PUTREFAÇÃO

Em nosso material, não verificámos nenhuma relação entre a degenerescência basófila e o tempo decorrido entre a morte e a hora da necrópsia.

Assim, já ao cabo de 2,10' ela podia ser encontrada (Quadro 2, Necr. 2199). Por outro lado, ela não foi encontrada em 16 cadaveres autopsiados entre 11 e 27,40' após a morte, ao passo que existia em um indivíduo autopsiado 24,51' após.

Essas verificações estão de acordo com a opinião de LIEBEGOTT (1937), segundo a qual a degenerescência basófila não estaria ligada ao processo de autólise do músculo cardíaco.

BIBLIOGRAFIA

HEWITT, J. H.

1910. A peculiar degeneration found in heart muscle cells: a preliminary report. Bull. Johns Hopkins Hosp., 21 279.

HAUMEDER, MARIA E.

1935. Basophilic degeneration of heart muscle. Am. J. Path. 11 535-540.

LIEBEGOTT, G.

1937. Über die "basophile Degeneration der Herzmuskelfaser", ein Beitrag zu den "vitalen Reaktionen". Beitr. z. path. Anat. u. z. allg. Path. 98: 410-424.

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
1	2236	27 ♂	Enterocolite ulcerosa. Peritonite aguda fibrino-purulenta. Perfuração do intestino.	Peso: 208 grs.		Presente.
2	2799	37 ♀	Endometrite purulenta. Esplenite aguda. Degenerescência dos rins.	Dilatação das cavidades direitas. Peso: 230 grs.		Presente.
3	2195	40 ♂	Nefrocirrose artérios-sclerótica. Encéfalomalácia. Aortite crônica (sífilis).	Hipertrofia e dilatação de todas as cavidades. Peso 734 grs.	Fibrose (Myomalacia cordis.).	Presente.
4	2763	45 ♂	Malária. Anemia. Nefropatia crônica e aguda. Artério-sclerose da aorta.	Dilatação de todas as cavidades. Espessamento do endocárdio parietal. Peso: 320 grs.		
5	2181	48 ♀	Glomérulo-nefrite crônica.	Dilatação de ambos os ventrículos. Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 389 grs.	Fibrose do miocárdio.	Presente.
6	2199	54 ♂	Neoplasma do esôfago. Metástases nos ganglios linfáticos, gástricos e hepáticos. Bronco pneumonia de ambos os pulmões.	Atrofia parda do miocárdio. Peso: 220 grs.		
7	2193	60 ♂	Arterioesclerose da aorta. Nefrocirrose artérioesclerótica. Tuberculose.	Hipertrofia e dilatação do ventrículo esquerdo. Insuficiência aórtica. Arterioesclerose das coronárias. Peso: 434 grs.	Fibrose circunscrita. Pequeno nódulo. (Aschoff)	Presente.

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
8	2235	64 ♀	Nefrocirrose arterioesclerótica. Broncopneumonia. Aortite crônica (sifilis e arterioesclerose).	Endocardite crônica mitral. Insuficiência mitral. Peso: 300grs.	Fibrose. (Myomalacia cordis)	Presente.
9	2172	69 ♀	Cirrose atrófica. de Laennec. Arteriosclerose. Nefrocirrose arterioesclerótica.	Dilatação de todas as cavidades Peso: 360 grs.	Infiltração gordurosa e fibrose.	Presente.
10	2214	70 ♀	Broncopneumonia. Nefrocirrose embólica. Arterioesclerose da aorta.	Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 318 grs.		Presente.
11	2183	70 ♂	Cistite aguda. Nefropatia crônica. Aortite crônica.	Dilatação das cavidades direitas Placas leitosas no epicárdio. Peso: 278 grs.	Atrofia parda do miocárdio.	Presente.
12	2161	73 ♂	Bronco pneumonia. Pleurite fibrinosa aguda. Aortite sifilítica. Gomas do fígado.	Pericardite fibrinosa aguda. Peso: 360 grs.	Ateroma das sigmoides aórticas.	
13	2801	73 ♂	Aortite crônica. (Sifilis e arteriosclerose). Ectasia da crossa da aorta. Broncopneumonia. Adenocarcinoma da vesícula biliar.	Dilatação e hipertrofia dos ventrículos. Peso: 530 grs.	Fibrose (Myomalacia cordis.)	Presente.
14	2903	76 ♀	Nefrocirrose arterioesclerótica. Arteriosclerose da aorta.	Dilatação e hipertrofia de todas as cavidades. Peso: 530 grs.	Fibrose (Myomalacia cordis).	Presente.
15	2905	15 dias ♀	Broncopneumonia. Processo inflamatório do esôfago, com ulceração e estenose.			Ausente.
16	3524	19 d. ♂	Gastrite aguda. Degeneração gorda do fígado. Hiperemia dos pulmões.	Normal. Peso: 10 grs.		

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
17	5955	7 meses ♂	Abcessos cutâneos múltiplos. Nefrite intersticial.	Sem alterações. Peso: 20 grs.		Ausente.
18	5903	2 a.	Noma. Degeneração dos rins. Esplenite aguda.	Peso: 58 grs.		Ausente.
19	2864	4 ♂	Linfosarcoma do peritônio. Metástases nos intestinos, glândulas suprarenais e rins. Trombose da veia cava inferior.		Fibrose circunscrita e infiltração gorda.	Ausente.
20	3529	6 ♀	Difteria. Traqueite pseudo membranosa. Esplenite aguda. Nefropatia aguda.	Dulatação de todas as cavidades. Peso: 85 grs.	Normal	Ausente.
21	2765	8 ♀	Tétano. Degeneração dos rins e fígado.	Peso: 120 grs.	Infiltração gordurosa.	Ausente.
22	2896	14 ♂	Pielo nefrite. Glomérulo-nefrite crônica. Linfadenite aguda purulenta mesentérica.	Peso: 226 grs.		Ausente.
23	5909	19 ♀	Pleurite aguda fibrino-purulenta. Abcessos nos pulmões. Broncopneumonia e gangrena dos pulmões. Degeneração dos rins e fígado.	Pericardite crônica circunscrita. Peso:		Ausente.
24	2895	20 ♀	Pneumonia lobar. Broncopneumonia. Degeneração do fígado e dos rins.	Dilatação das cavidades dir itas. Peso: 230 grs.		Ausente.
25	5904	25 ♂	Malária. Encefalite hemorrágica. Broncopneumonia hemorrágica.	Dilatação de todas as cavidades.		Ausente.
26	3520	25 ♂	Hemorragias nos pulmões. Pleurite fibro-	Endocardite ulcerosa mitral (es-	Endocardite ulcerosa e miocardite	Ausente.

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
			sa crônica. Infartos do rim e do baço.	treptococo.) Insuficiência mitral. Dilatação de todas as cavidades. Pericardite aguda e fibrosa crônica. Peso: 538 grs.	aguda purulenta em focos.	Ausente.
27	2762	26 ♂	Tuberculose ulcerativa extensa de ambos os pulmões. Enterite ulcerativa (tuberculosa). Tuberculose do baço e dos rins.	Dilatação das cavidades direitas. Peso: 194 grs.	Atrofia parda.	Ausente.
28	2187	28 ♀	Hemorragias extensas em ambos os pulmões Nefropatia aguda. Salpingite crônica.	Petéquias no endocárdio. Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 200 grs.		Ausente.
29	5910	28 ♂	Blastomicose. Broncopneumonia. Cirrose atrófica de Laennec. Nefropatia aguda.	Dilatação do ventrículo direito. Peso: 340 grs.		Ausente.
30	5902	28 ♂	Infarto anêmico do baço. Esplenite aguda. Nefrite embólico-purulenta.	Endocardite ulcerosa mitral. Dilatação e hipertrofia do ventrículo esquerdo. Dilatação do ventrículo direito. Peso: 560 grs.	Infarto cicatrizado do miocárdio.	Ausente.
31	2188	28 ♀	Histerectomia. Hemoperitônio. Peritonite crônica fibrosa. Tuberculose crônica fibrosa dos pulmões. Hepatite aguda supurada.	Peso: 238 grs.	Fibrose circunscrita. Degenerescência hialina.	Ausente.
32	5906	31 ♂	Enterocolite crônica ulcerativa (tuberculosa). Tuberculo-	Sem alterações. Peso: 220 grs.		Ausente.

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
			se ulcerosa crônica dos pulmões. Peritonite tuberculosa. Caquexia.			
33	5908	31 ♀	Nefropatia crônica. Broncopneumonia. Aortite crônica.	Dilatação do ventrículo esquerdo. Peso: 410 grs.		Ausente.
34	2904	34 ♀	Colecistite calculosa. Perfuração da vesícula. Peritonite aguda fibrino-purulenta. Perfuração do diafragma.	Pericardite aguda fibrino purulenta. Perfuração do saco fibroso do pericárdio. Dilatação dos ventrículos. Peso: 340 grs.	Propagação do processo inflamatório ao miocárdio.	Ausente.
35	2254	34 ♂	Nefropatia. aguda. Atrofia do fígado.	Dilatação do ventrículo direito. Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 314 grs.		Ausente.
36	3535	36 ♂	Pancreatite intersticial crônica. Hiperglicemia. Hiperplasia e pigmentação do fígado. Fibrose do baço. Nefropatia aguda. Ateroma da aorta.	Endocardite aguda aortica (leve). Peso: 220 grs.		Ausente.
37	2169	36 ♂	Aortite sifilítica. Aneurisma da crossa da aorta com rutura para o esôfago.	Peso c/aorta: 480 grs.		Ausente.
38	5905	40 ♂	Ulcera juxta pilórica com perfuração. Peritonite aguda fibrino purulenta. Nefropatia crônica.	Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 210 grs.	Hemorragias na gordura epicardial.	Ausente.
39	5964	40 ♀	Glomérulo nefrite crônica. Degeneração dos rins. Hemorragias nos pulmões.	Sem alterações		

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
40	2244	42 ♀	Resecção parcial do maxilar inferior. Nefropatia aguda. Esplenite aguda.	Dilatação das cavidades direitas. Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 140 grs.		Ausente.
41	2239	43 ♂	Abcessos múltiplos do pulmão esquerdo. Broncopneumonia. Ateroma da aorta.	Dilatação de todas as cavidades. Peso: 300 grs.		
42	5912	44 ♂	Nefropatia crônica Aplasia do rim direito.	Hipertrofia e dilatação de todas as cavidades. Pericardite aguda fibrinosa. Hidropericárdio. Peso: 634 grs.	Focos de necrose e calcificação.	Ausente.
43	2175	45 ♂	Tuberculose crônica fibrosa dos pulmões. Enterite tuberculosa.	Dilatação das cavidades direitas. Peso: 180 grs.	Miocardite aguda purulenta.	Ausente.
44	2764	45 ♂	Peritonite aguda purulenta. Pleurite fibrino purulenta. Glomérulo nefrite crônica. Aortite crônica (sífilis e artérioscleróse).	Endocardite crônica aortica. Insuficiência aórtica. Dilatação de todas as cavidades. Peso: 530 grs.		
45	3523	45 ♂	Adenocarcinoma do pâncreas. com metástases no fígado, no epiploon e nos gânglios linfáticos retro peritoniais. Pancreatite crônica fibrosa.	Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Pericardite crônica fibrosa circunscrita. Peso: 299 grs.	Atrofia parda.	Ausente.
46	3522	47 ♀	Nefropatia crônica. Aortite crônica. Infarto hemorrágico do pulmão.	Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 420 grs.	Aumento do tecido fibroso no trajeto dos vasos. Fibrose do ramo esquerdo do f. de His. Degeneração hidrópica do miocárdio.	Ausente.

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
47	2761	47 ♂	Pneumonia lobar. Pleurite fibrino purulenta. Hepatite intersticial crônica. Esplenomegalia. Icterícia,	Pericardite aguda fibrino purulenta. Peso: 525 grs.		
48	2242	50 ♂	Neoplasma do esôfago com metástases no fígado e nos gânglios regionais e cervicais.	Dilatação do ventrículo direito. Atrofia parda. Peso: 210 grs.		
49	5954	51 ♂	Nefropatia crônica. Anasarca. Hemorragias nos pulmões. Aortite sifilítica. Pancreatite crônica fibrosa.	Dilatação e hipertrofia de todas as cavidades. Peso: 704 grs.	Infiltração linfocitária no epicárdio.	Ausente.
50	5963	53 ♀	Atrofia e infiltração gordurosa extensa do fígado. Histerectomia parcial. Cistite aguda. Aortite crônica. Psamoma da dura mater.	Dilatação das cavidades esquerdas. Infiltração gordurosa. Peso: 234 grs.		Ausente.
51	5901	54 ♂	Aortite crônica (sífilis e arteriosclerose). Infarto hemorrágico do pulmão. Nefrite glomérulo tubular.	Endocardite crônica aórtica. Hipertrofia e dilatação de todas as cavidades. Trombose da aurícula e auriculeta esquerdas. Peso: 660 grs.	Cicatrizes no miocárdio.	Ausente.
52	2163	55 ♂	Pneumonia lobar. Broncopneumonia. Glomérulo nefrite crônica. Nefrocirrose arteriosclerótica. Aortite crônica (arteriosclerose).	Hipertrofia do ventrículo direito. Peso: 400 grs.		Ausente.
53	2202	55 ♂	Tuberculose crônica peribrônquica e perivascular. Enterite tuberculose. Tuberculose da laringe.	Dilatação das cavidades direitas. Peso: 220 grs.	Fibrose e atrofia parda do miocárdio.	Ausente.

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
54	5914	58 ♀	Aortite crônica (sífilis e artériosclerose). Pneumonia lobar. Nefrocirrose embólica.	Trombose do ventrículo esquerdo. Hipertrofia e dilatação de todas as cavidades. Placas leitosas no pericárdio. Peso: 590 grs.	Degeneração hidrópica do miocárdio. Miocardite e endocardite circunscritas.	Ausente.
55	2218	59 ♀	Broncopneumonia. Nefropatia crônica.	Peso: 130 grs.	Atrofia parda do miocárdio.	Ausente.
56	3532	60 ♂	Carcinoma simplex do estômago com metástases nos gânglios linfáticos gástricos, hepáticos, retro-peritonais e fígado. Hemorragias gástricas. Glomérulo nefrite crônica. Ancilostomose.	Dilatação e hipertrofia de ambos os ventrículos. Sinéquias do pericárdio. Peso: 320 grs.	Fibrose. Atrofia parda.	Ausente.
57	2228	60 ♂	Nefrite intersticial aguda. Ascaridiose. Ancilostomose. Tricocefalose. Gastrite aguda.	Endocardite crônica mitral. Peso: 240 grs.	Petéquias no epicárdio. Myomalácia cordis.	Ausente.
58	5907	60 ♂	Glomérulo nefrite aguda. Anasarca. Ulcera do duodeno. Tuberculose cirrótica do pulmão esquerdo.	Hipertrofia e dilatação de todas as cavidades. Pericardite crônica. Peso: 530 grs.	Infiltração gordurosa do miocárdio.	Ausente.
59	3528	65 ♂	Encéfalo malácia. Aortite crônica sifilitica. Arteriosclerose do polígono de Willis. Broncopneumonia. Nefropatia crônica.	Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 280 grs.		Ausente.
60	2191	68 ♀	Entero colite ulcerativa (tuberculosa). Broncopneumonia. tuberculosa. Nefrocirrose arterioscleróticа. Tuberculose miliar do baço.	Peso: 220 grs.		Ausente.

QUADRO N. 1

N. do caso	N. da autopsia	Idade e sexo	LESÕES PRINCIPAIS	CORAÇÃO		DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
				Exame macroscópico	Exame microscópico	
61	2241	68 ♂	Nefropatia crônica. Tuberculose fibrosa circunscrita dos pulmões. Arteriosclerose.	Dilatação e hipertrofia de todas as cavidades. Peso: 520 grs.		Ausente.
62	2196	80 ♀	Nefropatia crônica. Infartos nos pulmões. Arteriosclerose da aorta.	Dilatação de todas as cavidades. Hipertrofia do ventrículo esquerdo. Peso: 490 grs.	Fibrose circunscrita. Arteriosclerose das coronárias.	Ausente.
63	2237	83 ♀	Broncopneumonia. Esplenite aguda. Nefrocirrose arterioscleró tica. Arteriosclerose da aorta.	Dilatação da aurícula esquerda. Hipertrofia do ventrículo direito Peso: 230 grs.		Ausente.
64	2217	86 ♀	Nefropatia crônica. Esplenite aguda. Tuberculose do pulmão direito. Fibromioma do útero. Arteriosclerose da aorta.	Peso: 270 grs.	Myomalácia cordis.	Ausente.
65	2238	90 ♂	Pielonefrite. Cistite aguda. Arteriosclerose.	Hipertrofia e dilatação dos ventrículos. Peso: 320 grs.		Ausente.
66	5913	100 ♀	Broncopneumonia. Nefrocirrose embólica.	Atrofia parda do miocárdio. Peso: 160 grs.		Ausente.

QUADRO N. 2

NÚMERO DA AUTOPSIA	TEMPO DECORRIDO ENTRE A MORTE E A HORA DA AUTOPSIA	DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA	NÚMERO DA AUTOPSIA	TEMPO DECORRIDO ENTRE A MORDE E A HORA DA AUTOPSIA	DEGENERESCÊNCIA BASÓFILA
2761	1h	Ausente	5963	11h,40′	Ausente
2199	2h,10′	Presente	3535	11h,45′	Ausente
5909	3h,50′	Ausente	5906	12h	Ausente
2187	4h	Ausente	5908	12h,10′	Ausente
2763	4h,5′	Presente	2237	12h,20′	Ausente
5955	4h,30′	Ausente	2191	12h,30′	Ausente
2172	4h,50′	Presente	2181	12h,35′	Presente
5907	5h	Ausente	2864	13h,20′	Ausente
2217	6h	Ausente	3522	13h,20′	Ausente
2183	6h,15′	Presente	2896	13h,30′	Ausente
3520	6h,20′	Ausente	5912	14h,37′	Ausente
5903	6h,40′	Ausente	2161	14h,45′	Presente
2228	6h,50′	Ausente	2218	15h	Ausente
2169	7h	Ausente	5904	15h	Ausente
2202	7h	Ausente	2765	16h	Ausente
3532	7h	Ausente	2764	16h,30′	Ausente
5964	8h	Ausente	5905	16h,50′	Ausente
3528	8h,50′	Ausente	2214	17h,50′	Presente
2193	9h	Presente	2242	18h	Ausente
2195	10h	Presente	2163	18h,40′	Ausente
2801	10h,40′	Presente	2762	19h	Ausente
5902	11h	Ausente	5914	19h	Ausente
2175	11h,15′	Ausente	5910	19h,30′	Ausente
2188	19h,45′	Ausente	2244	21h,40′	Ausente
2235	20h	Presente	2196	22h,45′	Ausente
5954	20h	Ausente	3529	22h,50′	Ausente
3523	20h,50′	Ausente	2904	23h,20′	Ausente
2799	21h	Presente	2895	24h	Ausente
5913	21h,15′	Ausente	2241	24h	Ausente
3524	21h,20′	Ausente	2236	24h,15′	Presente
5901	21h,25′	Ausente	2254	24h,55′	Ausente
2238	21h,30′	Ausente	2239	27h,40′	Ausente

ESTAMPA 1

Fig. 1 — Necrópsia n. 2.801 — Corte de miocárdio. Degenerescência basófila da fibra muscular. Em *a*, formação semelhante a núcleo picnótico. Ao lado de estruturas fibrilares, em sua maioria basófilas, aparecem massas irregulares, coradas em azul-violeta, e espaços claros, sem nenhuma estrutura aparente.

Coloração: hematoxilina — eosina.

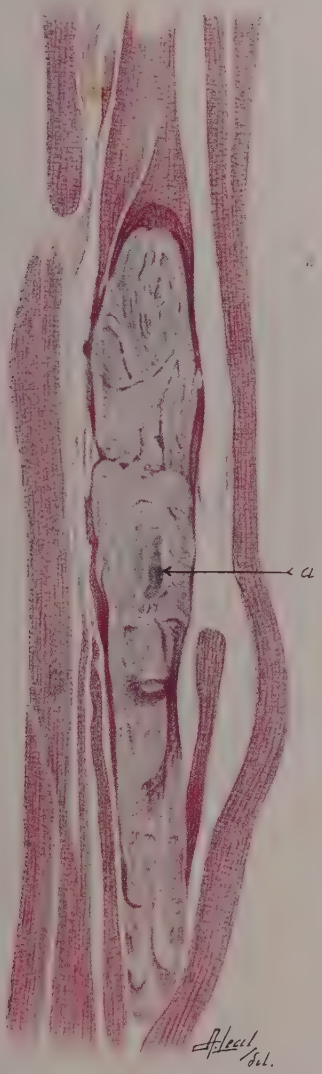
Oc. comp. 2, Obj. im. homog. 1/12.

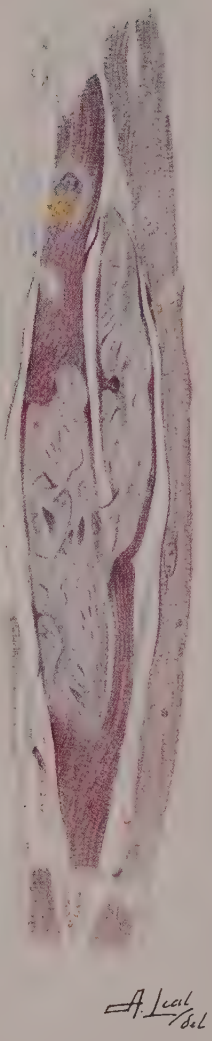
Fig. 2 — Necrópsia n. 2.801 — Corte de miocárdio. A degenerescência basófila interessa duas traves anastomosadas do músculo cardíaco.

Nas figs. 1 e 2, nota-se apreciavel entumescimento da fibra muscular, no ponto onde é atingida pela degenerescência basófila.

Coloração: hematoxilina — eosina.

Oc. 2, Obj. DD Zeiss.





1 2

Cardoso: Degenerescência basófila do miocárdio

ESTAMPA 2

Fig. 3 — Necrópsia n. 2.161 — Corte transverso de fibra muscular cardiaca com degenerescência basófila. Massas irregulares, coradas em azul-violeta, são separadas por estreitos espaços claros, sem estrutura aparente.

Na margem superior e na esquerda da zona atingida pelo processo degenerativo, existem pequenos grânulos levemente acidófilos (*m*), circundados por um halo claro (miofibrilas comprometidas pelo processo degenerativo?)

Coloração: hematoxilina — eosina.

Oc. comp. 25, Obj. im. homog. 1/12.

Fig. 4 — Necrópsia n. 2.801 — Corte longitudinal de fibra musculas cardiaca com degenerescência basófila.

Em certos pontos (*m*), a estrutura fibrilar da zona degenerada recorda a de colunetas de miofibrilas que houvessem sofrido entumescimento e dissociação.

Os grânulos corados pela fucsina mostram, por vezes, evidente relação com os discos escuros do protoplasma contratil. Em *i*, estruturas identificadas a faixas escalariformes estriadas ("Schaltstück").

O núcleo (*n*) da fibra muscular mostra alterações regressivas no ponto onde existe degenerescência basófila.

Notar a heterogeneidade característica da degenerescência basófila.

Coloração: método de MALLORY pelo azul de anilina.

Oc. 10x, Obj. im. homog. 1/12.

4

3

Cardoso: Degenerescência basófila do miocárdio

ESTAMPA 3

Fig. 5 — Necrópsia n. 2.801 — Corte transverso de fibra muscular cardíaca com degenerescência basófila.

Alteração do arranjo normal das miofibrilas na zona marginal da fibra. Bastonetes siderófilos (*b*) na zona degenerada.

Coloração: hematoxilina férrica de Heidenhain.

Oc. comp. 6, Obj. im. homog. 1/12.

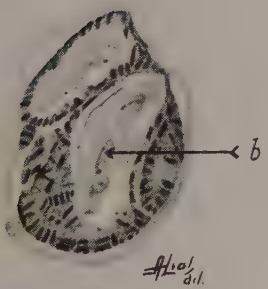
Fig. 6 — Necrópsia n. 2.801 — A fibra muscular cardíaca atingida pela degenerescência basófila mostra-se entumescida.

As miofibrilas não são reconheciveis. O material consta de finas grânulos corados em negro, massas irregulares, raros filamentos corados em castanho, espaços claros estreitos, desprovidos de estrutura, e bastonetes siderófilos (*b*).

Os fasciculos vizinhos do centro da fibra cardíaca mostram tumefação dos discos escuros e coloração difusa das colunetas (*m*).

Coloração: hematoxilina férrica de HEIDENHAIN.

Oc. comp. 2, Obj. im. homog. 1/12.



5

6

Cardoso: Degenerescência basófila do miocárdio

Ocorrência de "Oncicola canis" (Kaupp, 1909) Hall & Wigdor, 1918 no Brasil *

por

D. A. Machado Filho

(Com 1 estampa)

Entre o material helmintológico por nós colecionado, em cerca de 50 cães, capturados na cidade do Rio de Janeiro pelo serviço de capturas da Prefeitura Municipal, havia dois exemplares de acantocefalo, que determinamos como *Oncicola canis* (Kaupp, 1909) Hall & Wigdor, 1918.

Tratando-se de exemplares do sexo feminino, e o material constituindo a primeira ocorrência desta especie no Brasil, publicamos a seguir uma redescrição e algumas figuras características para uma perfeita determinação.

Não pudemos investigar, por se tratar de um trabalho estatístico que vinhamos realizando, si o cão era importado, motivo pelo qual não podemos garantir tratar-se de um caso autotone.

A citada especie, foi descrita originalmente como parasita de cães domésticos nos Estados Unidos da America do Norte, por Kaupp que lhe deu o nome de *"Echinorhynchus canis"* em 1909, se bem que Ward em 1897, a tivesse visto, sem no entretanto lhe ter dado nome. A sua passagem para o genero *Oncicola* Travassos 1916 deve-se a Hall & Wigdor. Vários autores têm referido a presença deste acantocefalo em diversas regiões dos Estados Unidos, e Price em 1928 refere o encontro desta mesma especie em um canideo selvagem, *"Canis latrans texensis"*, e em 1929, determina material colhido em esofago de perúzinho, como larvas de *Oncicola canis* (Kaupp, 1909) Hall & Wigdor, 1918, como se poderá ver consultando a lista sinonimica abaixo.

Oncicola canis (Kaupp, 1909) Hall & Wigdor, 1918

Echinorhynchus sp. Ward, 1897, pg. 173-189, 12 figs.
Echinorhynchus canis Kaupp, 1909, pg. 154, 155, figs. 1-3

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

Echinorhynchus canis PARKER, 1909, pg. 702-704, 6 figs.
Echinorhynchus canis HUTYRA e MAREK, 1913, pg. 518.
Echinorhynchus canis HALL e WIGDOR, 1918, pg. 493.
Gigantorhynchus canis HALL e WIGDOR, 1918, pg. 494, 495, 497, figs. 1-3.
Oncicola canis HALL e WIGDOR, 1918, pg. 494-496.
Oncicola canis TRAVASSOS, 1920, pg. 21-22, figs. 23-25.
Oncicola canis VAN CLEAVE, 1920, pg. 91-94.
Echinorhynchus canis VAN CLEAVE, 1920, pg. 91.
Gigantorhynchus canis VAN CLEAVE, 1920, pg. 91.
Oncicola canis PRICE, 1928, pg. 197
Oncicola canis PRICE, 1929, pg. 290.
Oncicola canis MEYER, 1933, pg. 244.
Oncicola canis WITENBERG, 1938, pg. 537, 539, 546-549, 557; figs. 10-11.

Comprimento — ♀ 4,58-5,00 mm.
Largura — ♀ 1,40-1,50 mm.

O corpo dos exemplares fixados sem compressão, é mais ou menos longo, apresentando uma pequena curvatura sobre um dos lados. A tromba é bem nitida e apresenta 0,36 mm. de comprimento por 0,37 de largura.

Os ganchos da tromba apresentam-se dispostos em 6 espirais levogiras, cada qual com 6 ganchos; entre estes os de número I, II, III, IV, são constituidos como aqueles do tipo tenioide, isto é, possuem uma ponta, um cabo e uma raiz, ao passo que os ganchos V e VI têm uma base mais ou menos larga. Os de ordem I e II têm a porção distal simétrica, o que não acontece com os III e IV que possuem apendices asimétricos. O maior gancho é o II. Na ponta de alguns ganchos, observa-se do lado da curvatura uma barbela.

As dimensões dos ganchos são as seguintes:

I — 0,200-0,202	II — 0,218-0,220
III — 0,190-0,200	IV — 0,169(0,189)
V — 0,120-0,122	VI — 0,100-0,105

Estas medidas foram tomadas de ganchos implantados na tromba, pois a escasses de material não permitia seguir a técnica aconselhada por WITENBERG.

O pescoço é bem nitido e apresenta um colar cuticular. Segue-se o corpo que apresenta nesta primeira porção a sua maior largura: 1,407mm. Os lemniscos bem longos, alcançam o terço inferior, são sinuosos, às vezes dobrados, e apresentam a extremidade distal afilada.

O aparelho genital é constituido por dois sacos uterinos, que se reunem em um complexo sinuoso, por onde caminham os ovos até uma porção mais ampla, o ovejetor, onde um sistema de válvulas deixa passar os ovos maduros para a postura. O comprimento total do ovejetor é: 0,50-0,58 mm.

Os ovos são levemente ovais, apresentando dois revestimentos espessos e uma membrana interna, medindo 0,095-0,113 por 0,048-0,055mm.

Habitat — Intestino delgado de *Canis familiaris* L.
Proveniência — Rio de Janeiro. Brasil.

BIBLIOGRAFIA

HALL, M. C. & WIGDOR, M.

1918. Notes on the Acanthocephalid and Arthropode parasites of the dog in North America. Jour. Am. Vet. Med. Ass. 53: 493-500, 3 fig.

MEYER, A.

1933. Acanthocephala. Bronn's Klassen U. Ordnungen des Tierreichs. 244.

PARKER, J. W.

1913. Echinorhynchus canis. Am. Vet. Rev. *35*: 702-704. (*).

PRICE, E. W.

1928. The coyote (*Canis latrans texensis*), a new host for *Oncicola canis*. Trans. Helm. Soc. Washington. Jour. Parasitology, *14*: 197.

1929. Acanthocephalid larvae from the esophagus of turkey poules. Trans. Helm Soc. Washington. Jour. Parasitology, *15*: 290.

TRAVASSOS, L.

1920. Acanthocephalos dos animais domésticos. Revista de veterinária e Agronomia. *10*: 21-22; fgs. 23-25.

VAN CLEAVE, H. J.

1921. Acanthocephala parasitic in the dog. Jour. Parasitology. 7 91-94.

WARD, H. B.

1897. Report of the zoologist. Animal parasites of Nebraska. (An. rep. Nebraska Bd. Agric.) Stud. Zool. Lab. Nebraska, Lincoln: 173-189, figs. 1-12 (*).

WITENBERG, G.

1938. Studies on Acanthocephala. Livr. Jub. Prof. Travassos, pg. 546-549, figs. 10-11.

(*) Os autores com asteristicos não foram consultados.

ESTAMPA 1

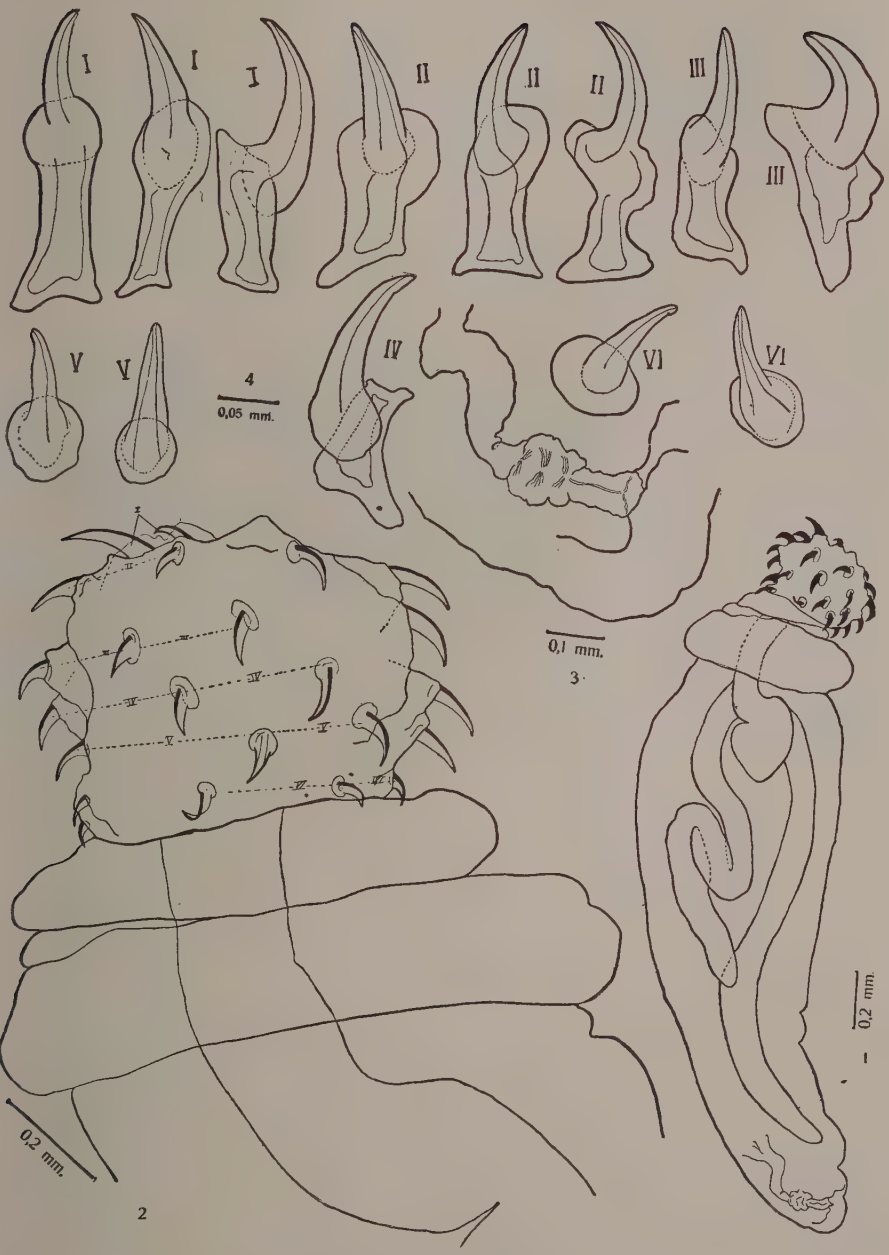
Oncicola canis (Kaupp, 1909) Hall & Wigdor, 1918

Fig. 1 — Femea total

Fig. 2 — Tromba

Fig. 3 — Ovejetor

Fig. 4 — Ganchos da Tromba (I — VI)



Machado filho: Oncicola canis.

Estado atual de três espécies do gênero "Cephalogonimus" Poirier, 1886 (Trematoda) *

por

Herman Lent e J. F. Teixeira de Freitas

(Com 11 figuras)

Entre os trematodeos por nós colecionados em *Rana pipiens*, encontram-se numerosos exemplares de uma espécie de *Cephalogonimus*, que, estudados, foram identificados a *C. americanus* STAFFORD, 1902.

Consultando a lista de trematodeos parasitos de anfíbios publicada por WALTON em 1938 verificamos considerar este autor a especie de STAFFORD como sinonimo do *Distoma retusum* DUJARDIN, 1845. Esta verificação levou-nos a investigar a origem desta identidade; organisamos, então, a lista sinonímica das espécies *Distoma retusum*, *Cephalogonimus americanus* e *Cephalogonimus europaeus*, tambem considerado idêntico à espécie de DUJARDIN. Nestas listas só consideramos as referências que pudemos verificar, havendo, pois, outras encontradas no catálogo de STILES & HASSALL. Redescrevemos *Cephalogonimus americanus* e comentamos a situação atual de *Distoma retusum* DUJ. em relação às duas outras espécies referidas.

Cephalogonimus retusus (Duj., 1845) Odhner, 1910

Distoma (*Brachycoelium*) *retusum* DUJARDIN, 1845, pp. 386, 405-406, 453.
Distomum retusum DIESING, 1850, p. 388.
Distoma retusum PAGENSTECHER, 1857, p. 41.
Distoma retusum COBBOLD, 1860, pp. 18, 55, p.p.
Distomum retusum LINSTOW, 1878, p. 197.
Distomum retusum LINSTOW, 1887, pp. 97, 98.
Distomum retusum STOSSICH, 1889, p. 93.
Distomum retusum BRAUN, 1893, p. 881.
Distomum retusum MONTICELLI, 1893, p. 43.
Distomum retusum LOOSS, 1894, p. 82.
Distomum retusum LOOSS, 1899, p. 611.
Distoma retusum LUEHE, 1899, p. 536.

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

Distoma retusum STILES, 1901, pp. 197, 199, 201.
Distomum retusum STAFFORD, 1902, pp. 724, 725.
Cephalogonimus retusus ODHNER, 1910, p. 90, p.p.
Cephalogonimus retusus LUEHE, 1911, pp. 85, 86, p.p.
Cephalogonimus retusus CHANDLER, 1923, p. 3.
Cephalogonimus retusus STUNKARD, 1924, p. 106.
Cephalogonimus retusus BHALERAO, 1936, p. 188.
Cephalogonimus retusus WALTON, 1938, p. 8, p.p.

Após DUJARDIN, que colocou esta espécie no subgenero *Brachycoelium*, encontramo-la em 1889, colocada por STOSSICH na 3.ª secção — *Dicrocoelium*, de seu trabalho sobre os distomos dos anfibios. Esta mudança parece ter sido realisada por este mesmo autor em 1886, em trabalho que não pudemos consultar. LOOSS, em 1894, considera-a problemática e talvez sintética, sendo sua descrição baseada em caracteres de duas outras; extranha LOOSS o fato de nunca mais ter sido encontrada, embora DUJARDIN diga ser ela bastante comum. Em 1902 STAFFORD considera a espécie identificada por LEIDY (1851) como *Distomum retusum* na America do Norte igual ao *Cephalogonimus americanus*, então descrito, não correspondendo, portanto, à espécie européia.

Foi quando, em 1910, ODHNER colocou-a em seu gênero atual mostrando que o engano de DUJARDIN ao referir a situação do póro genital adiante e proximo à ventosa ventral havia sido corrigido na página 453, para adiante e próximo da ventosa oral, citação de página que nem o catálogo de STILES & HASSALL (1908) assignalára. Os argumentos de ODHNER são muito interessantes e de um valor inestimavel para a consolidação da situação desta espécie, mas talvez, por um lapso, a espécie de DUJARDIN é referida por este autor como encontrada em *Rana esculenta*, quando *Rana temporaria* foi o hospedador onde DUJARDIN a encontrou. Aquí transcrevemos no original a opinião de ODHNER, que, aliás, passou despercebida aos autores que do assunto trataram depois, como pudemos vêr atravéz das citações de CHANDLER (1923), STUNKARD (1924), MOGHE (1930), TRAVASSOS (1932), BHALERAO (1936), CABALLERO & SOKOLOFF (1936) e CHATTERJI (1936), que revelaram uma insegurança de opinião ou, mesmo, uma dúvida sobre sua identidade com *C. europaeus*. Como símbolo da opinião geral póde ser citado o modo de agir de CABALLERO & SOKOLOFF, que consideram *C. europaeus* igual a *C. retusus* na página 119 do trabalho publicado em 1936, para, logo adiante, na página 126 transcreverem a descrição de *C. europaeus* sem qualquer comentário a propósito da espécie de DUJARDIN.

"Wer aber nun glaubt, dass mit der Beschreibung dieser Art sämmtliche Distomen der mitteleuropäischen Frösche als endgültig bekannt gelten können, irrt sich gründlich. Es existiert im Darme von *Rana esculenta* auch eine *Cephalogonimus* — Art, die in den letzten 70

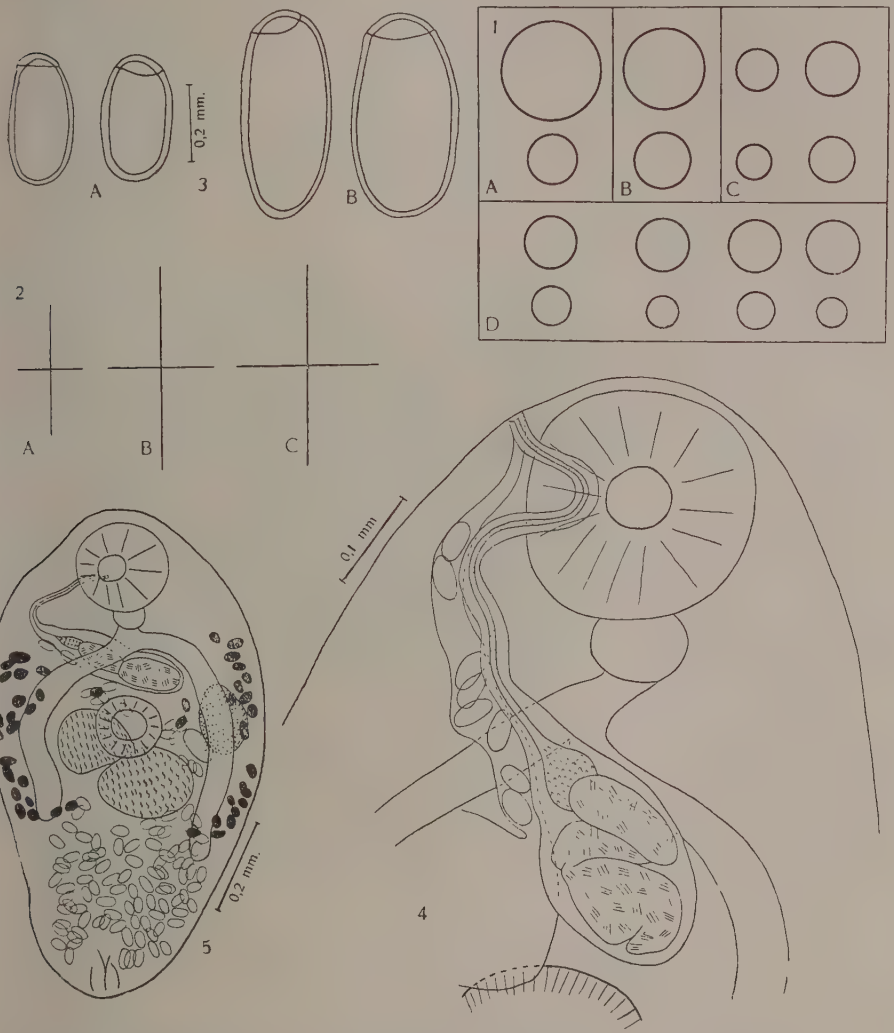


Fig. 1 — Esquema das ventosas, mostrando suas relações
A — *Cephalogonimus retusus* (Duj., 1845) — Segundo as medidas de Dujardin.
B — *Cephalogonimus europaeus* Blaizot, 1910 — Segundo as medidas de Blaizot.
C — *Cephalogonimus europaeus* Blaizot, 1910 — Segundo as medidas de Travassos
D — *Cephalogonimus americanus* Stafford, 1902 Segundo nossas medidas.

Fig. 2 — Esquema dos diametros dos ovos
A — *Cephalogonimus europaeus* Blaizot, 1910 — Segundo nossas medidas; material proveniente de *Rana sp.* de Portugal.
B — *Cephalogonimus americanus* Stafford, 1902 — Segundo nossas medidas
C — *Cephalogonimus retusus* (Duj., 1845) — Segundo medidas de Dujardin

Fig. 3 — A. *Cephalogonimus europaeus* Blaizot, 1910 — Ovos. Material proveniente de *Rana sp.* de Portugal. Original.
B. *Cephalogonimus americanus* Stafford, 1902 — Ovos. Original.

Fig. 4 — *Cephalogonimus americanus* Stafford, 1902 — Região da bolsa do cirro, vista dorsal. Original.

Fig. 5 — *Cephalogonimus americanus* Stafford, 1902 — Aspecto total. Original.

Jahren nicht gefunden zu sein scheint, die aber unzweifelhaft mit dem von DUJARDIN (Hist. natur. des Helminthes, p. 405) beschriebenen *Dist. retusum* identisch ist. Ich habe diese Form im Vorderdarme einiger im zoologischen Institut zu Upsala zu Kursuszwecken verwendeten Wasserfrösche massenhaft gefunden; die Frösche waren aus Hamburg bezogen und angeblich ungarischer Herkunft. Dass DUJARDIN von "kurzen" Darmschenkeln spricht, braucht nicht als unrichtig bezeichnet zu werden, da sie bei unsrer Art höchstens zwei Drittel der Körperlänge durchziehn. Dass die Länge der Eier zu gross angegeben wird (nach Dujardin 0,054 — 0,056, in Wirklichkeit nur ca. 0,04 mm.), kann bei der sonstigen Übereinstimmung mit der Beschreibung der Identifizierung auch nicht im Wege Stehen. Namentlich ist es von Bedeutung, dass Dujardin die ramifizierte Exkretionsblase der Gattung *Cephalogonimus* erwähnt und weiter ganz richtig beschreibt, wie das abgestutzte Hinterende fast saugnapfartig rings um den Exkretionsporus eingebuchtete ist. Der Genitalporus soll laut der Beschreibung auf p. 405 vor dem Bauchsaugnapf zu finden sein; auf p. 453 heisst es dagegen dicht am Mundsaugnapfe. Auffallend ist nun hierbei, dass man auch in Bezug auf die Lage des Genitalporus bei *Dist. crassicolle* auf den fraglichen Seiten ähnliche widersprechende Angaben findet, von denen auch die spätere die richtig ist. Ich glaube hieraus mit Sicherheit schliessen zu können, dass Dujardin auf p. 405 die beiden unmittelbar nach einander beschriebenen Arten in dem fraglichen Punkte momentan verwechselt hat, dies um so mehr, als ja die Verhältnisse bei *Dist. crassicolle* so klar liegen, dass es völlig undenkbar ist. dass ein so scharfer Beobachter wie Dujardin den Genitalporus bei dieser Art "vor dem Mundsaugnapfe" hätte verlegen können.

Ich führe also *Cephalogonimus retusus* (Duj.) als die erste europäische Art der Gattung auf, eine zweite, sehr nahestehende liegt mir aus dem Darme von *Tropidonotus natrix v. persa* vor. Die Vermutung von Looss (Distomen unsrer Fische und Frösche, l. c., p. 82-83), dass *Dist. retusum* ein Gemisch von *Opisthioglyphe endoloba* (DUJ.) und *Pleurogenes medians* (OLSS.) darstellen würde, hat sich also nicht als richtig erwiesen, und das scharfe Auge DUJARDIN's hat sich noch einmal bewährt".

Como possuimos material de *Rana sp.*, de Portugal, que TRAVASSOS estudou em 1932 e material recente de *C. americanus* colecionado em *Rana pipiens*, resolvemos focalisar esta questão e apresenta-la de modo mais facil a uma resolução posterior definitiva, já que não consideramos possivel solucioná-la sem o estudo de material que possa ser identificado estritamente ao de DUJARDIN, isto é, de *Rana temporaria* e procedente de Rennes (França).

Cephalogonimus europaeus BLAIZOT, 1910

Cephalogonimus europaeus BLAIZOT, 1910, pp. 34-37, 1 fig.
Cephalogonimus retusus ODHNER, 1910, p. 90, p.p.
Cephalogonimus retusus LUEHE, 1911, pp. 85, 86, p.p.
Cephalogonimus europaeus CHANDLER, 1923, p. 3.
Cephalogonimus europaeus STUNKARD. 1924, p. 106.
Cephalogonimus retusus FUHRMANN, 1928, p. 60, fig. 77.
Cephalogonimus europaeus MOGHE, 1930, p. 680.
Cephalogonimus europaeus INGLES, 1932, pp. 203, 208.
Cephalogonimus europaeus PANDE, 1932.
Cephalogonimus retusus TRAVASSOS, 1932, pp. 60, 62, 3 figs.
Cephalogonimus europaeus OGATA, 1934.

Cephalogonimus retusus Caballero & Sokoloff, 1936, p. 119
Cephalogonimus europaeus Caballero & Sokoloff, 1936, pp. 119, 124, 126-129, 150, 151, fig. 4.
Cephalogonimus europaeus Bhalerao, 1936, p. 188.
Cephalogonimus europaeus Chatterji, 1936, p. 86.
Cephalogonimus europaeus Manter, 1938, p. 30.
Cephalogonimus retusus Walton, 1938, p. 8, p.p.

Esta espécie é bem estudada na descrição original e póde ser completada com as observações de Travassos em 1932. Fuhrmann, em 1928, estuda e representa uma espécie obtida do intestino de *Rana esculenta* que denomina *Cephalogonimus retusus*, e que não é sinão a espécie de Blaizot : *C. europaeus*. Travassos, em 1932, estuda material de *Rana sp.*, proveniente de Portugal, denominando-o *Cephalogonimus retusus*, considerando *C. europaeus* seu sinonimo. Aquí, tambem, se trata da espécie de Blaizot. Em 1938 Walton considera *Cephalogonimus americanus* e *C. europaeus* iguais a *C. retusus*.

Si aceitassemos a opinião de Odhner no ponto em que ele se refere ao tamanho dos ovos em *C. retusus*, o que só poderia acontecer si considerassemos erradas as medidas feitas por Dujardin, chegaríamos a colocar *C. europaeus* na sinonimia daquela espécie, individualisando logo *C. americanus* ; por outro lado, aceitando como certas as dimensões dadas por Dujardin, poderiamos considerar *C. americanus* igual a *C. retusus*, como faz Walton. Mas, preferimos não fazê-lo porque existem tambem diferenças nas dimensões proporcionais das ventosas e na largura dos ovos (vide esquema), como ainda grande diferença faunística entre os hospedadores. Acresce a circunstância de que nunca se referiu, depois de Dujardin, a existência de qualquer *Cephalogonimus* em *Rana temporaria*.

Estes os motivos pelos quais consideramos distintas as 3 espécies que aquí estudamos.

Cephalogonimus americanus Stafford, 1902

Cephalogonimus americanus Stafford, 1902.
Distomum retusum Leidy, 1851, p. 207.
Distomum retusum Leidy, 1856, p. 44.
Distomum retusum Diesing, 1858, p. 348.
Distoma retusum Cobbold, 1860, pp. 18, 55, p.p.
Distomum retusum Linstow, 1878, p. 200.
Cephalogonimus americanus Stafford, 1902, pp. 719-725, figs. 1-4.
Cephalogonimus americanus Stafford, 1905, p. 687.
Distomum retusum Leidy, 1904, pp. 48, 87.
Cephalogonimus americanus Blaizot, 1910, pp. 35, 36, 37.

Cephalogonimus americanus NICKERSON, 1912.
Cephalogonimus americanus CHANDLER, 1923, p. 3.
Cephalogonimus americanus STUNKARD, 1924, p. 106.
Cephalogonimus americanus MOGHE, 1930, p. 680.
Cephalogonimus americanus INGLES, 1932, pp. 203, 207.
Cephalogonimus americanus PANDE, 1932.
Cephalogonimus americanus OGATA, 1934.
Cephalogonimus americanus CABALLERO & SOKOLOFF, 1936, pp. 119, 123-126, 150, 151, fig. 3.
Cephalogonimus americanus CHATTERJI, 1936, p. 86.
Cephalogonimus americanus BHALERAO, 1936, p. 188.
Cephalogonimus americanus MANTER, 1938, p. 30.
Cephalogonimus retusus WALTON, 1938, p. 8, p.p.

Corpo mais ou menos alongado, com extremidades arredondadas, medindo 1 a 3 mm. de comprimento por 0,43 a 0,97 mm. de largura. Cuticula espinhosa. Ventosa oral subterminal, com 0,19 a 0,22 mm. de diâmetro. Acetabulo situado a 0,40 a 0,66 mm. da ventosa oral, possuindo 0,12 a 0,15 mm. de comprimento por 0,12 a 0,14 mm. de largura. A relação entre as ventosas varia de 2: 3 até aproximadamente 8:11, sendo, pois, o acetabulo levemente menor. Faringe com 0,07 a 0,09 mm. de comprimento por 0,04 a 0,09 mm. de largura. Esofago mais ou menos desenvolvido. Cecos ocupando pelo menos 2/3 do comprimento do corpo. Póro genital situado na parte dorsal da região da ventosa oral. Bolsa do cirro grande, extendendo-se da região pre-acetabular até o póro genital, medindo 0,52 a 0,65 mm. de comprimento e contendo cirro longo e delgado, região prostática e vesícula seminal desenvolvida e bilobada. Testículos mais ou menos arredondados, geralmente intracecais, com campos parcialmente coincidindo e zonas em contato, post-acetabulares, post-ovarianos, medindo o anterior 0,15 a 0,18 mm. de diâmetro e o posterior 0,16 a 0,18 mm. Ovário levemente menor que os testículos, situado na zona acetabular, parcialmente no campo testicular posterior, geralmente intracecal, medindo 0,13 a 0,17 mm. de comprimento por 0,11 a 0,16 mm. de largura. Espermateca presente, situada logo abaixo do ovário, com 0,05 a 0,07 mm. de comprimento por 0,08 a 0,11 mm. de largura. Glândula de MEHLIS dificil de observar, parecendo estar situada na região da espermateca. Vitelodutos às vezes nítidos, bem constituidos. Vitelinos de foliculos mais ou menos desenvolvidos, extendendo-se da região pre-acetabular até aproximadamente o nivel do fim dos cecos intestinais, extracecais, cecais, e intercecais, na região pre-acetabular e post-testicular. A sua distância à extremidade posterior do corpo varia de 0,33 a 0,74 mm. Utero com ovos amarelados, de casca espessa, operculados, com 0,050 a 0,055 mm de comprimento por 0,023 a 0,029 mm. de largura. Sistema excretor constituido de uma vesícula caudal mais ou menos desenvolvida que se liga a um tronco ramificado lateralmente, extendendo-se até a região do acetabulo.

Habitat — Intestino delgado de *Rana pipiens*.
Proveniência — Estados Unidos da América.

Figs. 6-11 — *Cephalogonimus americanus* STAFFORD, 1902 — Aspecto total. Original.

BIBLIOGRAFIA

Bhalerao, G. D.

1936. Studies on the helminths of India. Trematoda II. Jour. Helminth., 14 (4) 181-206, figs. 1-5.

Blaizot, L.

1910. Un nouveau trématode *Cephalogonimus europaeus*, parasite intestinal de *Rana esculenta* L. Bull Soc. Zool. *France*, 35: 34-38, 1 fig.

Braun, M.

1893. Vermes. *In* Bronn's Klass. u. Ordnung. d. Thier-Reichs, *4* (1): 817-925, figs. 24-36, pls. 32-34.

Caballero, E. & Sokoloff, D.

1936. Quinta contribucion al conocimiento de la parasitologia de la *Rana montezumae*. Resumen: Clave de las especies del genero *Cephalogonimus* y descripcion de una nueva especie (Trematoda). Anal. Inst. Biol. México, *7* (1): 119-154, figs. 1-14.

Chandler, A. C.

1932. Three new trematodes from *Amphiuma means*. Proc. U. S. Nat. Mus., 63 (2.471): 7 pp. 2, pls., figs. 1-5.

Chatterji, R. C.

1936. The helminths parasitic in the fresh-water turtles of Rangoon. Rec. Ind. Mus. *38* (1): 81-94, figs. 1-8.

Cobbold, T. S.

1860. Synopsis of the *Distomidae*. Jour. Proc. Linn. Soc. London, 5: 1-56.

Dinnik, J.

1933. A la decouverte de *Cephalogonimus europaeus* Blaizot. Rep. lim. Sta. Lake Sevan, Erivan, *4*: 133-138, 1 fig.

Diesing, K. M.

1858. Revision der Myzhelminthen. Abtheilung Trematoden, Sitzungsb. d. k. Akab. d. Wissensch., Wien, Math.-Naturw. Cl. 32 (23):207-390, pls. 1-2.

Dujardin, F.

1845. Histoire naturele des Helminthes ou vers intestinaux. XVI + 654 pp. 15 pp. 12 pls. — Paris.

Fraipont, J.

1880. Recherches sur l'appareil excréteur des trématodes et des cestoides. Arch. Biol., *1* (3): 415-456, fig. 1, pls. 18-19.

Fuhrmann, O.

1928. Trematoda. *In* Kuekenthal, Handb, d. Zool., 128 pp., 171 figs.

GAMBLE, F. W.

1896. Platyhelminthes and Mesozoa. Cambridge Nat. Hist., Lond., 2: 9-96, figs. 1-47.

INGLES, L. G.

1932. *Cephalogonimus brevicirrus*, a new species of trematode from the intestine of *Rana aurora* from California. Univ. California Publ. Zool. *37* (8): 203-210, pl. 10, figs. 1-5.

LEIDY, J.

1851. Constributions to helminthology. Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., *5* (9): 205-209, 224-227; (10): 239-244; (12): 349-351.

1856. A synopsis of Entozoa and some of their ectocongeners observed by the author. Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., *8* (1): 42-58.

1904. Researches in helminthology and parasitology. With a bibliography of his contributions to science arranged and edited by Joseph Leidy, jr. 281 pp., figs. — Washington.

LINSTOW, O.

1878. Compendium der Helminthologie. XXII + 382 pp. — Hannover.

1887. Helminthologische Untersuchungen. Zool. Jahrb. Syst., *3* (1): 97-114, taf. 2 figs. 1-17.

LOOSS, A.

1894. Die Distomen unserer Fische und Froesche. Neue Untersuchungen ueber Bau und Entwicklung des Distomenkoerpers. Bibl. Zool., 16: 296 pp., 9 pls. 192 figs.

1899. Weitere Beitraege zur Kenntniss der Trematoden-Fauna Aegyptens, zugleich Versuch einer Naturlichen Gliederung des Genus *Distomum* Retzius. Zool. Jahrb., Syst., 12: 521-784, tafs. 24-32, figs. 1-90.

LUEHE, M.

1899. Zur Kenntnis einiger Distomen. Zool. Auz., 22 (604): 524-539.

1911. Acanthocephalen. Register der Acanthocephalen und parasitischen plattwuermer. geordnet nach ihren wirten. Suesswasserfauna Deutschlands, Heft 16, IV + 116 pp., 87 figs.

MANTER, H. W.

1938. A collection of trematodes from Florida amphibia. Trans. Amer. Micr. Soc., *57* (1): 26-37, figs. 1-4.

MOGHE, M. A.

1930. A new species of trematode from an Indian tortoise. Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 10, 6: 677-681, 1 fig.

MONTICELLI, S.

1893. Studii sui trematodi endoparassiti. Zool. Jahrb., Suppl-Heft, *3*, 229 pp., 3 figs. 8 tavs.

NICKERSON, W. S.

1912. On *Cephalogonimus vesicaudus* n. sp. Zool. Jahrb., Syst., *33* (4): 249.

ODHNER, T.

1910. Nordostafrikanischen Trematoden groesstenteils von Weissen Nil. Results of the Swedish Zool. Exped. to Egypt and the White Nile 1901 under the direction of L. A. Jaeperskioeld. N. 23-A, 170 pp., 6 ests., 65 figs. 14 figs. texto.

OGATA, T.

1934. Note sur un nouveau trematode *Cephalogonimus japonicus*, parasite intestinal de la tortue comestible *l'Amyda japonica*. Sci. Rep. Tokio Bunrika Daigaku, *2* (30): 45.

PAGENSTECHER, H. A.

1857. Trematodenlarven und Trematoden. Helminthologischer Beitrag, 56 pp., 6 pls. Heidelberg.

PANDE. B. P.

1932. On two new species of the genus *Cephalogonimus* Poirier from water tortoises of Allahabad with remarks on the family *Cephalogonimidae* Nicoll. Bull. Acad. Sci., U. P., *2* (2); 85.

STAFFORD, J.

1902. *Cephalogonimus americanus* (new species). Centralbl. Bakt., etc., Orig., 32. 719-725, figs. 1-4.

1905. Trematodes from Canadian vertebrates. Zool. Anz., *28* (21-22): 681-694.

STILES, C. W.

1901. A discussion of certain questions of nomenclature as applied to parasites. Zool. Jahrb., Syst, 15 (2): 157-208.

STOSSICH, M.

1889. I distomi degli anfibi. Lavoro monografico. 15 pp.

STUNKARD, H. W.

1924. On some trematodes from Florida turtles. Trans. Amer. Micr. Soc., *43* (2): 97-117, pls. 1-2, figs. 1-11.

TRAVASSOS, L.

1932. Sobre dois parasitos de batráquios de Portugal. Bol. Biol. 21: 60-64, figs.

WALTON, A. C.

1938. The Trematodes as parasites of Amphibia. List of parasites. Contrib. Biol. Lab. Knox College, n. 61, 64 pp. mimgr.

Relatório da excursão científica realisada na zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Julho de 1939 *

por

Lauro Travassos e J. F. Teixeira de Freitas

(Com 5 figuras no texto)

No relatório da excursão feita em outubro do ano passado salientamos as vantagens destes estudos e fizemos uma descrição sumária das zonas percorridas pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Esta segunda excursão foi realizada por iniciativa do Clube Zoológico do Brasil. Resolvida a viagem recorremos à clarividência do Major Marinho Lutz, que prontamente nos concedeu um carro dormitório e um breque ou carro de bagagem da Estrada que com tanta eficiência vem dirigindo.

O Exército Nacional muito facilitou nossa expedição, tendo o Sr. General Gaspar Dutra ordenado à 9.ª Região Militar prestasse todo o auxílio que carecessemos e fizesse agregar à nossa comitiva um oficial da região.

A Estrada de Ferro Sorocabana nos concedeu condução de São Paulo à Baurú.

Tivemos, pois, mais uma vez, imensas facilidades e valiosos auxílios prontamente obtidos.

A comitiva era constituida por socios do Clube Zoológico do Brasil, por funcionários do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo, um técnico do Instituto de Higiene deste mesmo Estado e quatro outros do Instituto Osvaldo Cruz. À ela se reuniu, em Aquidauana, um tenente veterinário.

Aos primeiros competia o aprovisionamento da comitiva e captura de exemplares para estudos. Aos técnicos do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura coube, principalmente, a preparação dos vertebra-

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

dos capturados e seu estudo posterior; ao representante do Instituto de Higiene o estudo dos culicideos; aos do Instituto Osvaldo Cruz as pesquisas parasitológicas e observações medicas e ao tenente veterinário que nos acompanhou à missão de atender aos casos de sua especialidade, assim como providenciar a obtenção de animais para isca de insetos e outros requisitos que se tornassem necessários na região, da qual era um bom conhecedor.

A região escolhida foi a vila de Salobra, à margem esquerda do rio Miranda, onde haviamos acampado na viagem anterior, e ainda os arredores da cidade de Campo Grande, em regiões de campo, de grande interêsse para a captura de algumas espécies.

A bôa vontade e o espírito de camaradagem e colaboração de todos os componentes da expedição muito concorreram para o êxito que dela resultou, sendo muito produtiva em material e observações científicas, ampliando nossos conhecimentos sôbre uma região de grande importância futura.

Componentes da expedição

A expedição foi dividida nas quatro seguintes equipes:

1 — Equipe do Clube Zoológico do Brasil, constituida pelos Srs. Nicolau Tebecherani (responsavel), Salim Lutfalla, Nagib Scaff e Jorge Gebara, industriais paulistas e caçadores experimentados. A esta equipe se incorporou em Lins o Sr. Orlando Tremocoldi. Ao esforço e capacidade de obtenção de exemplares para estudos dos sócios do Clube Zoológico devemos grande parte do êxito obtido em nossas pesquisas.

2 — Equipe do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura, constituida pelos Srs. Frederico Lane (responsavel), entomologista e nosso companheiro da viagem anterior, Carlos C. Vieira, ornitologista, João Leonardo de Lima e Mário Leonardo de Lima, taxidermistas e Affonso M. Olalla, conhecido colecionador e explorador da região amazonica.

3 — Equipe do Instituto de Higiene, representada sómente pelo Sr. John Lane, entomologista, encarregado do levantamento culicidico da região.

4 — Equipe do Instituto Osvaldo Cruz, composta por Lauro Travassos (responsavel pela expedição), J. F. Teixeira de Freitas, encarregados das pesquisas parasitológicas e observações médicas, Mário da Silva Ventel e Antônio da Rocha Nobre, auxiliares técnicos. A esta equipe se incorporou, em Aquidauana, o tenente veterinário Jairo Pontes, cujo espírito disciplinado e colaborador nos foi de grande valia.

A viagem

Partimos do Rio às 20 horas do dia 16 de Julho, chegando pela manhã do dia seguinte à São Paulo, onde logo nos puzemos em contato com os demais membros da expedição. Durante o decorrer do dia acertamos os últimos detalhes com o Diretor do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado e com o Presidente do Clube Zoológico do Brasil, tomando as últimas providências necessárias.

Partimos de São Paulo às 20,45 horas, já instalados nos carros da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, chegando a Baurú pela manhã do dia 18. Nesta cidade nos avistamos com os engenheiros da Estrada Noroeste Drs. Amarante e Antenor Borges, que nos dispensaram todas as atenções, dando as ordens necessárias para que a viagem corresse sem contratempos. Partimos de Baurú às 20.20 horas, chegando a Araçatuba no dia 19 às 7,20 horas.

Fig. 1 — Estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em Baurú.

De Araçatuba até o rio Paraná o percurso foi feito pela nova variante, ainda desconhecida para nós e inaugurada a cerca de dois anos.. Apresenta esta zona impressionante progresso, correndo a linha ferrea, em vários trechos, em plena floresta virgem, o que constitue um encanto para o naturalista. Agradavel impressão tivemos neste trecho, ao depararmos com as con-

fortaveis instalações do pessoal da Estrada, sempre constituidas por aprazi-veis habitações.

Chegamos a Três Lagoas cerca de 15 horas e aí permanecemos 50 minutos que aproveitamos para colher informações sobre uma "coceira" que afeta aos banhistas da lagoa próxima. Esta lagoa, que dista algumas dezenas de metros da cidade, tem as orlas guarnecidas de juncos numa largura de 4 a 6 metros. E' nesta faixa que reside a causa da "coceira", motivo pelo qual a Prefeitura local fez construir uma ponte de madeira, de modo a evitar o contato dos banhistas com a vegetação. Três Lagoas é edificada em terreno arenoso e de aparência bastante saudavel. Sua visinhança com Jupiá, situada na barranca do rio Paraná e distante apenas 9 quilômetros, e grande fóco de impaludismo, permite frequentes surtos dessa endemia. E' de grande interêsse uma excursão nesta localidade, visando o estudo das causas da "coceira" produzida pela lagoa de sua visinhança e as possibilidades da existência aí de impaludismo endemico, visto ser um ponto de aquartelamento de uma parte da guarnição da 9.ª Região Militar.

Partimos de Três Lagoas à tarde, chegando a Campo Grande às 6,50 horas do dia 20, sendo recebidos na gare pelo Coronel Estillac Leal que nos cumprimentou em nome do Comando da 9.ª Região. Desta cidade partimos às 7,50, parando em Aquidauana, onde se incorporou à comissão o tenente Jairo Pontes, nosso antigo discípulo. Finalmente chegámos à Salobra às 16 horas.

Nesta mesma tarde instalamos os laboratórios e cosinha em uma pequena casa da Estrada, situada em frente à Estação. Foram tiradas ainda as primeiras informações sôbre as condições de salubridade da região, que, aliás, eram bastante más, devido ao impaludismo que então grassava de modo extremamente violento.

No dia 21, ao romper do dia, tiveram início os trabalhos, que se prolongaram sempre até horas avançadas da noite. No dia 24 uma parte da comitiva foi destacada para operar nos arredores de Campo Grande, devendo se reincorporar em nosso regresso. Em Campo Grande o Comando da Região forneceu um caminhão para conduzir os expedicionários aos pontos mais propícios à obtenção de exemplares de campo, de grande interêsse para o Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura. Infelizmente o exame parasitológico dêstes exemplares não poude ser feito, porquanto o técnico destacado para estas pesquisas, Sr. Mário Ventel, teve a urgente necessidade de regressar ao Rio, por morte de um parente. No dia 26 os expedicionários estacionados em Salobra ficaram desfalcados de outro companheiro, Sr. Afonso Olalla, que regressou, doente, a São Paulo.

Condições da época da excursão

A excursão foi realizada em plena estação fria e no fim da vasante de pequena enchente do rio Miranda, época ainda pouco propícia à obtenção de abundante material científico para estudo, porem extremamente valiosa para a população da localidade, totalmente vitima da malária. E' de notar que há vários anos não se observam grandes enchentes na região, cujo ciclo, segundo moradores locais, é de 7 anos.

Fig. 2 — Aspecto de Salobra.

Em Salobra nos aguardava grande surpresa — localidade onde, no ano anterior, em época quente (fim de Outubro) com dificuldade haviamos capturado alguns mosquitos, fomos agora recebidos por um aluvião destes insetos, entre os quais predominavam os anofelineos com cerca de 95 %. Como consequência, a quasi totalidade dos habitantes estava impaludada, em oposição ao observado anteriormente, quando não existia um só caso de malária no local. A sadia vila de Salobra de Outubro de 1938 se transformara em Julho de 1939 em um acampamento de paludicos. Submetemo-nos a rigorosa quininisação preventiva e com os medicamentos distribuidos conseguimos suprimir os casos febris, não mais existentes quando nos retiramos no dia 31,

Os trabalhos foram bastante frutiferos, sob o ponto de vista parasitológico, nos sendo possivel examinar 432 animais. O desempenho da parte medica da comissão foi coroado de completo êxito na pequena localidade em que estivemos 10 dias. A obtenção de material zoológico desta interessante região foi bastante proveitosa em vários grupos, destacando-se logo, a coleção de aves, recolhida ao Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo, e estudada por Carlos C. Vieira, e, tambem, a enorme quantidade de mosquitos coletada por J. Lane e recolhida ao Instituto de Higiene de São Paulo, onde será estudada por este pesquisador.

A equipe destacada para Campo Grande foi menos feliz por ter sido surpreendida por uma onda de frio e chuvas torrenciais. Não obstante, capturaram vários exemplares da nossa fauna ornitológica, recolhidos tambem ao Departamento de Zoologia.

Resumo do material coletado

Pesquisas parasitológicas

Animais examinados	432	
Helmintos colecionados	263	amostras
Esfregaços de orgãos ou de sangue	414	

Material entomológico

Insetos capturados	4.240	
Dipteros	3.700	
Hemipteros	25	
Lepidopteros	395	
Ropaloceros	55	
Heteroceros	340	
Sphingidae	16	
Adelocephalidae (*sin.*: *Syssphingidae*)	3	
Euchromiidae	104	
Arctiidae	50	
Hemileucidae	6	
Diversas	161	
Coleopteros	80	
Diversos	40	

Vários moluscos, araneideos e pseudo escorpionideos foram tambem colecionados.

Vertebrados colecionados

Mamíferos	20	exemplares
Aves	211	"
Repteis	30	"
Batráquios	9	"
Peixes	10	"

Foram trazidos os figados das 19 piranhas autopsiadas, conservados em sal, para pesquisa de vitaminas.

PESQUISAS PARASITOLÓGICAS

As pesquisas parasitológicas foram feitas, em sua totalidade, em Salobra. Foram examinados 432 animais, durante os 10 dias de permanência naquele ponto, com a média diária de 43,2 autópsias. As 414 lâminas com esfregaços foram examinadas por D. Gisela Runge, tendo dado como resultado a positividade para microfilárias em 19 lâminas e para hemoprotozoários em 10 lâminas. Todos os animais examinados eram vertebrados, assim distribuidos :

Mamíferos	— 18	exemplares	(8	espécies)	— 4,1 %	do	total
Aves	— 351	"	(108	")	— 81,2 %	"	"
Repteis	— 28	"	(4	")	— 6,4 %	"	"
Batráquios	— 7	"	(2	")	— 1,6 %	"	"
Peixes	— 28	"	(7	")	— 6,4 %	"	"

Os helmintos colecionados atingem a 263 amostras, assim distribuidas :

Nematodeos	180
Trematodeos	22
Cestodeos	43
Acantocefalos	14
Linguatulideos	4

Dos 432 animais examinados 173 se apresentavam parasitados por helmintos, isto é, cerca de 40 %. O parasitismo geral, por grupo de helmintos, é o seguinte :

Parasitados por nematodeos	— 140	exemplares	— 80,9 %
" " trematodeos	— 20	"	— 11,3 %
" " cestodeos	— 42	"	— 24,2 %
" " acantocefalos	— 14	"	— 8,0 %
" " linguatulideos	— 4	"	— 2,3 %

O parasitismo por helmintos nos grupos de vertebrados é :

Mamíferos	11	exemplares	— 61,1 %
Aves	125	"	— 35,6 %
Repteis	17	"	— 60,7 %
Batráquios	2	"	— 28,5%
Peixes	18	"	— 64,2 %

O parasitismo por grupo de helmintos nos grupos de vertebrados é :

Mamíferos

Parasitados por	nematodeos	— 11	exemplares	—	100 %
" "	trematodeos	— 0	"	—	
" "	cestodeos	— 2	"	—	18,1%
" "	acantocefalos	— 1	"	—	9%
" "	linguatulideos	— 0			

Aves

Parasitados por	nematodeos	— 98	exemplares	—	78,4 %
" "	trematodeos	— 17	"	—	13,6 %
" "	cestodeos	— 36	"	—	28,8 %
" "	acantocefalos	— 13	"	—	10,4 %
" "	linguatulideos	— 0			

Repteis

Parasitados por	nematodeos	— 15	exemplares	—	88,2 %
" "	trematodeos	— 0			
" "	cestodeos	— 0			
" "	acantocefalos	— 0			
" "	linguatulideos	— 2	"	—	11,7 %

Batraquios

Parasitados por	nematodeos	— 2	exemplares	—	100 %
" "	trematodeos	— 0			
" "	cestodeos	— 0			
" "	acantocefalos	— 0			
" "	linguatulideos	— 0			

Peixes

Parasitados por	nematodeos	— 14	exemplares	—	77,7 %
" "	trematodeos	— 3	"	—	16,1 %
" "	cestodeos	— 4	"	—	22,2 %
" "	acantocefalos	— 0			
" "	linguatulideos	— 2	"	—	11,1 %

LISTA SISTEMÁTICA DOS ANIMAIS AUTOPSIADOS E REFERÊNCIAS SOBRE SEUS PARASITOS

MAMMALIA

PRIMATES

CEBIDAE

Cebinae

Cebus azarae RENGG. [1]

Foram examinados três exemplares sob os números 6805, 6857 e 6858, sendo um parasitado por cestodeo e todos por nematodeos pertencentes aos gêneros *Oslerus, Physaloptera, Dipetalonema* e ainda pela espécie *Molineus torulosus* (Molin, 1861).

CHIROPTERA

PHYLLOSTOMIDAE

Phyllostominae

Glossophaga soricina PALL.

Examinamos um só exemplar sob o número 6776, livre de parasitos.

CARNIVORA

PROCYONIDAE

Procyoninae

Nasua narica L.

Foi examinado um exemplar sob o número 6852, parasitado por nematodeos filarideos, por acantocefalos e por formas larvares de cestodeos (*Plerocercoides*). Encontramos na pele deste coatí dois carrapatos (*Amblyomma fossum* NEUMANN, 1899) [2]

MUSTELIDAE

Mustelinae

Tayra barbara (L.) [3]

Foi examinado um exemplar sob o número 6885, parasitado por nematodeos filarideos e formas larvares de cestodeos (*Plerocercoides*). Na pele

(1) Carlos C. Vieira *det.*
(2) Henrique Aragão *det.*
(3) Carlos C. Vieira *det.*

deste exemplar coletamos carrapatos (*Amblyomma cayennense* Fabr. 1794) [4] e um *Trichodectes*.

RODENTIA

MYOMORPHA

MURIDAE

Sigmodontinae

Oryzomys sp.

Foram examinados sete exemplares sob os números 6581, 6583, 6584, 6621, 6756, 6757 e 6862, dos quais quatro não parasitados e três com nematodeos tricostrongilideos. Na pele do último exemplar encontramos acarianos.

HYSTRICHOMORPHA

DASYPROCTIDAE

Dasyprocta azarae Licht. [5]

Foi examinado um exemplar sob o número 6925, parasitado por nematodeos oxiurideos e tricurideos. Colhemos neste exemplar várias malofagas, dois sifonapteros e carrapatos (*Amblyomma cayennense* Fabr. 1794) [6].

CAVIIDAE

Cavia sp.

Examinamos três exemplares sob os números 6855, 6863 e 6895, sendo os dois primeiros parasitados por nematodeos pertencentes ao gênero *Viannella*.

EDENTATA

XENARTHRA

MYRMECOPHAGIDAE

Tamandua tetradactyla (L.)

Um exemplar foi examinado sob o número 6723, no qual não foram encontrados parasitos.

(4) Henrique Aragão *det.*
(5) Carlos C. Vieira *det.*
(6) Henrique Aragão *det.*

AVES [7]

TINAMIFORMES

TINAMIDAE

Crypturellus undulatus undulatus (Temm.)

Examinamos quatro exemplares sob os números 6571, 6727, 6789 e 6926, todos parasitados por cestodeos e por nematodeos pertencentes aos gêneros *Ascaridia, Subulura* e *Cyrnea*. No estomago de um dos exemplares encontramos uma lagarta de lepidoptero.

Crypturellus parvirostris (Wagl.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6721 e 6874, estando o segundo parasitado por nematodeos do gênero *Subulura*.

Crypturellus tataupa tataupa (Temm.)

Um só exemplar examinado sob o número 6802, parasitado por nematodeos tricostrongilideos e heteraquideos, estes pertencentes à espécie *Heterakis spiculatus* (Cobbold, 1861).

Rhynchotus rufescens rufescens (Temm.)

Foi examinado um exemplar sob o número 6661, não parasitado.

CICONIIFORMES

ARDEAE

ARDEIDAE

Ardeinae

Pilherodius pileatus (Bodd.)

Um exemplar examinado sob o número 6890, não parasitado.

Sirygma sibilatrix (Temm.)

Um exemplar examinado sob o número 6554, parasitado por trematodeos pertencentes a espécie *Nephrostomum limai* Travassos, 1922.

Tigrisoma lineatum marmoratum (Vieill.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6553 e 6619, sendo o primeiro parasitado por cestodeos e o segundo por nematodeos ascarideos.

---

(7) Todas as aves foram determinadas por Carlos C. Vieira.

CICONIAE

CICONIOIDEA

CICONIIDAE

Ciconiinae

Euxenura galeata (MOLINA)

Um exemplar examinado sob o número 6878, parasitado por um trematodeo omfalometrineo e por duas espécies de nematodeos spirurideos.

Jabiru mycteria (LICHT.)

Examinamos um exemplar sob o número 6850, não parasitado.

THRESKIORNITHOIDEA

THRESKIORNITHIDAE

Threskiornithinae

Harpiprion caerulescens (VIEILL.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6550 e 6808, sendo o primeiro parasitado por cestodeos e trematodeos equinostomideos e ambos por trematodeos dicrocelideos.

Theristicus caudatus caudatus (BODD.)

Três exemplares foram examinados sob os números 6551, 6552 e 6728, sendo o primeiro parasitado por nematodeos do gênero *Tetrameres* e o segundo por larvas de nematodeos enquistadas nas paredes do intestino. No estômago do primeiro exemplar encontramos dois batraquios, determinados por Antenor Leitão de Carvalho, do Museu Nacional, como *Bufo granulosus* SPIX e *Elachistocleis bicolor* (VALENC.). E' extremamente interessante o encontro de uma espécie de *Bufo* no estômago desta ave.

Mesembrinibis cayennensis (GM.)

Um único exemplar examinado sob o número 6932, livre de parasitos. Em seu estômago encontramos alguns moluscos (caramujos) muito pequenos.

ANSERES

ANATIDAE

Anatinae

Cairina moschata (L.)

Três exemplares examinados sob os números 6543, 6663 e 6664, sendo o segundo parasitado por nematodeos pertencentes ao gênero *Subulura*. Pesquisa de hemo-parasitos positiva em todos os exemplares.

Nettion brasiliense (GM.)

Um exemplar examinado sob o número 6587, parasitado por cestodeos.

FALCONIFORMES

CATHARTAE

CATHARTIDAE

Coragips atratus foetens (LICHT.)

Um exemplar examinado sob o número 6782, não parasitado.

Cathartes aura ruficollis SPIX

Foram examinados três exemplares sob os números 6626, 6627 e 6836, sendo o primeiro parasitado por nematodeos ascarideos e por acantocefalos, e o último por acantocefalos, cestodeos e trematodeos holostomideos.

FALCONES

FALCONIOIDEA

ACCIPITRIDAE

Buteoninae

Rupornis magnirostris superciliaris (VIEILL.)

Sete exemplares examinados sob os números 6507, 6570, 6660, 6755, 6796, 6917 e 6931, dos quais um livre de parasitos, um parasitado por nematodeos do gênero *Thelazia*, cinco por acantocefalos do gênero *Centrorhynchus* e dois por cestodeos. No estômago de um dos exemplares encontramos restos de um rato e no de outro insetos (gafanhotos e cerambicideos) e repteis (lagartixas).

FALCONIDAE

Polyborinae

Milvago chimachima chimachima (VIEILL.)

Um exemplar examinado sob o número 6586, parasitado por nematodeos do gênero *Thelazia*.

Polihieracinae

Gampsonix swainsonii VIGORS

Um exemplar examinado sob o número 6923, livre de parasitos. Em seu estômago encontramos restos de repteis (lagartixas) e na sua pele pupiparas (*Lynchia* sp.).

Falconinae

Falco albigularis albigularis DAUD.

Examinamos dois exemplares sob os números 6695 e 6696, estando o segundo parasitado por nematodeos spirurideos.

Cerchneis sparverius eidos (PETERS)

Examinamos um exemplar sob o número 6610, parasitado por nematodeos pertencentes ao gênero *Habronema*.

GALLIFORMES

GALLI

CRACOIDEA

CRACIDAE

Ortalis canicollis pantanalensis CHERRIE & REICH [8]

Examinamos sete exemplares sob os números 6559, 6574, 6576, 6585, 6611, 6612 e 6613, sendo dois negativos, um parasitado por cestodeos e quatro por nematodeos do gênero *Thelazia*. Na pele do último exemplar colhemos pupiparas (*Stilbometopa* sp.). Pesquisa de hemoparasitos positiva em três exemplares.

Pipile grayi (PELZ.)

Seis exemplares foram examinados sob os números 6572, 6573, 6614, 6896, 6897 e 6898, sendo dois negativos, e quatro parasitados por nematodeos ascarideos, além de outros pertencentes aos gêneros *Thelazia, Tetrameres* e *Pelecitus*. Pesquisa de hemoparasitos positiva em três exemplares.

GRUIFORMES

GRUES

GRUOIDEA

ARAMIDAE

Aramus scolopaceus carao VIEILL.

Um exemplar examinado sob o número 6807, negativo.

RALLOIDEA

RALLIDAE

Rallinae

Aramides cayanea cayanea (MUELL.)

Foram examinados quatro exemplares sob os números 6825, 6906, 6907, e 6919, sendo três parasitados por nematodeos dos gêneros *Tetrameres, Oxyspirura* e *Pelecitus*.

---

8 — *Ortalis sp.* referida no Relatório da Excursão anterior, é idêntica a esta espécie.

CHARADRIIFORMES

CHARADRII

JACANOIDEA

JACANIDAE

Jacana spinosa jacana (L.)

Dois exemplares examinados sob os números 6665 e 6666, negativos.

CHARADRIOIDEA

CHARADRIIDAE

Vanellinae

Belonopterus chilensis lampronotus (Wagl.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6593 e 6867, ambos parasitados por cestodeos.

COLUMBIFORMES

COLUMBAE

COLUMBIDAE

Scardafella squammata squammata (Lesson)

Examinamos 11 exemplares sob os números 6615, 6616, 6617, 6618, 6729, 6740, 6741, 6742, 6790, 6816 e 6912, dos quais só dois parasitados por nematodeos, um por tricostrongilideos e outro por filarideos.

Columbina picui picui (Temm.)

Examinamos um exemplar sob o número 6842, parasitado por nematodeos tricostrongilideos.

Columbigallina talpacoti talpacoti (Temm.)

Nove exemplares examinados sob os números 6628, 6629, 6630, 6632, 6646, 6647, 6648, 6785 e 6817, dos quais o último parasitado por nematodeos tricostrongilideos.

Leptoptila verreauxi ochroptera (Pelz.)

Examinamos nove exemplares sob os números 6635, 6719, 6725, 6726, 6813, 6840, 6849, 6880 e 6913, dos quais três parasitados por cestodeos e dois por nematodeos tricostrongilideos.

CUCULIFORMES

CUCULI

CUCULIDAE

Piaya cayana cabanisi (ALLEN)

Examinamos oito exemplares sob os números 6662, 6670, 6720, 6788, 6793, 6826, 6854 e 6915, dos quais um negativo, dois parasitados por cestodeos e sete por nematodeos dos gêneros *Histiocephalus, Cyrnea* e *Subulura*. No estômago de um deles encontramos coleopteros crisomelideos (*Doryphora* sp.).

Crotophaga ani (L.)

Três exemplares examinados sob os números 6555, 6556 e 6557, sendo dois parasitados por cestodeos, dois por acantocefalos do gênero *Centrorhynchus* e todos por nematodeos dos gêneros *Histiocephalus* e *Subulura*.

Guira guira (GM.)

Examinamos quatro exemplares sob os números 6680, 6681, 6682, e 6683, todos parasitados por nematodeos do gênero *Subulura* e por acantocefalos do gênero *Centrorhynchus*; um por cestodeos e dois por trematodeos pertencentes ao gênero *Echinostoma* e ainda pela espécie *Eumegacetes medioximus* BRAUN, 1901, (sin. — *Eumegacetes perodiosus* TRAVASSOS, 1922) [9]

---

9 — O reestudo do tipo de *E. perodiosus* Trav., 1922, ao lado do estudo do material agora colecionado e de outras amostras existentes na coleção helmintologica do Instituto Oswaldo Cruz faz-nos considerar idênticas as espécies de Travassos e Braun. Esta espécie descrita por Braun, em 1901, do intestino de *Galbula grandis* Lath. proveniente do Brasil e colecionada por Natterer, ó, em 1922, estudada por um de nós sob o nome de *perodiosus*, proveniente de cloaca de *Piaya cayana* (L.), oriundo de Mato Grosso. Tem ela agora sua distribuição alargada pela referência de um novo hospedador proveniente do mesmo Estado do Brasil, porem, de região situada mais ao sul daquela referida em 1922 (S. João).

Na coleção do Instituto Oswaldo Cruz é ela representada por mais cinco amostras, de três outros hospedadores, que são:

a) *Notharchus swainsoni* (Gray & Mitchell) (sin. — *Bucco swainsoni* Gray &Mitchell) — uma amostra, proveniente de Angra dos Reis, Estado do Rio;

b) *Galbula rufoviridis* Cab. — uma amostra, proveniente de Angra dos Reis, Estado do Rio;

c) *Crotophaga ani* L. — três amostras, provenientes de Manguinhos, Rio de Janeiro.

Fica, pois, *Eumegacetes medioximus* BRAUN 1901, referido em seis hospedadores, e com a distribuição geográfica abrangendo o Rio de Janeiro (Manguinhos), a parte sul do Estado do Rio (Angra dos Reis) e o Estado de Mato Grosso (S. João, ao norte e Salobra, ao sul), sendo até agora a única espécie deste genero encontrada no Brasil.

Devemos salientar que *Crotophaga ani* L. como hospedador desta espécie foi referido por LUTZ em 1928. Este mesmo autor encontrou-a na Venezuela (Maracay) parasitando a cloaca de *Piaya cayana*.

No relatório da excursão anterior referimos trematodeos pertencentes ao genero *Eumegacetes* em *Jacana spinosa jacana* (L.) O estudo deste material, agora feito, evidenciou pertencer ele ao genero *Leucochloridium*.

PSITTACIFORMES

PSITTACIDAE

Anodorhynchus hyacinthinus (LATH.)

Seis exemplares examinados sob os números 6547, 6548, 6549, 6676, 6677 e 6809, todos negativos.

Propyrrhura auricollis (CASSIN)

Examinamos doze exemplares sob os números 6532, 6533, 6591, 6592, 6690, 6691, 6692, 6827, 6828, 6829, 6830 e 6889, todos negativos.

Aratinga aurea aurea (GM.)

Examinamos três exemplares sob os números 6577, 6739 e 6745, todos negativos.

Nendayus nenday (VIEILL.)

Cinco exemplares examinados sob os números 6831, 6832, 6833, 6834 e 6835, todos negativos.

Pyrrhura borelli (SALV.)

Examinamos seis exemplares sob os números 6537, 6538, 6539, 6568, 6569 e 6736, todos negativos.

Tirica chiriri (VIEILL.)

Dois exemplares examinados sob os números 6686 e 6818, ambos livres de parasitos.

Amazona aestiva (L.)

Três exemplares sob os números 6528, 6590 e 6693, não parasitados.

Pionus maximiliani siy (SOUANCÉ)

Examinamos três exemplares sob os números 6524, 6588 e 6589, sendo o primeiro parasitado por nematodeos do gênero *Pelecitus*.

STRIGIFORMES

STRIGIDAE

Otus choliba decussatus (LICHT.)

Um exemplar sob o número 6843, não parasitado.

Glaucidium brasilianum (GM.)

Examinamos um exemplar sob o número 6856, negativo.

CAPRIMULGIFORMES

CAPRIMULGI

CAPRIMULGIDAE

Nyctidromus albicollis derbyanus (GOULD)

Examinamos um exemplar sob o número 6908, parasitado por cestodeos e por nematodeos spirurideos. Colhemos nesta espécie uma pupipara (*Pseudolynchia* sp.).

MICROPODIIFORMES

TROCHILI

TROCHILIDAE

Eupetomena macroura macroura (GM.)

Um exemplar examinado sob o número 6535, não parasitado.

Hylocharis chrysura (SHAW)

Examinamos quatro exemplares sob os números 6567, 6622, 6737 e 6877, todos negativos.

TROGONIFORMES

TROGONIDAE

Trogonurus variegatus behni (GOULD)

Doze exemplares examinados sob os números 6657, 6658, 6659, 6708, 6743, 6801, 6803, 6823, 6824, 6839, 6868 e 6927, dos quais dois não parasitados, os demais com nematodeos filarideos, spirurideos e outros pertencentes aos gêneros *Tetrameres* e *Subulura*. Nos músculos de um exemplar encontramos numerosos quistos de protozoarios.

CORACIIFORMES

ALCEDINES

ALCEDINOIDEA

ALCEDINIDAE

Megaceryle torquata torquata (L.)

Um exemplar examinado sob o número 6565, não parasitado.

PICIFORMES

GALBULAE

GALBULOIDEA

GALBULIDAE

Galbula rufoviridis (Cab.)

Examinamos três exemplares sob os números 6582, 6651 e 6871, todos negativos.

RAMPHASTOIDEA

RAMPHASTIDAE

Ramphastos toco Muell.

Foram examinados dois exemplares sob os números 6625 e 6669, ambos parasitados por cestodeos.

Pteroglossus castanotis australis Cassin

Três exemplares examinados sob os números 6562, 6563 e 6564, todos negativos.

PICI

PICIDAE

Leuconerpes candidus (Otto)

Examinamos dois exemplares sob os números 6844 e 6870, ambos negativos.

Piculus chrysochloros chrysochloros (Vieill.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6746 e 6930, ambos livres de parasitos.

Celeus lugubris (Malh.)

Examinamos cinco exemplares sob os números 6522, 6752, 6841, 6869 e 6922, dos quais um negativo, três parasitados por cestodeos e quatro por nematodeos dos gêneros *Cyrnea, Acuaria* e *Diplotriaena*.

Scapaneus melanoleucus melanoleucus (Gm.)

Dois exemplares sob os números 6606 e 6607, sendo o primeiro parasitado por nematodeos do gênero *Pelecitus*. Encontramos nos músculos deste exemplar numerosos quistos de protozoarios e no estômago do segundo duas larvas de cerambicideos.

Veniliornis passerinus olivinus (MALH.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6748 e 6929, ambos negativos. No estômago do primeiro encontramos três larvas de cerambicideos.

Picumnus albosquamatus corumbanus LIMA

Examinamos três exemplares sob os números 6602, 6684 e 6804, todos negativos. Encontramos no estômago do primeiro muitas formigas.

PASSERIFORMES

TYRANNI

FURNARIOIDEA

DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocolaptes platyrostris intermedius BERL.

Dois exemplares examinados sob os números 6667 e 6668, sendo o segundo parasitado por um cestodeo.

Lepidocolaptes angustirostris bivittatus (LICHT.)

Examinamos quatro exemplares sob os números 6511, 6512, 6637 e 6685, sendo o segundo parasitado por nematodeos filarideos.

Campylorhamphus trochilirostris lafresnayanus (D'ORB.)

Examinamos três exemplares sob os números 6544, 6744 e 6753, sendo o primeiro parasitado por cestodeos e o último por um trematodeo do gênero *Eurytrema*.

Sittasomus griseicapillus griseicapillus (VIEILL.)

Três exemplares examinados sob os números 6517, 6518 e 6655, todos negativos.

FURNARIIDAE

Furnariinae

Furnarius rufus commersoni PELZ.

Foram examinados quatro exemplares sob os números 6502, 6503, 6542, e 6566, sendo dois parasitados por nematodeos filarideos.

Fornarius leucops assimilis CAB. & HEINE

Examinamos um exemplar sob o número 6887, não parasitado.

Synallaxis gujanensis albilora PELZ.

Examinamos três exemplares sob os números 6795, 6798 e 6872, sendo o primeiro parasitado por nematodeos do gênero *Tetrameres*.

Phacellodomus rufifrons sincipitalis CAB.

Três exemplares examinados sob os números 6643, 6712 e 6713, sendo o primeiro parasitado por trematodeos do gênero *Eurytrema*.

FORMICARIIDAE

Formicariinae

Taraba major (VIEILL.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6700 e 6724, ambos parasitados por nematodeos do gênero *Tetrameres*.

Formicivora rufa rufatra (LAFR. & D'ORB.)

Um exemplar examinado sob o número 6645, não parasitado.

Cercomacra melanaria (MÉNÉTR.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6653 e 6873, ambos negativos.

TYRANNIDAE

Taeniopterinae

Xolmis velata (LICHT.)

Três exemplares examinados sob os números 6640, 6641 e 6847, todos negativos. No estômago do último encontramos, ao lado de detritos vegetais, um gafanhoto.

Xolmis irupero (VIEILL.)

Um exemplar examinado sob o número 6797, não parasitado.

Copurus colonus (VIEILL.)

Foi examinado um exemplar sob o número 6749, negativo.

Platyrhynchinae

Tolmomyias sulphurescens (SPIX)

Três exemplares examinados sob os números 6541, 6597 e 6598, sendo o primeiro parasitado por nematodeos spirurideos.

Todirostrum latirostris (PELZ.)

Foi examinado um exemplar sob o número 6601, não parasitado.

Euscarthmornis margaritaceiventer (LAFR. & D'ORB.)

Um exemplar examinado sob o número 6521, não parasitado.

Serpophaga inornata SALV.

Examinamos um exemplar sob o número 6604, negativo.

Elaiinae

Leptopogon amaurocephalus CAB.

Foi examinado um exemplar sob o número 6671, negativo.

Camptostoma obsoletum (TEMM.)

Um exemplar examinado sob o número 6760, negativo.

Elaenia gaimardi D'ORB.

Dois exemplares examinados sob os números 6716 e 6717, ambos negativos.

Suiriri affinis (BURM.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6654 e 6704, ambos não parasitados.

Pitangus sulphuratus maximiliani (CAB. & HEINE)

Dois exemplares examinados sob os números 6732 e 6848, ambos negativos.

Tyranninae

Pyrocephalus rubinus (BODD.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6706 e 6758, ambos negativos.

Myiarchus tyrannulus bahiae BERL.

Examinamos cinco exemplares sob os números 6508, 6509, 6599, 6600 e 6888, sendo o último parasitado por nematodeos filarideos.

COTINGIDAE

Attilinae

Casiornis rufa (VIEILL.)

Quatro exemplares examinados sob os números 6652, 6694, 6703 e 6751, todos negativos.

TURDIDAE

Turdus leucomelas (VIEILL.)

Um exemplar examinado sob o número 6715, parasitado por trematodeos do gênero *Lyperosomum*

Turdus rufiventris (Vieill.)

Examinamos três exemplares sob os números 6794, 6811 e 6851, sendo o primeiro negativo, o segundo parasitado por cestodeos e o terceiro por trematodeos dicrocelideos.

TROGLODYTIDAE

Heleodytes unicolor Lafr.

Três exemplares examinados sob os números 6701, 6702 e 6845, todos negativos.

SYLVIIDAE

Polioptila dumicola (Vieill.)

Examinamos dois exemplares sob os números 6520 e 6709, ambos negativos.

MNIOTILTIDAE

Compsothlypis pitiayumi (Vieill.)

Foi examinado um exemplar sob o número 6718, não parasitado.

Basileuterus hypoleucus Bonap.

Examinamos dois exemplares sob os números 6603 e 6705, sendo o último parasitado por nematodeos filarideos.

Ateleodacnis speciosa (Wied)

Foi examinado um exemplar sob o número 6605, negativo.

THRAUPIDAE

Thraupis sayaca (L.)

Examinamos nove exemplares sob os números 6510, 6540, 6853, 6860, 6861 6881, 6909, 6910 e 6911, dos quais somente o terceiro parasitado por um nematodeo do gênero *Aprocta*. Pesquisa de hemoparasitos positiva em um exemplar.

Rhamphocelus carbo centralis Hellm.

Três exemplares examinados sob os números 6595, 6596 e 6806, todos negativos.

Eucometis penicillata albicollis (Lafr. & d'Orb.)

Examinamos quatro exemplares sob os números 6697, 6698, 6894, e 6914, todos livres de parasitos.

FRINGILLIDAE

Oryzoborus angolensis (L.)

Um exemplar examinado sob o número 6519, não parasitado.

Saltator caerulescens (Vieill.)

Sete exemplares examinados sob os números 6515, 6516, 6687, 6846, 6879, 6916 e 6924, todos negativos.

Volatinia jacarina (L.)

Foi examinado um exemplar sob o número 6650, não parasitado.

Spinus ictericus alleni Ridgw.

Examinamos dois exemplares sob os números 6505 e 6506, ambos negativos.

Arremon flavirostris devillei Des Murs

Examinamos três exemplares sob os números 6623, 6624 e 6699, todos negativos.

Coryphospingus cucullatus (Muell.)

Examinamos oito exemplares sob os números 6514, 6636, 6707, 6735, 6787, 6799, 6815 e 6882, todos negativos.

Paroaria capitata (Lafr. & d'Orb.)

Um exemplar examinado sob o número 6594, parasitado por nematodeos do gênero *Tetrameres*.

ICTERIDAE

Cassicinae

Ostinops decumanus maculosus Chapm.

Examinamos dois exemplares sob os números 6501 e 6644, sendo o primeiro parasitado por nematodeos e cestodeos e o segundo por trematodeos dicrocelideos.

Cacicus chrysopterus (Vigors)

Examinamos três exemplares sob os números 6620, 6711 e 6837, todos negativos.

Archiplanus solitarius (Vieill.)

Examinamos três exemplares sob os números 6649, 6810 e 6921, sendo o primeiro parasitado por nematodeos do gênero *Pelecitus* e o segundo por nematodeos do gênero *Oxyspirura*.

Sturnellinae

Icterus pyrrhopterus (VIEILL.)

Examinamos quatro exemplares sob os números 6642, 6710, 6750 e 6859, sendo o primeiro parasitado por um trematodeo dicrocelideo.

Quiscalinae

Gnorimopsar chopi (VIEILL.)

Examinamos oito exemplares sob os números 6633, 6638, 6639, 6673, 6674, 6675, 6678 e 6679, sendo dois negativos, um parasitado por nematodeos filarideos e outro por cestodeos.

CORVIDAE

Cyanocorax chrysops (VIEILL.) [10]

Examinamos nove exemplares sob os números 6560, 6738, 6819, 6820, 6821, 6899, 6900, 6905 e 6928, sendo dois negativos, sete parasitados por nematodeos spirurideos e filarideos, um por cestodeos e outro por trematodeos do gênero *Prosthogonimus*. Em um deles encontramos na pele vários nodulos com trombideos.

Cyanocorax cyanomelas (VIEILL.)

Examinamos vinte exemplares sob os números 6526, 6534, 6608, 6609, 6634, 6688, 6689, 6730, 6731, 6733, 6734, 6759, 6786, 6812, 6822, 6864, 6865, 6866, 6886 e 6918, dos quais seis negativos, um parasitado por cestodeos, três por trematodeos dicrocelideos e quatorze por nematodeos filarideos e spirurideos.

REPTILIA

OPHIDIA

CROTALIDAE

Bothrops sp.

Um exemplar examinado sob o número 6504, com larvas de nematodeos enquistadas na parede externa do estômago. Na cavidade deste orgão encontramos uma lagartixa.

---

10 — No relatório da excursão anterior, o que foi referido para *Uroleuca cyanoleuca* (WIED) deve ser relacionado a esta espécie.

EMYDOSAURIA

CROCODILIDAE

Caiman sclerops (GRAY)

Dois exemplares examinados sob os números 6580 e 6672, ambos parasitados por linguatulideos do gênero *Sebekia*.

LACERTILIA

IGUANIDAE

Tropidurus spinulosus (COPE)

Examinamos vinte e três exemplares sob os números 6523, 6525, 6527, 6529, 6531, 6536, 6545, 6546, 6579, 6631, 6656, 6714, 6722, 6747, 6783, 6784, 6791, 6792, 6800, 6884, 6891, 6892 e 6893, dos quais doze negativos, e onze parasitados por nematodeos spirurideos [11] e outros pertencentes aos gêneros *Physalcptera* e *Thelandros*.

SCINCIDAE

? Mabuia dorsivittata COPE

Examinamos dois exemplares sob os números 6513 e 6883, ambos parasitados por nematodeos do gênero *Thelandros*.

AMPHIBIA [12]

BUFONIDAE

Bufo granulosus SPIX

Seis exemplares examinados sob os números 6777, 6778, 6779, 6780, 6781 e 6814, dos quais dois parasitados por nematodeos.

HYLIDAE

Hyla phrynoderma (BOUL.)

Um exemplar examinado sob o número 6920, negativo.

---

11 — No relatório da excursão anterior assinalamos nematodeos do genero *Typhlonema* nesta espécie. O estudo agora feito, por um de nós, daquele material, ao lado de novas amostras obtidas, evidencia serem nematodeos spirurideos, e não pertencentes ao genero anteriormente referido.

12 — Determinados por A. LEITÃO DE CARVALHO.

PISCES [13]

SELACHII

HYPOTREMATA

DASYATIDAE

Ellipesurus motoro (MULL. & TROSCH.)

Foi examinado um exemplar sob o número 6904, parasitado por cestodeos.

NEOPTERYGII

CHARACIDAE

Tetragonopterinae

Tetragonopterus argenteus CUV.

Examinamos três exemplares sob os números 6558, 6561 e 6903, todos parasitados por trematodeos e o primeiro tambem por nematodeos do gênero *Contracaecum*.

Astyanax fasciatus (CUV.)

Um exemplar examinado sob o número 6575, não parasitado.

Leporininae

Leporinus reinhardti LTK.

Examinamos um exemplar sob o número 6902, negativo.

Serrasalmoninae

Pygocentrus nattereri (KNER) [14]

Examinamos dezenove exemplares sob os números 6530, 6578, 6754, 6761, 6762, 6763, 6764, 6765, 6766, 6767, 6768, 6769, 6770, 6771, 6772, 6773, 6774, 6775 e 6875, dos quais sete negativos, dois parasitados por linguatulideos e doze por nematodeos dos gêneros *Contracaecum* e *Procamallanus*.

SILUROIDEA

SILURIDAE

Pimelodinae

Pimelodus clarias (L.)

Três exemplares examinados sob os números 6838, 6876 e 6901, dos quais o segundo negativo e os demais parasitados por cestodeos, tendo o primeiro ainda nematodeos do gênero *Procamallanus*.

---

13 — Determinados por P. DE MIRANDA RIBEIRO.

14 — No relatório da excursão anterior o que referimos como *P. piraya* deve se relacionar a esta espécie.

OBSERVAÇÕES MÉDICAS

As observações médicas foram realizadas na pequena população de Salobra, local de nossa permanência durante dez dias. Logo ao chegarmos, na tarde do dia 20, verificamos ter se transformado esta vila em intenso fóco de impaludismo, em flagrante contraste com seu aspecto sadio, observado em Outubro do ano passado. Este surto paludico muito intenso já acarretára a retirada de alguns moradores, enquanto outros se aprestavam para abandonar a região, que se tornára tão inhospita. Iniciamos logo a obtenção de informes sôbre os moradores ainda aí existentes, sua alimentação e modo de

Fig. 3 — Aspecto de Salobra. Habitações.

vida, sintomas subjetivos etc. Nessa mesma tarde grande quantidade de mosquitos foi coletada, sendo enorme a porcentagem de anofelinos capturados Na manhã seguinte iniciamos os exames de doentes, que eram sempre medicados. Na tarde deste dia começamos a quininisação de todos os membros da comissão. As pesquisas para obtenção de flebotomos deram sempre resultados negativos, durante os vários dias em que aí permanecemos. A captura de barbeiros ou "chupões" foi positiva para o *Eutriatoma sordida*, em galinheiro. Estes hemipteros, trazidos vivos para o Instituto Osvaldo Cruz, fo-

ram aí examinados por HERMAN LENT, tendo se mostrado negativos para a infecção por *S. cruzi*. Os mosquitos que nos martirisaram todas as tardes foram sempre colecionados. A observação de seus habitos e a pesquisa de larvas em coleções dágua existentes à margem esquerda do rio Miranda, indicam como fóco de criação a margem oposta do rio, donde, à tarde, vem verdadeiro aluvião destes insetos cair sobre as poucas casas de Salobra. Numerosas dissecções, para evidenciar a infecção de mosquitos por plasmodios, foram feitas por J. LANE, dando como resultado uma fraca porcentagem de infecção.

Fig. 4 — Aspecto de Salobra. Habitações e linha férrea.

O surto palúdico agora observado em Salobra é bastante curioso, por parecer a época pouco propicia ao seu desenvolvimento, principalmente devido à temperatura bastante baixa que encontramos, dando-nos dias frios (12° C.) e noites extremamente difíceis de suportar sem o abrigo proporcionado pelo carro dormitório. A grande quantidade de mosquitos deve ser resultante da pequena enchente do pantanal do Miranda, havida recentemente, porem já em seu fim. Não fôra este fato e provavelmente Salobra continuaria a ser salubre.

O abaixamento da temperatura se reflete na alimentação dos habitantes, que teem o peixe ausente de seus cardapios. Explicam êles este fato pela fuga dos peixes para as porções mais fundas do rio, onde a água é menos fria. Aliás, pudemos perfeitamente observar a enorme dificuldade de capturar qualquer peixe, mesmo piranhas, que são, no entanto, extremamente voráses.

Fig. 5 — Membros da Comissão, em Salobra.

Ao instalarmos nossos laboratórios e cosinha em pequena habitação da Estrada, imediatamente se agregou à "boia" cerca de um quinto dos moradores, que tiveram, assim, a alimentação melhorada e aumentada. Ao nos retirarmos deixamos Salobra sem impaludado febril, com sua população mais esperançada e ativa.

Nossas observações evidenciaram : a) — existência de 50 moradores, dos quais 49 com impaludismo, estando alguns já em tratamento pela Plasmoquina, comprada em Miranda ; b) — um caso de bronquite, com fortes acessos de tosse ; c) — 3 casos de conjuntivite banal ; d) — um caso de helmintose (ascariose) ; e) — presença de *P. vivax*, agente da terçã benigna, no sangue de todos os doentes febris.

Como vemos, o grande flagelo é representado pela malária, com uma incidência de praticamente 100 %, inteiramente contrária às observações feitas anteriormente, quando da nossa viagem à esta região, em Outubro de 1938.

Não nos foi possivel examinar cães e gatos, porquanto era absoluta a ausência destes animais no local. Os poucos cães existentes em Outubro passado haviam morrido, segundo informações que nos foram dadas.

OBSERVAÇÕES ZOOLÓGICAS

As pesquisas zoológicas foram bastante proveitosas em vários grupos e extremamente pobres em outros. Assim, entre os vertebrados salientam-se as aves, que concorreram em porcentagem elevadíssima, fornecendo ao Departamento de Zoologia uma coleção numerosa e interessante, e aos técnicos do Instituto Osvaldo Cruz a realisação de exames parasitológicos, para a coleta de helmintos e pesquisas de hemoparasitos, principalmente. Os mamiferos, como sempre representados por um número relativamente pequeno, forneceram no entanto, alguns exemplares valiosos, com material helmintico interessantíssimo. Os repteis, tambem em quantidade pequena, foram representados principalmente por uma espécie de calango, praticamente a única existente em maior abundância, e que era possivel capturar durante o dia, nas horas de sol mais intenso. A grande surpresa, entretanto, foi a verificação da inexistência de batraquios, que, embora procurados com insistência, não foram sinão representados por poucos exemplares. Aliás, estes foram coletados de dia, em pequena coleção dágua encontrada ao lado do prédio da Estação. A procura de batráquios à noite, com o auxílio de lanterna, foi sempre infrutifera. Os peixes, tambem pouco abundantes, forneceram, ainda assim, alguns parasitos de valor.

Na fauna de invertebrados não parasitos observava-se uma pobreza muito grande. Assim, miriapodos e aranhas, abundantes em Outubro de 1938, eram agora difíceis de encontrar, principalmente os primeiros. Os insetos, excetuando mosquitos, tambem estavam escassos, principalmente alguns grupos, como os cerambicideos, dos quais somente dois exemplares foram obtidos.

A pesquisa de ninhos de ave (*Phacellodomus rufifrons sincipitalis* Cab.) revelou a presença de: coleopteros (várias espécies, entre as quais, muito abundante, uma de um lindo cassidideo), poucos blatideos e himenopteros, hemipteros (duas espécies, sendo uma o *P. coreodes* Bergroth), larvas de coleopteros, poucos araneideos e numerosos pseudo escorpiões. Não foram encontrados miriapodos nos ninhos examinados, os quais eram extremamente comuns na excursão anterior. A maior intensidade no serviço de autopsias tornou menor o tempo disponivel para estas pesquisas, razão pela qual somente cinco ninhos foram examinados.

Entre os culicideos e simulideos coletados foram já determinados por J. LANE as seguintes espécies : *Anopheles* (*Nyssorhynchus*) *triannulatus* (NEIVA & PINTO, 1922) ; *Anopheles* (*Nyssorhynchus*) *darlingi* ROOT, 1926 ; *Anopheles* (*Nyssorhynchus*) *albitarsis* ARRIBALZÁGA, 1878 ; *Psorophora* (*Janthinosoma*) *ciliata* FABR. ; *Aedes* (*Ochlerotatus*) *fulvus* (WIED., 1828) ; *Aedes* (*Ochlerotatus*) *scapularis* ROND. ; *Aedes* (*Ochlerotatus*) *nubilus* THEOB. ; *Aedes* (*Ochlerotatus*) *serratus* THEOB. e *Simulium amazonicum* LUTZ.

Entre os ropalomerideos, muscideos, calliforideos e sarcofagideos coletados foram já determinados por H. DE SOUSA LOPES as seguintes espécies : *Willistoniella pleuropunctata* WIED. ; *Morellia bipuncta* (WIED.); *Orthellia pruna* SHANN. & DEL PONTE; *Lucilia cuprina* WIED.; *Oxysarcodexia aurifinnis* (WALK.) e *Chaetoravinia trivittata* (TOWS.).

Algumas observações sobre a fauna da região de Salobra, Estado de Mato Grosso *

por

Carlos C. Vieira

Tendo feito parte da expedição científica que anualmente costuma fazer ao Estado de Mato Grosso o Instituto Osvaldo Cruz, sob a chefia do eminente cientista brasileiro Prof. Lauro Travassos, tive o ensejo de fazer algumas observações sobre a fauna de vertebrados da região por nós visitada.

Partindo a 17 de Julho de 1939, depois de uma fatigante viagem de 72 horas, chegamos a 20 em Salobra, pequena estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Salobra, situada a cerca de 1200 quilômetros de Baurú e a 145 metros sobre o nivel do mar, é um minúsculo povoado com uns 50 moradores esparsos ao redor da estação e quasi todos empregados da via férrea.

À pequena distância corre o caudaloso rio Miranda que, com seu afluente Salobra, banha as vastas areas que anualmente são alagadas pelas enchentes e conhecidas pela denominação genérica de "pantanais". Na época da seca apresentam-se alí vastos campos entrecortados de "cerrados", lagoas secas e densas matas à margem dos rios.

Na manhã do dia 21, em companhia do abalisado naturalista equatoriano Sr. Affonso M. Olalla que gentilmente nos acompanhava, iniciamos a coleta do material ornitológico. Tambem entrou em ação a turma de caçadores do Clube Zoológico do Brasil, que, sem perda de tempo, dirigiu-se para as margens do rio à caça de aves ribeirinhas.

Tomando a direção da zona de campo à Oeste da estação, notamos logo de início a abundância de aves ao redor das moradias. Por toda a parte apareciam bandos de "amassa-barro" (*Furnarius rufus commersoni*), ave alí quasi doméstica, e nas laranjeiras carregadas de frutos inúmeros "sanhaços" (*Thraupis sayaca*), "trinca-ferro" (*Saltator caerulescens caerulescens*), vários icterideos dos gêneros *Icterus*, *Archiplanus* e *Cacicus*, e até um alentado

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

"japú" (*Ostinops decumanus*). Sobre as cercas furnariideos dos gêneros *Synallaxis, Phacellodomus* e *Sittasomus*. Numa árvore seca algumas *Sporophila* e um casal de *Spinus ictericus*, que foi logo coletado. No chão, ou pousados nos arbustos que margeiam a linha férrea, viam-se várias peristerideas (*Scardafella, Leptoptila* e *Columbigallina*).

Maitacas, maracanãs e papagaios passavam ruidosamente em pequenos bandos. Nessa ocasião foi atirado e morto um *Rupornis mgnirostris superciliaris* que atrevidamente atacára um bando de *Pionus* pousado num pé de "tambiú".

Entrando na vasta extensão de campo coberta de macéga baixa que se estende até quasi o rio Salobra, encontramos avultados bandos de *Columbigallina talpacoti, Gnorimopsar chopi* e *Guira guira*. Nos arbustos esparsos pelo campo coletamos vários *Coryphospingus, Volatinia,* alguns tiranideos e o interessante dendrocolaptideo *Schoeniophylax phryganophila*.

Acossados pelos cães que nos acompanhavam, vários "inhambús" (*Crypturellus*) levantavam o seu curto vôo e internavam-se no emaranhado dos "cerrados".

Alcançando finalmente a espessa mata que se prolonga pelas margens do Salobra, começamos a encontrar os "arapaçús" de bico curvo (*Campylorhamphus*), "pica-paus" dos generos *Picumnus, Veniliornis* e *Celeus*, "surucuás" (*Trogonurus variegatus behni*) e gralhas azuis (*Cyanocorax cyanomelas*), aves que, como depois tivemos ocasião de verificar, são muito comuns em toda a região. Muito mais rara é a gralha do campo (*Cyanocorax chrysops*) da qual foi coletado somente um exemplar.

Eram frequentes as "almas de gato" (*Piaya cayana cabanisi*), assim como os icterideos dos gêneros *Archiplanus* e *Ostinops*. Às margens das cristalinas águas do Salobra encontramos somente tiranideos: *Myiarchus, Tyrannus* e *Pitangus,* indefectiveis frequentadores das margens dos rios.

Entretanto desapontou-nos o fato de não termos encontrado siquer um mamífero ou ave aquática. Apenas ouvimos os estridentes gritos da "jaçanã" (*Jacana spinosa jacana*) e, ao longe, o ronco de "guaribas" (*Alouatta*).

Na volta observamos e atiramos à beira dos "cerrados" vários psitacideos: *Pionus maximilliani siy, Amazona aestiva, Pyrrhura borelli* e *Tirica chiriri*. Sobre o campo eram frequentemente vistos urubús de cabeça vermelha (*Cathartes aura*) e gaviões dos gêneros *Rupornis* e *Milvago*.

Na casa em que estava instalada a improvisada oficina de taxidermia encontramos já grande quantidade de aves caçadas pelos sócios do Clube Zoológico, o que evidênciava a riqueza da avifauna da zona, contrastando

com a pobreza em mamíferos e repteis. Predominavam nos lotes de peças trazidas cinco belas araras azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*) e inúmeras aves aquáticas : marrecas, socós, curicacas, martim-pescadores, etc.

Nos dias 22 e 23 continuaram as caçadas dos amadores do Clube Zoológico que juntamente com alguns moradores do lugar, conseguiram enorme material, do qual foram aproveitadas as peças mais raras.

Infelizmente as condições sanitárias locais eram péssimas ; a malária grassava com intensidade, motivo pelo qual foi resolvida a separação dos excursionistas. Os caçadores do Club partiram no dia 24 para Campo Grande, à cata de perdises e com eles os Srs. Lima, taxidermistas. O Sr. Olalla, por estar enfermo, regressou no dia 26.

Continuei, entretanto, do dia 26 em diante, a caçar pela visinhança e, valendo-me de meus parcos conhecimentos taxidermicos, prosseguí tambem na preparação dos exemplares mais raros.

Desviando as minhas atividades para o lado Norte da estação, visitei em companhia do Sr. Frederico Lane, digno Assistente de Entomologia do Departamento, que se revelou um exímio e intrépido caçador, as lagôas, então secas, que aí existem.

Observamos e atiramos grande número de aves aquáticas : "maçaricoreal" (*Harpiprion caerulescens*), "colheireiro" (*Ajaja ajaja*), "pato do mato" (*Cairina moschata*), "marréca" (*Nettion brasiliense*), "tapicurús" (*Mesembrinibis cayennensis*), "curicaca" parda (*Theristicus caudatus*), "tabuiaiá" (*Euxenura galeata*), "jaburú" (*Jabiru mycteria*) e inúmeros "quero-quero" (*Belonopterus chilensis lampronotus*).

Numa dessas excursões encontramos um ninho dessas interessantes aves. E' toscamente construido de gravetos entrecruzados e estava assente por entre o junco baixo que cobria o solo. Nele haviam três ovos do tamanho dos de *Nothura maculosa*, de colorido pardo esbranquiçado, salpicado de manchas pretas.

Tambem conseguimos matar numa dessas lagoas vários exemplares da rara "maracanã" de cabeça preta (*Nendayus nenday*).

Caçando na mata à beira do rio Miranda, tambem chamado impropriamente Salobra, pudemos verificar a abundância de "aracuãs" (*Ortalis canicollis pantanalensis*) e "jaós" (*Crypturellus undulatus undulatus*). Muito mais raras e ariscas eram as "jacutingas" (*Pipile grayi*) e as "anhumas" (*Anhima cornuta*).

Subindo o rio em canoa, pudemos observar pelas margens várias "anhingas" (*Anhinga anhinga*), "martim-pescadores" (*Megaceryle* e *Streptoceryle*),

"socós" (*Tigrisoma*) e passeriformes dos gêneros *Rhamphocelus, Paroaria, Furnarius, Cyanocorax, Miyarchus* e *Pitangus*.

Infelizmente a escassez de tempo e a acumulação de serviço não permitiram que eu fizesse, como era de meu intento, observações biológicas que seriam muito uteis.

Comtudo, com o auxílio precioso dos Srs. Lane e do próprio Professor Travassos que, nos poucos momentos de folga de seu intenso labor, abatia com sua quasi infalivel pontaria, valiosos exemplares para as nossas coleções, conseguimos obter 420 especimens, quasi todos eles aproveitados para exames parasitológicos.

Desse material 169 peles foram preparadas para as coleções seriadas do Departamento de Zoologia. Foram elas classificadas em 88 espécies e sub-espécies, assim discriminadas :

Ordem TINAMIFORMES [1]

Família **Tinamidae**

Crypturellus undulatus undulatus (TEMMINK) — 1 ♀
Crypturellus parvirostris (WAGLER) — 1 ♀
Rhynchotus rufescens rufescens (TEMMINK) — 1 ♂

Ordem CICONIIFORMES

Sub-ordem ARDEAE

Família **Ardeidae**

Sub-família **Ardeinae**

Pilherodius pileatus (BODDAERT) — 1 ♂
Syrigma sibilatrix (TEMMINK) — 1 ♂
Tigrisoma lineatum marmoratum (VIEILLOT) — 1 ♀

Sub-ordem CICONIAE

Família **Threskiornithidae**

Sub-família **Threskiornithinae**

Harpiprion caerulescens (VIEILLOT) — 1 ♀
Theristicus caudatus caudatus (BODDAERT) — 1 ♀ e 1 ♂

1 — A nomenclatura das aves obedece à da primeira parte do "Catálogo de Aves do Brasil" de OLIVERIO MARIO DE OLIVEIRA PINTO, estando as restantes aí não compreendidas de acordo com os outros trabalhos do mesmo autor.

Ordem FALCONIFORMES

Sub-ordem FALCONES

Família **Accipitridae**

Sub-família **Buteoninae**

Rupornis magnirostris superciliaris (VIEILLOT) — 1 ♂ e 2 ♀ ♀

Família **Falconidae**

Sub-família **Falconinae**

Cerchneis sparverius eidos (PETERS) — 1 ♀

Falco albigularis albigularis DAUDIN — 1 ♂ e 1 ♀

Sub-família **Polihieracinae**

Gampsonyx swainsonii swainsonii VIGORS — 1 ♀

Sub-família **Polyborinae**

Milvago chimachima chimachima (VIEILLOT) — 1 ♂

Ordem GALLIFORMES

Família **Cracidae**

Ortalis canicollis pantanalensis CHERRIE & REICHENBERGER — 6 ♀ ♀ e 1 ♂

Pipile grayi (PELZELN) — 1 ♂ e 2 ♀ ♀

Ordem GRUIFORMES

Família **Rallidae**

Aramides cajanea cajanea (MULLER) — 1 ♂ e 1 ♀

Ordem CHARADRIIFORMES

Sub-ordem CHARADRII

Família **Jacanidae**

Jacana spinosa jacana (L.) — 2 ♂ ♂

Ordem COLUMBIFORMES

Família **Columbidae**

Scardafella squammata squammata (LESSON) — 1 ♂ e 3 ♀ ♀

Columbina picui picui (TEMMINCK) — sexo ?

Columbigallina talpacoti talpacoti (TEMMINCK) — 1 ♀ e 2 ♂ ♂

Ordem CUCULIFORMES
Sub-ordem CUCULI
Família **Cuculidae**

Piaya cayana cabanisi ALLEN — 2 ♀ ♀

Ordem PSITTACIFORMES
Família **Psittacidae**

Anodorhynchus hyacinthinus (LATHAM) — 4 ♂ ♂ e 1 ♀
Nendayus nenday (VIEILLOT) — 1 ♀
Amazona aestiva (L.) — 3 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀
Propyrrhura auricollis (CASSIN) — 2 ♂ ♂ e 1 ♀
Pionus maximiliani siy (SOUANCÉ) — 2 ♂ ♂ e 1 ♀
Aratinga aurea aurea (GMELIN) — 4 ♀ ♀
Pyrrhura borelli SALVADORI — 2 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀
Tirica chriri (VIEILLOT) — 1 ♀

Ordem STRIGIFORMES
Família **Strigidae**

Otus choliba decussatus (LICHTENSTEIN) — 1 ♀
Glaucidium brasilianum brasilianum (GMELIN) — 1 ♀

Ordem MICROPODIIFORMES
Família **Trochilidae**

Eupetomena macroura macroura (GMELIN) — 1 ♀
Hylocharis chrysura (SHAW) — 1 ♂ e 1 ♀

Ordem TROGONIFORMES
Família **Trogonidae**

Trogonurus variegatus behni (GOULD) — 2 ♂ ♂

Ordem CORACIFORMES
Sub-ordem ALCEDINES
Família **Alcedinidae**

Megaceryle torquata (L.) — 1 ♀

Ordem PICIFORMES

Família **Galbulidae**

Galbula rufoviridis rufoviridis CABANIS — 1 ♀

Família RAMPHASTIDAE

Ramphastos toco MULLER — 1 ♀

Pteroglossus castanotis australis CASSIN — 1 ♂ e 2 ♀ ♀

Família **Picidae**

Scapaneus melanoleucus melanoleucus (GMELIN) — 1 ♂ e 1 ♀

Celeus lugubris (MALHERBE) — 2 ♂ ♂

Picumnus albosquamatus corumbanus LIMA — 1 ♀

Veniliornis passerinus olivinus (MALHERBE) — 1 ♂

Ordem PASSERIFORMES

Família **Dendrocolaptidae**

Campylorhamphus trochilirostris lafresnayanus (D'ORBIGNY) — 1 ♂ e 1 ♀

Dendrocolaptes platyrostris intermedius BERLEPSCH — 1 ♀ e 1 sexo?

Lepidocolaptes angustirostris bivittatus (LICHTENSTEIN) — 3 ♀ ♀

Sittasomus griseicapillus griseicapillus (VIEILLOT) — 1 ♂ e 2 ♀ ♀

Família **Furnariidae**

Phacellodomus rufifrons sincipitalis CABANIS — 2 ♂ ♂ e 1 ♀

Schoeniophylax phryganophila (VIEILLOT) — sexo?

Furnarius rufus commersoni PELZELN — 3 ♀ ♀ e 1 ♂

Furnarius leucopus assimilis CABANIS & HEINE — 1 ♀

Família **Formicariidae**

Formicivora rufa rufatra (LAFR. & D'ORB.) — 1 ♂

Taraba major major (VIEILLOT) — 1 ♂

Cercomacra melanaria (MÉNÉTRIES) — 1 ♂

Família **Tyrannidae**

Miyarchus tyrannulus bahiae BERLEPSCH — 2 ♂ ♂ e 1 ♀

Suiriri affinis affinis BURMEISTER — 1 ♂ e 1 ♀

Cnemotriccus fuscatus bimaculatus (LAFRESNAYE) — 1 ♀

Tolmomyias sulphurescens sulphurescens (SPIX) — 2 ♀ ♀

Elaenia gaimardi gaimardi (D'ORBIGNY) — 1 ♀

Todirostrum latirostris latirostris (PELZELN) — 1 ♀
Serpophaga inornata SALVADORI — sexo ?
Camptostoma obsoletum obsoletum (TEMMINCK) — 1 ♂
Euscarthmornis margaritaceiventer margaritaceiventer (LAFR. & D'ORB.) — 1 ♂
Leptopogon amaurocephalus amaurocephalus CABANIS — 1 ♂
Pyrocephalus rubinus rubinus (BODDAERT) — 1 ♂ e 1 ♂ juv.
Xolmis velata (LICHTENSTEIN) — 2 ♂ ♂
Xolmis irupero irupero (VIEILLOT) — 1 ♂

Família **Cotingidae**

Casiornis rufa (VIEILLOT) — 2 ♀ ♀

Família **Turdidae**

Turdus rufiventris rufiventris VIEILLOT — 1 ♂
Turdus leucomelas leucomelas VIEILLOT — sexo ?

Família **Troglodytidae**

Heleodytes unicolor LAFRESNAYE — 2 ♂

Família **Sylviidae**

Polioptila dumicola dumicola VIEILLOT — 2 ♀ ♀

Família **Mniotiltidae**

Campsothlypis pitiayumi VIEILLOT — 1 ♂
Basileuterus hypoleucus BONAPARTE — 1 ♂ e 1 ♀
Ateleodacnis speciosa speciosa (WIED) — 1 ♂

Família **Thraupidae**

Thraupis sayaca sayaca L. — 1 ♂ e 1 ♀
Rhamphocelus carbo centralis HELLMAYR — 2 ♂ ♂ e 1 ♀
Eucometis penicillata albicollis (LAFR. & D'ORB.) — 1 ♂ e 1 ♀

Família **Fringillidae**

Coryphospingus cucullatus (MUELLER) — 1 ♂ e 1 ♀
Paroaria capitata (LAF. & D'ORB.) — 1 ♀
Arremon flavirostris devillei (DES MURS) — 1 ♂ e 1 ♀
Saltator caerulescens caerulescens VIEILLOT — 2 ♂ ♂
Spinus ictericus alleni RIDGWAY — 1 ♂ e 1 ♀
Volatinia jacarina jacarina (L.) — 1 ♂

Família **Icteridae**

Archiplanus solitarius (VIEILLOT) — 1 ♀
Gnorimopsar chopi chopi (VIEILLOT) — 2 ♂♂
Icterus pyrrhopterus (VIEILLOT) — 2 ♀♀
Cacicus chrysopterus (VIGORS) — 1 ♂
Ostinops decumanus maculosus CHAPMAN — 1 ♂

Família **Corvidae**

Cyanocorax chrysops (VIEILLOT) — 1 ♀
Cyanocorax cyanomelas (VIEILLOT) — 2 ♂♂ e 1 ♀

Às aves da presente lista devem juntar-se as colecionadas pelos Srs. José L. Lima e Mário Lima na "Fazenda Viramão", município de Campo Grande, conforme se vê abaixo :

Ordem TINAMIFORMES

Família **Tinamidae**

Nothura maculosa maculosa (TEMMINCK) — 1 ♂
Crypturellus parvirostris (WAGLER) — 1 ♀
Crypturellus undulatus undulatus (TEMMINCK) — 1 ♀

Ordem FALCONIFORMES

Família **Falconidae**

Milvago chimango (VIEILLOT) — 2 ♀♀

Ordem CHARADRIIFORMES
Sub-ordem CHARADRII
Família **Recurvirostridae**

Himantopus himantopus melanurus (MUELLER) — 1 ♂ e 1 ♀

Ordem PSITTACIFORMES
Família **Psittacidae**

Tirica chiriri (VIEILLOT) — 1 ♂ e 1 ♀

Ordem PICIFORMES
Família **Ramphastidae**

Pteroglossus castanotis australis CASSIN — 1 ♂

Ordem PASSERIFORMES

Família **Dendrocolaptidae**

Dendrocolaptes platyrostris intermedius BERLEPSCH — 1 ♂

Família **Formicariidae**

Thamnophilus doliatus difficilis HELLMAYR — 1 ♂

Família **Tyrannidae**

Pyrocephalus rubinus rubinus (BODDAERT) — 1 ♂
Arundinicola leucocephala (L.) — 1 ♂
Elaenia flavogaster flavogaster THUMB. — 1 ♂ e 1 ♀
Machaetornis rixosa rixosa VIEILLOT — 1 ♀

Família **Mimidae**

Mimus saturninus frater HELLMAYR — sexo?

Família **Mniotiltidae**

Geothlypis aequinoctialis velata (VIEILLOT) — 1 ♂
Basileuterus hypoleucus BONAPARTE — 1 ♀

Família **Vireonidae**

Cychlaris gujanensis cearensis BAIRD — 1 ♂

Família **Thraupidae**

Thraupis sayaca sayaca (L.) — 2 ♂♂
Thraupis palmarum palmarum (WIED) — 2 ♂♂ e 1 ♀
Tachyphonus coronatus (VIEILLOT) — 1 ♂ juv.
Rhamphocelus carbo centralis HELLMAYR — 1 ♂ e 3 ♀♀

Família **Fringillidae**

Cyanoloxias glaucocaerulea (LAF. & D'ORB.) — 1 ♀
Coryphospingus cucullatus (MUELLER) — 1 ♂

Família **Icteridae**

Cacicus haemorrhous aphanes BERLEPSCH — 3 ♂♂ e 5 ♀♀
Ostinops decumanus maculosus CHAPMAN — 1 ♂

Comparando-se as espécies obtidas com as da precedente excursão efetuada pelo Instituto Osvaldo Cruz em Outubro de 1938, época da seca, nota-se a quasi ausência de ardeideos e caradriideos.

Assim, naquela excursão, obtiveram a garça branca (*Casmerodius albus egretta*), o "socó" (*Butorides striata*), o "João Grande" (*Ardea cocoi*) e as "batuiras" *Tringa solitaria* e *Tringa flavipes* que, desta vês, nem mesmo foram avistadas. Tambem eram bem raros os anatideos, somente *Cairina moschata* e *Nettion brasiliense*.

Os tinamideos e falconideos obtidos foram quasi os mesmos, com exceção de uma perdís (*Rhynchotus rufescens rufescens*) morta num pequeno campo perto da estação.

A ausencia de mamíferos era notavel, talvês devido à seca.

Nas matas do rio, observamos com bastante frequência, vestígios do "veado mateiro" (*Mazama americana*). O excremento fresco deixado ao lado de sua "camas", revelavam a sua presença recente. Tambem eram visiveis à beira da água inúmeros rastos de capivara (*Hydrochoerus capibara*). Dizem os moradores do lugar não ser rara a presença dos grandes veados galheiros ou "cervos" (*Dorcelaphus dichotomus*).

Ocasionalmente, uma grande "irara" (*Tayra barbara*) foi morta perto da estação quando enfrentava os cães que acompanhavam um cavaleiro.

À beira da linha férrea foram caçadas varias "preás" (*Cavia*) e, por meio de ratoeiras armadas ao entardecer, foram apanhados quatro murideos do gênero *Oryzomys*.

No rio Miranda foram vistas e atiradas sem resultado várias "ariranhas" (*Pteronoura brasiliensis*), bastante frequentes mesmo na visinhança da ponte metálica da estrada de ferro.

Um "tamanduá-mirim" (*Tamandua tetradactyla*) foi apanhado nos arredores de uma moradia.

O Sr. Frederico Lane conseguiu matar nas matas marginais ao rio um magnífico exemplar de "coatí-mundéu" (*Nasua narica*), provavelmente desgarrado de algum bando e um casal de "micos" (*Cebus azarae*), únicos símios que foram apanhados. À beira dos "cerrados" foi vista por várias vezes a lebre silvestre (*Sylvilagus minensis*) assim como várias "cotias" (*Dasyprocta azarae*), das quais somente uma foi coletada.

Quanto aos demais vertebrados, poucas espécies foram obtidas. De repteis, um grande "jacaré" (*Caiman sclerops*), um "jabotí" (*Testudo tabulata*) e vários lagartos do gênero *Tropidurus*. Poucos peixes, quasi somente "piranhas" (*Pygocentrus*) e alguns sapos.

Novo trematodeo parasito de peixe de água doce *

por

J. F. Teixeira de Freitas

(Com 1 estampa)

Travassos, Artigas & Pereira crearam em 1928 o gênero *Creptotrema*, para um alocreadiideo parasito de peixe, que denominaram *C. creptotrema*. A este gênero é adicionada uma nova espécie — *C. funduli* — por Muller, em 1934. Na excursão agora feita colecionamos abundante material de um trematodeo parasito de *Tetragonopterus argenteus* Cuv., ainda não descrito, e que colocamos no gênero *Creptotrema*, embora o desenvolvimento do útero na porção posterior do corpo, a não confluência dos vitelinos posteriormente e as dimensões relativamente pequenas dos ovos, o afastem nitidamente das duas espécies nêle descritas. Todos os demais caracteres são semelhantes aos do gênero de Travassos, Artigas & Pereira. Julgamos desnecessário erigir um gênero novo para a espécie aquí estudada, porque, dado o pequeno número de especies conhecidas em *Creptotrema*, não é possivel considerar invariavel a situação do útero, com consecutivo afastamento dos foliculos vitelínicos. Pensamos representar nossa espécie um dos limites que, com conhecimento de maior número de espécies, serão evidenciados nas variações morfológicas dos tipos aí incluidos.

Creptotrema dissimilis n. sp.

Corpo mais ou menos alongado, com 1,21 a 3,05 mm. de comprimento por 0,70 a 1,34mm. de maior largura. Ventosa oral subterminal, com 0,22 a 0,30 mm. de comprimento por 0,27 a 0,36 mm. de largura, possuindo, em sua porção mais anterior e externa, duas saliências papiliformes, dirigidas para fóra. Acetabulo préequatorial, um pouco maior que a ventosa oral, com 0,33 a 0,41mm. de comprimento por 0,30 a 0,41 mm. de largura, situado a 0,43 a 0,94 mm. da ventosa oral. Faringe presente, musculoso, com 0,09 a 0,13 mm. de comprimento por 0,10 a 0,13 de largura. Esofago curto. Cecos intestinais mais ou menos delgados, terminando um pouco abaixo da zona equatorial do corpo, ao nivel ou pouco depois da zona testicular. Póro genital préacetabular, mediano, bifurcal. Bolsa do cirro longa, geralmente ultrapassando a borda posterior do acetabulo, contendo cirro,

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

região prostatica e vesicula seminal alongada, e medindo 0,50 a 0,83 mm. de comprimento por 0,07 a 0,13 mm. de largura. Testiculos postacetabulares, com campos afastados e zonas coincidindo parcial ou totalmente, ocupando as áreas cecais, intracecal e extracecais, geralmente com bordos fracamente lobados. O testiculo correspondente ao campo ovariano, geralmente situado um pouco mais abaixo que o outro, mede 0,18 a 0,36 mm. de comprimento por 0,15 a 0,28 mm. de largura. O outro testiculo, cuja zona coincide em parte com a do ovario, mede 0,20 a 0,43 mm. de comprimento por 0,13 a 0.30 mm. de largura. Ovário postacetabular, prétesticular, situado no campo de um dos testiculos e parcialmente na zona do outro, intracecal, lateral, com bordos lisos ou fracamente lobados, medindo 0,08 a 0,20 mm. de comprimento por 0,12 a 0,23 mm. de largura. Espermateca presente, menor que o ovário, intracecal, situada na zona testicular e podendo, ou não, ocupar o campo ovariano, medindo 0,07 a 0,13 mm. de comprimento por 0,05 a 0,18 mm. de largura. Glandula de Mehlis presente, de contornos pouco nítidos, intracecal, geralmente situada entre o ovário e a espermateca. Canal de Laurer presente. Vitelinos de folículos medianamente desenvolvidos, extracecais, cecais, raramente intracecais, extendendo-se da zona acetabular ou bifurcal até um pouco abaixo da terminação dos cecos, terminando a 0,43 a 1,24 mm. da extremidade posterior do corpo, às vezes em níveis diferentes. Utero postglandular, ocupando toda a porção posterior do corpo, formando alças irregulares. Ovos operculados, amarelados, relativamente pequenos, contendo miracidio com nítida mancha ocular, e medindo 0,055 a 0,063 mm. de comprimento por 0,034 a 0,038mm. de largura. Vesícula excretora constituida por um longo ramo que se extende até a zona acetabular.

Habitat — Intestino delgado de *Tetragonopterus argenteus* Cuv.

Proveniência — Rio Miranda, Salobra, Estado de Mato Grosso. Brasil.

Tipos e paratipos na coleção helmintológica do Instituto Osvaldo Cruz.

BIBLIOGRAFIA

HOPKINS, S. H. — 1934 — The papillose Allocreadiidae. Illinois Biol. Monogr., 13(2): 5-80, 6 figs., pls. 1-4, figs. 1-30.

MUELLER, J. F. — 1934 — Two new trematodes from Oneida Lake fishes. Trans. Amer. Micr. Soc., 53 (3): 231-236, pl. 23, figs. 1-4.

MUELLER, J. F. — 1934 — Parasites of Oneida Lake fishes. Part IV. Additional notes on parasites of Oneida Lake fishes, including descriptions of new species. Roosevelt Wild Life Ann., 3 : 335-373, pl. 41-47, figs.

TRAVASSOS, L., Artigas, P & Pereira, C. — 1928 — Fauna helmintologica dos peixes de água doce do Brasil. Arch. Inst. Biol., S. Paulo, 1 : 5-68, ests. 1-14, figs. 1-155.

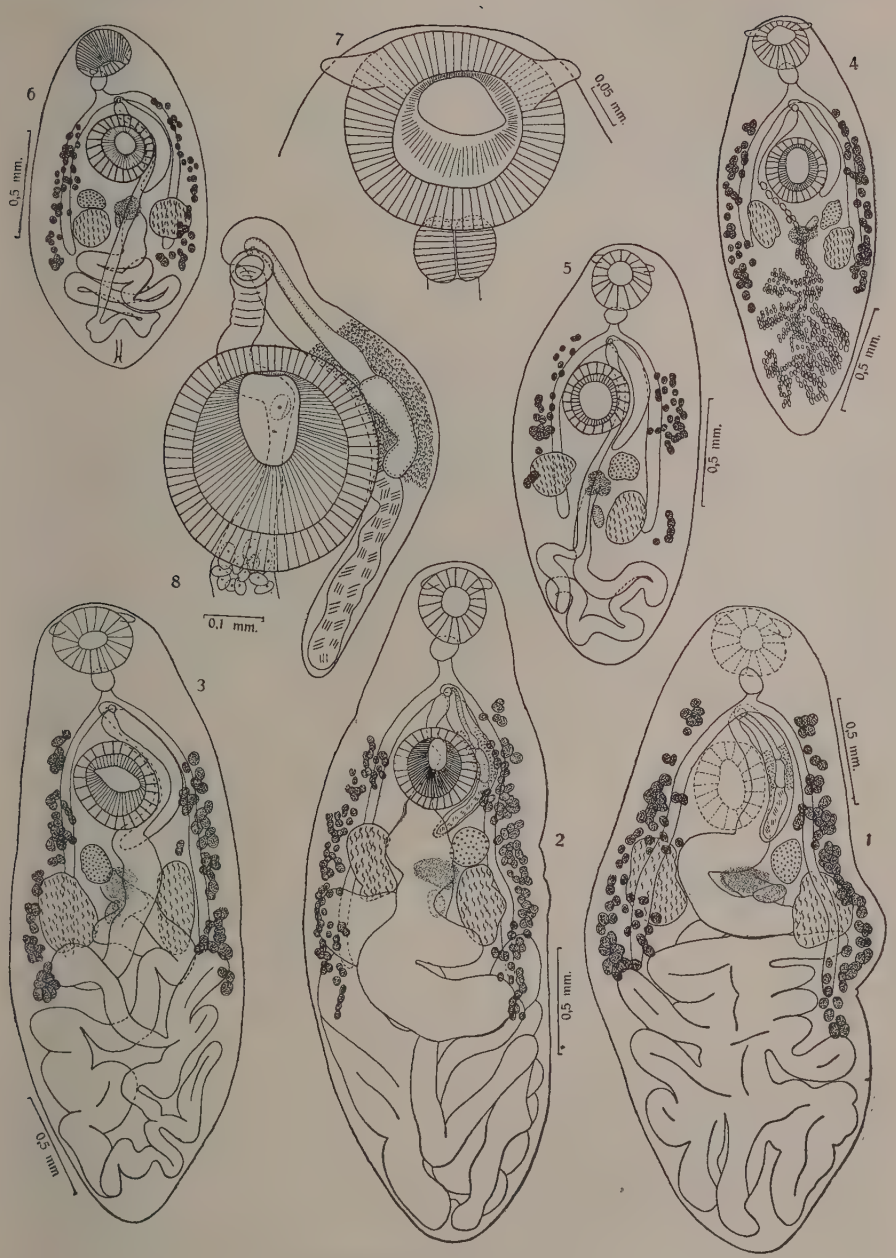
ESTAMPA 1

Fig. 1 — *Creptotrema dissimilis* n. sp. — Total, vista dorsal.

Figs. 2-6 — *Creptotrema dissimilis* n. sp. — Total vista ventral.

Fig. 7 — *Creptotrema dissimilis* n. sp. — Ventosa oral.

Fig. 8 — *Creptotrema dissimilis* n. sp. — Região da bolsa do cirro.



Freitas: Novo trematodeo

Espécies do gênero "Ornithostrongylus" Travassos, 1914, capturadas em Salobra (Estado de Mato Grosso) (Nematoda: Strongyloidea) *

por

Lauro Travassos

(Com 4 estampas)

O gênero *Ornithostrongylus* constitue um grupo bem definido dos tricostrongilideos. Suas espécies são parasitas de aves, principalmente Columbiformes, e além do interêsse biológico teem importância econômica, pois uma delas parasita os pombos domésticos, produzindo epizootias mortiferas. Frequentando os pombos selvagens os arredores das habitações rurais, em promiscuidade com as aves domésticas, é de admitir possam se adaptar a estas os parasitos daquelas. No material colecionado em Salobra em 1938 e 1939 reunimos 11 amostras, com 5 espécies diversas dêste gênero, das quais 3 ainda não foram descritas. São as seguintes as espécies encontradas :

Ornithostrongylus fariai Travassos, 1914.

Em *Leptoptila verreauxi ochroptera* Pelz.

Ornithostrongylus almeidai Travassos, 1937.

Em *Crypturellus tataupa* (Temm.) e *Crypturellus parvirostris* (Wagl.)

Ornithostrongylus iheringi n. sp.

(Est. 1, figs. 1-3; est. 2, figs. 1-3; est. 3, fig. 1)

Comprimento — ♂ 7 mm., ♀ 19 a 20 mm.

Largura — ♂ 0,12 mm., ♀ 0,16 mm.

Cutícula com azas laterais largas, principalmente na extremidade anterior, e 10 linhas longitudinais e fina estriação transversal. Dilatação cefálica com 0,10 mm. de comprimento. Póro excretor a cerca de 0,20 mm. da extremidade anterior. Anel nervoso pouco adiante do nível do póro excretor. Boca puntiforme. Esofago claviforme, com cerca de 0,6 mm. de comprimento, e com a porção anterior diferenciada numa extensão de cerca de 0,2 mm.

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

Fêmea com extremidade caudal alongada e com um espinho terminal de cerca de 0,020 mm. Existe um ligeiro estrangulamento da cutícula a cerca de 0,050 mm. da extremidade. Anus a cerca de 0,22 mm. da extremidade posterior. Vulva a cerca de 4,1 mm. da extremidade caudal, não saliente. Ovejetor com vagina curta e longos esfincteres divergentes, que medem de comprimento total, excluindo os vestíbulos, cerca de 0,60 mm. Ovos de casca muito delgada e com cerca de 0,058 a 0,062 mm. por 0,042 mm.

Macho de bolsa caudal ampla, com grandes lobos laterais e pequeno lobo dorsal. Papilas prébursais pequenas. Raios longos e dispostos do modo seguinte: raios ventrais sub-paralelos e curvados para diante, mais grossos e longos que os outros; raios laterais diminuindo de grossura e comprimento de diante para trás, o lateral anterior é curvado para diante e os laterais médio e posterior para a extremidade posterior; tanto os ventrais quanto os laterais não atingem a margem da bolsa; raios dorsais externos com tronco comum ao dorsal, mais delgados que os outros raios e atingindo a margem bursal; raio dorsal dicotomisado duas vezes e com os ramos terminais internos acabando por duas papilas diminutas, muito curto, com cerca de 0,040 mm. da origem dos dorsais externos até a terminação. Espículos com cerca de 0,140 mm. de comprimento de base muito larga e com a metade distal dividida em 3 processos, dos quais um mais forte e dois pouco quitinisados. Gubernaculo cruciforme, com cerca de 0,060 mm. de comprimento, possuindo dois processos laterais dirigidos ventralmente.

Habitat — Intestino delgado de: *Columbigallina talpacoti* (Temm.) (hospedador tipo), *Scardafella squamata* (Lesson) e *Columbina picui* (Temm.).

Proveniência — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Tipos e paratipos na coleção helmintológica do Instituto Osvaldo Cruz.

O nome da espécie é dado em homenagem ao notavel zoologo Dr. Rodolpho Ihering, prematuramente falecido.

Ornithostrongylus salobrensis n. sp.

(Est. 1, figs. 4-5; est. 2, figs. 4-6; est. 3, fig. 2)

Comprimento — ♂ 11 mm., ♀ 15 a 17 mm.

Largura — ♂ 0,10 mm., ♀ 0,16 mm.

Cutícula com azas laterais, muito largas na extremidade anterior, e linhas longitudinais. Extremidade cefálica com dilatação cuticular de cerca de 0,060 mm. de extensão. Póro excretor a cerca de 0,12 mm. da extremidade anterior. Anel nervoso logo acima do nível do póro excretor. Boca puntiforme. Esofago claviforme, com cerca de 0,5 mm. de comprimento.

Fêmea com extremidade caudal cônica e com um espinho terminal de cerca de 0,020 mm. Anus a cerca de 0,15 mm. da extremidade posterior. Vulva não saliente, situada a cerca de 4,7 a 5 mm. da extremidade posterior do corpo. Ovejetor com vagina curta e esfincteres divergentes, medindo cerca de 0,5 mm de comprimento total, com exclusão dos vestíbulos. Ovos de casca delgada, medindo cerca de 0,060 a 0,070mm. por 0.035 a 0,040mm.

Macho de bolsa copuladora ampla, com lobo dorsal bem desenvolvido. Papilas prébursais presentes, pequenas. Raios bursais com a seguinte disposição: ventrais dirigidos para diante e não atingindo a margem; raio lateral anterior mais longo e mais grosso que os ventrais, dirigido para diante e não atingindo a margem; raios laterais médio e posterior mais delgados e mais curtos que os ventrais, dirigidos para trás e não atingindo a margem bursal; raios dorsais externos delgados, com tronco comum ao dorsal, formando um ângulo agudo perto da base; raio dorsal dicotomisado duas vezes, sendo o ramo terminal externo mais longo que o interno e curvado para dentro, de modo a terminar diante do ramo interno, que apresenta duas diminutas papilas. O raio dorsal mede da origem dos dorsais externos até a terminação cerca de 0,060 mm. Espículos com cerca de 0,250 mm. de comprimento, divididos nos 2/3 distais em 3 processos alados. Gubernaculo cruciforme, com cerca de 0,040 mm. de comprimento, e com um par de processos laterais dirigidos ventralmente.

Habitat — Intestino delgado de *Leptoptila verreauxi ochroptera* PELZ.

Proveniência — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Tipos e paratipos na coleção helmintológica do Instituto Osvaldo Cruz.

Ornithostrongylus minutus n. sp.

(Estampa 4, figs. 1-7)

Comprimento — ♂ 7 mm., ♀ 10 mm.

Largura — ♂ 0,07 mm., ♀ 0,10 mm.

Cutícula com dilatação cefálica de cerca de 0,060 mm. de extensão. Boca puntiforme. Esofago com cerca de 0,30 a 0,36 mm. de comprimento.

Fêmea com calda cônica e terminando por um espinho cuticular de cerca de 0,020 mm. de comprimento. Anus a cerca de 0,12 mm. da extremidade posterior. Vulva não saliente e situada a cerca de 2,5 mm. da extremidade posterior do corpo. Ovejetor com vagina curta e esfincteres divergentes, medindo de comprimento total, com exclusão dos vestíbulos, cerca de 0,370 mm. Ovos de casca delgada, com cerca de 0,050 mm. por 0,030 mm.

Macho de bolsa caudal ampla e de lobo dorsal muito reduzido. Papilas prébursais presentes e pequenas. Raios bursais com a seguinte disposição: raios ventrais e lateral anterior dirigidos para diante; raios laterais médio e posterior dirigidos para trás; raios dorsais externos com tronco comum ao dorsal, delgados e relativamente longos; raio dorsal dicotomisado duas vezes e terminando por pontas obtusas. O raio dorsal mede do ponto da origem dos dorsais externos até a terminação cerca de 0,012 mm. Espículos largos e curtos, com cerca de 0,09 a 0,10 mm. de comprimento, divididos pouco antes do seu meio em três processos terminais recurvados. Gubernaculo cruciforme, com cerca de 0,030 mm. de comprimento, possuindo um par de processos laterais dirigidos ventralmente.

Habitat — Intestino delgado de *Claravis pretiosa* (F. PEREZ).

Proveniência — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Tipos na coleção helmintológica do Instituto Osvaldo Cruz.

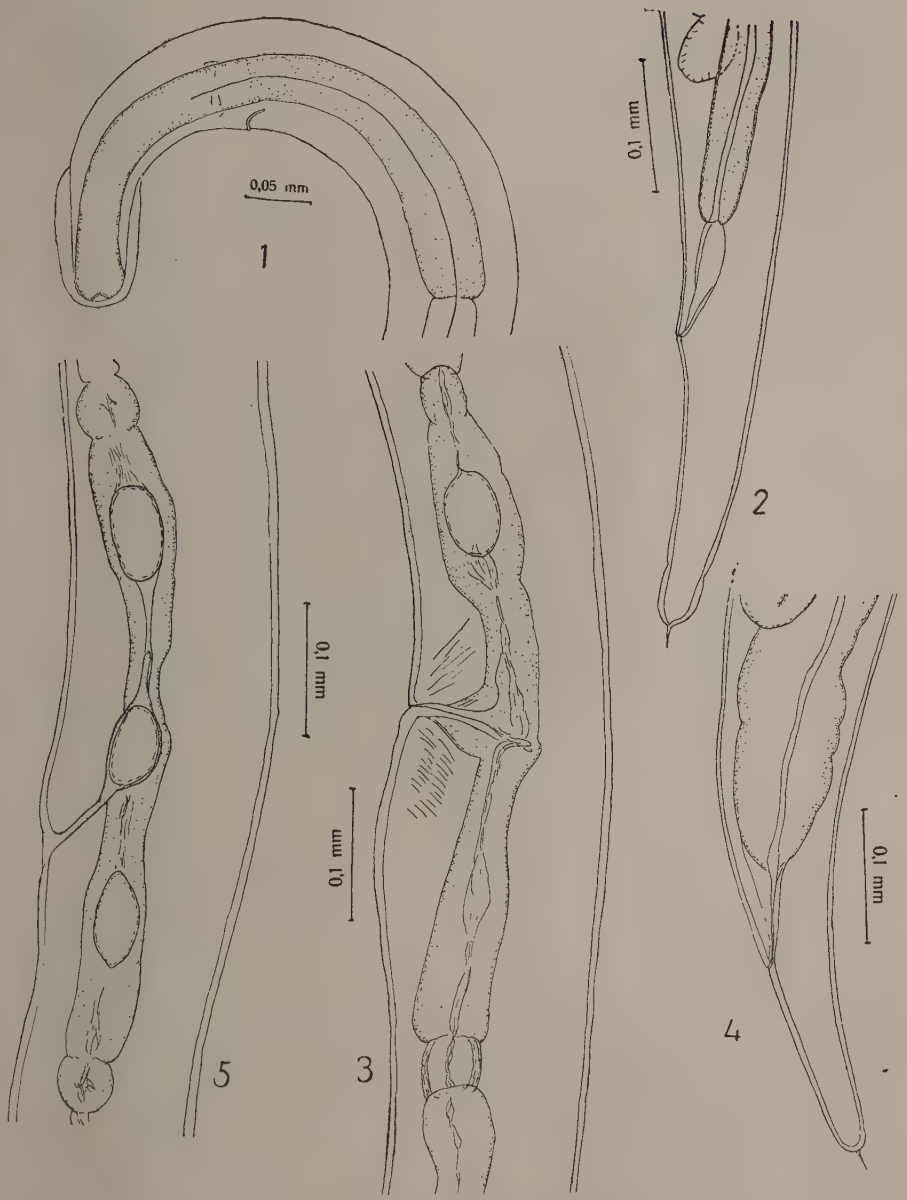
Desta espécie só nos foi possivel examinar um exemplar masculino e dois femininos.

BIBLIOGRAFIA

TRAVASSOS, L. — 1937 — Revisão da família *Trichostrongylidae* Leiper, 1912. Monografias do Inst. Osw. Cruz, 1.

ESTAMPA 1

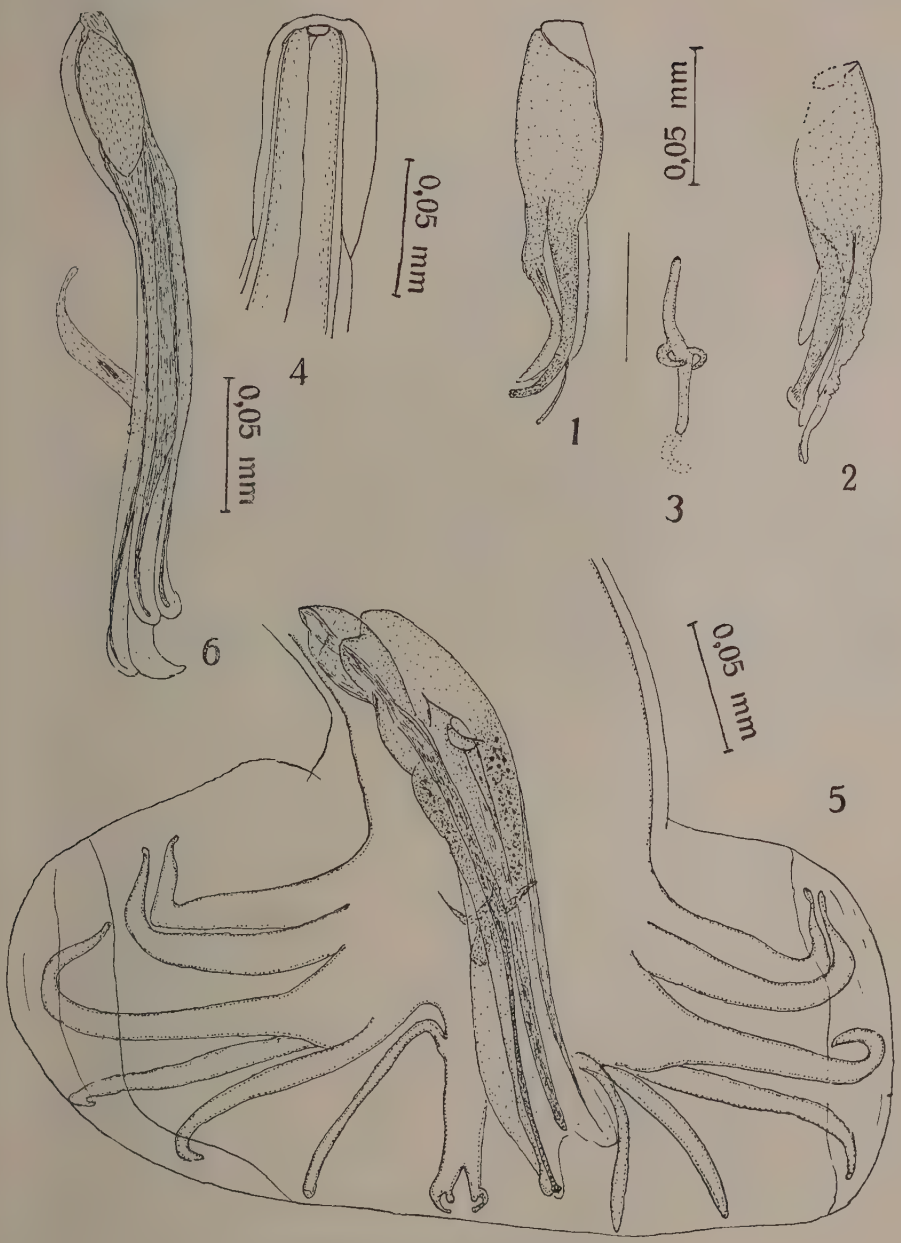
Fig. 1 — *Ornithostrongylus iheringi* n. sp. — Extremidade anterior da fêmea.
" 2 " " " " — Extremidade caudal da fêmea.
" 3 " " " " — Região vulvar.
" 4 — *Ornithostrongylus salobrensis* n. sp. — Extremidade caudal da fêmea.
" 5 " " " " — Região vulvar.



Travassos : Gênero Ornithostrongylus

ESTAMPA 2

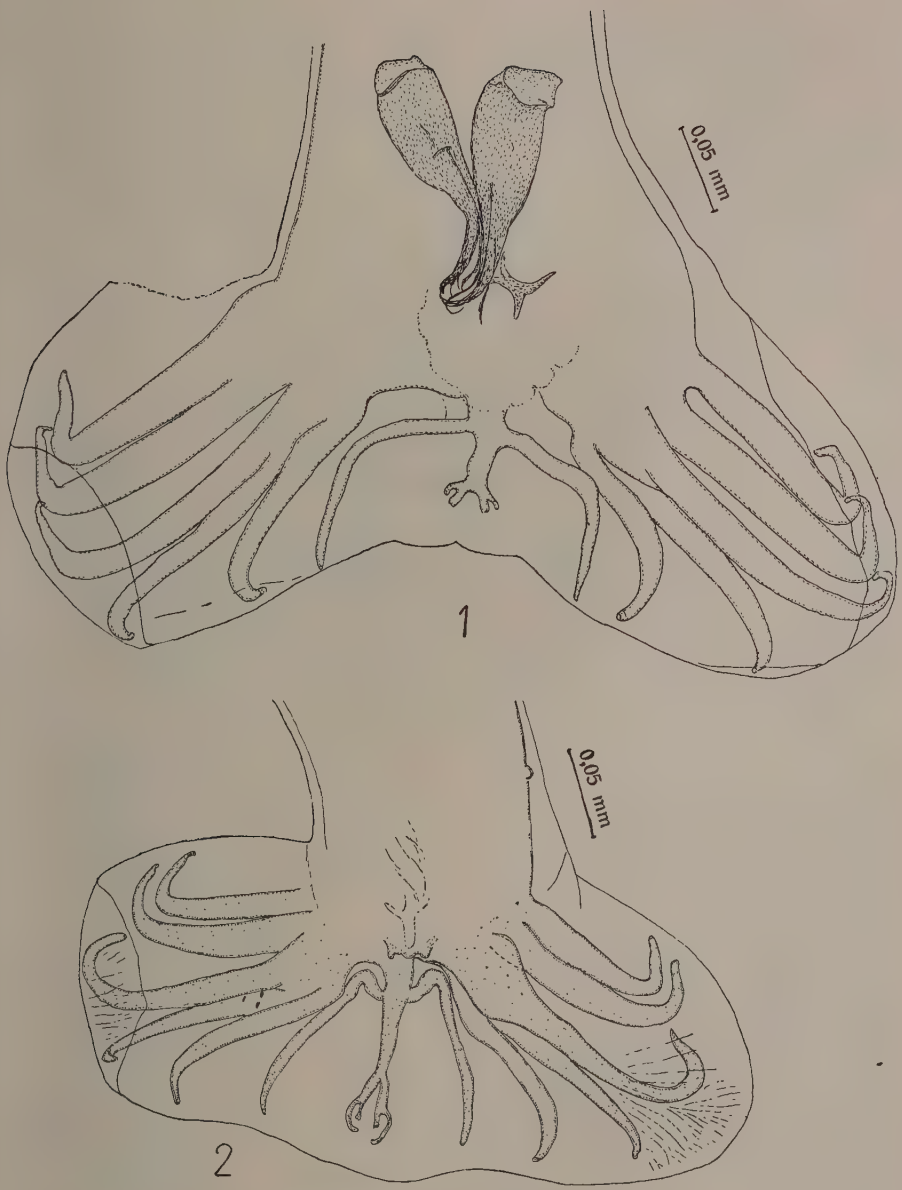
Fig. 1 — *Ornithostrongylus iheringi* n. sp. — Espículo.
" 2 " " " " — Espículo.
" 3 " " " " — Gubernaculo.
" 4 — *Ornithostrongylus salobrensis* n. sp. — Extremidade cefálica.
" 5 " " " " — Extremidade caudal do macho.
" 6 " " " " — Espículos e gubernaculo, de perfil.



Travassos : Gênero Ornithostrongylus

ESTAMPA 3

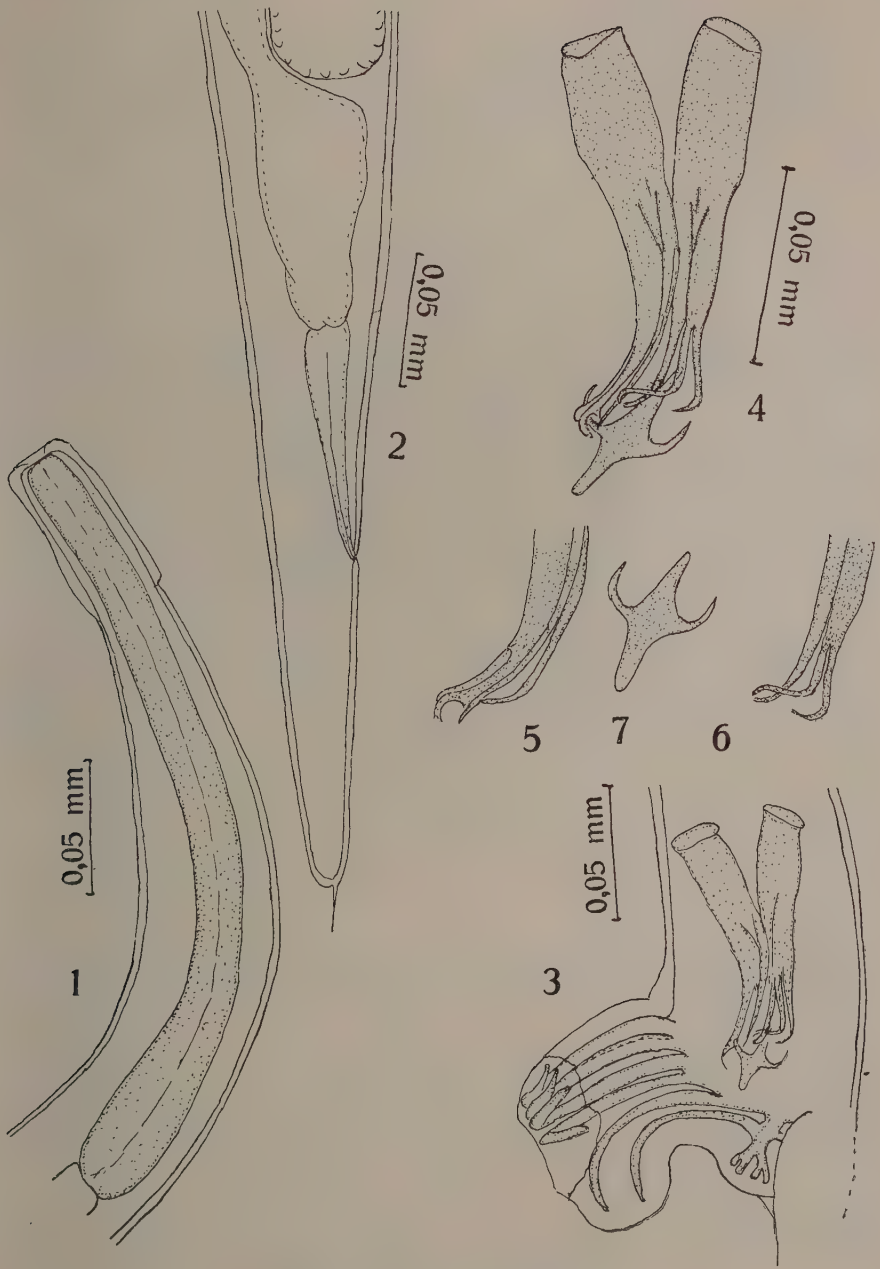
Fig. 1 — *Ornithostrongylus minutus* n. sp. — Extremidade caudal do macho.
" 2 — *Ornithostrongylus salobrensis n.* sp. — Extremidade caudal do macho.



Travassos: Gênero Ornithostrongylus

ESTAMPA 4

Fig. 1 — *Ornithostrongylus minutus* n. sp. — Extremidade caudal da fêmea.
" 2 " " " " — Extremidade anterior do macho.
" 3 " " " " — Extremidade caudal do macho.
" 4 " " " " — Espículos e gubernaculo.
Figs. 5 e 6 " " " " — Terminação dos espículos.
Fig. 7 " " " " — Gubernaculo.



Travassos : Gênero Ornithostrongylus

Observações sobre casos de Batracofagia entre as aves *

por

Antenor Leitão de Carvalho

Em meiados deste ano, o Prof. Lauro Travassos voltando de uma excursão à Mato Grosso, trouxe-me para determinar alguns batraquios, por êle coligidos em Salobra, (E. de Mato Grosso, E. F. N. O. B.) entre os quais quatro exemplares retirados do estômago de uma "Curicáca".

Apezar desses exemplares estarem em adiantado estado de maceração pelos sucos gastricos, foi-lhes possivel a determinação segura.

Trata-se de dois exemplares de *Elachistocleis ovalis bicolor* (Valencianes), 1838 (*Engystomatidae*), e dois de *Bufo granulosus* Spix, 1824 (*Bufonidae*) todos no estado adulto:

O extraordinário, é que esses dois grupos de batraquios produzem abundantes secreções cutaneas, sendo que o último dêles (Bufos), possue secreção altamente venenosa, rapidamente absorvida por via gastrica e intestinal, ocasionando a morte na maioria dos animais, em tempo relativamente curto.

Segundo o Prof. A. Amaral. (1)

> "parece ser, entre nós, somente a "Boipéva" que dá caça ao *Bufos* e não é afetada pelo veneno introduzido por via gástrica".

E ainda :

> "Na Europa Phisalix afirmou ter verificado que certos pássaros e serpentes atacam e devoram sapos; parece-me, porem, que, entre aqueles dois grupos somente a espécie de ofídio aglifa *Tropidonotus natrix* se alimenta geralmente de sapos e lhes é resistente ao veneno por via gástrica".

O fato da "Curicáca" comer sapos é altamente interessante, merecendo a atenção dos fisiologistas o assunto, visto ser o veneno dos sapos mortal por via gastrica para a maioria dos nossos animais, exceto *Xenodon merremii*

---

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

(1) A. Amaral em Boletim Biológico, vol. II (Nova Série) n. 1, junho de 1934, páginas 1 a 3.

WAGLER, (Boipéva) e agóra *Theristicus caudatus caudatus* (BODDAERT), (Curicáca).

Dou a seguir uma lista de observações sobre Batracofagia entre as aves.

NOME CIENTIFICO DOS BATRACÓFAGOS	NOME VULGAR	NOME CIENTIFICO DAS ESPÉCIES DEGLUTIDAS	CONSTATADOR	DATA E LOCALIDADE
Theristicus caudatus caudatus (Boddaert)	Curicáca	2 ex. Elachistocleis ovalis bicolor (Vol.) 2 ex. Bufo granulosus Spix	Prof. L. Travassos	VII — 1939 - Salobra - E. de Mato Grosso
Tinamus solitarius (Vieillot)	Macúco	Brachycephalus eppiphium Spix	Herbert Berla	Mangaratiba - E. do Rio
Penelope superciliaris superciliaris Temminck	Jacú	»	»	»
Capella paraguaiae paraguaiae (Vieillot)	Narceja	com ossos de batráquios no estômago	J. Moojen	29/X/933 Viçosa - E. Minas Geraes
2 ex. de Capella undulata gigantea (Temminck)	Narcejão	»	»	»
2 ex. de Guira guira (Gmelin)	Anú Branco	com um esqueleto completo de batráquio da familia *Hylidae* cada um	»	»

Adelocefalideos do Estado de Mato Grosso, capturados pela expedição do Instituto Oswaldo Cruz *

por

Lauro Travassos

(Com 8 estampas)

O material de *Adelocephalidae* obtido na excursão ao Estado de Mato Grosso, em Outubro de 1938 e em Julho de 1939, não obstante a pouca duração das mesmas e a impropriedade das épocas, foi bastante interessante, permitindo um melhor conhecimento de várias espécies e a verificação da área geográfica de várias outras. Na excursão realisada em Julho de 1939 somente três exemplares foram obtidos.

Este grupo de insetos é mal estudado, pois com êle se teem ocupado geralmente entomologistas que não empregam uma técnica moderna, desprezando ou fazendo de maneira imperfeita o estudo da genitalia.

Estudos baseados somente nos desenhos e coloração das azas do imago se prestam a confusões lamentaveis.

A nomenclatura deste grupo de lepidopteros encerra problemas complexos, motivados pelo descaso de muitos autores, na observação das regras internacionais de nomenclatura. Sobre êste aspecto não nos deteremos no presente trabalho, pois está êle sendo abordado exaustivamente pelo Dr. José Oiticica Filho, nosso companheiro de estudos de entomologia.

O estudo comparativo cuidadoso dos caracteres plásticos destes insetos conduz a um maior desdobramento genérico, o que aliás está de acôrdo com o pouco que se conhece das características da larva.

Nas duas excursões foram capturados 229 exemplares deste grupo de insetos, distribuidos em 21 espécies, de acordo com a lista adiante.

Faremos de algumas destas espécies estudo detalhado; com as restantes nos ocuparemos oportunamente.

---

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

Adelocephalidae Burmeister, 1878

Adelocephalinae Oiticica Filho, 1940

Adelocephala odeva Druce, 1904

Desta espécie foi capturado somente um exemplar masculino, bastante danificado, em Salobra. O estudo da genitalia, comparativamente ao de *A. cadmus*, tipo do gênero e muito semelhante a ela, revelou diferenças apreciaveis no uncus, no falosoma e na chanfradura existente no 8° esternito.

Adelocephala amena n. sp.

(Est. 1, figs. 1-4 ; est. 2, figs. 1-7 ; est. 7, figs. 1 ; est. 8, fig. 2)

Desta espécie capturamos apenas 3 exemplares masculinos. Afasta-se, por vários caracteres, do gênero *Adelocephala*, mas pela estrutura da genitalia se aproxima bastante, razão pela qual a incluimos nêle.

Dimensões — Aza anterior : 30 por 13 mm.; relação entre o comprimento e a largura : 2,30. Aza posterior : 18 por 13 mm.; relação entre o comprimento e a largura : 1,38.

Macho — Cabeça unida ao corpo e com fronte triangular côr de camurça (134 do código de Seguy). Vértice piloso e de côr amarela (246 do código). Tromba rudimentar. Palpos rudimentares e ocultos sob os pêlos. Antenas côr de couro, com cerca de 41 segmentos, sendo os dois basais grossos e redondos ; o 3.° é constituido pela fusão de dois e apresenta 4 apofises de tamanhos diversos no lado externo, e somente uma internamente. Do 4.° ao 18.° os segmentos apresentam 4 apófises que aumentam progressivamente de comprimento até ao 10.°, para diminuirem até desaparecerem no 21.°. O 19.° apresenta apenas 3 apófises, sendo 2 internas e 1 externa ; os segmentos 20.° e 21.° apresentam somente apófises internas muito reduzidas. Os segmentos 22.° até 41.° são simples. (Na antena representada os 4 últimos segmentos apresentam anomalias na segmentação).

Torax amarelo (134). Tégula indistinta. Patagia cinzenta (133). Pleuras amareladas (250). Pernas com as coxas e femures amarelados (246) e tibias e tarsos cinzentos (133) e pilosos ; unhas pretas, brilhantes. 1.° par com epifise muito desenvolvida e sem espinhos tibiais ; 2.° par com um par de espinhos apicais na tíbia ; 3.° par ligeiramente menor que o segundo e com 2 espinhos tibiais apicais.

Aza anterior sub-triangular, com a margem externa retilinea e de côr geral cinzenta (133). Face superior com as linhas interna e externa virtuais ou ligeiramente mais escuras que o campo mediano da aza. As linhas se tornam nítidas pelo contraste da coloração branca da área interna e cinza claro (180) da externa com a área mediana (133). A linha interna é curva em arco de concavidade interna e a linha externa, sub-retilínea, paralela à margem da aza, é pré-apical. Face inferior como a superior, mas de coloração mais clara e com a linha interna ausente e a externa correspondendo à da face superior. Mancha disco-celular presente e o ápice da célula mais claro (133). Franja cinzenta.

Aza posterior com a margem externa ligeiramente convexa ; margem anterior igualmente convexa, sendo esta convexidade mais acentuada no terço proximal. Face superior de coloração cinzenta (133), sendo a metade basal pouco mais escura. Face inferior de coloração uniforme em toda a extensão e de tonalidade mais clara que a face superior.

Nervulação — Aza anterior: R^1 nascendo pouco adiante do ângulo da célula e terminando antes do ápice da aza. R^2 terminando no ápice da aza. R^3 ausente. R^4 e R^5 terminando abaixo do ápice da aza. M^1 quasi no ângulo anterior da célula. M^{2+n} no ângulo posterior. Cub^1 partindo do início do último quarto da célula. Cub^2 partindo do meio da célula. A^1 terminando no ângulo posterior da asa.

Asa posterior: R^1 partindo do meio da célula. R^{2+n} partindo pouco antes do ângulo da célula. M^1 do ângulo anterior e M^{2+n} do ângulo posterior da célula. Cub^1 quasi no ângulo da célula. $Cub.^2$ partindo logo abaixo da $Cub.^1$ A^1 terminando pouco atrás do ângulo posterior da asa. A^2 terminando no meio da margem interna da asa.

Abdomen dorsalmente de côr amarelada (246) uniforme e ventralmente de coloração camurça (200) pálida, havendo limite nítido entre as duas tonalidades. Os esternitos são ligeiramente escuros apicalmente.

Genitália — 10.° tergito terminando por 2 pontas rombas dirigidas ventralmente e fortemente quitinizadas na extremidade, e uma saliência mamilar dirigida dorsalmente. 9.° tergito largo e convexo. Vinculos (9.° esternito) estreitos e fortes. 10.° esternito fortemente quitinisado e enegrecido, em forma de bico de *Cypselus*, quando visto ventralmente. Clasperes pequenos e de contorno ogival; pouco ultrapassam o 10.° tergito. Falosoma com a porção distal dilatada em forma de cálice e com forte apófise lateral, muito quitinizada, claviforme e com um acúleo dirigido para dentro e para baixo. Um outro processo menor, sub-triangular e ventral, é presente. A porção erectil apresenta duas formações quitinosas, em ponta. A base do falosoma apresenta um duplo cotovelo, o mais distal dorsal e o proximal ventral. A extremidade proximal termina em uma forquilha horizontal, de ramos digitiformes. Escleritos do 8.° segmento normais.

Habitat — Salobra, sul do Estado de Mato Grosso, Brasil.

Tipo e paratipos no Instituto Osvaldo Cruz.

Syssphinx molina (CRAMER, 1782); HUEBNER, 1819 (1)

Desta espécie capturamos em Salobra 7 exemplares, sendo 2 femininos. Trata-se de espécie muito comum e de vasta distribuição geográfica.

Adelowalkeria (n. g.) flavosignata (WALKER, 1865) n. comb.

(Est. 3, figs. 1-9; est. 4, figs. 1-4; est. 5, figs. 1-3; est. 7, fig. 2.)

Adelocephala flavosignata WALKER, 1865, p. 575.
Otherene Wardii BOIDUVAL, 1872, p. 84, est. 3, fig. 2. ♂
Otherene Wardii BURMEISTER, 1878, p. 493.
Otherene Wardii BURMEISTER, 1879, Atlas, p. 46, est. 20, fig. 3 larva.
Adelocephala Wardii DRUCE, 1886, p. 171.
Adelocephala Wardii POULTON, 1888, p. 570.
Adelocephala Wardii KIRBY, 1892, p. 741.
Adelocephala flavosignata KIRBY, 1892, p. 742.
Otherene Wardii PETERS, 1901, p. 10, est. 3, figs. 1 e 1.ª (larva).
Adelocephala eugenia DRUCE, 1904, p. 243.

(1) As datas de HUEBNER são dadas de acordo com o trabalho de HEMMING, 1937.

Adelocephala Wardii PACKARD, 1905, p. 86, est. 17, fig. 3 (larva), est. 33, fig. 2 ♂ est. 38, figs. 3 e 3.ª (nervulação).

Adelocephala flavosignata PACKARD, 1905, p. 90.

Adelocephala Wardii BOUVIER, 1923, p. 47.

Adelocephala Wardii BOUVIER, 1927, p. 268.

Adelocephala Philiponi BOUVIER, 1927, p. 268, est. 1, fig. 7 ♀.

Syssphinx flavosignata DRAUDT, 1930, p. 805, est. 136ª, ♂.

Adelocephala flavosignata BOUVIER, 1930, p. 506.

Syssphinx flavosignata BOUVIER, 1931, p. 74, est. 2, figs. 23 e 24 (genitalia).

Syssphinx flavosignata SCHUESSLER, 1936, part. 70, p. 192.

Syssphinx flavosignata Wardii SCHUESSLER, 1936, part. 70, p. 192.

Syssphinx flavosignata Eugenia SCHUESSLER, 1936, part. 70, p. 193.

Syssphinx Philiponi SCHUESSLER, 1936, part. 70, p. 202.

Desta espécie foram capturados 7 exemplares, todos masculinos, sendo um em Bodoquena e os restantes em Salobra.

Concordam inteiramente com exemplares capturados no litoral do País (Rio de Janeiro e Angra dos Reis). E' espécie de distribuição geográfica muito vasta, com acentuado dimorfismo sexual, o que motivou serem as femeas descritas como espécie diversa por DRUCE e BOUVIER.

Apresenta caracteres morfológicos da genitalia, e tambem da larva, bastante distintos de *Adelocephala* e *Syssphinx* para justificar a sua separação em gênero independente.

Faremos um estudo detalhado da morfologia deste inseto, e daremos em seguida a diagnose do gênero que para ele propomos.

Dimensões — Asa anterior no macho: 34 por 15 mm. a 43 por 19 mm.; relação entre o comprimento e a largura; 2,26; na fêmea: 49 por 25 mm. a 55 por 30 mm.; relação entre o comprimento e a largura: 1,8a 1,9. Asa posterior no macho: 20 por 16 mm. a 26 por 20 mm.; relação: 1,2 a 1,3-; na fêmea: 31 por 24 mm. a 35 por 30 mm.; relação: 1,1 a 1,2.

Macho — Cabeça muito junta ao torax e pouco saliente. Tromba rudimentar, constituida por dois filamentos divergentes de cerca de 1 mm. de comprimento. Palpos rudimentares, inteiramente escondidos entre os pêlos da região bucal, e constituidos por 3 segmentos sub-iguais. Fronte sub-triangular, muito pilosa, de côr violácea (673 do código de Seguy) e com uma zona transversal mais clara situada entre os olhos. Antenas (est. 7, fig. 2) pardacentas, com cerca de 39 segmentos, além dos basais, hemisféricos. Os primeiros segmentos não apresentam apófises-; o 3.° é constituido pela fusão de dois segmentos e apresenta internamente 4 apófises e externamente duas outras; do 4.° ao 17.° eles são tetrapectinados, aumentando progressivamente o comprimento das apófises até o 9.° ou 10.°, para diminuir paulatinamente até o 17.°; 18.° segmento com 3 apófises, 2 externas e 1 interna; 19.° somente com uma apófise externa; os 20 segmentos terminais são simples.

Torax — Tégula de côr violeta (673), com uma fina franja amarela. Metanoto amarelo (228).

Asas anteriores sub-triangulares. Face superior com côr geral violeta (673), as linhas interna e externa assinaladas apenas por contraste de coloração. A linha interna, irregular,

limita a área interna de côr amarela, exceto na costa, que é violeta. Linha externa ligeiramente curva, de concavidade externa; é apical. A'rea externa amarela (227), com pontilhado violeta, bem como a porção apical, coloração que se prolonga ao longo da margem externa, de modo irregular. A'rea mediana violeta (673), tendo na parte central muitas escamas amarelas que são mais numerosas adiante da célula, formando uma mancha amarela que se extende até o ápice, sem contornos nítidos, sendo pontilhada de preto. Nos diversos exemplares pode haver variações pela predominância da coloração violeta ou amarela. Ao nível do fim da célula, mas fóra desta, existem 3 manchas de côr branca pura, de dimensões variaveis, dispostas em triângulo. O número destas manchas pode ser reduzido a 2 ou 1, ou mesmo faltarem todas. A mais proximal é geralmente a maior e fica situada entre as cubitais; a mais distal fica entre a Cub.^{1} e a M^{2+n}, é geralmente a de tamanho médio; finalmente a menor e que mais comumente falta fica situada no ângulo da última mediana com a discocelular. Face inferior da asa anterior com linha interna ausente e linha externa violácea (673), muito nítida e larga, correspondendo à da face superior. Área externa como na face superior. Areas média e interna de coloração uniforme, amarela, com nervuras e costa violetas, e com tons violáceos irregulares. Na parte basal a coloração toma uma tonalidade alaranjada (211).

Nervulação (est. 4, fig. 3) — R^1 nascendo do ângulo da célula; R^{2+3}, R^4 e R^5 pedunculadas. M^{1+n} e M^{2+n} nascendo dos ângulos anterior e posterior da célula. Cub.^{1} perto da extremidade da célula; Cub.^{2} no meio da célula. A^1 atingindo exatamente o ângulo externo da asa.

Asa posterior de contorno sub-triangular, com a margem anterior de contorno parabólico, com o ápice da curva no terço proximal. Face superior com linha externa nítida, de concavidade externa e de côr violeta (637). A'rea interna amarela (228), com a região costal violeta (673) e a região anal amarela alaranjada (211), com tonalidades violetas. A coloração alaranjada da face superior é muito variavel, havendo exemplares em que quasi toda a superfície é amarela, e outros em que ela é quasi inteiramente violeta. Face inferior como a superior.

Nervulação (est. 4, fig. 4) — R^1 e R^{2+n} partindo da célula; M^1 e M^{2+n} partindo dos ângulos anterior e posterior da célula; Cub.^{1} tendo origem junto ao ângulo posterior; Cub.^{2} no terço distal da célula; A^1 atingindo o ângulo posterior da asa; A^2 terminando a meio da margem interna.

Patas de côr violeta (673) e com a face interna dos tarsos amarelada, terminando por um par de unhas simples. Primeiro par (est. 5, fig. 1) com grande epifise e sem espinho terminal na tíbia. Segundo e terceiro pares com tíbias armadas de um par de espinhos na extremidade distal. Patas com um par de fortes unhas (est. 4, fig. 1).

Abdomen — Face dorsal com aneis basais violeta (673) e aneis apicais amarelos (228) nos primeiros segmentos e alaranjados (211) nos medianos, apresentando um tufo terminal amarelo. Face ventral violeta (673), com estreitos aneis apicais amarelos, mais largos nas partes laterais. Os desenhos abdominais podem apresentar muitas variantes, pela predominância das cores amarela ou violeta.

Genitália — 10.° tergito de forma característica, fortemente quitinisado e espinhoso; apresenta uma dupla crista dorsal espinhosa, principalmente na porção distal. A separação das cristas é feita por uma depressão que faz saliência ventralmente, dando à porção terminal do 10.° tergito uma disposição muito semelhante a uma concha de turbina. O 9.° tergito apresenta uma saliência mamiliforme, pilosa. Clasperes constituidos por uma porção dorsal delgada, que se prolonga em uma lascinia que ultrapassa o uncus, e uma porção ventral

de margem fortemente quitinisada, espinhosa, mais curta que o uncus, apresentando um forte espinho na parte proximal. A porção basal do clasper forma uma saliência digitiforme curvada em gancho e disposta paralelamente ao falosoma. A harpa é muito característica, sendo constituida por uma lâmina quitinosa, que partindo da parte interna inferior do clasper, cruza-o obliquamente, para terminar dorsalmente, ao lado do uncus. Estas lâminas são fortemente quitinizadas, de côr preta e de contorno serrilhado na extremidade distal. O 10.° esternito é membranoso. O funil do falosoma apresenta forma de raqueta truncada no ápice, é moderadamente quitinisado e tem uma abertura cordiforme para passagem do falosoma. Falosoma (est. 3, fig. 9) com um pequeno prolongamento basal baciliforme e furcado distalmente em pontas espinhosas. Porção erectil inerme. O 8.° tergito apresenta duas formações com aspecto de cavidades pilosas, digitiformes, simetricas e recurvadas para a extremidade distal do abdomen. O 8.° esternito apresenta uma funda chanfradura distal. O 8.° segmento abdominal é bem mais desenvolvido que os outros e abriga, dentro de seus escleritos, o conjunto da genitália.

Fêmea — Cabeça como nos machos, porem as antenas são cilíndricas e filiformes. Torax de coloração amarela (228), com tégula e patagias violetas (673) e os lados do metanoto alaranjados (211).

Asas anteriores com face superior de coloração geral violeta nas áreas interna e externa e bruna (131) na área mediana. As linhas são representadas pelo contraste dessas cores, aliás pouco nitidas. Na extremidade proximal da margem posterior existe uma pequena mancha amarela (228). Face inferior uniformemente parda (131), com tons violáceos na porção apical. Linha externa assinalada na porção anterior por coloração mais escura.

Asas posteriores com face superior uniformemente parda (131). Face inferior da côr da superior, mas com tom violáceo e com um esboço anterior da linha externa.

Nervulação das asas igual à dos machos.

Patas de côr violeta e com a face interna amarela. O primeiro par com o penultimo artículo tarsal com um par de espinhos em lobos laterais (est. 4, fig. 2). Os segundo e terceiro pares com um par de espinhos no ápice da tíbia.

Esta espécie tem uma vasta distribuição, vindo desde a parte sul da América Central até Santa Catarina (Brasil).

As lagartas alimentam-se de Leguminosas, principalmente do gênero *Macherium*.

A crisalida é enterrada no solo e possue um longo cremaster de cerca de 6 mm. de comprimento, bifurcado na extremidade distal.

Adelowalkeria n. gen.

Adelocephalidae. *Adelocephalinae*. Dimorfismo sexual muito acentuado. Machos com asas anteriores sub-triangulares e com R^1 partindo do ângulo da célula; R^3 ausente; R^{2+3}, R^4 e R^5 pedunculadas.

Genitália com o 10.° tergito em forma de concha de turbina, espinhoso; clasperes complexos, com uma porção ventral larga e prolongamentos delgados na parte dorsal. Harpa delgada, fortemente quitinisada, e se alongando paralelamente ao 10.° tergito. Funil do

falosoma pouco quitinisado e sem apófises. 10.° esternito pouco quitinisado. Falosoma bifurcado na extremidade distal; porção protratil sem formações fortemente quitinisadas.

Fêmeas com antenas filiformes e com asas com nervulação idêntica à dos machos.

Lagartas, na face madura final, com apófises longas em todos os segmentos.

Especie tipo — *A. flavosignata* (WALKER, 1865)

Neste gênero deve entrar *A. tristigma* (BOISDUVAL, 1872) n. comb.

Após a descrição de WALKER, foi *A. flavosignata* descrita por BOISDUVAL com o nome de *Otherene Wardii* (1872), e representada por uma bela figura, em cores, do macho. DRUCE, em 1904, descreveu a femea com o nome de *eugenia*. Em 1927, BOUVIER cometeu equívoco idêntico descrevendo novamente a femea com o nome de *Philiponi*.

BOISDUVAL refere viverem as lagartas em bananeiras, segundo informação de BESKE, o que não é real. Em 1879 BURMEISTER, sem descrever, representa a lagarta. Esta figura foi reproduzida por PACKARD. PETERS, em 1901, representa igualmente a lagarta.

Em 1931, BOUVIER coloca em sinonimia de *flavosignata* as espécies *eugenia* e *Philiponi*. Descreve ainda a genitalia, de modo deficiente, porem bem reconhecivel.

Foi BURMEISTER quem primeiro referiu as femeas desta espécie obtidas por criação por HENRY BURMEISTER, no Rio de Janeiro.

A. flavosignata se alimenta de Leguminosas. Encontramos uma lagarta em *Macherium brasiliensis*.

Adelowalkeria pulchra (BOUVIER, 1923) n. comb.

(Est. 5, figs. 4-9; est. 6, figs. 1-9; est. 7, figs. 3-4).

Adelocephala pulchra Bouvier, 1923, p. 63.
Syssphinx pulchra Bouvier, 1931, p. 69, est. 1, figs. 6 e 7 (genitália), est. 4, fig. 9♀.

Espécie interessante e até agora somente conhecida de um exemplar masculino. Capturamos, em Salobra, 15 exemplares, sendo 12 masculinos e 3 femininos. Dela daremos uma nova descrição.

Dimensões — Asa anterior no macho: 25 a 27 mm. por 11 a 12 mm.; relação entre o comprimento e a largura: 2,25 a 2,27; na fêmea: 33 a 35 mm. por 17 a 18 mm.; relação: 1,94 a 1,82. Asa posterior no macho: 17 a 19 mm. por 11 a 12 mm.; relação: 1,58 a 1,54; na fêmea: 24 a 25 mm. por 17 a 19 mm.; relação: 1,31 a 1,41.

Macho — Cabeça de côr amarelada como as asas e pouco destacada do torax. Palpos rudimentares e não aparentes. Antenas com 2 articulos basais redondos; 3.° articulo constituido pela fusão de 3 aneis e apresentando 6 apófises internas e 2 externas. Do 4.° ao 25.° os artículos são tetrapectinados, aumentando as apófises progressivamente até o

13.° e decrescendo deste até o 25.°. O 26.° apresenta um par de apófises. Do 27.° ao 40.° eles são simples. Fronte sub-triangular.

Torax dorsalmente róseo vináceo, tornando-se mais ou menos pardo amarelado em exemplares expostos à ação da luz. Pleuras amarelas.

Asas anteriores sub-triangulares. Face superior com duas linhas nítidas se destacando pela coloração mais clara. A coloração, para dentro da linha interna e para fora da linha externa é róseo vináceo (147) e amarelada (201 a 202) entre as linhas. Nos exemplares expostos à luz a coloração modifica-se rapidamente, tornando-se a asa uniformemente amarelada (201). A linha externa é pré-apical ,reta ou ligeiramente concava externamente e com uma curvatura na extremidade anterior, de modo a formar ângulo reto com a costa. Frequentemente estas linhas são constituidas por uma linha mais escura, interna, e outra mais clara, externa. Na discocelular existe uma mancha branca mais ou menos nítida, que pode ser dupla ou ausente. Face inferior rósea vinácea (147) na área externa e rósea amarelada (201) na porção basal. Em alguns exemplares é uniformemente vinácea, sendo a linha externa vestigial. Linha interna ausente.

Asas posteriores com a face superior branco creme, com nervuras e margens anterior e posterior vináceas. Em alguns exemplares o campo branco apresenta um lavado vináceo, nestes existindo vestigio da linha externa. Face inferior com a coloração da superior, porem a margem costal é mais largamente rósea vinácea. Nos exemplares em que a face superior apresenta lavado vináceo a face inferior tem a mesma coloração.

Nervulação — Asa anterior: R^1 terminando antes da extremidade da asa; R^2 na extremidade; R^3 ausente; R^4 e R^5 depois do ápice; M^1 quasi no meio da discocelular; M^{2+n} no ângulo posterior da célula; Cub.^{1} adiante do meio e Cub.^{2} no meio da célula; A^1 logo abaixo do ângulo posterior da asa. Asa posterior: R^1 partindo do meio da célula; R^{2+n} quasi no ângulo da célula; M^1 e M^{2+n} partindo dos ângulos da célula; Cub.^{1} partindo acima e Cub.^{2} do meio da célula; A^1 terminando no ângulo posterior da asa; A^2 terminando no meio da margem interna da asa.

Pernas róseo vináceo; femures com longos pêlos.

Abdomen dorsalmente amarelado (201) e ventralmente da mesma coloração, mas com um lavado vináceo. Do 4.° ao 6.° segmentos existem manchas pretas apicais laterais, decrescentes para as extremidades do abdomen.

Genitália — 10.° tergito com 2 apófises dorsais em forma de foice e com a superfície convexa lisa e a concava serrilhada, e uma ponta terminal dirigida para baixo e para a frente. Na parte apical do 9.° tergito existe um par de saliências mamilares contiguas e pilosas. Vinculos (9.° esternito) delgados e pouco quitinisados ventralmente. Clasperes fortes, sub-ovais, curtos, terminando antes do 10.° tergito. Na extremidade proximal apresentam uma saliência em forma de corno de rinoceronte, que fica disposta sobre o funil do falosoma, parecendo, a um exame superficial, fazer parte deste órgão. Harpa muito quitinisada e se alongando em forma de haste pela face interna do clasper, cruzando dorsalmente o 10.° tergito e cruzando tambem a do lado oposto. Termina dilatando-se um pouco e apresentando 4, mais raramente 5, espinhos glabros, sendo um maior que os outros, de extremidade preta e lisa e de base clara e pilosa. Falosoma muito reduzido, com um prolongamento proximal encurvado, uma parte mediana elipsoide e uma terminação hialina, que se termina por uma porção aguda fortemente quitinisada.

Fêmea — Cabeça e torax com a coloração dos machos. Antenas filiformes. Pernas como nos machos e com um par de tuberculos no penultimo artículo do tarso anterior provido de fortes espinhos (est. 5, fig. 9).

Asas mais largas que nos machos, sendo que nas anteriores a linha externa não se curva na porção posterior, terminando obliquamente na costa. A coloração é idêntica e sujeita às mesmas variações, tanto na fase superior como na inferior. Asas posteriores de côr uniformemente rósea vinácea, com as nervuras pouco destacadas; a face inferior tem a mesma coloração da superior.

Nervulação — Asa anterior: R^1 e R^2 terminando antes do ápice da asa; R^3 ausente; R^4 e R^5 abaixo do ápice; M^1 tendo origem perto do meio da discocelular; M^{2+n} no ângulo posterior; Cub.^{1} perto do ângulo; Cub.^{2} no meio da célula; A^1 terminando quasi no ângulo posterior da asa; A^2 terminando no meio da margem interna.

Abdomen como no macho. Em um exemplar as duas manchas pretas laterais confluem, formando uma grande mancha.

Esta espécie se caracterisa pela facilidade com que se altera a coloração das asas, pela ação da luz solar. Examinamos, além dos exemplares capturados em Mato Grosso, vários outros de Goiás, sem proveniência bem exata. O exemplar tipo é indicado como proveniente do Estado de São Paulo, o que parece ter sido um equívoco.

Adelocephala (?) subangulata H. Schaeffer, 1855 (2)

Desta espécies capturamos 28 exemplares masculinos, cuja conformação da genitalia corresponde exatamente a dos exemplares obtidos no litoral do País. Os exemplares de Salobra são ligeiramente menores. Em Julho de 1939 coletamos somente um exemplar.

Adelocephala (?) sabulosa Rothschild, 1907

Desta espécie capturamos 44 exemplares, sendo 43 masculinos e 1 feminino. Este último foi retirado do estômago de uma ave (*Trogonurus variegatus*). Somente um exemplar foi colecionado em Julho de 1939. Não obstante a uniformidade dos desenhos, apresenta esta espécie enorme variação na tonalidade do colorido, que vai do vermelho escuro (81) ao amarelo (174), com todos os intermediários. As linhas da asa anterior podem ser mais ou menos salientes e as da asa posterior podem faltar ou, ao contrário, serem nítidas. Pode existir na asa anterior um pontilhado escuro, mais ou menos confluente, ou ao contrário faltar inteiramente. A face inferior das asas anteriores apresenta na discocelular uma mancha escura redonda ou alongada e mais ou menos desenvolvida.

Adelocephala (?) walkeri (Grote, 1867)

Desta bonita espécie capturamos 16 exemplares masculinos, sendo 15 em Salobra e 1 em Bodoquena. Seu estudo é bastante complicado, visto

(2) Vide Contribuição ao conhecimento das *Adolocephalidae* in Rev. Ent. n. 11, fls. 3, pgs. 682-90. — 1940.

terem sido descritos com o nome de *Adelocephala apollinairei* por DOGNIN, em 1919, exemplares capturados nos arredores de Bogotá (Venezuela).

BOUVIER, em 1927, estudou vários exemplares desta espécie, de ambos os sexos, sendo todos os machos provenientes da Venezuela. Em 1931 o mesmo autor estuda a genitalia, ao que parece, nos mesmos exemplares, isto é, provenientes da Venezuela. O exame da genitalia dos nossos exemplares revela identidade com a descrição de BOUVIER, donde é lógico concluir que *apollinairei* é sinonimo de *walkeri*. BOUVIER chama a atenção para a variação da cor da femea, que pode ir do amarelo ao roseo carmesim.

Adelocephala (?) **crispula** DOGNIN, 1905

Desta espécie, extremamente variavel, capturamos 5 exemplares masculinos, sendo 1 em Julho de 1939.

Adelocephala (?) **hypoxantha** ROTHSCHILD, 1907

Capturamos 12 exemplares masculinos.

Adelocephala (?) sp.

Capturamos 1 exemplar de uma espécie do grupo de *subangulata*, com a qual nos ocuparemos mais tarde.

Schausiella BOUVIER, 1930

Deste gênero encontramos duas espécies. Trata-se de um grupo de que dispomos de bom material e encerra, em sua bibliografia, algumas confusões. Com ele nos ocuparemos brevemente.

Schausiella sp.

Capturamos 1 exemplar masculino em Salobra.

Schausiella sp.

Capturamos 41 exemplares masculinos em Salobra.

Neocarnegia basirei (SCHAUS, 1892) DRAUDT, 1930

Capturamos 3 machos e 1 femea em Salobra.

Citheronia laocoon (CRAMER, 1779) GROTE & ROBINSON, 1867

Capturamos 6 exemplares masculinos em Salobra.

Citheronia armata ROTHSCHILD, 1907

Capturamos 13 exemplares masculinos e 2 femininos em Salobra.

Citheronia vogleri (WEYNBERG, 1881) SCHAUS, 1892

Capturamos 1 exemplar masculino em Salobra.

Eacles magnifica WALKER, 1855

Desta espécie foram capturados 9 exemplares masculinos, sendo 8 em Salobra e 1 em Campo Grande.

Dysdaemonia fosteri ROTHSCHILD, 1906

Desta espécie capturamos 6 exemplares em Bodoquena, sendo 3 de tonalidade verde e 3 de tonalidade parda.

Dysdaemonia orsinome (HUEBNER, 1824) BOUVIER, 1925

Desta rara espécie foi capturado apenas 1 exemplar masculino.

Copiopteryx virgo ZIKAN, 1929

Desta rara espécie capturamos o primeiro exemplar feminino que se conhece, e cuja fotografia damos adiante (est. 8, fig. 1).

Arsenura d'orbigniana BOUVIER, 1924

Desta espécie capturamos 12 exemplares masculinos em Salobra.

BIBLIOGRAFIA

BOISDUVAL — 1872 — Note sur la tribu des Adelocephalides. Ann. Soc. Ent. Belg., 15: 79-96.

BOUVIER — 1923 — Observations sur quelques Saturniens recuellis au Venezuela. Bull. Mus. Hist. Nat., s. 7, 13: 241-250.

BOUVIER — 1924 — Contribution a l'étude des saturniens. Ann. Sc. Nat. Zoolog. Ser. X, T. VII, n.° 3-4, ps. 137-168.

BOUVIER — 1927 — Étude sur les Ceratocampides de la collection Charles Oberthuere. Ann. Sc. Nat. Zoolg., 10: 223-288.

BOUVIER — 1930 — Un nouveau type de Saturnoide Ceratocampien. C. R. Acad. Sc., 191: 505-508.

BOUVIER — 1931 — Étude des Saturnoides normaux. Famille des Syssphingidés. Mém. Acad. Sc., 60: 280 pp.

BURMEISTER — 1878 — Description physique de la Rep. Argentine. Lepidoptères. 5: 256 e Atlas, 1879.

CRAMER — 1779 — Papillons exotiques, 4.

DOGNIN — 1905 — Papillons nouveaux de l'Amerique du Sud. Le Nat., 27: 215.

DRAUDT — 1930 — Gross. Smetterling. *in* Zeits, 6.

DRUCE — 1886 — Biol. Centr. Amer., 1.

DRUCE — 1904 — Descriptions of some new species of Lepidoptera heterocera from South América. Ann. & Mag. Nat. Hist., s. 7, 13: 241-250.

HUEBNER — 1824 — Werzeichnis bekanten Schmeterling.

KIRBY — 1892 — A synonymic catalogue of Lepidoptera Heterocera, 1.

OITICICA Filho, J. — 1940 — Estudos sobre pernas de *Adelocephalidae* — Papéis avulsos do Dep. Zool. da Sec. de Agr. do Est. de São Paulo, v. 1, pp. 17-38.

PACKARD — 1905 — Family Ceratocampidae, subfamily Ceratocampinae Nat. Acad. of Sc. v. 9, 147 ps. e 61 est.

PETERS — 1901 — Die Heteroceren-Raupen.

POULTON — 1888 — Notes in 1887 upon Lepidopterous larve. Trans. Ent. Soc. London: 515-606.

ROTHSCHILD — 1906 — Two new *Saturniidae*. Nov. Zool., 13: 189-190.

ROTHSCHILD — 1907 — New American *Saturnidae* and *Ceratocampidae*. Nov. Zool., 14: 413-432.

SCHAUS — 1892 — Descriptions of new species of Lepidoptera Heterocera from Brazil and Peru. Zool. Soc. Lond.: 272-291.

SCHAEFFER, H. — 1855 — Heterocera (1853-58).

SCHUESSLER — 1936 — Lepidopterorum Cat., part. 70.

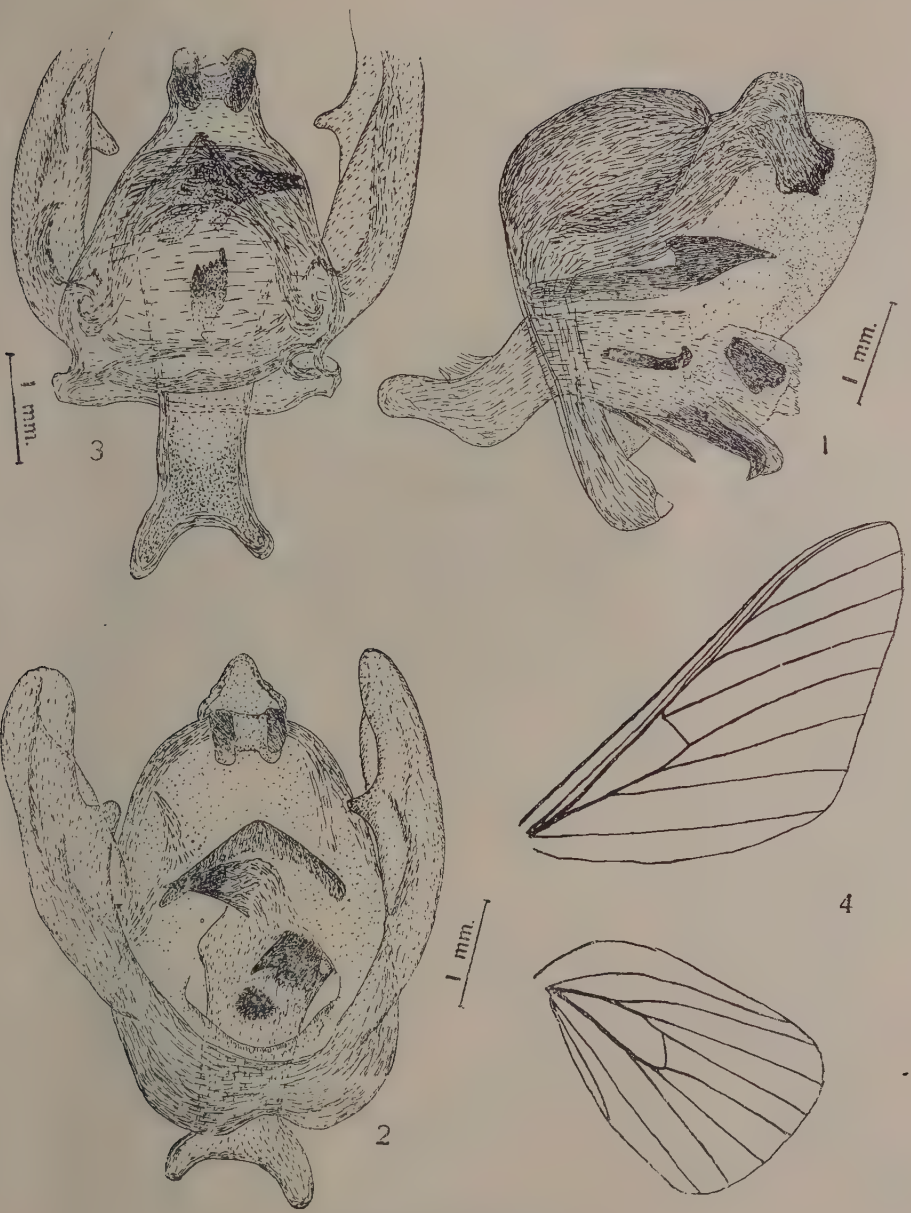
WALKER — 1865 — Cat. Lep. Mus. Britan.

WEYNBERG — 1881 — Nova species generis *Ceratocampa*. Papilio, 2: 62.

ZIKAN — 1929 — *Copiopteryx. virgo*. n. sp. — Rev. Ent. Argent. n. 11, ps. 335-336, est. 8.

ESTAMPA 1

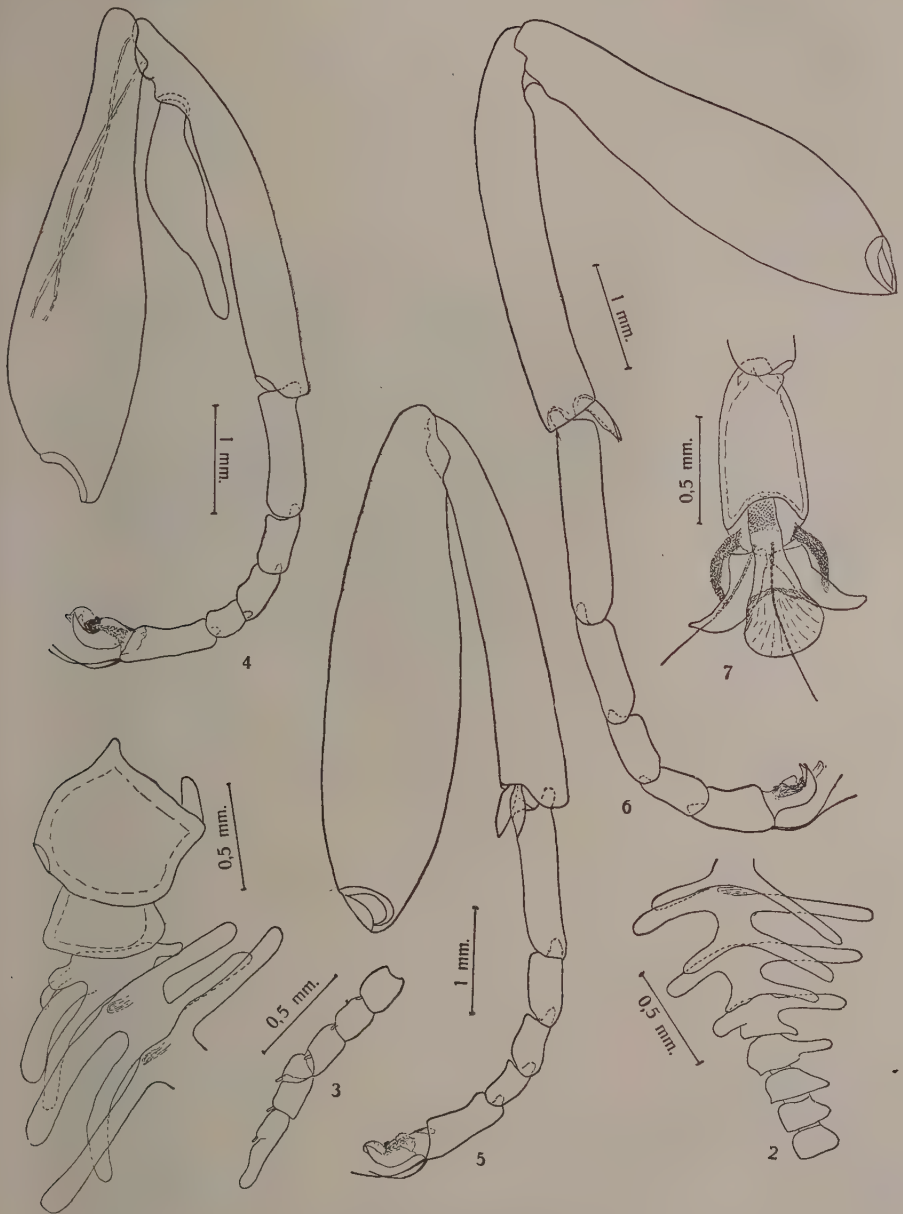
Fig. 1 — *Adelocephala amena* n. sp. — Genitália, de perfil.
" 2 " " " " — Genitália, vista dorsal.
" 3 " " " " — Genitália, vista ventral.
" 4 " " " " — Nervulação do macho.



Travassos: Adelocefalideos

ESTAMPA 2

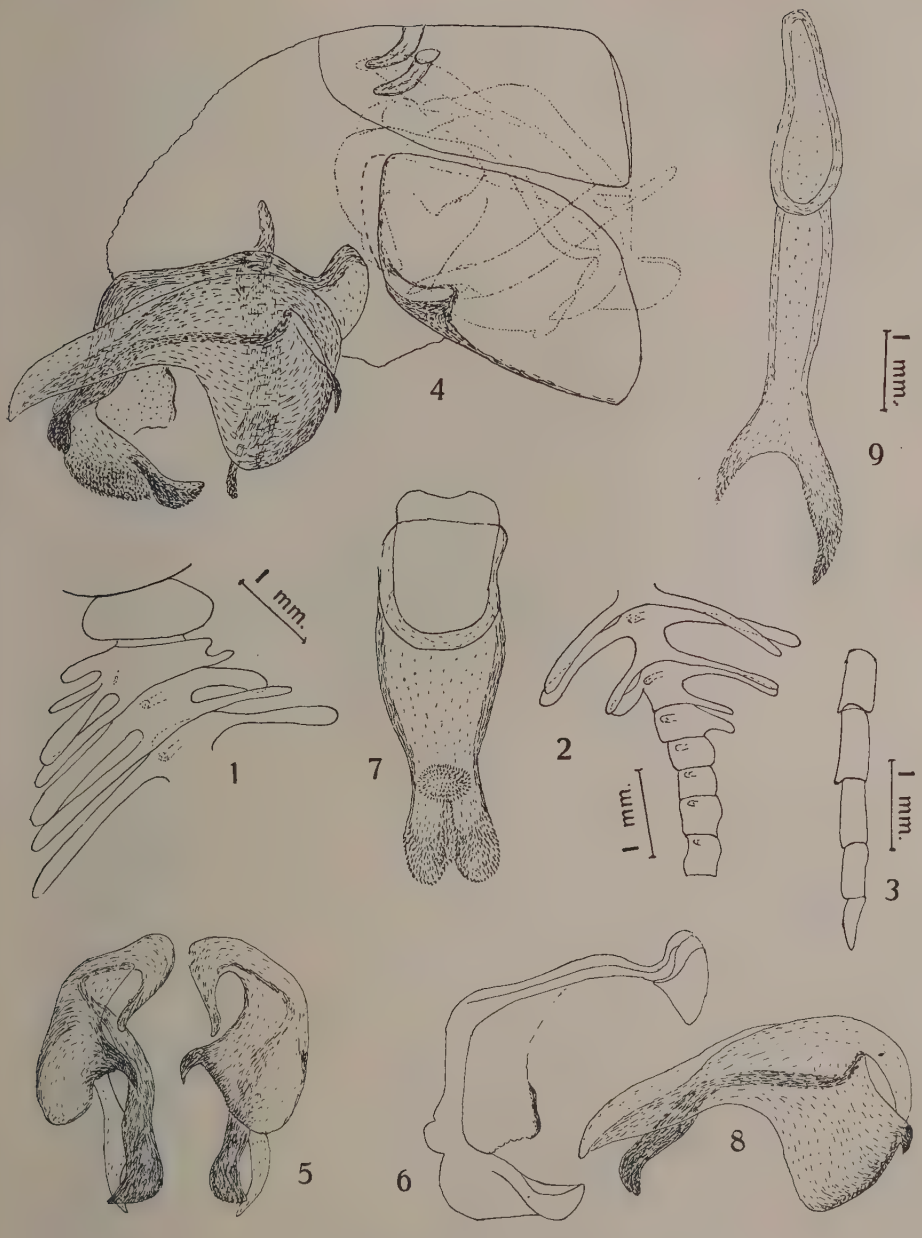
Fig. 1 — *Adelocephala amena* n. sp. — Base da antena.
" 2 " " " " — Porção mediana da antena do macho.
" 3 " " " " — Parte terminal da antena do macho.
" 4 " " " " — Perna anterior do macho.
" 5 " " " " — Perna mediana do macho.
" 6 " " " " — Perna posterior do macho.
" 7 " " " " — Terminação da perna anterior.



Travassos: Adelocefalideos

ESTAMPA 3

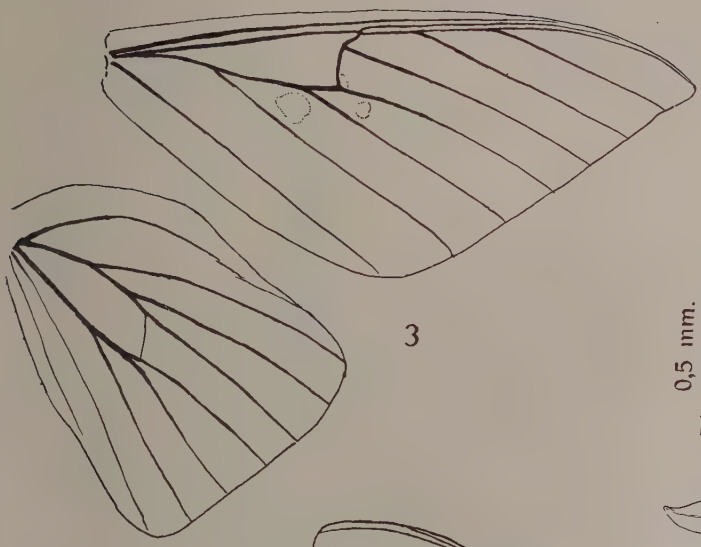
Fig. 1 — *Adelowalkeria flavosignata* — Parte basal da antena do macho.
" 2 " " — Parte mediana da antena do macho.
" 3 " " — Parte terminal da antena do macho.
" 4 " " — Genitália, de perfil, extrovertida, e 8.° segmento abdominal. Está assinalada, em linhas pontilhadas, a posição normal da genitália telescopada no 8.° segmento.
" 5 " " — Clasperes, vistos ventralmente.
" 6 " " — 9.° e 10.° segmentos, de perfil (Comparar com a fig. 4).
" 7 " " — 9.° e 10.° tergitos, vistos dorsalmente.
" 8 " " — Clasper isolado.
" 9 " " — Falosoma isolado.



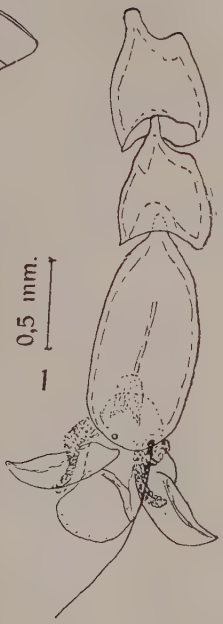
Travassos : Adelocefalideos

ESTAMPA 4

Fig. 1 — *Adelowalkeria flavosignata* — Terminação da perna anterior do macho.
" 2 " " — Terminação da perna anterior da fêmea.
" 3 " " — Nervulação do macho.
" 4 " " — Nervulação da fêmea.

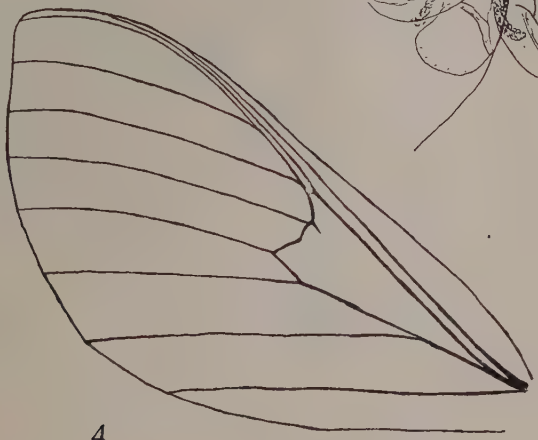


3

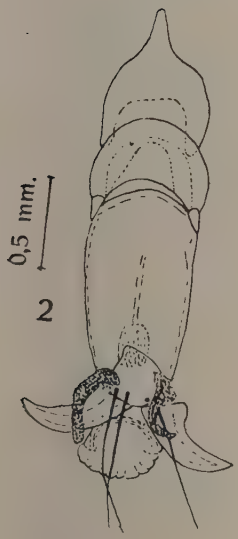


0,5 mm.

1

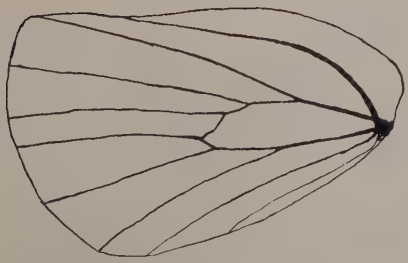


4



0,5 mm.

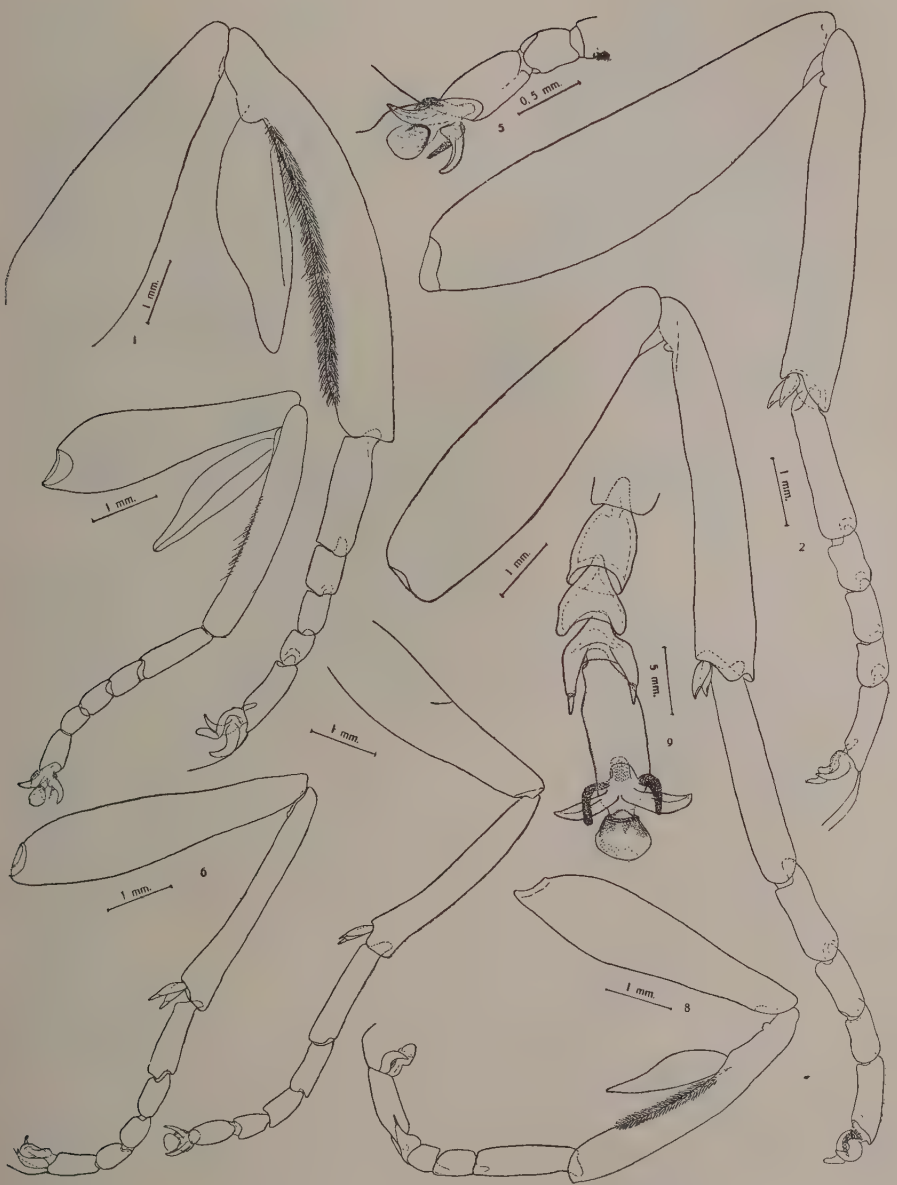
2



Travassos: Adelocefalideos

ESTAMPA 5

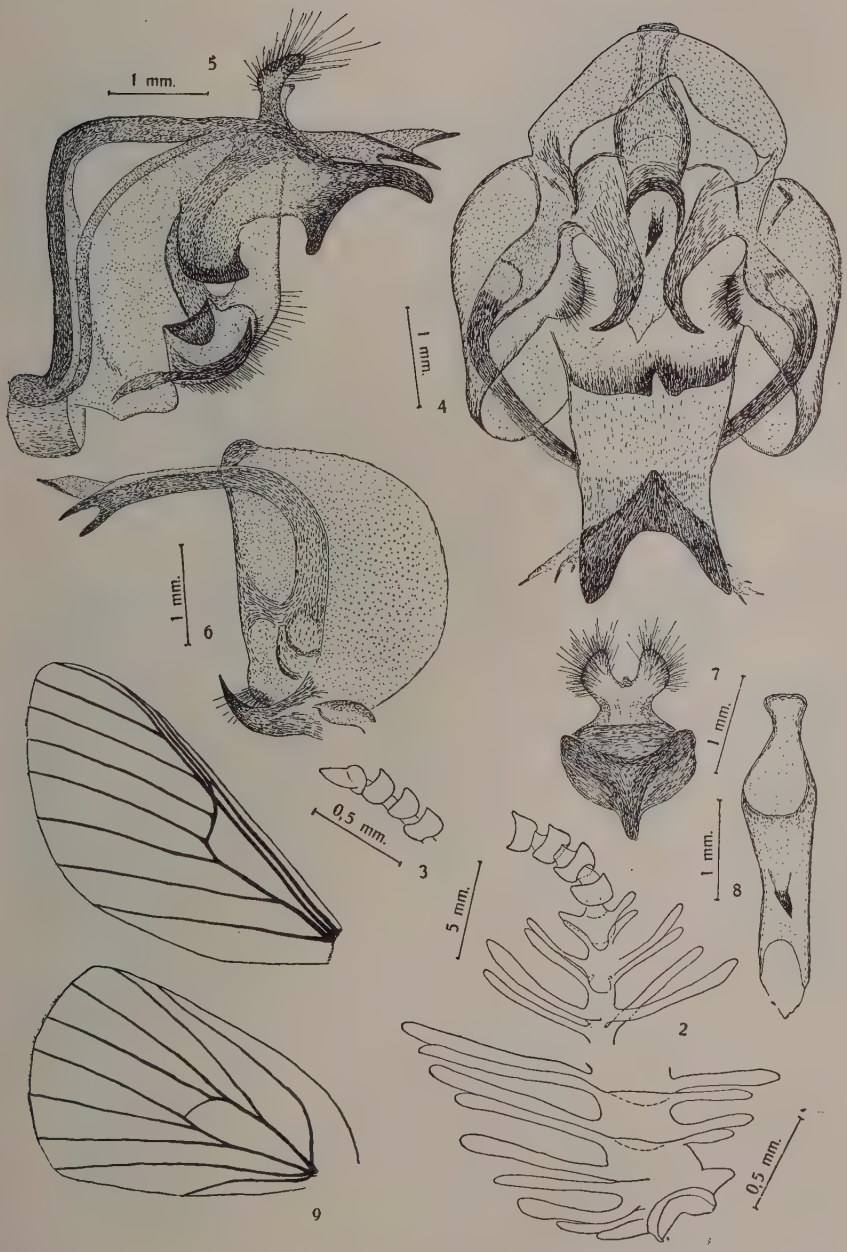
Fig. 1 — *Adelowalkeria flavosignata* — Perna anterior do macho.
" 2 " " — Perna média do macho.
" 3 " " — Perna posterior do macho.
" 4 — *Adelowalkeria pulchra* — Perna anterior do macho.
" 5 " " — Terminação da perna anterior do macho.
" 6 " " — Perna média do macho.
" 7 " " — Perna posterior do macho.
" 8 " " — Perna anterior da fêmea.
" 9 " " — Terminação da perna anterior da fêmea.



Travassos: Adelocefalideos

ESTAMPA 6

Fig. 1 — *Adelowalkeria pulchra* — Parte basal da antena do macho.
" 2 " " — Parte média da antena do macho.
" 3 " " — Parte terminal da antena do macho.
" 4 " " — Genitália, vista ventral.
" 5 " " — Genitália, vista lateralmente, tendo sido retirado um clasper.
" 6 " " — Clasper isolado.
" 7 " " — 10.° e 9.° tergitos, vistos de trás para diante.
" 8 " " — Falosoma.
" 9 " " — Nervulação do macho.



Travassos: Adelocefalideos

ESTAMPA 7

Fig. 1 — *Adelocephala amena* n. sp. — Antena.
" 2 — *Adelowalkeria flavosignata* — Antena.
" 3 — *Adelowalkeria pulchra* — Antena.
" 4 — *Adelowalkeria pulchra* — Nervulação da fêmea.

Travassos: Adelocefalideos

ESTAMPA 8

Fig. 1 — *Copiopteryx virgo* — Fêmea.
" 2 — *Adelocephala amena* n. sp. — Macho.

Travassos : Adelocefalideos

"Cathaemasioides callis" n. g., n. sp., trematodeo parasito de "Euxenura galeata" (Molina) *

por

J. F. Teixeira de Freitas

(Com 2 figuras no texto)

Na excursão realisada à região do rio Miranda colecionamos em um tabuiaiá um trematodeo muito interessante, para o qual creamos um novo gênero. Pertence êle à subfamília *Omphalometrinae*, sendo bastante próximo do gênero *Cathaemasia*, do qual entretanto se diferencia logo pelo aspecto dos cecos, providos de prolongamentos laterais mais ou menos arborescentes. Esta sub-família, originalmente incluida em *Fasciolidae*, é por ODHNER e TRAVASSOS, considerada em *Echinostomidae*. A morfologia dos cecos intestinais da espécie agora descrita torna mais estreitas as relações com os fasciolideos, embora julguemos pertencer ela, na realidade, aos equinostomideos, representando a sub-família *Omphalometrinae* a transição entre estes dois grandes grupos.

Em *Omphalometrinae* devem ser considerados os seguintes gêneros: *Omphalometra* LOOSS, 1899; *Cathaemasia* LOOSS, 1899; *Mehlisia* JOHNSTON, 1913; [1] *Pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916; *Trifolium* TRAVASSOS, 1922; *Pulchrosomoides* FREITAS & LENT, 1937; *Ribeiroia* TRAVASSOS, 1939 e *Cathaemasioides* n. g. [2]

Cathaemasioides n. g.

Omphalometrinae. Ventosa anterior subterminal. Vestígio de disco peristômico ausente. Acetábulo forte, préequatorial. Cutícula espinhosa. Faringe presente. Esofago nulo. Cecos longos, com prolongamentos laterais, irregularmente arborescentes, extendendo-se até a extremidade posterior do corpo. Póro genital préacetábular. Bolsa do cirro bem desenvolvida, préacetabular, com cirro inerme e vesícula seminal alongada. Testículos situados, um atrás do outro, na porção posterior do corpo, postovarianos, postuterinos, intracecais, profundamente lobados. Ovário prétesticular, mediano, globoso, postuterino. Glân-

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

1 — No trabalho de TRAVASSOS (1939) foi publicado *Memphisia* em vez de *Mehlisia*.

2 — *Testifrondosa cristata* BHALERAO, 1924 é sinônimo de *Paryphostomum sufrartyfex* (LANE, 1915), como evidenciou CHATTERJI em 1938.

dula de Mehlis em parte na área ovariana. Vitelinos pouco desenvolvidos, de folículos pequenos ,extendendo-se da região equatorial do corpo à zona testicular, ocupando as áreas extracecais e cecais. Utero intracecal, postacetabular, préovariano, com alças transversais. Parasito de aves.

Espécie tipo *C. callis* n. sp.

Cathaemasioides callis n. sp.

Corpo alongado, pouco atenuado nas extremidades, medindo 12,5 mm. de comprimento por 5,25mm. de maior largura. Vestígio de disco peristômico ausente. Cutícula com espinhos. Ventosa oral subterminal, com 0,87mm. de comprimento por 1,07mm. de largura. Acetábulo préequatorial, grande, com 1,52mm. de comprimento por 1,57mm. de largura. Préfaringe presente. Faringe musculoso, com 0,50mm. de comprimento por 0,47mm. de largura. Esofago nulo. Cecos

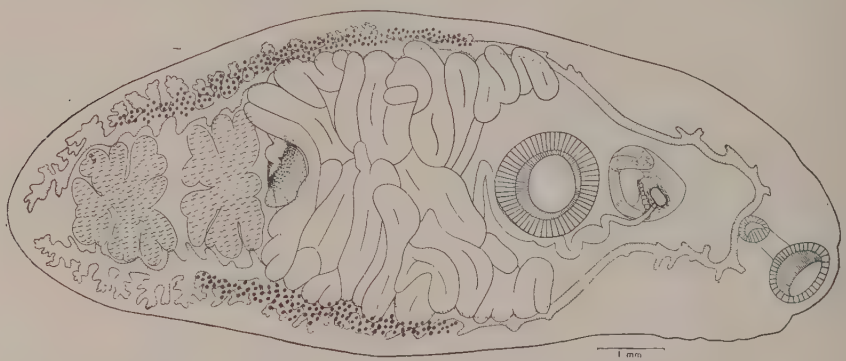


Fig. 1 — *Cathaemasioides callis* n. g., n. s. — Total, vista ventral.

Fig. 2 — *Cathaemasioides callis* n. g., n. sp. — Bolsa do cirro.

longos, extendendo-se até a extremidade posterior do corpo, e providos de prolongamentos laterais irregularmente arborescentes, mais desenvolvidos na região postequatorial do corpo. Póro genital acima da zona acetabular, mediano, postbifurcal, situado a 1,25mm. da origem dos cecos. Bolsa do cirro grande, mais ou menos quadrangular, med'ana, préacetabular, com 1,22mm. de comprimento e largura, contendo cirro inerme, região prostática irregular e vesícula seminal desenvolvida, alongada e dobrada. Testículos grandes, profundamente lobados, quasi ramificados, situados no mesmo campo e com zonas em contacto, intracecais, postovarianos, ocupando a porção posterior do corpo. Testículo anterior com 1,25 mm. de comprimento por 2,19 mm. de largura; testículo posterior com 1,56 mm. por 1,94 mm. Ovário bem desenvolvido, prétesticular, postuterino, mediano, com 0,69 mm. de comprimento por 0,87 mm. de largura. Glândula de Mehlis situada entre o ovário e o testículo anterior, em parte na área ovariana. Espermateca ausente, sendo as alças iniciais do útero repletas de espermatozoides. Vitelinos pouco desenvolvidos, de folículos pequenos, extendendo-se da região equatorial do corpo até a zona testicular anterior de um lado e posterior do outro, ocupando as áreas extracecais e cecais. Utero préovariano, postacetabular, intracecal, com alças transversais. Ovos operculados, relativamente pequenos, com 0,087mm. a 0,093mm. de comprimento por 0,043 a 0,050mm. de largura, contendo miracídio com nítida mancha ocular.

Hospedador — *Euxenura galeata* (Molina)

Proveniência — Salobra, Est. de Mato Grosso, Brasil.

Tipo na coleção helmintológica do Instituto Osvaldo Cruz.

BIBLIOGRAFIA

Baer, J. G. — 1932 — Contribution à la faune helminthologique de Suisse (Deuxième partie). Rev. Suisse de Zool., 39 (1): 1-56, 32 figs., pl. 1, 8 figs.

Bhalerao, G. D. — 1924 — A contribution to the knowledge of the trematode parasites of the food mammals of Rangoon. Ann. Trop. Med. & Parasit., 18 (2): 139-156, pls. 6-8, 3 figs.

Braun, M. — 1901 — Zur Revision der Trematoden der Voegel. II. Centralbl. f. Bakt., etc., 1 Abt., 29 (23): 895-897, (24): 941-948.

Chatterji, R. C. — 1938 — Annotated list of the helminths from domesticated animals of Burma. Part I. *Trematoda*. Proc. Nat. Acad. Sc., India, 8 (4): 93-104.

Freitas, J. F. Teixeira de & Lent, H. — 1937 — Sobre um novo trematodeo parasito de *Iguana tuberculata* (Laur.) Mem. Inst. Osw. Cruz, 32 (1): 55-58, 2 figs.

Fuhrmann, O. — 1928 — *Trematoda*. Handb. Zool. 2(2): 1-140, 175 figs.

Harwood, P. D. — 1936 — Notes on Tennessee helmints III. Two trematodes from a kingfisher. Journ. Tennessee Acad. Sc., 11(4): 251-256, fig. 1.

Johnston, S. J. — 1901 — On a new specie of *Distomum* from the Platypus. Proc. Lin. Soc. N. S. Wales, 26(2): 334-338, pl. 22, figs. 1-4.

Johnston, S. J. — 1913 — On some Trematode parasites of Marsupials and of a Monotreme. Proc. Linn. N. S. Wales, 37(4): 727-740, ests. 75-77, 11 figs.

Looss, A. — 1899 — Weitere Beitraege zur Kenntniss der Trematoden-Fauna Aegyptens, zugleich Versuch einer natuerlichen Gliederung des Genus *Distomum* Retzius. Zool. Jahrb., Syst., 12(5/6): 521-784, figs. a-b, pls. 24-32, figs. 1-90.

Lutz, A. — 1928 — Estudios de Zoologia y Parasitologia Venezolanas. Rio de Janeiro. 133 pp. 26 ests. 127 figs.

Odhner, T. — 1926 — Zwei neue Arten der Trematodengattung *Cathaemasia* Lss. Arkiv foer Zool., 18 B(10): 1-4, figs. 1-3.

Odhner, T. — 1926 — *Protofasciola* n. g., ein Prototypus des grossen Leberegels. Arkiv foer Zool., 18 A(20): 1-7, figs. 1-2.

Poche, F. — 1925 — Das System der Platodaria. Arch. f. Naturg., 91(23): 1-459, figs. 1-16, ests. 1-7, 126 figs.

Travassos, L. — 1916 — Informações sobre a fauna helmintológica sul fluminense. II. Brasil Med., 30(40): 312-314.

Travassos — 1922 — Informações sobre a fauna helmintológica de Mato Grosso. Folha Med., 3(24): 187-190.

Travassos, L. — 1928 — Fauna helmintológica de Mato Grosso (Trematodeos — I parte). Mem. Inst. Osw. Cruz, 21(2): 309-341, ests. 42-54, 63 figs.

Travassos, L. — 1939 — Um novo trematodeo parasito de garças: *Ribeiroia insignis* n. g., n. sp. Bol. Biol. (n. s.) 4(2): 301-304, 5 figs.

Travassos, L., Freitas, J. F. Teixeira de & Lent, H. — 1939 — Relatório da excursão cientifica do Instituto Osvaldo Cruz realizada na zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em outubro de 1938. Pesquisas helmintológicas. Bol. Biol. (n. s.), 4(2): 221-249, figs.

Pesquisas helmintológicas realizadas no Estado de Mato Grosso — Acanthocephala *

por

D. A. Machado Filho

(Com 3 estampas)

As amostras de acantocefalos colecionadas durante as excursões realizadas pelo "Instituto Osvaldo Cruz" ao Estado de Mato Grosso, em 1938 e 1939, em número de 8 na primeira e de 14 na segunda, foram determinadas como vem a seguir.

Aproveitando a oportunidade daremos novas descrições de algumas espécies por motivos que serão expostos no decorrer do trabalho.

Material da excursão realizada em 1938 :

1. **Centrorhynchus tumidulus** (Rudolphi, 1819)

Habitat: — Intestino delgado de *Crotophaga major* (Gm), *Rupornis magnirostris* (Gm.), e *Guira guira* (Gm.).

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Machos e femeas em 5 amostras.

2. **Mediorhynchus micracanthus** (Rudolphi, 1819)

Habitat : — Intestino delgado de *Amblycercus solitarius* (Vieillot)

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Um único exemplar femea em bom estado.

3. **Echinorhynchus impudicus** Diesing, 1851.

(Est. 1, figs. 1-3)

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

Conquanto seja o único exemplar colecionado uma femea jovem, daremos aqui uma nova descrição ilustrada, precedida de uma lista de sinonimos e da descrição original.

Echinorhynchus impudicus	DIESING, 1851, pág. 29.
" "	DIESING, 1859, págs. 275, 277, 283. Taf. II, figs. 1-9.
" "	MOLIN, 1861, pág. 262.
" "	LINSTOW, 1878, pág. 251.
" "	PORTA, 1906, págs. 151, 160, 204, 206, 213. Tav. 10 fg. 1.
" "	LUHE, 1912, págs. 274-275.
" "	TRAVASSOS, ARTIGAS e PEREIRA, 1928, págs. 31. Est. 10 fg. 118.

Descrição original :

"Proboscida oval com 30 e mais séries de ganchos.

Pescoço longo, cilíndrico, armado de ganchos pequenos. Corpo fusiforme. Bolsa do macho sub-globosa, invaginavel. Comprimento do macho 6,5 a 9mm. e da fêmea 9 a 13mm.

HABITAT : Intestino de *Doras niger*.

Proveniência : Cuiabá, Mato Grosso — Brasil".

Redescrição :

Corpo alongado, estreitando-se na extremidade genital, e continuando-se na extremidade anterior por uma tromba bem constituida, guarnecida de ganchos, sem pescoço.

A tromba é bem desenvolvida, bem mais longa que larga ; suas medidas são : 0,904 mm. de comprimento por 0,234 mm. de largura no ápice, 0,469 mm. na parte central e 0,201 na inserção da tromba.

Na tromba ha grande número de ganchos que se dispõem em espirais levogiras em número de 30 aproximadamente, cada espiral encerrando, 12 ganchos no ápice da tromba, 16 na zona mais larga e 14 na base, aproximadamente.

Os ganchos são de dois tipos, ambos de base simples, suas medidas são aproximadamente :

	lâmina	*raiz*
1.°	tipo 0,037	0,016
2.°	tipo 0,046	0,008

Os ganchos do primeiro tipo estão geralmente situados na região do ápice da tromba até a zona mais larga. Não ha pescoço.

O corpo é mais largo na região anterior, próximo à implantação da tromba e vai se atenuando para a extremidade posterior, onde ha uma pequena expansão.

A bainha da tromba é forte de dupla parede, os leniscos são curtos, tendo mais ou menos o mesmo comprimento que a bainha da tromba. Suas dimensões são :

Bainha da tromba : 1,440 de comprimento por 0,265 mm. de largura.

Leniscos : 1,541 de comprimento por 0,167 mm. de largura, aproximadamente.

O aparelho genital fêmea, no exemplar único que possuimos, aliás jovem, está pouco nítido, notando-se um pequeno canal : ovejetor, medindo 0,350 mm., termina com uma pequena dilatação, no ponto em que deve se abrir a vulva ha uma pequena expansão circular.

Habitat : — Intestino de *Doras costatus* (L.)

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

4. **Oligacanthorynchus iheringi** TRAVASSOS, 1916.

(Est. 1, figs. 4-5 ; est. 2, figs. 6-7)

Daremos a redescrição desta espécie, devido a termos observado detalhes de estrutura dos ganchos, não assinalados até então, precedendo-a por uma lista de sinonimos.

Echinorhynchus lagenaeformis	DIESING, 1851, pág. 23, p. part.
" "	LINSTOW, 1878, pág. 109-110, 113, 115, 117, p. part.
" "	LUHE, 1904, págs. 238, 240, 266.
Gigantorhynchus compressus	MARVAL, 1905, pág. 237, pl. IV figs. 124, 133, 139, 141, p. part.
Oligacanthorhynchus iheringi	TRAVASSOS, 1917, págs. 18, 28, 36. Est. V, figs. 27-31. e Est. XII, figs. 70-73.
" "	MEYER, 1932, págs. 197.

Comprimento ♀ ♀ — 75 a 80 mm.; ♂ ♂ — 70 a 75 mm.

Largura ♀ ♀ — 2 a 2,5 mm.; ♂ ♂ — 1,5 a 2 mm.

O corpo é mais ou menos grosso com uma leve diminuição de espessura na extremidade genital. Apresenta rugas acentuadas em toda extensão.

A tromba é forte medindo: 0,502 mm. de comprimento por 0,435 mm. de largura. E' guarnecida de fortes ganchos dispostos em espirais levogiras, em número de 6 cada uma com 6 ganchos, cujas medidas aproximadas damos logo em seguida.

No apice da tromba, os ganchos são de dupla raiz, e os ganchos da base da tromba apresentam uma raiz com três apendices, dispostos dois lateralmente e um medianamente. Suas medidas são:

	Lâmina	Raiz	Distância entre as extremidades da lâmina e da raiz
I.....	0,088	0,071	0,117
II.....	0,121	0,113	0,172
III.....	0,105	0,084	—
IV.....	0,084	—	—
V.....	0,100	—	—
VI.....	0,092	—	—

Estas medidas referem-se aos ganchos de uma espiral.

Não há pescoço; e o corpo começa por uma pequena elevação de cada lado da tromba.

Os leniscos são longos medindo aproximadamente: 6,030.

A bainha da tromba é forte de dupla parede e mede aproximadamente: 0,737 de comprimento por 0,217 de largura. Logo a seguir a bainha da tromba há um orgão muscular que mede aproximadamente: 0,417 x 0,217. O conjunto bainha da tromba e orgão muscular mede: 1,417 mm. de comprimento aproximadamente.

Os orgãos genitais dos machos ocupam a extremidade posterior do corpo e os testiculos alcançam a terça parte da cavidade. Os testiculos são bem alongados, eliticos e suas dimensões aproximadas são: 3 a 3,5 mm. de comprimento por 0,8 a 1,2 mm. de largura.

As glândulas prostáticas são em número de 8 e dispõem-se regular ou irregularmente, sua forma é elipsoide e são geralmente pequenas, medindo aproximadamente: 0,8 a 1,2 de comprimento por 0,4 a 0,7 de largura. Nos exemplares em que as glândulas prostáticas estão dispostas regularmente aos pares, os dois primeiros pares são sempre os menores; o espaço ocupado pelas glândulas prostáticas mede de comprimento 6 mm.

O canal ejaculador é bem constituido e seu comprimento é de cerca de metade do espaço ocupado pelas glândulas prostáticas; a bolsa copuladora é bem desenvolvida.

O aparelho genital femea consta de um ovejetor pequeno, sendo a campainha guarnecida de dois diverticulos saciformes, havendo ainda um corpo central.

A campainha conduz a um utero bem desenvolvido que se abre em uma vagina situada bem próximo a extremidade do corpo, um pouco ventralmente. As dimensões do conjunto são aproximadamente: 1,922 mm. x 0,234.

Os ovos têm três envólucros, medem 0,070 mm. de comprimento por 0,050 de largura, aproximadamente.

Habitat : — Intestino de *Hypomorphnus urubitinga urubitinga* (Gm.) e *Cathartes papa* (L.).

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

A redescrição desta espécie é baseada em exemplares colecionados nas excursões realizadas pelo Prof. Lauro Travassos em 1922 e 1938.

Material da excursão realizada em 1939 :

1. **Centrorhynchus tumidulus** (Rudolphi, 1819).

Habitat : — Intestino delgado de *Rupornis magnirostris superciliares* (Vieillot), *Guira guira* (Gm.), *Crotophaga ani* (L.).

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Machos e femeas em bom estado, em 9 amostras.

2. **Centrorhynchus giganteus** Travassos, 1919.

Habitat : — Intestino de *Rupornis magnirostris superciliares* (Vieillot).

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Machos e femeas em bom estado, em 1 amostra.

3. **Centrorhynchus** sp.

Habitat : — Intestino de *Crotophaga ani* (L.).

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

4. **Oligacanthorhynchus spira** (Diesing, 1851).

(Est. 2, figs. 8-11)

Daremos aquí a redescrição desta espécie pelas mesmas razões expostas para a redescrição de *Oligacanthorhynchus iheringi* (Travassos, 1916), precedendo-a por uma lista de sinonimos.

Echinorhynchus oligacanthoides Rudolph, 1819, pags. 64-65 e 311-312 p. part.
Echinorhynchus oligacanthoides Westrumb, 1821, pag. 5, p. part.
Echinorhynchus oligacanthoides Dujardin, 1845, pag. 526.
Echinorhynchus oligacanthoides Gurlt, 1845, pag. 286, p. part.
Echinorhynchus oligacanthoides Diesing, 1851, pag. 24, p. part.
Echinorhynchus spira Diesing, 1851, pag. 34.
Echinorhynchus spira Diesing, 1856, pag. 283 pl. II, figs. 10-17.
Echinorhynchus spira Diesing, 1859, pag. 745.
Echinorhynchus spira Linstow, 1889, pags. 42, 63, p. part.
Gigantorhynchus spira Hamann, 1892, pag. 196.
Echinorhynchus oligacanthoides V. Ihering, 1902, pag. 45, p. part.
Gigantorhynchus spira V. Ihering, 1902, pag. 45.
Gigantorhynchus compressus Marval, 1905, pag. 337, pl. IV, figs. 124, 133, 139, 141 p. part.
Echinorhynchus oligacanthoides Luhe, 1905, pag. 265, p. part.
Echinorhynchus spira Luhe, 1905, pag. 342.
Gigantorhynchus compressus Porta, 1906, pag. 242, pl. IX, figs. 15-16.
Gigantorhynchus aurae Travassos, 1913, pag. 252, fig. 1.
Oligacanthorhynchus spira Travassos, 1915, pag. 137.
Oligacanthorhynchus spira Travassos, 1917, pag. 33, Est. III, figs. 15-20, Est. XI, figs. 62-65.
Oligacanthorhynchus spira Meyer, 1932, pag. 195, fig. 209 a b c.
Dimensões: — Comprimento ♀ ♀ 170 mm. a 200; ♂ ♂ 70 mm. a 100.
Largura ♀ ♀ 1,5 mm. a 2,5 mm.; ♂ ♂ 1 mm. a 1,2.

Esta espécie tem a parede do corpo ou inteiramente lisa ou com rugas que no entretanto não se apresentam com a mesma nitidez observada em alguns exemplares de *Oligacanthorhynchus iheringi*. O seu contorno é em geral cilíndrico, apresentando as extremidades nitidamente afiladas, principalmente a extremidade genital. A região mais dilatada é geralmente a segunda metade, e somente exemplares com a tromba retraída apresentam a extremidade proboscidiana engorgitada. Não há pescoço.

A tromba bem desenvolvida mede 0,344 mm. de comprimento por 0,273 mm. de largura. E' guarnecida de ganchos fortes, em pequeno número que estão localizados na zona mais dilatada da tromba, que é nitidamente claviforme. A parte que retrae é geralmente a mais dilatada.

Os ganchos são de dupla raiz, de raiz simples e os menores ganchos apresentam geralmente raiz com três apendices, sendo o mediano bem maior que os laterais. Estão dispostos em espirais, em número de seis cada uma das quais com seis ganchos.

As dimensões dos seis ganchos de uma espiral são, aproximadamente:

	Lâmina	Raiz	Distância entre as extremidades da lâmina e da raiz
I.....	0,092	0,084	0,121
II.....	0,109	0,076	0,071
III.....	0,050	0,042	0,063
IV.....	0,058	0,050	0,088
V.....	0,046	0,063	—
VI.....	0,037	0,042	—

Os leniscos são cilíndricos, distendidos ou não, medem aproximadamente 10 a 15mm. de comprimento.

Bainha da tromba alongada, aparecendo em seguida um orgão muscular, tal como em *Oligacanthorhynchus iheringi*, cuja forma é mais ou menos ovoide.

Os orgãos genitais dos machos são: testiculos elipsoides bem alongados com 5 mm. de comprimento por 0,7 mm. de largura, situados no terço posterior, logo em seguida vêm as glândulas prostáticas, em número de 8, separadas dos testículos por um espaço bem maior que aquele que separa um testículo do outro. Estão dispostas aos pares, sendo os dois primeiros pares menores que os dois últimos.

O conjunto de dutos prostáticos e canal ejaculador é bem longo, e a bolsa copuladora é bem desenvolvida.

O aparelho genital femea consta de um ovegetor pequeno, sendo a campainha provida de dois divertículos saciformes que estão cheios de ovos. A vulva abre-se lateralmente.

Os ovos têm três envólucros e medem aproximadamente : 0,071 mm. de maior diâmetro e 0,040 de menor.

Habitat : — Intestino de *Cathartes aura rufficolis* (Spix).

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

A redescrição foi feita com material colecionado em 1922 e 1939.

5. **Prosthenorchis lühei** Travassos, 1916.

(Est. 3, figs. 12-17)

A redescrição desta espécie justifica-se no fato de termos observado notaveis detalhes de estrutura não assinaladas nas descrições existentes, detalhes estes que virão agora suficientemente ilustrados ; esta redescrição será precedida da lista de sinonimos abaixo :

Echinorhynchus spirula Rudolphi, 1819, pag. 665, p. part.
Echinorhynchus spirula Dujardin, 1845, pag. 499, p. part.
Echinorhynchus spirula Gurlt, 1845, pag. 229.
Echinorhynchus spirula Linstow, 1878, pag. 42.
Echinorhynchus spirula Linstow, 1897, pag. 33 pl. V, figs. 20-21.

Echinorhynchus spirula LUHE, 1905, pag. 305, p. part.
Gigantorhynchus hirundinaceus PORTA, 1908, pag. 277.
Gigantorhynchus spirula PORTA, 1909, pag. 260, Pl. V, fig. 21 a-b, p. p.
Prosthenorchis luhei TRAVASSOS, 1916, pags. 4-5.
Prosthenorchis luhei MEYER, 1932, pag. 210, figs. 229-230.
Prosthenorchis luhei DOLLFUS, 1938, pags. 388, 390, 408, 419.

Comprimento total: ♀ ♀ 10 a 12 mm.; ♂ ♂ 8 a 10 mm.

Largura: ♀ ♀ perto da tromba: 0,559 mm.

na metade do corpo: 1,500 mm. a 1,900.
na extremidade genital: 0,435 mm.

♂ ♂ 1.°.....: 0,502.
2.°.....: 1,340 mm. a 1,500.
3.°.....: 0,402 mm.

O corpo é geralmente enrolado em "segmento de espiral", o que acontece mais comumente para os machos, sendo igualmente comum encontrar-se exemplares machos e femeas em "sinal de interrogação", o que ocasiona grande número de rugas bem pronunciadas na face interna da curvatura, tais rugas nos exemplares machos são sempre mais grossas.

Geralmente o corpo é bem mais largo próximo a extremidade anterior.

A extremidade genital é geralmente afilada nos machos, ao passo que nas femeas é geralmente truncada, apresentando uma pequena expansão para o lado da curvatura do corpo.

A tromba é muito forte e nela os ganchos dispõem-se em espiral, em número de 6, cada uma delas com 6 ganchos. Estes são fortes, têm dupla raiz, os da parte superior da tromba, e raiz simples os da base da tromba.

As dimensões dos ganchos de uma espiral, são aproximadamente :

	Lâmina	Raiz	Distância entre as extremidades da lâmina e da raiz
1.°.....	0,176	0,147	0,197
2.°.....	0,222	0,176	0,268
3.°.....	0,147	0,096	0,180
4.°.....	0,105	—	—
5.°.....	0,084	—	—
6.°.....	0,076	—	—

O pescoço é nulo e a tromba é retratil na extremidade do corpo.

A bainha da tromba é forte e de dupla parede; em seguida a bainha da tromba, um pouco lateralmente, há um orgão mascular forte que parece estar em conexão com o interior da tromba, e as raizes dos ganchos.

Suas medidas aproximadas são : Bainha da tromba : 0,770mm. de comprimento.
0,269 mm. de largura.
Orgão muscular: 0,603 mm. de comprimento
0,435 mm. de largura.

Os leniscos são bastante longos e dispõem-se ao longo do corpo, ultrapassando em muito os orgãos genitais, ou estão inteiramente enrolados.

O aparelho genital macho consta de dois testículos elipticos, medindo aproximadamente 0,502 mm. de comprimento por 0,201 mm. de largura; estão situados na região médiana do corpo.

As glândulas prostáticas são em número de oito, têm forma arredondada e medem 0,182 mm. de maior diâmetro quando sofrem a compressão de outros orgãos. Os dutos das glândulas prostáticas formam um conjunto que mede aproximadamente: 0,770 mm. de comprimento por 0,201 de largura.

A bolsa copuladora é bem desenvolvida e mede 0,670 mm. de comprimento por 0,335 mm. de largura aproximadamente.

O aparelho genital femea consta de um complexo ovejetor que mede cerca de 1,507 mm. de comprimento, que se abre externamente no lado oposto à curvatura do corpo.

No interior do corpo observam-se núcleos ovigeros. Há tambem um orgão que parte do início do ovejetor e se esconde por traz dos lenicos; sua estrutura é pouco distinta.

Habitat : — Reto de *Nasua narica* (L.).

Proveniência : — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Diesing, C. M.

1851 — Sistema Helminthum, 2: 18-59.

Diesing, C. M.

1859 — Zwolf arten von Acanthocephalen-Denkschr. d. k. Akad. d. Wiss. Wien. Math. Naturw. 275-290, Taf. 1-3, 105 figs.

Dollfus, R. Ph.

1939 — Etude morph system. 2 spp. d'Acanth. parasites des Lemuriens e des Singes. Rev. Crit. Genus Prosthenorchis Trav. Ann. Paras. 16 (5); 387-422, figs. 1-25.

Dujardin

1845 — Histoire Naturelle des Helminthes. 483-542.

Linstow

1878 — Compendium der Helminthologie, 382 pags.

Luhe, M.

1904 — Geschichte und Ergebnisse der Echinorhynchen-Forschung bis auf Westrumb-Zoolog. Ann. 1: 139-354.

Luhe, M.

1912 — Zur Kenntnis der Acanthocephalen. Zoolog. Jahrb. 1; (15): 270-304.

Marval, L.

1905 — Monographie des Acanthocephalen des oiesaux. Rev. Suisse de Zool. 13; 194-397. Pls. I-IV, figs. 1-163.

MEYER, A.

1932 — Bronn's Klassen und Ordnungen des Tierreichs. 2 vols. 582 pags.

PORTA, A.

1906 — Gli Echinorhynchi dei pesci. Arch. zoolog. 2: 149-212. Tav. 10-12, 52 figs.

PORTA, A.

1909 — Gli Echinorhynchi dei mammiferi. Arch. zoolog. 4: 239-285. Tav. 5, 23 figs.

RUDOLPHI, C. A.

1819 — Entozoorum sinopsis. 63-81.

TRAVASSOS, L.

1913 — Contribuição para o conhecimento da fauna helmintológica brasileira. Mem. Inst. Osw. Cruz. 5: 252-255, 1 fig.

TRAVASSOS, L.

1915 — Revisão dos acantocéfalos brasileiros. Brasil-Médico, 29 (18), 137 pags.

TRAVASSOS, L.

1917 — Cong. Médico Paulista. 5; 181-191.

TRAVASSOS, L.

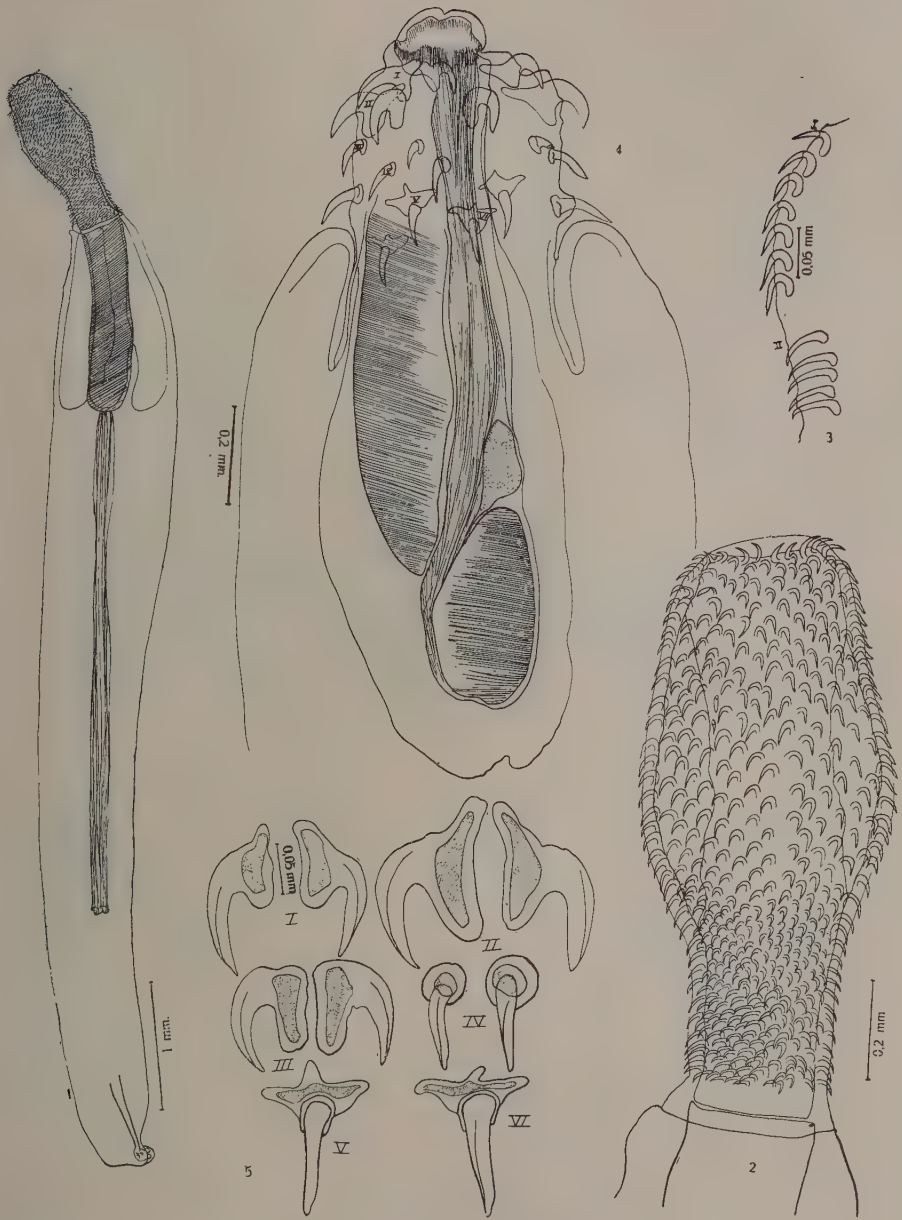
1917 — Revisão dos Acantocéfalos brasileiros. Mem. Inst. Osw. Cruz. 9 (1) 5-62 ests. 1-24 figs. 1-148.

TRAVASSOS, L., ARTIGAS, P. & PEREIRA, C.

1928 — Fauna Helmintológica dos peixes de água doce do Brasil. Arquivos do Inst. Biológico de São Paulo, 1; 5-68, ests. 1-14, figs. 1-155.

ESTAMPA 1

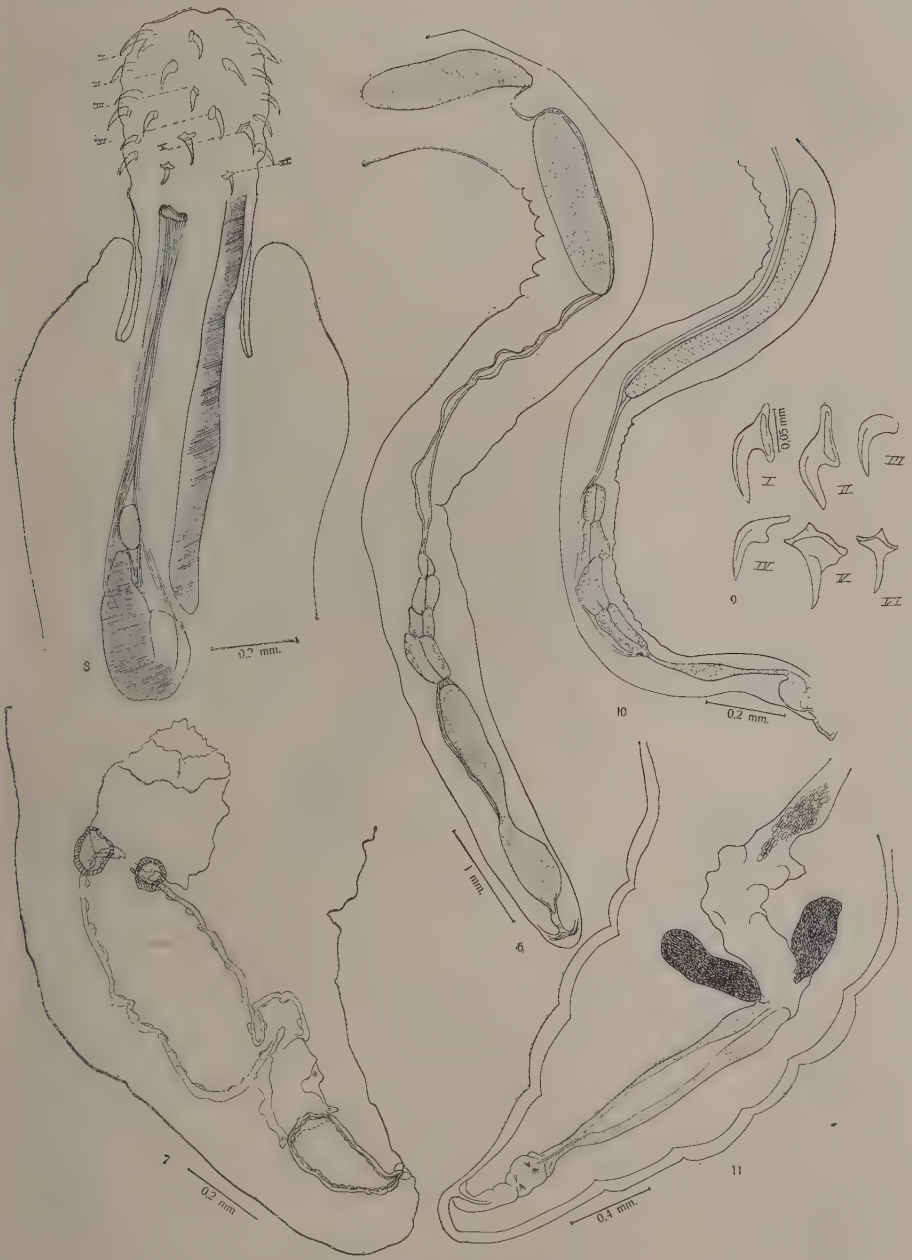
Figura 1 — *Echinorhynchus impudicus* DIESING, 1851. Femea total. Exemplar joven.
Figura 2 — *Echinorhynchus impudicus* DIESING 1851. Tromba.
Figura 3 — *Echinorhynchus impudicus* DIESING, 1851. Ganchos da tromba.
Figura 4 — *Oligacanthorhynchus iheringi* TRAVASSOS, 1916. Tromba.
Figura 5 — *Oligacanthorhynchus iheringi* TRAVASSOS, 1916. Ganchos da tromba.



Machado filho: Acanthocephala

ESTAMPA 2

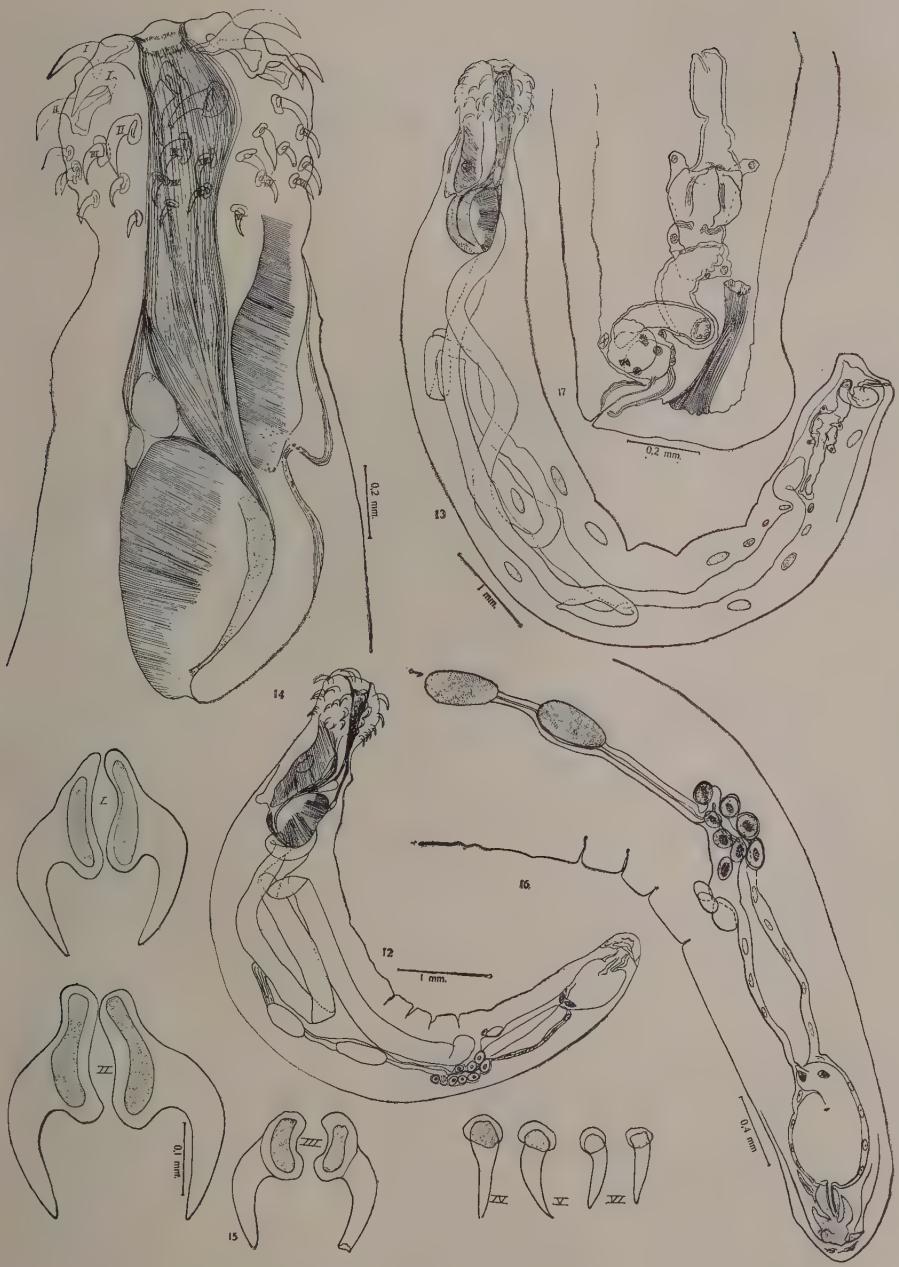
Figura 6 — *Oligacanthorhynchus iheringi* TRAVASSOS, 1916. Macho. Orgãos genitais.
Figura 7 — *Oligacanthorhynchus iheringi* TRAVASSOS, 1916. Femea. Ovejetor.
Figura 8 — *Oligacanthorhynchus spira* (DIESING, 1851). Tromba.
Figura 9 — *Oligacanthorhynchus spira* (DIESING, 1851). Ganchos da tromba.
Figura 10 — *Oligacanthorhynchus spira* (DIESING, 1851). Macho. Orgãos genitais.
Figura 11 — *Oligacanthorhynchus spira* (DIESING, 1851). Femea. Ovejetor.



Machado filho: Acanthocephala

ESTAMPA 3

Figura 12 — *Prosthenorchis luhei* Travassos, 1916. Macho total.
Figura 13 — *Prosthenorchis lühei* Travassos, 1916. Femea total.
Figura 14 — *Prosthenorchis lühei* Travassos, 1916. Tromba.
Figura 15 — *Prosthenorchis lühei* Travassos, 1916. Ganchos da tromba. I-VI.
Figura 16 — *Prosthenorchis lühei* Travassos, 1916. Macho. Orgãos genitais.
Figura 17 — *Prosthenorchis lühei* Travassos, 1916. Femea. Ovejetor.



Machado Filho: Acanthocephala

Sobre um interessante nematodeo parasito de reptil (Spiruroidea) *

por

J. F. Teixeira de Freitas

(Com 2 estampas)

Na excursão realisada em Outubro de 1938 à Salobra, coletamos abundante material de um nematodeo parasito de *Tropidurus spinulosus* (Cope), que, examinado rapidamente, para a organização do relatório, foi colocado no gênero *Typhlonema*, publicado pouco antes por Kreis (1938). Fomos levados a esta classificação pela situação anterior da vulva, na região esofagiana do corpo. Como o exame do material foi feito rapidamente, não diafanisamos os exemplares examinados, razão pela qual não foi vista com nitidês a morfologia do esofago. A procura de exemplares machos foi negativa, mesmo feita ao microscópio.

Ao retornarmos em 1939 à mesma região do Estado de Mato Grosso, levavamos o firme propósito de conseguir os machos desta espécie, o que nos fez examinar um número bem maior de *T. spinulosus*. Tivemos nossos esforços coroados de êxito pela obtenção de exemplares do sexo desejado.

Comparando o material agora obtido com aquele conseguido em 1938, verificamos ser este representado somente por femeas, algumas ainda jovens e as demais, em grande maioria, inteiramente cheias de ovos, e aquele por machos mais ou menos abundantes, femeas jovens e numerosas formas larvares do quarto estadio, das quais algumas já em fase de muda. Surpreendemos assim um período inicial do parasitismo por este nematodeo, cujos machos devem ter vida relativamente curta.

Pelo estudo que fizemos agora do material coletado, verificamos estar errada sua inclusão no gênero de Kreis. Constitue esta espécie um tipo extremamente interessante pelas suas relações filogenéticas.

Incluimo-la nos *Spiruroidea*, creando-lhe uma nova família. Neste grande grupo de nematodeos ela se enquadra por muitos caracteres, embora

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

se afaste por outros. Assim, a conformação da boca, a musculatura polimiária, a morfologia do esôfago, o aparelho genital feminino, nos levam a esta classificação, com a qual, entretanto, discorda o aparelho copulador do macho, representado somente pela peça mediana. Este último carater lembra o observado nos *Oxyuroidea*, entre os quais, no entanto, não deve ser ela colocada. O grande dimorfismo sexual observado, assim como a abreviação da vida dos machos lembram tambem os *Oxyuroidea*. Deste grupo se diferencia nossa espécie pela morfologia esofagiana e conformação do aparelho genital feminino, principalmente. Os ovos se assemelham aos dos *Spiruroidea*.

Salobrellidae, n. fam.

Spiruroidea. Helmintos de côr branca, em vida. Corpo com extremidades atenuadas e cutícula estriada transversalmente. Dilatação cefálica presente. Boca bilabiada. Interlábios presentes. Esofago longo, desprovido de bulbo, dividido em duas porções. Polimiários. Femeas opistodelfas, com vulva anterior, na região esofagiana. Ovos com larva em seu interior. Machos sem espículos e com gubernáculo (1). Azas caudais ausentes. Papilas caudais presentes, em pequeno número. Parasitos de répteis. Genero tipo: *Salobrella* n. g.

Salobrella n. g.

Salobrellidae. Helmintos brancos em vida com corpo de extremidades atenuadas e cutícula estriada transversalmente. Dimorfismo sexual acentuado. Extremidade anterior com dilatação cuticular cefálica anelada. Boca com dois lábios laterais providos de duas papilas cada um. Interlábios presentes. Cavidade bucal pequena. Esofago longo, dividido em duas porções, desprovido de bulbo. Polimiários. Femeas opistodelfas, com vulva situada na região esofagiana. Vagina longa. Vestibulo muito longo. Ovários terminando sempre antes da região anal. Ovos com larva em seu interior. Intestino terminando por um reto nitido. Machos sem espículos. Gubernáculo presente. Tubo genital masculino dirigido para diante. Cauda sem azas laterais. Papilas caudais pedunculadas, ad- e post-anais, em pequeno número. Parasitos de répteis. Espécie tipo: *S. intermédia* n. sp.

Salobrella intermedia n. sp.

Helmintos de côr branca em vida, com corpo atenuado nas extremidades, com dimorfismo sexual bastante acentuado, e com cutícula provida de estriações transversais. Extremidade anterior com dilatação cuticular cefálica anelada. Boca bilabiada, cada lábio lateral com duas papilas. Interlábios, dorsal e ventral, presentes. Cavidade bucal presente, pequena. Esofago dividido em duas porções. Musculatura do tipo polimiário.

Femeas — Comprimento: 11,39 a 16,18 mm. Largura: 0,30 a 0,43 mm. Extremidade anterior com dilatação cefálica medindo 0,116 a 0,149 mm. de comprimento por 0,113 a 0,124 mm. de largura. Boca com dois lábios laterais providos de duas papilas cada um, e com dois inter-lábios, um dorsal e outro ventral. A cutícula dos lábios apresenta em sua parte média um pequeno reforço papiliforme, fracamente quitinisado. Cavidade bucal presente, com paredes

1 — Denominamos de gubernáculo o orgão quitinoso aqui referido, de acordo com a interpretação de TRAVASSOS (Contribuição ao conhecimento da filogenia dos *Oxyuroidea* (Nematoda). Mem. Inst. Osw. Cruz, 32 (4): 607-613, 6 ests., 24 figs.). No conceito dos demais autores este orgão seria denominado espículo.

fortes, com 0,017 a 0,021 mm. de comprimento por 0,017 a 0,025 mm. de largura. Esofago dividido em duas porções, longo, sem bulbo, medindo 0,98 a 1,29 mm. de comprimento total, sendo 0,38 a 0,43 mm. para sua porção anterior. A separação das duas porções do esofago fica mais ou menos ao nivel da abertura vulvar. Intestino mais ou menos largo, de paredes ás vezes pregueadas, terminando por um reto forte, que mede 0,15 a 0,19 mm. de comprimento. Anel nervoso situado a 0,23 a 0,30 mm. da extremidade anterior. Póro excretor a 0,31 a 0,38 mm. dessa mesma extremidade. Vulva situada um pouco abaixo do póro excretor, a 0,39 a 0,46 mm. da extremidade cefálica. Ovejetor dirigido para traz, constituido por uma vagina de paredes musculosas, com cerca de 0,63 a 1,16 mm. de comprimento, e um vertibulo muito longo, que nas femeas com grande quantidade de ovos se transforma mais ou menos em utero. O vestibulo tem direção posterior, porém, não é retilineo como a vagina, formando alças mais ou menos longitudinais, até se ligar aos dois uteros. Estes caminham para traz, mais ou menos ondulados, ligando-se aos ovidutos, relativamente curtos, que conduzem aos ovários, sempre situados antes do nivel da abertura anal, mais ou menos retilineos, às vezes pregueados nas femeas com muitos ovos. Nas femeas jovens e nas larvas do quarto estádio o aparelho genital é, todo ele, retilineo, sempre de direção posterior. São, pois, femeas tipicamente opistodelfas. Os ovários, conforme o desenvolvimento dos uteros, terminam mais ou menos afastados da abertura anal. A distância de sua terminação à cauda varia, nos exemplares medidos, de 1,10 a 2,98 mm. Ovos de casca fina e mole, recoberta de pequenas escamas facilmente destacaveis, muito frageis, facilmente deformaveis, contendo em seu interior uma larva, e medindo 0,104 a 0,122mm. de comprimento por 0,043 a 0,070mm. de largura. A variação mais extensa observada em suas dimensões é oriunda da fragilidade de sua casca, com facilidade deformavel. Orifício anal situado a 0,90 a 1,04 mm. do ápice caudal. Extremidade posterior afilada, terminando em pequena ponta de ápice obtuso, evidente nas femeas jovens e pouco aparente nas femeas gravidas.

Machos — Comprimento: 3,44 a 4,39 mm. Largura: 0,12 a 0,16 mm. Extremidade anterior com dilatação cefálica de anelação pouco aparente, mais desenvolvida que nas femeas, geralmente mais saliente em uma das faces, dorsal ou ventral, com 0,160 a 0,190 mm. de comprimento por 0,071 a 0,088 mm. de largura. Boca com dois lábios laterais, providos de duas papilas cada um, e dois interlábios, um dorsal e outro ventral. A cutícula dos lábios apresenta em sua parte média um pequeno reforço papiliforme, fracamente quitinizado. Cavidade bucal muito pequena, com cerca de 0,004 mm. de comprimento e largura. Esofago dividido em duas porções, sem bulbo, com 0,35 a 0,39 mm. de comprimento total, sendo 0,21 a 0,22 mm. para a porção anterior. Anel nervoso situado a 0,147 a 0,193 mm. da extremidade cefálica. Póro excretor situado a 0,193 a 0,214 mm. desta mesma extremidade. Aparelho genital dirigido para diante, mais ou menos retilíneo, terminando o testículo antes da origem do intestino. Espiculos ausentes. Gubernáculo presente, bem quitinizado, com base alargada e ponta afilada, de ápice rombo, medindo 0,09 a 0,10 mm. de comprimento. Anus situado a 0,22 a 0,24 mm. da ponta da cauda. Extremidade caudal afilada, desprovida de azas, possuindo quatro pares de papilas pedunculadas, sendo dois ad-anais e outros dois post-anais. Destes, o primeiro fica a 0,04 a 0,05 mm. do orificio anal e o segundo a 0,07 a 0,09 mm. desse mesmo orificio. E' frequente não ficarem estas papilas no mesmo nivel transversal do corpo.

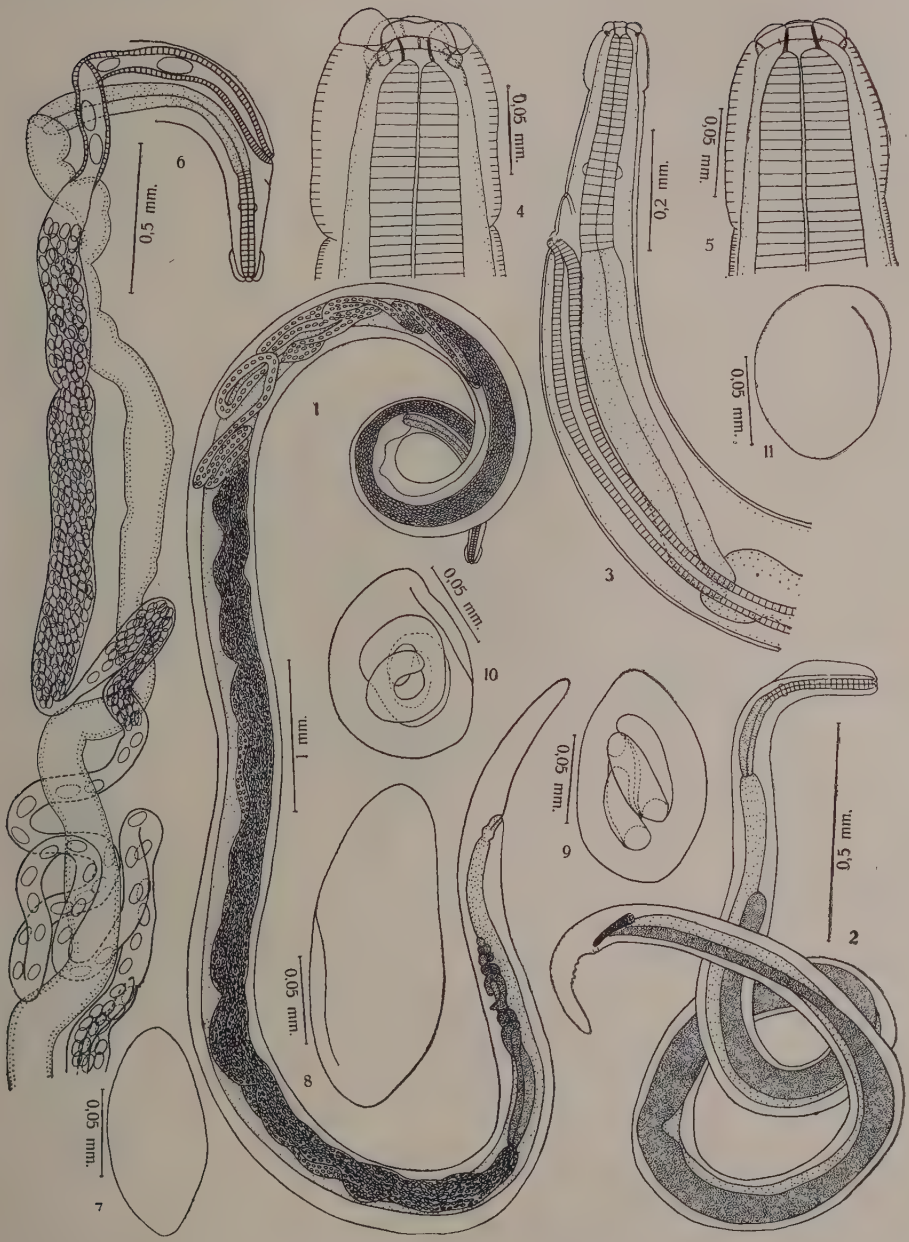
Habitat: — Intestino delgado e raramente grosso de *Tropidurus spinulosus* (Cope).

Proveniência: — Salobra, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Tipos e paratipos na coleção helmintológica do Instituto Osvaldo Cruz.

ESTAMPA 1

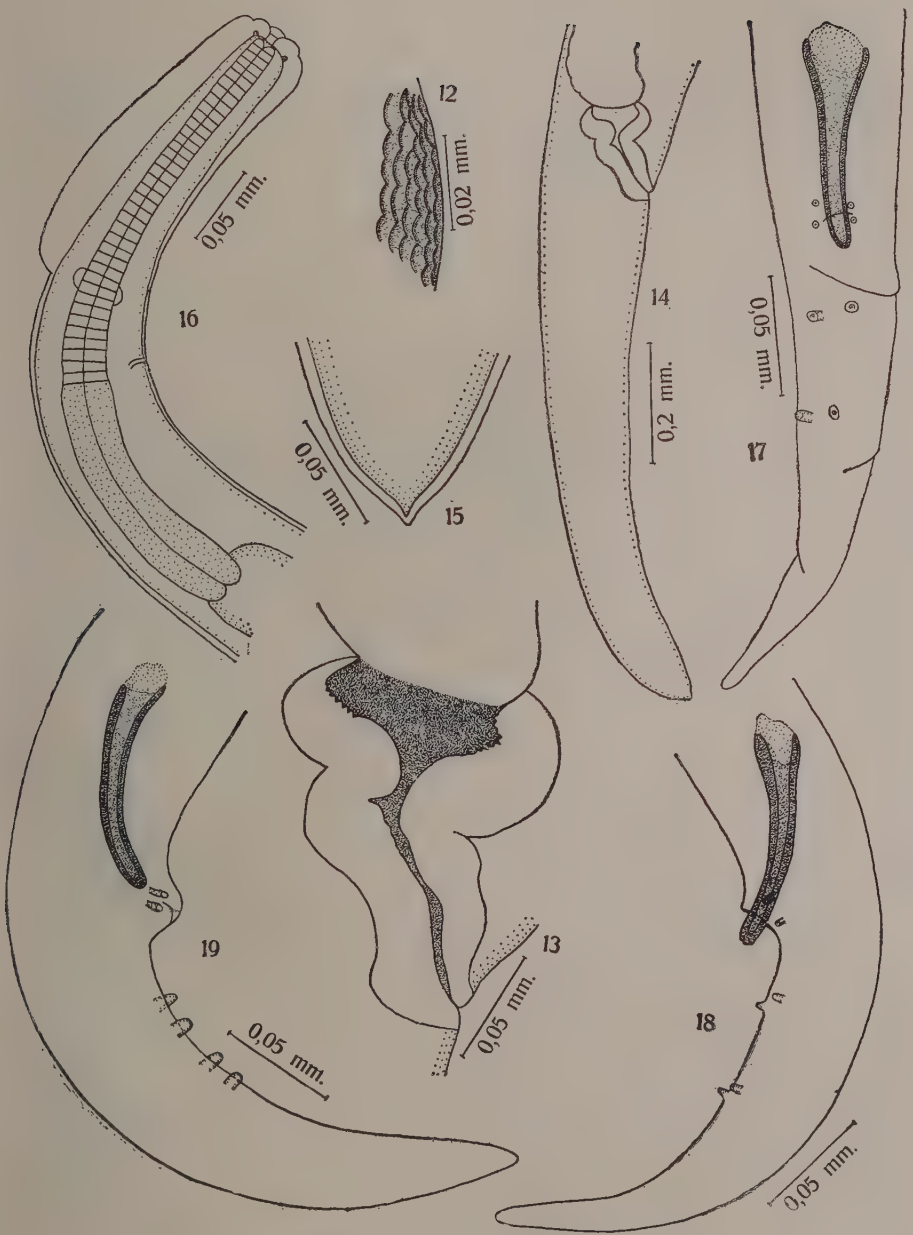
Fig. 1 — *Salobrella intermedia n. sp.* — Femea, total.
Fig. 2 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Macho, total.
Fig. 3 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Extremidade anterior da femea.
Fig. 4 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Extremidade cefálica da femea, vista quasi lateral.
Fig. 5 — *Salobrella intermedia n. sp.* — Extremidade cefálica da femea, vista ventral.
Fig. 6 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Detalhe da porção anterior do aparelho genital feminino.
Fig. 7 — *Salobrella intermedia n. sp.* — Ovo, aspecto normal.
Figs. 8-11 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Ovos deformados.



Freitas: Nematodeo de reptil

ESTAMPA 2

Fig. 12 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Detalhe da casca do ovo.
Fig. 13 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Reto.
Fig. 14 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Cauda da femea.
Fig. 15 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Ápice caudal de femea joven.
Fig. 16 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Extremidade anterior do macho.
Fig. 17 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Cauda do macho, vista de face.
Figs. 18-19 — *Salobrella intermedia* n. sp. — Cauda do macho, vista lateral.



Freitas: Nematodeo de reptil

Relatório da terceira excursão a zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil realizada em Fevereiro e Março de 1940 *

I — INTRODUÇÃO

por

Lauro Travassos

(Com 6 figuras no texto e ests. 1-9)

Partimos do Rio no dia 15 de Fevereiro pelo noturno paulista das 20 horas. No dia 16, em São Paulo, foi definitivamente organizada a equipe, que ficou deste modo constituida: L. Travassos (responsavel), J. F. Teixeira de Freitas, Newton Santos, Mário da Silva Ventel e Antônio da Rocha Nobre, do Instituto Osvaldo Cruz; J. Moojen de Oliveira, Antônio Aldrighi e Herbert Berla, do Museu Nacional; L. Travassos Filho e Evaristo Salim, do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo; Romeu Cuocolo, do Instituto Biológico de S. Paulo. Foi ainda agregado o taxidermista Mário Lima.

De São Paulo a bagagem foi transportada à Baurú em carro da Estrada de Ferro Sorocabana, e a comitiva partiu no dia 16 às 21,45 horas em carro da Noroeste, ligado à composição da Sorocabana. Chegamos à Baurú pela manhã de 17. Nesta cidade permanecemos todo o dia organizando os últimos detalhes e partimos para Araçatuba à noite, sendo os nossos carros ligados à composição do trem da carreira. Em Araçatuba fomos, pela manhã, transferidos para a composição do mixto, que faz o tráfego entre esta cidade e Três Lagoas, pela linha velha. Chegamos à Ilha Seca às 15 horas, e logo nos instalamos, graças à boa vontade do agente da Noroeste, Sr. José Lourenço da Silva. Aí permanecemos de 18 até 26 de Fevereiro. Os trabalhos nesta localidade correram muito bem, tendo-se capturado muito material. Não obstante a grande cheia do rio Tieté e as chuvas que se iniciavam, existiam poucos mosquitos e raríssimos flebotomos. Foi feita a inspeção médica de todos os moradores. O luar prejudicou muito a caçada de insetos noturnos.

* Recebido para publicação a 10 de agosto de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

No dia 26, à tarde, partimos pelo trem da carreira para Três Lagoas, onde chegamos à noite. Daí saimos às 2 horas do dia 27 ligados a uma composição de carga, que chegou à Campo Grande às 4 horas do dia 28. Neste percurso demoramos algum tempo em Aguas Claras, tendo aí obtido informações sobre a existência de casos de fogo selvagem naquela zona. Em Campo Grande tivemos ocasião de encontrar os Drs. Cap. Torres Bandeira e Tte. Pires, que recentemente verificaram casos autoctones de schistosomose japonica e hematobia naquela localidade. Partimos de Campo Grande às 9,30 horas, ligados a um trem de gado. Anoitecemos em Taunay, onde havia muitos mosquitos, e chegamos à Miranda à noite, onde nos esperava o Cel. Francisco Rebuá, que se prontificou a prestar o auxílio que carecessemos em Salobra. Finalmente chegamos à Salobra às 22,30 horas.

No dia 29, pela manhã, instalamos laboratório e cosinha, o primeiro no prédio da Estação e a segunda em casa do Sr. Alexandre Gomes. À 5 de Março o nosso colega Teixeira de Freitas foi chamado ao Rio, desfalcando deste modo a nossa equipe de um dos melhores colaboradores. À 10 partimos com o nosso carro ligado a um trem de carga, com destino a Porto Esperança. Este trajeto foi muito interessante porque as multiplas paradas do trem permitiu a captura de material entomológico entre Salobra e Bodoquena, onde chegamos à noite. Somente pela manhã do dia 11 chegamos a Porto Esperança, donde regressamos logo pelo trem de passageiros. Chegamos à Baurú na madrugada do dia 13, daí partindo pelo diurno da Sorocabana, chegando à São Paulo à noite. Chegamos ao Rio no dia 15 à noite.

Como nas excursões anteriores a direção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil nos deu todas as facilidades e do pessoal desta Estrada recebemos todas as atenções e gentilezas. Da 9.ª Região Militar tivemos todo o apoio e prestígio. Da Estrada de Ferro Sorocabana tivemos o transporte da comitiva e da volumosa bagagem, entre S. Paulo e Baurú.

A excursão foi extremamente rendosa, como se pode ver pelo resumo adiante. Entre os fatos científicos interessantes salientamos o termos encontrado em diversas aves selvagens um parasito que anteriormente haviamos observado em galinhas, constituindo mais um caso de parasitos da fauna selvagem adaptados a animais domésticos.

Tivemos tmbem o prazer de verificar que nossa atuação na viagem anterior foi proveitosa aos habitantes de Salobra, pois na excursão de Julho de 1939 encontraramos esta localidade com a totalidade de sua população atacada pelo impaludismo, tendo sido, toda ela, medicada naquela ocasião. Não obstante a abundância de mosquitos encontrada agora, devido à enchente do rio Miranda, nenhum caso de impaludismo havia aí. A quantidade de mos-

quitos era muito grande, tornando as noites insuportaveis. Durante o trabalho do serão, que frequentemente ia até às 24 horas, somente se podia permanecer no laboratório tendo uma pessoa continuamente flitando o compartimento da Estação, onde estavamos instalados. E' de notar que 95 % destes mosquitos eram anofelinos.

RESUMO DO MATERIAL COLETADO

Pesquisas parasitológicas:

Animais examinados	641 exemplares
Helmintos colecionados	577 amostras
Esfregaços de orgãos ou de sangue	400

Material entomológico:

Insetos capturados	6.272
Orthoptera	182
Dermaptera	18
Blattariae	111
Mantodea	20
Homoptera	693
Hemiptera	682
Odonata	800
Plecoptera	223
Lepidoptera	737
Diptera	1.414
Coleoptera	1.170
Hymenoptera	220
Diversos	12

Vários moluscos, araneideos, pseudoescorpionideos foram colecionados.

Vertebrados coletados:

Mamiferos	43
Aves	287
Répteis	32
Batráquios	28
Peixes	63

Serviços médicos:

Pessoas examinadas	94
Medicamentos distribuidos	107
Material botânico coletado	350 exemplares

II — PESQUISAS HELMINTOLÓGICAS

por

Lauro Travassos e J. F. Teixeira de Freitas

As pesquisas helmintológicas foram realizadas em Ilha Seca, no Estado de São Paulo, e em Salobra, no Estado de Mato Grosso.

Para estas pesquisas foram autopsiados 641 animais, dos quais os 282 primeiros em Ilha Seca e os demais em Salobra. Foram eles representados por 41 invertebrados (4 crustaceos e 37 moluscos) e 600 vertebrados, assim distribuidos :

Mamiferos	43 exemplares	(14 espécies)	7,1%
Aves	353 exemplares	(106 espécies)	58,8%
Répteis	32 exemplares	(9 espécies)	5,3%
Batráquios	28 exemplares	(5 espécies)	4,6%
Peixes	144 exemplares	(22 espécies)	24%

Os helmintos coletados atingiram a 577 amostras, assim distribuidas :

Nematodeos	350
Trematodeos	96
Cestodeos	88
Acantocéfalos	29
Linguatulideos	9
Temnocefalideos	5

Dos 600 vertebrados examinados 331 se apresentaram parasitados por helmintos, isto é cerca de 55%. Dos 41 invertebrados somente em 5 foram encontrados temnocefalideos (12%).

O parasitismo geral por grupo de helmintos, nos vertebrados, é o seguinte:

Parasitados por nematodeos	246 exemplares	74,5%
Parasitados por trematodeos	92 exemplares	27,8%
Parasitados por cestodeos	86 exemplares	26%
Parasitados por acantocéfalos	27 exemplares	8%
Parasitados por linguatulideos	7 exemplares	2,1%

O parasitismo por helmintos nos grupos de vertebrados é :

Mamíferos	23 exemplares	53,4%
Aves	184 exemplares	52,1%
Répteis	28 exemplares	87,5%
Batráquios	17 exemplares	60,7%
Peixes	79 exemplares	54,7%

O parasitismo por grupo de helmintos nos grupos de vertebrados é:

Mamíferos

Parasitados por nematodeos	21	exemplares	91,3%
Parasitados por trematodeos	6	exemplares	26%
Parasitados por cestodeos	6	exemplares	26%
Parasitados por acantocéfalos	2	exemplares	8,6%
Parasitados por linguatulideos	0		

Aves

Parasitadas por nematodeos	157	exemplares	85,3%
Parasitadas por trematodeos	40	exemplares	21,7%
Parasitadas por cestodeos	56	exemplares	30,4%
Parasitadas por acantocéfalos	14	exemplares	7,6%
Parasitadas por linguatulideos	1	exemplar	0,5%

Repteis

Parasitados por nematodeos	28	exemplares	100%
Parasitados por trematodeos	0		
Parasitados por cestodeos	13	exemplares	46,4%
Parasitados por acantocéfalos	0		
Parasitados por linguatulideos	1	exemplar	3,5%

Batraquios

Parasitados por nematodeos	16	exemplares	94,1%
Parasitados por trematodeos	2	exemplares	11,7%
Parasitados por cestodeos	0		
Parasitados por acantocéfalos	0		
Parasitados por linguatulideos	0		

Peixes

Parasitados por nematodeos	25	exemplares	31,6%
Parasitados por trematodeos	44	exemplares	55,7%
Parasitados por cestodeos	11	exemplares	13,9%
Parasitados por acantocéfalos	13	exemplares	16,4%
Parasitados por linguatulideos	5	exemplares	6,3%

LISTA SISTEMÁTICA DOS ANIMAIS AUTOPSIADOS E REFERENCIAS SOBRE SEUS PARASITOS

Na lista sistemática que se segue adotamos para os mamíferos o Catalogo de TROUESSART e para as aves os Catalogos de OLIVÉRIO PINTO e IHERING. Os peixes foram determinados por PAULO DE MIRANDA RIBEIRO, do Museu

Nacional. As aves foram determinadas por J. Moojen, do Museu Nacional (os números correspondentes são assinalados por um asterisco *) e por Carlos C. Vieira, do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo (os números correspondentes são assinalados com dois asteriscos **). Os números 7001 a 7282 correspondem a animais examinados em Ilha Seca e aqueles de 7283 a 7637 a animais autopsiados em Salobra. Os números 7638, 7639, 7640 e 7641, correspondem a animais capturados em Bodoquena.

VERTEBRATA

MAMMALIA

CHIROPTERA

Morcego (indeterminado)

Examinamos um exemplar sob o número 7214, negativo.

Morcego (indeterminado)

Examinamos um exemplar sob o número 7614, negativo.

PHYLLOSTOMIDAE

Phyllostominae

Hemiderma perspicillatum L.

Examinamos 16 exemplares sob os números 7114, 7173, 7174, 7182, 7218, 7220, 7221, 7269, 7272, 7273, 7274, 7275, 7276, 7277, 7278 e 7281, dos quais três parasitados por nematodeos filarideos.

Glossophaga soricina (Pall.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7279 e 7282, ambos negativos.

CARNIVORA

PROCYONIDAE

Procyoninae

Procyon cancrivorus nigripes Mir. (*)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7037, parasitado por cestodeos dibotriocefalideos e por nematodeos. Encontramos na pele deste animal um carrapato e varios bernes.

(*) Moojen det.

RODENTIA

MYOMORPHA

MURIDAE

Rato selvagem (indeterminado)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7152, negativo.

Murinae

Mus rattus L.

Examinamos 5 exemplares sob os números 7105, 7155, 7216, 7217 e 7219, dos quais dois parasitados por cestodeos e um por nematodeos tricostrongilideos.

HYSTRICHOMORPHA

DASYPROCTIDAE

Dasyprocta azarae LICHT.

Examinamos 2 exemplares sob os números 7301 e 7384, ambos parasitados por nematodeos oxiurideos e tricurideos, e o primeiro ainda por strongilideos e tricostrongilideos.

Agouti paca (L.) (*)

Examinamos um exemplar sob o número 7385, parasitado por nematodeos do gênero *Trichuris*.

CAVIIDAE

Cavia sp.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7240, parasitado por nematodeos pertencentes ao gênero *Paraspidodera*.

UNGULATA

PERISSODACTYLA

TAPIRIDAE

Tapirinae

Tapirus americanus BRISS.

Examinamos um exemplar sob o número 7107, parasitado por cestodeos e por nematodeos spirurideos e strongilideos. Encontramos neste animal muitos carrapatos, principalmente localisados no ventre, nas axilas e nas virilhas.

(*) Moojen det.

Esses carrapatos são capazes de sugar o homem, porquanto alguns deles passaram para um dos membros da Comissão, no braço do qual se prenderam e sugaram.

ARTIODACTILA

SUIDAE

Tayassinae

Dicotyles pecari pecari (LINK.) *

Examinamos 9 exemplares sob os números 7361, 7362, 7363, 7364, 7429, 7430, 7432, 7433 e 7434, todos parasitados por nematodeos tricostrongilideos, strongilideos, metastrongilideos, spirurideos e filarideos; 4 por trematodeos pertencentes a espécie *Stichorchis giganteus* (DIES., 1835); 2 por acantocefalos e 1 por cestodeos. Em quasi todos os exemplares foram encontrados carrapatos.

CERVIDAE

Cervinae

Mazama americana ERXL.

Examinamos um só exemplar sob o número 7354, parasitado por larva de cestodeo (*Cysticercus*), por nematodeos filarideos e strongilideos e por trematodeos do gênero *Paramphistomum*.

EDENTATA

LORICATA

DASYPODIDAE

Dasypodinae

Euphractus sexcinctus flavimanus (DESM.) *

Examinamos um exemplar sob o número 7280, parasitado por cestodeos, por nematodeos pertencentes ao gênero *Aspidodera*, além de outros, strongilideos e tricostrongilideos.

(*) Moojen det.

AVES

RHEIFORMES

RHEIDAE

Rhea americana intermedia Roths. & Chubb.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7409*, parasitado por cestodeos e por nematodeos spirurideos, strongilideos e filarideos.

TINAMIFORMES

TINAMIDAE

Crypturellus obsoletus obsoletus (Temm.)

Examinamos 4 exemplares sob os números 7073 *, 7074 *, 7195 * e 7224, dos quais 2 parasitados por nematodeos do gênero *Ornithostrongylus*.

Crypturellus parvirostris (Wagl.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7102 **, 7115 e 7175 *, dos quais 2 parasitados por nematodeos spirurideos e subulurideos.

Crypturellus tataupa tataupa (Temm.)

Examinamos 8 exemplares sob os números 7032 *, 7192, 7193, 7201, 7205 *, 7207 *, 7210 *, e 7212 *, dos quais 6 parasitados por nematodeos spirurideos e subulurideos.

Crypturellus undulatus undulatus (Temm.)

Examinamos 4 exemplares sob os números 7399*, 7401, 7406* e 7475*, dos quais 1 parasitado por nematodeos ascarideos, 3 por spirurideos e subulurideos e o primeiro ainda por trematodeos do gênero *Stomylotrema*.

PELECANIFORMES

PELECANI

SULOIDEA

PHALACROCORACIDAE

Phalacocorax olivaceus olivaceus (Humb.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7462**, parasitado por nematodeos ascarideos e por trematodeos do gênero *Stomylotrema*.

CICONIIFORMES

ARDEAE

ARDEIDAE

Ardeinae

Butorides striatus striatus (L.)

Examinamos 6 exemplares sob os números 7375 *, 7466, 7469 *, 7477, 7478 **, e 7616, dos quais 5 parasitados por cestodeos, 3 por nematodeos ascarideos, 1 por spirurideos e 2 por trematodeos pertencentes à espécie *Episthmium oscari* Travassos, 1922. Confirma-se assim a asserção de Travassos, 1922, tendo um deles ainda exemplares pertencentes ao gênero selvagem adaptado à ave doméstica.

Casmerodius albus egretta (Gm.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7620 *, parasitado por nematodeos ascarideos.

Syrigma sibilatrix (Temm.)

Examinamos 6 exemplares sob os números 7418 *, 7426 *, 7459 *, 7464, 7525 ** e 7527**, dos quais 2 negativos, 1 parasitado por cestodeos, 2 por nematodeos spirurideos e 2 por trematodeos da espécie *Nephrostomum limai* Travassos, 1922, tendo um deles ainda exemplares pertencentes ao gênero *Stomylotrema*.

Nycticorax nycticorax hoactli (Gm.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7531 *, parasitado por nematodeos ascarideos.

Tigrisoma lineatum marmoratum (Vieill.)

Examinamos 5 exemplares sob os números 7371 *, 7390 **, 7396**, 7454 ** e 7465, dos quais 2 negativos, 3 parasitados por cestodeos, 1 por acantocefalos, 3 por nematodeos ascarideos e 1 por trematodeos da espécie *Episthmium oscari* Travassos, 1922. Confirma-se aqui tambem a asserção de Travassos (1938) de ser esta espécie um parasito de ave selvagem adaptado à ave doméstica.

COCHLEARIIDAE

Cochlearius cochlearia (L.)

Examinamos um exemplar sob o número 7402 *, parasitado por cestodeos.

THRESKIORNITHOIDEA

THRESKIORNITHIDAE

Threskiornithinae

Harpiprion caerulescens (Vieill.)

Examinamos 5 exemplares sob os números 7424*, 7427**, 7467, 7468* e 7498 *, dos quais 4 parasitados por cestodeos, 2 por nematodeos spirurideos, 1 por trematodeos strigeideos, 2 por dicrocelideos, 4 por equinostomideos e 3 por uma espécie pertencente ao gênero *Stomylotrema*.

Theristicus caudatus caudatus (Bodd.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7423 *, 7428 e 7431 **, sendo 1 parasitado por cestodeos, todos por nematodeos spirurideos, 2 por trematodeos do gênero *Patagifer*, e 1 por trematodeos do gênero *Stomylotrema*.

Phimosus infuscatus nudifrons (Spix)

Examinamos 4 exemplares sob os números 7456 *, 7618 *, 7619 * e 7621 *, todos parasitados por cestodeos, 3 por nematodeos do gênero *Eustrongylides* e 2 por trematodeos do gênero *Stomylotrema*.

ANSERES

ANATIDAE

Anatinae

Nettion brasiliense (Gm.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7623 *, parasitado por cestodeos, nematodeos spirurideos e trematodeos equinostomideos.

FALCONIFORMES

CATHARTAE

CATHARTIDAE

Cathartes aura ruficollis Spix

Examinamos 4 exemplares sob os números 7108 *, 7381 *, 7444 e 7470 *, sendo 1 parasitado por nematodeos do gênero *Tetrameres* e outro por trematodeos equinostomideos.

FALCONES

FALCONOIDEA

ACCIPITRIDAE

Accipitrinae

Heterospizias meridionalis meridionalis (LATH.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7295 **, parasitado por cestodeos, acantocefalos e nematodeos spiruríideos e ascarideos.

Buteoninae

Rupornis magnirostris superciliaris (VIEILL.)

Examinamos 10 exemplares sob os números 7296 *, 7352 **, 7360 *, 7386 *, 7455 **, 7521, 7522, 7523, 7524 e 7580 **, dos quais 1 negativo, 1 parasitado por linguatulideos, 4 por cestodeos, 7 por acantocefalos, 1 por trematodeos strigeideos e 7 por nematodeos spirurideos. Um exemplar continha, mais ou menos digeridos, vários nematodeos parasitos de lagarto, pertencentes ao gênero *Physaloptera*.

FALCONIDAE

Polihieracinae

Gampsonyx swainsoni swainsoni (VIG,)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7366 **, negativo.

Falconinae

Falco albigularis albigularis (DAUD.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7196 ** e 7626, sendo o segundo parasitado por trematodeos dicrocelideos.

Cerchneis sparverius eidos (PETERS)

Examinamos 4 exemplares sob os números 7014 **, 7124 *, 7365 * e 7421 **, todos negativos.

GALLIFORMES

GALLI

CRACOIDEA

CRACIDAE

Penelope superciliaris jacupemba SPIX

Examinamos 2 exemplares sob os números 7065 * e 7069 *, ambos negativos.

Pipile cumanensis nattereri REICH.

Examinamos 2 exemplares sob os números 7624 e 7625 *, ambos negativos.

PHASIANIDAE

Gallus gallus domesticus L.

Examinamos 2 exemplares sob os números 7112 e 7188, ambos parasitados por cestodeos.

Odontophorus capueira capueira (SPIX)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7060 *, negativo.

GRUIFORMES

GRUES

GRUOIDEA

ARAMIDAE

Aramus scolopaceus carao (VIEILL.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7530 **, negativo.

RALLOIDEA

RALLIDAE

Rallinae

Aramides cajanea cajanea (MUELL.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7391 * e 7393 *, ambos parasitados por nematodeos filarideos, o segundo ainda por spirurideos e o primeiro por trematodeos pertencentes à espécie *Episthmium oscari* TRAVASSOS, 1922. Assim, mais uma vez se confirma a asserção de TRAVASSOS (1938) de ser esta espécie, descrita da galinha, um parasito de ave selvagem adaptado à ave doméstica.

CHARADRIIFORMES

CHARADRII

CHARADRIOIDEA

CHARADRIIDAE

Vanellinae

Belonopterus chilensis lampronotus (WAG.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7529, parasitado por cestodeos e por nematodeos spirurideos.

COLUMBIFORMES

COLUMBAE

COLUMBIDAE

Columba plumbea plumbea VIEILL.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7077 *, parasitado por nematodeos.

Zenaida auriculata virgata BERT.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7585 *, negativo.

Scardafella squammata squammata (LESS.)

Examinamos 8 exemplares sob os números 7019 *, 7020 **, 7086, 7127, 7166 *, 7256 *, 7344 e 7349, dos quais só 1 parasitado por uma femea de nematodeo do gênero *Ornithostrongylus*.

Columbigallina talpacoti talpacoti (TEMM.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7159 *, e 7270, ambos negativos.

Claravis pretiosa (FER. - PER.)

Examinamos 7 exemplares sob os números 7134 *, 7135 **, 7157 *, 7167 *, 7169 *, 7170 * e 7177, dos quais os cinco primeiros parasitados por nematodeos do gênero *Ornithostrongylus*.

Leptoptila verreauxi ochroptera (PELZ.)

Examinamos 13 exemplares sob os números 7031 *, 7063 *, 7071 *, 7116 *, 7130, 7139 **, 7145, 7149, 7163 *, 7257 *, 7376, 7380 e 7417, dos quais 5 negativos e 8 parasitados por nematodeos pertencentes aos gêneros *Ascaridia* e *Ornithostrongylus*.

CUCULIFORMES

CUCULI

CUCULIDAE

Piaya cayana macroura (GAMB.)

Examinamos 6 exemplares sob os números 7003 *, 7047 **, 7093 *, 7096, 7101 * e 7587, sendo 2 negativos, 2 parasitados por cestodeos, 1 por trematodeos strigeideos, 4 por nematodeos spirurideos, 3 por subulurideos e 2 por filarideos.

Crotophaga ani (L.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7023 *, 7213 e 7476, sendo 2 parasitados por cestodeos, 1 por acantocefalos e todos por nematodeos spirurideos e subulurideos.

Guira guira (Gm.)

Examinamos 11 exemplares sob os números 7024 **, 7025, 7026, 7027, 7302, 7307, 7319, 7327, 7419 **, 7420 e 7422, dos quais 1 negativo, 3 parasitados por cestodeos e acantocefalos, 2 por trematodeos equinostomideos, 1 por nematodeos filarideos, 3 por subulurideos e 9 por spirurideos.

PSITTACIFORMES

PSITTACIDAE

Ara chloroptera Gray

Examinamos 1 exemplar sob o número 7316 *, negativo.

Propyrrhura auricollis (Cass.)

Examinamos 4 exemplares sob os números 7285 *, 7297 **, 7298 e 7328 *, sendo o primeiro parasitado por nematodeos do gênero *Aprocta*.

Psittacara leucophthalma leucophtalma (Muell.)

Examinamos dez exemplares sob os números 7021*, 7119, 7120, 7136*, 7146, 7151, 7154, 7162**, 7187 e 7332**, dos quais 4 parasitados por nematodeos do gênero *Ascaridia*.

Aratinga auricapilla aurifrons (Spix)

Examinamos 7 exemplares sob os números 7045 **, 7049 **, 7118 *, 7121 *, 7137, 7138 e 7140, sendo o quinto parasitado por nematodeos.

Pyrrhura borelí (Salv.)

Examinamos 5 exemplares sob os números 7289, 7290**, 7291*, 7292* e 7370 *, todos negativos.

Pyrrhura frontalis chiripepe (Vieill.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7164 *, 7172 **, e 7204 *, todos negativos.

Tirica chiriri (Vieill.)

Examinamos 7 exemplares sob os números 7015 *, 7016 *, 7017 *, 7018 *, 7098 **, 7128 ** e 7129 **, dos quais 1 parasitado por nematodeos do gênero *Pelecitus*.

Amazona aestiva aestiva (L.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7284 * e 7326, ambos negativos.

Pionus maximiliani syi (SOUANCÉ)

Examinamos 6 exemplares sob os números 7058 *, 7089 *, 7092 *, 7103 *, 7161 **, e 7165 *, sendo 3 negativos e 3 parasitados por nematodeos do gênero *Ascaridia*.

STRIGIFORMES

STRIGIDAE

Otus choliba choliba (VIEILL.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7215 **, negativo.

Glaucidium brasilianum brasilianum (GM.)

Examinamos 4 exemplares sob os números 7043 **, 7133 *, 7171 e 7258*, sendo 3 parasitados por nematodeos spirurideos, e desses, 2 ainda por subulurideos e outro por trematodeos dicrocelideos.

CAPRIMULGIFORMES

CAPRIMULGI

CAPRIMULGIDAE

Nyctidromus albicolis derbyanus (GOULD)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7111 * e 7222 **, sendo o último parasitado por nematodeos spirurideos.

MICROPODIIFORMES

MICROPODII

MICROPODIDAE

Chaetura brachyura (JARD.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7590 *, negativo.

TROCHILI

TROCHILIDAE

Beija-flôr (indeterminado)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7588, negativo.

TROGONIFORMES

TROGONIDAE

Trogonurus surrucura (VIEILL.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7084 **, parasitado por nematodeos do gênero *Subulura*.

Trogonurus variegatus behni (Gould)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7374 e 7586, sendo o primeiro parasitado por cestodeos e acantocefalos e ambos por nematodeos subulurideos e spirurideos.

CORACIIFORMES

ALCEDINES

ALCEDINOIDEA

ALCEDINIDAE

Megaceryle torquata torquata (L.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7286 **, 7372 * e 7458 **, dos quais o último parasitado por nematodeos spirurideos e por trematodeos equinostomideos, entre os quais a espécie *Pulchrosoma pulchrosoma* Travassos, 1916.

Chloroceryle amazona (Lath.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7622 *, negativo.

MOMOTOIDEA

MOMOTIDAE

Baryphthengus ruficapillus (Veill.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7100 *, negativo.

Momotus momota pilcomajensis Reich.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7200 *, negativo.

PICIFORMES

GALBULOIDEA

GALBULIDAE

Galbula rufoviridis rufoviridis Cab.

Examinamos 2 exemplares sob os números 7252 * e 7253 *, ambos negativos.

BUCONIDAE

Notharcus swainsoni (Gray & Mitch.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7046 ** e 7085 *, sendo o último parasitado por nematodeos spirurideos e subulurideos.

Nystalus maculatus pallidigula (Cher. & Reich.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7410 ** e 7411 **, ambos parasitados por nematodeos subulurideos.

RAMPHASTOIDEA

RAMPHASTIDAE

Ramphastos toco Muell.

Examinamos 5 exemplares sob os números 7083 *, 7340, 7341 *, 7348 ** e 7463 **, dos quais 3 parasitados por nematodeos spirurideos.

PICI

PICIDAE

Tripsurus flavifrons (Vieill.)

Examinamos 5 exemplares sob os números 7033 *, 7081 *, 7156 *, 7160 * e 7211 **, todos negativos.

Leuconerpes candidus (Otto)

Examinamos 5 exemplares sob os números 7106 *, 7141 *, 7355 **, 7356 e 7358, todos negativos.

Celeus flavescens flavescens (Gm.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7087 * e 7203, ambos parasitados por cestodeos e o último ainda por nematodeos spirurideos.

Celeus lugubris (Malh.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7300 * e 7583 *, ambos parasitados por cestodeos e o primeiro ainda por nematodeos spirurideos.

Scapaneus melanoleucus melanoleucus (Gm.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7109 **, 7110 e 7582 **, todos negativos.

PASSERIFORMES

TYRANII

FURNARIOIDEA

DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocolaptes platyrostris intermedius Berl.

Examinamos 3 exemplares sob os números 7131 *, 7132 * e 7479 *, sendo o último parasitado por cestodeos.

Xiphocolaptes major castaneus (Ridg.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7578 ** e 7579 **, sendo o último parasitado por nematodeos spirurideos.

Lepidocolaptes angustirostris bivittatus (Licht.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7312 * e 7471 **, ambos negativos.

Phacellodomus rufifrons sincipitalis Cab.

Examinamos 2 exemplares sob os números 7330 e 7591 **, ambos parasitados por nematodeos spirurideos.

FURNARIIDAE

Furnariinae

Furnarius rufus commersoni (Pelz.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7223 ** e 7334, dos quais 1 parasitado por nematodeos filarideos.

Furnarius badius badius (Licht.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7036 * e 7168 *, sendo o último parasitado por nematodeos filarideos.

FORMICARIIDAE

Formicariinae

Taraba major major (Vieill.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7064 **, parasitado por cestodeos e por nematodeos filarideos.

Pyriglena leucoptera (Vieill.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7368 *, negativo.

Grallaria varia imperator Lafr.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7113 *, negativo.

TYRANNIDAE

Taeniopterinae

Xolmis irupero irupero (Vieill.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7367 *, negativo.

Colonia colonus colonus (VIEILL.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7122 * e 7126 *, ambos negativos.

Elaeniinae

Elaenia viridicata viridicata (VIEILL.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7589 **, negativo.

Pitangus sulphuratus maximiliani (CAB. & HEINE)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7038 *, negativo.

Sirystes sibilator sibilator (VIEILL.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7254 * e 7255 *, sendo o primeiro parasitado por nematodeos do gênero *Subulura*.

Myiodinastes solitarius (VIEILL.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7597, parasitado por cestodeos.

Tyranninae

Megarhynchus pitangua pitangua (L.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7153 *, negativo.

Myiarchus ferox australis HELLM.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7369 *, negativo.

Myiarchus tyrannulus bahiae (BERL. & LEV.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7435 ** e 7443 **, sendo o primeiro parasitado por nematodeos spirurideos.

Myiarchus tyrannulus chlorepiscus BERL. & LEV.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7303 *, negativo.

Tyrannus melancholicus VIEILL.

Examinamos 2 exemplares sob os números 7283 e 7445 **, sendo o segundo parasitado por cestodeos e por nematodeos filarideos.

COTINGIDAE

Tityrinae

Tityra cayana braziliensis (SWAINS.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7397 *, negativo.

Tityra inquisitor pelzelni SALV. & GODM.

Examinamos 2 exemplares sob os números 7293 e 7294 *, ambos negativos.

Pachyramphus polychopteros spixi (SWAINS.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7304 *, negativo.

TURDIDAE

Turdus amaurochalinus CAB.

Examinamos 2 exemplares sob os números 7299 * e 7598, ambos parasitados por cestodeos, o primeiro por nematodeos filarideos e o segundo por nematodeos do gênero *Tetrameres* e trematodeos do gênero *Prosthogonimus*.

Turdus rufiventris (VIEILL.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7227 e 7453, sendo o último parasitado por cestodeos.

TROGLODYTIDAE

Heleodytes unicolor (LAFR.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7383 * e 7437, ambos negativos.

MIMIDAE

Mimus saturninus frater HELLM.

Examinamos 4 exemplares sob os números 7030 *, 7059 *, 7062 **, e 7178 *, dos quais o terceiro parasitado por nematodeos do gênero *Pelecitus*.

MNIOTILTIDAE

Basileuterus hypoleucus (BON.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7072 **, negativo.

HIRUNDINIDAE

Hirundininae

Progne chalybea domestica (VIEILL.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7028 * e 7029 *, ambos negativos.

THRAUPIDAE

Thraupis sayaca sayaca (L.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7403 **, 7404 e 7607, sendo o primeiro parasitado por cestodeos e o segundo por nematodeos do gênero *Tetrameres*

Cissops leveriana (Gm.)

Examinamos 7 exemplares sob os números 7055 *, 7056 *, 7068 **, 7088 **, 7190, 7199 e 7208 **, todos negativos.

Schistoclamys melanops olivina (Sclat.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7123 *, negativo.

FRINGILLIDAE

Saltator caerulescens caerulescens (Vieill.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7436 **, negativo.

Spinus ictericus alleni Ridgw.

Examinamos 3 exemplares sob os números 7287, 7288 e 7321, todos negativos.

ICTERIDAE

Cassicinae

Cacicus chrysopterus (Vig.)

Examinamos 2 exemplares sob os números 7308 ** e 7309, sendo o último parasitado por trematodeos.

Cacicus haemorrhous (L.)

Examinamos 7 exemplares sob os números 7057 *, 7061 *, 7094, 7233, 7234, 7235 e 7271, dos quais 1 negativo, 6 parasitados por cestodeos, 2 por nematodeos spirurideos e 1 por filarideos.

Psomocolax oryzivorus oryzivorus (Gm.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7148**, negativos.

AGELAINAE

Molothrus bonariensis bonariensis (Gm.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7317 *, negativo.

Quiscalinae

Gnorimopsar chopi (VIEILL.)

Examinamos 5 exemplares sob os números 7001, 7095 *, 7099 *, 7179 ** e 7183 **, dos quais 2 parasitados por cestodeos e 1 desses ainda por nematodeos filarideos.

CORVIDAE

Cyanocorax chrysops (VIEILL.)

Examinamos 38 exemplares sob os números 7002 *, 7042 *, 7082 *, 7091*, 7097, 7125*, 7142, 7143, 7144, 7147, 7150, 7158**, 7191**, 7194, 7197, 7198, 7209 *, 7225,7226, 7228, 7229, 7230, 7231, 7232, 7259 **, 7260**, 7261 **, 7264, 7265, 7266, 7267, 7268, 7353 **, 7373, 7416, 7457, 7460 e 7461, dos quais 7 negativos, 29 parasitados por nematodeos spirurideos, 2 por filarideos, 1 por trematodeos eucotilideos e 11 por dicrocelideos.

Cyanocorax cyanomelas (VIEILL.)

Examinamos 6 exemplares sob os números 7351 **, 7382 **, 7501 **, 7502, 7584 * e 7615, dos quais 4 parasitados por nematodeos spirurideos e 1 ainda por filarideos.

REPTILIA

OPHIDIA

Liophis (?) **miliaris** [1]

Examinamos 1 exemplar sob o número 7013, negativo.

Cobra (indeterminada)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7528, negativo.

Xenodon merremii (WAGLER)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7400, parasitado por nematodeos do gênero *Physaloptera*.

Bothrops sp.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7070, parasitado por nematodeos.

1 — J. Bailey *det.*

EMYDOSAURIA

CROCODILIDAE

Caiman sclerops (GRAY)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7617, parasitado por linguatulideos e por nematodeos ascarideos.

LACERTILIA

Lagartixa (indeterminada)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7407, negativo.

IGUANIDAE

Tropidurus spinulosus (COPE)

Examinamos 7 exemplares sob os números 7076, 7078, 7202, 7206, 7262, 7405 e 7442, todos parasitados por nematodeos spirurideos e 2 ainda por oxiurideos.

TEIIDAE

? Tupinambis nigropunctatus SPIX

Examinamos 2 exemplares sob os números 7322 e 7398, ambos parasitados por nematodeos spirurideos e strongilideos e o último ainda por oxiurideos e cestodeos.

Ameiva ameiva (L.)

Examinamos 17 exemplares sob os números 7090, 7189, 7236, 7237, 7323, 7325, 7387, 7388, 7389, 7392, 7394, 7395, 7412, 7415, 7425, 7519 e 7520, dos quais 1 negativo, 12 parasitados por cestodeos e 16 por nematodeos, ora spirurideos, ora oxiurideos.

AMPHIBIA

BUFONIDAE

Bufo marinus (L.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7044, 7067 e 7104, sendo o último parasitado por nematodeos do gênero *Oswaldocruzia*.

TELMATOBIIDAE

? Pseudis paradoxa

Examinamos 1 exemplar sob o número 7526, parasitado por trematodeo pertencente à espécie *Glypthelmins palmipedis* (LUTZ, 1928).

HYLIDAE

? Hyla nasica

Examinamos 19 exemplares sob os números 7004, 7005, 7006, 7007, 7008, 7009 7010, 7011, 7012, 7022, 7034, 7035, 7039, 7040, 7041, 7048, 7051, 7053 e 7117, dos quais 11 parasitados por nematodeos, sendo 10 por espécies do gênero *Oxyascaris* e 2 por espécies do gênero *Cosmocerca*.

? Trachycephalus nigromaculatus

Examinamos 2 exemplares sob os números 7054 e 7066, ambos parasitados por nematodeos, sendo o primeiro por oxiurideos e o segundo por espécie do gênero *Cosmocerca*.

LEPTODACTYLIDAE

Leptodactylus ocellatus (L.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7050, 7052 e 7263, sendo o segundo parasitado por nematodeos do gênero *Oxyascaris* e por trematodeos da espécie *Catadiscus marinholutzi* Freitas & Lent, 1939.

PISCES

DASYATIDAE

Elipesurus motoro (Mull. & Hei.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7581, parasitado por nematodeos, cestodeos e linguatulideos. Nas branquias e na cavidade bucal encontramos copepodos.

CHARACIDAE

Acestrorhynchus falcatus (Bloch.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7472, negativo.

Astianax fasciatus (Cuv.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7239, negativo.

Brycon hilarii (Val.)

Examinamos 4 exemplares sob os números 7379, 7505, 7514 e 7516, sendo o segundo parasitado por um nematodeo camalanideo. No estômago do último exemplar encontramos insetos.

Hoplerythrinus unitaeniatus (SPIX)

Examinamos 13 exemplares sob os números 7447, 7449, 7450, 7451, 7480, 7481, 7482, 7484, 7485, 7488, 7489, 7570 e 7571, dos quais 1 parasitado por cestodeos, 10 por acantocefalos, 2 por metacercarias de strigeideos e 1 por metacercaria de *Clinostomum sorbens* BRAUN, 1899.

Hoplias malabaricus BLOCH

Examinamos 53 exemplares sob os números 7184, 7241, 7446, 7448, 7452, 7483, 7490, 7492, 7493, 7497, 7517, 7518, 7534, 7535, 7536, 7537, 7538, 7539, 7540, 7541, 7542, 7543, 7544, 7545, 7547, 7548, 7549, 7550, 7551, 7552, 7553, 7554, 7555, 7556, 7557, 7558, 7559, 7560, 7561, 7562, 7563, 7564, 7565, 7566, 7567, 7568, 7569, 7572, 7573, 7574, 7575, 7576 e 7577, dos quais 2 parasitados por trematodeos heterofiideos, 2 por cestodeos, 1 por nematodeos filarideos, 5 por larvas de nematodeos (*Ascaroidea*), 2 por acantocefalos, 34 por metacercarias de strigeideos, 1 por metacercaria de *Clinostomum sorbens* BRAUN, 1899 e 1 por larva de *Subtriquetra subtriquetra* (DIES., 1836). Em um desses exemplares encontramos um crustaceo sob a pele.

Pygocentrus nattereri KNER.

Examinamos 24 exemplares sob os números 7305, 7310, 7311, 7313, 7314, 7315, 7318, 7320, 7324, 7329, 7333, 7335, 7336, 7337, 7338, 7339, 7342, 7343, 7345, 7346, 7347, 7350, 7413 e 7414, sendo 1 parasitado por acantocefalo e 8 por nematodeos camalanideos.

Salminus maxillosus CUV. & VAL.

Examinamos 11 exemplares sob os números 7503, 7504, 7506, 7507, 7508, 7509, 7510, 7511, 7512, 7513 e 7515, sendo 2 parasitados por cestodeos e 3 por larvas de nematodeos (*Ascaroidea*).

Serrasalmus marginatus VAL.

Examinamos 3 exemplares sob os números 7306, 7331 e 7487, todos negativos. Na cavidade bucal do último encontramos um crustaceo.

GYMNOTIDAE

Giton fasciatus (PALL.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7186, negativo.

SILURIDAE

Pimelodus fuer (LUTK.)

Examinamos 3 exemplares sob os números 7075, 7079 e 7080, sendo o segundo parasitado por nematodeos camalanideos e o último, alem desses

nematodeos, por trematodeos pertencentes à espécie *Prosthenhystera obesa* (Dies., 1850). Travassos, em 1928, refere o encontro desta espécie em *Pimelodus clarias* (L.), porem sempre representada por exemplares imaturos. Obtivemos agora, em outra espécie de *Pimelodus*, um só exemplar, tambem imaturo.

Pimelodus clarias (L.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7181, negativo.

Rhamdia quelen (Quoy. & Gmd.)

Examinamos 9 exemplares sob os números 7176, 7180, 7185, 7473, 7474, 7491, 7494, 7495 e 7496, todos negativos. No estômago do primeiro encontramos artropodos e um coleoptero elaterideo; no do segundo encontramos um miriapodo.

Pseudoplatystoma sp.

Examinamos 3 exemplares sob os números 7357, 7499 e 7500, todos com larvas de linguatulideos (*Sebekia*), os 2 primeiros com cestodeos e o primeiro e o último com larvas de nematodeos (*Ascaroidea*). Nos 2 últimos foram encontrados copepodos nas branquias.

Paulicea lutkeni Steind.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7438, parasitado por cestodeos.

CICHLIDAE

? Gen. sp.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7378, negativo.

Cichlasoma bimaculatum (L.)

Examinamos 9 exemplares sob os números 7242, 7243, 7244, 7245, 7246, 7247, 7250, 7251 e 7486, dos quais 2 parasitados por cestodeos e 3 por trematodeos pertencentes à espécie *Prosthenhystera obesa* (Dies., 1850). Todos os exemplares de *P. obesa* eram adultos.

Crenicichla vittata Haeck.

Examinamos 3 exemplares sob os números 7238, 7248 e 7249, todos negativos.

Geophagus jurupary Haeck.

Examinamos 1 exemplar sob o número 7377, negativo.

CALLICHTHYIDAE

Hoplosternum thoracatum (Cuv. & Val.)

Examinamos 1 exemplar sob o número 7359, negativo.

INVERTEBRATA

CRUSTACEA

Trichodactylus (Dilocarcinus) pictus M. Edw.

Examinamos 4 exemplares sob os números 7638, 7639, 7640 e 7641, todos com exemplares de *Temnocephala*.

MOLLUSCA

Ampullarius canaliculatus

Examinamos 37 exemplares sob os números 7408, 7439, 7440, 7441, 7532, 7533, 7546, 7592, 7593, 7594, 7595, 7596, 7599, 7600, 7601, 7602, 7603, 7604, 7605, 7606, 7608, 7609, 7610, 7611, 7612, 7613, 7627, 7628, 7629, 7630, 7631, 7632, 7633, 7634, 7635, 7636 e 7637, dos quais o primeiro com exemplares de *Temnocephala*. Dois exemplares apresentavam um oligoqueta na cavidade paleal, outros 2 tinham sanguesuga na columela, e 29 possuiam acarianos na cavidade paleal. Esta espécie de molusco foi determinada por Lange *de* Morretes.

III — ASPECTO MÉDICO E SOCIAL DAS LOCALIDADES DE SALOBRA (ESTADO DE MATO GROSSO) E ILHA SECA (ESTADO DE SÃO PAULO)

por

Newton Santos

A — SALOBRA, ESTADO DE MATO GROSSO

Salobra é uma pequena estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil situada a 360 metros antes do quilômetro 1137. Está a 145 metros acima do nivel do mar e em extensa planície do Sul de Mato Grosso. E' banhada pelo Rio Miranda, que atravessa a Estrada de Ferro 240 metros antes da Estação, para quem vai no sentido de Porto Esperança.

O rio Miranda e a Estrada de Ferro são os dois únicos elementos civilisadores do local. A 500 metros à direita ou à esquerda da Estação, o viandante esbarra com a mata primitiva, que no presente caso é o típico cerrado mato-grossense, que em sua virgindade primitiva apenas permitiu a existência de algumas picadas que, em geral, em pouco tempo cicatrisam, pela força dominadora da natureza sobre o homem local.

A população de Salobra, constante de 47 pessoas, está distribuida em 10 casas, cujas posições relativas se veem na fig. 1. Dessas, 4 são construidas

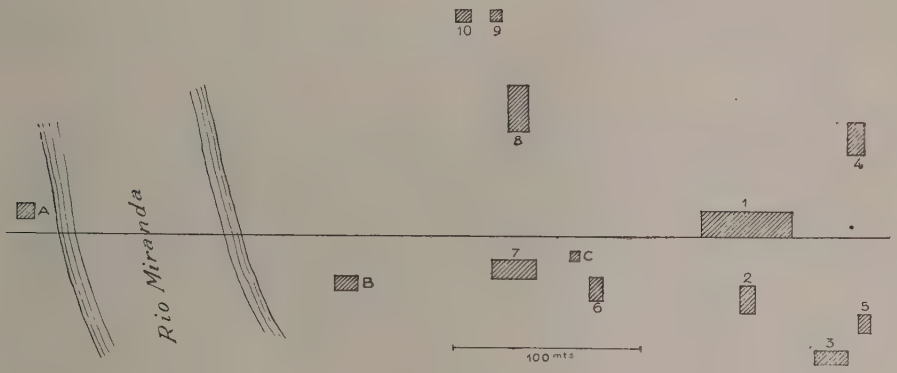


Fig. 1

A — Casa que está sendo mudada.
B — Bomba que retira água do rio Miranda.
C — Caixa dágua.
1 a 10 — Casas de moradia.

de tijolo, cobertas com telha francesa e com chão de cimento. Das 6 restantes, 4 são feitas de páu, cobertas com folhas de palmeiras e de chão batido; as outras 2 são de páu com emboço de barro, cobertas com zinco ou folhas de palmeiras e chão de barro. Daí se depreende que as condições higienicas não são as desejaveis. As casas não possuem instalações sanitarias nem água corrente, exceto a casa número 1, do Agente da Estação, que recebe água do reservatório que alimenta os trens. As instalações sanitarias, quando existem, são afastadas das casas e formadas por exiguos cubiculos de madeira dentro dos quais ha um vaso cônico, de madeira, cujo orifício inferior se abre numa fossa sem escoamento.

Os 47 habitantes desta pequena localidade representam 26 indivíduos do sexo masculino e 21 do sexo feminino. Do sexo forte ha 10 homens casados, 3 solteiros, 1 viuvo, 4 adolescentes (de 10 a 17 anos) e 8 meninos.

Do sexo feminino ha 10 casadas, 3 moças solteiras, 1 viuva e 7 meninas. Esses habitantes representam naturalidades diversas, a maioria (37) sendo mato-grossense (2 índios), havendo 1 paulista, 3 pernambucanos, 2 baianos, 2 gaúchos, 1 paraibano e 1 paraguaio. São indivíduos brancos, pretos ou mulatos.

Dos 14 homens, 4 são empregados da Estrada e vivem de seus ordenados. Os 10 restantes são pescadores, havendo um que é tambem vendeiro. Vivem da pesca no rio Miranda, que geralmente fornece boa quantidade de peixe, que é enviada para a cidade de Campo Grande, em caixas de madeira, misturada com gelo. Os rapazes e os garotos ajudam os pais e as mulheres cuidam do lar.

A alimentação dos habitantes tem como base o feijão mulatinho e o arrôs, que compram no vendeiro ou em Miranda, por preço mais elevado que no Rio de Janeiro ou em São Paulo. A carne que comem é dos peixes que pescam, da caça que conseguem ou vem encomendada de Miranda. Ha algum gado vacum, que fornece leite, que é vendido aos moradores. Alguns produtos agrícolas existem em pequena escala : o milho, a mandioca, a batata doce, a abobora e alguns frutos : o mamão, a laranja e o limão. Ha tambem algumas galinhas.

Bebem café e alguns apreciam o chimarrão. No vendeiro encontram a pinga, que alguns apreciam e abusam. Esta gente veste-se como todo o mundo no interior, quasi sempre descalços e com chapéu de palha, para proteger contra o sol.

No ponto de vista social e moral esta população apresenta os aspectos que necessariamente devem ter as populações isoladas do interior. Alguns são realmente casados, outros não o são, mas vivem em par constante e teem família organizada, e ainda outros possuem mulheres que mudam constantemente de marido. Algumas famílias legalmente constituidas teem moral familiar semelhante à das cidades, porem em outras não ha tal conceito e as meninas, mal entram na puberdade, são procuradas pelos homens, com os quais se juntam em uniões muito efemeras. Algumas mulheres teem proveniência no bordel, de onde são retiradas pelos protetores com que vivem. Às vêzes ha festas nas residências, com danças, bebidas e excitação dos ânimos, que muitas vêzes interrompe a festa. Vive, entretanto, esta população em paz e socego, permanecendo no local um tempo em geral curto (até 1 ano), mudando-se para outros sítios, levando uma vida mais ou menos nomade.

Observações médicas

Os trabalhos médicos nesta 3.ª expedição tiveram como escopo atender às pessoas doentes e recolher os dados possiveis que pudessem interessar ou ajudar qualquer problema médico, tendo sido executados de intermeio com os trabalhos de colheita e observações zoológicas e botânicas. A população de Salobra já recebeu duas visitas da Comissão do Instituto Osvaldo Cruz, em Outubro de 1938 e em Julho de 1939. Durante a primeira expedição as observações médicas, executadas pela Dra. Maria Paumgartem, indicam 9 casos de malária, mas não tendo sido feita a indicação do local onde moravam os impaludados, não sabemos si algum residia em Salobra. Durante a segunda expedição, o relatório médico informa que quasi toda a população fôra atingida pela malária, tendo sido medicados todos os doentes pela administração de comprimidos de quinino, livrando-os das crises palustres. Na terceira expedição, agora realizada, verificamos com satisfação que nenhum dos doentes tratados anteriormente e ainda residentes em Salobra havia tido novas crises de malária. Alguns deles não mais residem aí. Durante a nossa estadia nenhum habitante teve crises palustres, bem como nenhum membro da Comissão. Entretanto, verificamos grande número de anofelinos, que à tarde e à noite invadiam as habitações. Nesta ocasião o rio Miranda enchia progressivamente, atingindo seu máximo enquanto nos encontravamos aí, só vindo a descer quando regressamos. Da população atual 26 já tiveram maleitas, dos quais 18 ha menos de um ano, e desses, 15 na localidade de Salobra (os outros 3 tiveram impaludismo antes de residirem nesta localidade). Os 8 restantes tiveram malaria pela última vez num prazo variavel de 2 até 23 anos (v. quadro).

Ao regressarmos deixamos aos habitantes alguns comprimidos de quinino para combater o impaludismo si por ventura êle vier a aparecer após a baixa das águas. Além da atenção dispensada ao impaludismo atendemos 15 pessoas com outras perturbações : gripe, conjuntivite, furunculose, varís, corea e anemia, às quais foram dados medicamentos na medida de nossas possibilidades.

B — ILHA SECA, ESTADO DE SÃO PAULO

Ilha Seca é uma estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil situada no antigo ramal, que vai de Araçatuba até Jupiá, abandonado atualmente pelos trens de passageiros, mas percorrido ainda pelos trens cargueiros. E' a 11.ª estação a partir de Araçatuba, da qual dista 223 quilômetros. Atrás da estação, a uns 500 a 600 metros corre o rio Tieté.

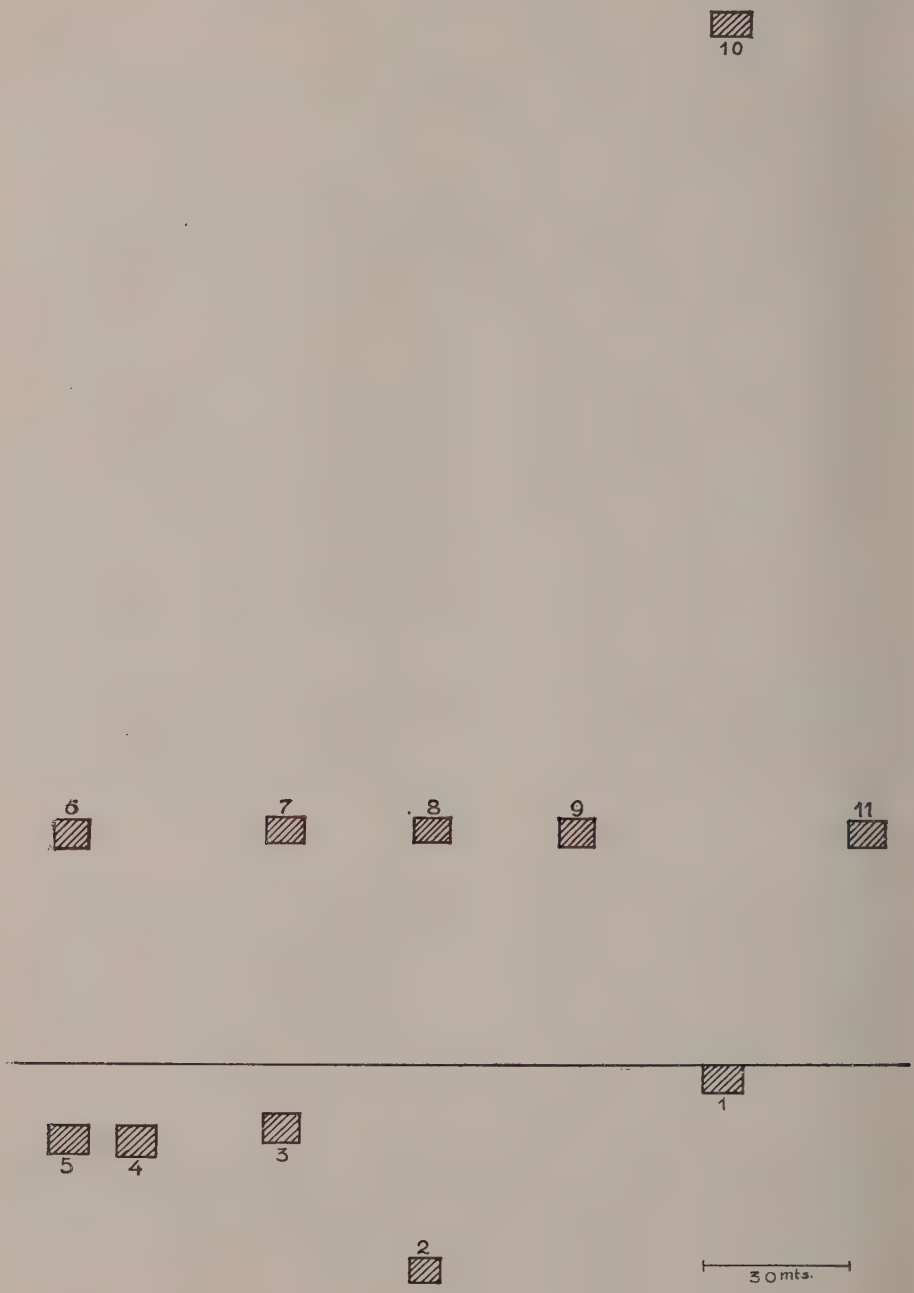


Fig. 2
1 a 11 — Casas de moradia

A estação não é deserta, porem constitue embrionária localidade onde existem 11 casas (Fig. 2). Dessas, a mais perfeita é a do Agente da Estação, de tijolo, coberta com telha francesa e chão cimentado, possuindo amplo armazem onde foram realizados os trabalhos da Comissão. Ha 3 casas de páu com emboço de barro e 6 exclusivamente de madeira quasi todas com chão de barro batido. São sempre pequenas casas com 2 a 3 comodos quasi sempre sem instalações sanitarias. Estas, quando existem, são constituidas por cubículos de madeira afastados das casas, com um vaso cônico de madeira, que desemboca numa fossa feita no chão. Não existe água canalizada, sendo retirada de poços.

Os habitantes desta rude localidade somam 29 almas, sendo 24 adultos, 1 adolescente e 4 crianças. São naturais dos mais diversos Estados do Brasil: 9 mineiros, 1 pernambucano, 6 baianos, 3 paulistas, 2 matogrossenses, 1 alagoano, 1 carioca, 2 cearenses e 1 fluminense (3 de naturalidade não apurada). Ha 8 pretos, 9 brancos, e 12 mulatos. Ha 18 representantes do sexo forte e 11 do sexo feminino. Aí vivem socegadamente, trabalhando todos os dias, 7 na Estrada de Ferro, 6 na derrubada das florestas e 2 cultivando a terra, por conta própria. As mulheres ficam em casa cuidando do lar e dos filhos. Vestem-se modestamente, são pacíficos, não havendo nesta localidade grandes problemas. São um pouco nomades, especialmente os que trabalham na derrubada das matas. Teem aspecto rude e compleição mediana. Alimentam-se abundantemente, visto que trabalham bastante. Tem a alimentação sua base no feijão, no arrôs e na carne, que não é, no entanto, muito frequente. Algumas hervas acrescentam-se às vêses à essa refeição básica. Ha pequeno cultivo de aipim, batata doce, milho e algumas frutas: laranja, mamão e fruta de conde. em quantidades exiguas. Os produtos principais da alimentação são comprados nas localidades mais próximas e mais importantes, pois não há aí nenhum vendeiro.

Socialmente esta localidade é mais rudimentar que Salobra, tendo menos habitantes e menos convivio social, o que se explica considerando-se os elementos civilizadores de Salobra: a via ferrea, por onde trafegam os trens de passageiros, e o rio Miranda, que, em torno da sua fauna ictiologica, faz girar a maior parte dos habitantes. Mais uma vez repete-se a importância civilizadora dos meios de comunicação naturais ou creados pela mão do homem.

Observações médicas

Não pode esta população ser inteiramente sadia, dada a relativa falta de higiene das casas e das pessoas e a deficiência alimentar qualitativa. Em compensação a exígua densidade de população a livra de epidemias, faceis de se produzirem nas grandes aglomerações. Nesta zona, como na maioria do hinterland brasileiro, reinam soberanas a maleita e a verminose (opilação).

QUADRO INDICATIVO DAS LOCALIDADES EM QUE OS ATUAIS MORADORES DE SALOBRA CONTRAIRAM IMPALUDISMO

Número de anos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	
Guaicurús	1																												
Guia Lopes		1																											
Cuiabá	1																												
Bela Vista				1																									
Salobra	15																												
Aquidauana				1		1																						1	
Cachoeira	1																												
S. Luiz de Cáceres					1																								
Itapura										1																			
Araçatuba								1																					
Total	18	1		2	1	1		1		1																		1	26

Nota: Onde é referido 1 ano, na verdade foram 8 mêses; conservamos o numero 1 para comodidade do gráfico.

Pudemos verificar a presença de ambas, principalmente a primeira, não nos moradores de Ilha Seca, porem em pessoas residentes em fazendas próximas, que nos procuraram para aliviar seus males.

Em Ilha Seca, como dissemos, não encontramos doentes com maleitas recentes, afirmando alguns moradores que não houve impaludismo aí ha já 3 anos, pelo menos. Durante a nossa estadia os anofelinos eram raros nas habitações, podendo-se dormir tranquilamente sem mosquiteiro. Na mata, porem, encontramos mais anofelinos, muitos dos quais foram capturados na hora crepuscular, quando sobrevinham ondas sucessivas que nos atacavam fortemente nas picadas sombrias em que nos encontravamos.

Quasi todos os moradores nos procuraram para consultas médicas, mas não apuramos impaludismo recente em nenhum deles. O mesmo não sucedeu com pessoas provenientes de duas fazendas próximas : Três Marias e Guanabara, situadas a alguns quilômetros de Ilha Seca. Estes pobres indivíduos estavam sem médico na fazenda e faziam longas caminhadas a pé para procurar alívio aos seus males. Atendemos 14 pessoas que haviam tido manifestações recentes de impaludismo, todas provenientes de Três Marias. Da Fazenda Guanabara atendemos 4 pessoas tambem com sintomas recentes de impaludismo. Os casos verificados de verminose resumiram-se a 5, provavelmente porque muitas pessoas não sabem que estão infestadas e os incomodos produzidos não são comparaveis nem tão evidentes ao paciente como as crises palustres. Foram feitos curativos em portador de ulcera varicosa do terço inferior da perna e constatados 6 casos de anemia, tratados por fortificantes ferricos.

IV — RELAÇÃO DO MATERIAL ENTOMOLÓGICO CAPTURADO

por

H. de Souza Lopes

O material entomológico colecionado na presente excursão foi incorporado às coleções do Instituto Osvaldo Cruz e do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo.

ORTHOPTERA (D. Mendes det.)

TETTIGONIDAE (7 exemplares)

GRYLLIDAE (15 exemplares)

Gryllus assimilis Fabr. (1 exemplar — Salobra)

GRYLLOTALPIDAE (2 exemplares)
Gryllotalpa hexadactyla PERTY (1 exemplar — Ilha Seca)

ACRIDIIDAE (31 exemplares)
Tropidacris latrellei PERTY (1 ♀ e 6 ♂ ♂ — Salobra)
Cromacris miles DRURY (1 ♀ — Ilha Seca)

PROSCOPIDAE (48 exemplares)
TETRIGIDAE (79 exemplares)

DERMAPTERA (D. MENDES det.)
Doru luteipenne SERV. (1 ♀ 1 jovem — Ilha Seca)
Doru lineare ESCH. (7 ♀ ♀ e 3 ♂ ♂ — Ilha Seca)
Exemplares jovens indeterminados — 4

BLATTARIAE (106 exemplares)
MANTODEA (20 exemplares)
ISOPTERA
TERMITIDAE
Syntermes sp. (1 exemplar alado — Ilha Seca)

HOMOPTERA (D. MENDES e H. S. LOPES det.)
CICADIDAE (7 exemplares)
MEMBRACIDAE (25 exemplares)
Material capturado em Salobra:
Membracis bucktoni FUNK. (1 exemplar)
Material capturado em Ilha Seca:
Umbonia spinosa FABR. (1 exemplar)
Cyphonia fuscata BUCK. (2 exemplares)
Bocidium tintinabuliferum LESS. (1 exemplar)
Bolbonota corrugata FAIRM. (1 exemplar)

CERCOPIDAE (8 exemplares)
Tomaspis liturata LEP. & SERV. (3 exemplares — Ilha Seca)

CICADELLIDAE (173 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Aulacizes gracilis OSB. (3 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca:

Oncometopia tartarea STAL (3 exemplares)

Cicadella quinquemaculata GERM. (1 exemplar)

GYPONIDAE (11 exemplares)

JASSIDAE (137 exemplares)

AETHIALONIDAE

AEthialum reticulatum L. (43 exemplares)

CIXIIDAE (57 exemplares)

DERBIDAE (4 exemplares)

DICTYOPHERIDAE (196 exemplares)

LYSTRIDAE (1 exemplar)

ELATIDAE (2 exemplares)

ACANALONIIDAE (3 exemplares)

VÁRIOS HOMOPTEROS (26 exemplares)

HEMIPTERA (D. MENDES, H. LENT e H. S. LOPES det.)

CORIMELANIDAE (28 exemplares)

Corimelaena sp. (27 exemplares de Ilha Seca)

CYDNIDAE (1 exemplar)

Cyrtomerus mirabilis PERTY (1 exemplar — Ilha Seca)

SCUTELLERIDAE (3 exemplares)

Pachycoris horridus SCOP. (1 ♂ — Salobra)

PENTATOMIDAE — (143 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Banassa stali DIST. (1 ♂)

Material capturado em Ilha Seca:

Loxa flavicolis DRUR. (1 ♀)

Banassa stali DIST. (24 ♀ ♀ e 10 ♂ ♂)

Edessa quadridens FABR. (2 ♀ ♀ e 1 ♂)

Solubea sp. (1 ♂)

Dryptocephala sp. (1 ♀)

Mormidea notulifera STAL (6 ♂ ♂ e 68 ♀ ♀)

Mormidea poecilla DALL. (1 ♀)

Mormidea ypsilon L. (3 ♀ ♀)

COREIDAE (102 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Hypselonotus fulvus DEGEER (1 ♂ e 1 ♀)

Harmostes serratus FABR. (1 ♀)

Euryophthalmus humilis BURM. (1 ♀ e 1 ♂)

Euryophthalmus sp. (3 ♀ ♀ e 1 ♂)

Phthia picta DRUR. (1 ♀)

Crinocerus sanctus FABR. (2 ♂ ♂)

Material capturado em Ilha Seca:

Hypselonotus fulvus DEGEER (3 ♂ ♂ e 6 ♀ ♀)

Zicca sp. (7 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀)

Harmostes serratus FABR. (2 ♂ ♂ e 1 ♀)

Phthia picta DRUR. (1 ♂ e 1 ♀)

Hyalimenus tarsatus FABR. (3 ♂ ♂ e 1 ♀)

Crinocerus sanctus FABR. (1 ♂ e 1 ♀)

Spartocera fusca THUMB. (1 ♂)

GERRIDAE (2 exemplares)

VELIIDAE (2 exemplares)

ARADIDAE (1 exemplar)

HYDROMETRIDAE (1 exemplar)

LYGAEIDAE (65 exemplares)

Oncopellus fasciatus DALL. (1 ♂ — Salobra)

NEIDIDAE (2 exemplares)

PYRRHOCORIDAE (24 exemplares)

REDUVIIDAE (87 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Mindarus ruber Am. & Serv. (1 ♂)

Rasahus sulcicollis Serv. (3 ♀ ♀)

Material capturado em Ilha Seca:

Mindarus ruber Am. & Serv. (1 ♂)

TRIATOMIDAE (11 exemplares)

PLOIARIIDAE (1 exemplar)

MIRIDAE (83 exemplares)

NERTHRIDAE (1 exemplar)

BELOSTOMATIDAE (53 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Belostoma micacantulum Stal (23 exemplares)

Belostoma dilatatum Duf. (15 exemplares)

Material capturado em Bodoquena:

Belostoma micacantulum Stal (11 exemplares)

ODONATA (800 exemplares)

PLECOPTERA (1 exemplar)

MECOPTERA

BITTACIDAE

Bittacus sp. (1 ♀ — Ilha Seca).

PLECTOPTERA (223 exemplares)

NEVROPTERA (5 exemplares)

TRICHOPTERA (4 exemplares)

LEPIDOPTERA

RHOPALOCERA (R. Ferreira D'Almeida det.) (457 exemplares)

PAPILIONIDAE

Material capturado em Salobra:

Papilio androgeus laodocus F. (4 ♂ ♂)

Papilio thoas brasiliensis R. & J. (6 ♂ ♂)

Papilio anchisiades capys HUBNER (3 exemplares)

Iphiclides telesilaus vitellus FRUHST. var. (2 ♂ ♂)

Battus (*Battus*) *polydamas* L. (1 exemplar)

Battus (*Parides*) *orbignannus* LUCAS (5 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀)

Material capturado em Ilha Seca:

Papilio androgeus laodocus F. (5 ♂ ♂)

Papilio lycophron lycophron HUBNER (8 ♂ ♂)

Papilio hectorides ESPER. (9 ♂ ♂)

Papilio torquatus polybius SWAINS. (1 ♂)

Papilio thoas brasiliensis R. & J. (2 ♂ ♂)

Papilio anchisiades capys HUBNER (2 exemplares)

PIERIDAE

Material capturado em Ilha Seca:

Phoebis argante F. (5 ♂ ♂)

Phoebis philea philea L. (1 ♂)

Aphrissa statira statira CRAM. (4 ♂ ♂)

Anteos clorinde GODART. (2 ♂ ♂)

Eurema deva DOUBL. (1 exemplar)

Eurema albula CRAM. (1 exemplar)

Appias drusilla drusilla CRAM. (7 ♂ ♂)

Melete donata FRUHST. ? (1 ♂)

Dismorphia licinia CRAM. (1 ♂)

Material capturado em Salobra:

Phoebis argante argante F. (8 ♂ ♂)

Phoebis sennae sennae L. (2 ♂ ♂ e 1 ♀)

Phoebis philea philea L. (1 ♂ e 1 ♀)

Aphrissa statira statira CR. (6 ♂ ♂)

Anteos menipe HUBNER (1 ♂)

Anteos clorinde GODART (2 exemplares)

Ascia buniae gargara FRUHST. (3 ♂ ♂)

Ascia buniae massinissa FRUHST. (69 ♂ ♂)

Eurema tenella Boisd. (1 ♂)

Appias drusilla drusilla Cr. (35 ♂ ♂)

Dismorpha psamathe F. (2 ♀ ♀)

MORPHIDAE

Material capturado em Salobra:

Morpho achilles trojana Rober (1 ♂ e 1 ♀)

Morpho achillaena paulista Fruhst (2 ♂ ♂)

Material capturado em Ilha Seca:

Morpho achillaena paulista Fruhst (2 ♂ ♂)

BRASOLIDAE

Opsiphanes invirae Hubner (2 ♂ ♂ — Salobra)

DANAIDAE

Anosia pleuxare God. (7 ♂ ♂ — Salobra)

Anosia gilipus Cr. (3 ♂ ♂ — Salobra)

ITHOMIIDAE

Material capturado em Salobra:

Mechanitis elisa Guerin (1 ♀)

Hypothyris viola (?) Haensch. (2 ♂ ♂)

Material capturado em Ilha Seca:

Mechanitis lysimnia F. (1 ♂)

Aeria olena Weym. (1 exemplar)

Hypothyris laphria Doubl. (1 ♂) var.

RIODINIDAE

Material capturado em Salobra:

Libithea carinenta Cr. (2 exemplares)

Lymnas sp. (6 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca:

Lybithea carinenta Cr. (1 exemplar)

Lasaia agesilas LATR. (4 ♂ ♂)

Barbicornis melanops BUTL. (2 ♂ ♂)

Notheme eumeus agathon FELDER (1 ♂) var.

Notheme eumeus angellus STICH. (2 ♂ ♂)

Lymnas sp. (2 exemplares)

Caria arete FELDER (1 ♂)

Charis sp. (2 exemplares)

Emesis mandane CR. (1 exemplar)

Emesis russula STICH. (3 exemplares)

Nymphidium minuta DRUCE (?) (1 exemplar)

Hamearis sp. (1 exemplar)

HESPERIDAE

Material capturado em Salobra:

Proteides mercurius F. (2 ♂ ♂)

Goniurus sp. (1 exemplar)

Goniurus orion F. 1 exemplar)

Eudamidas ozema BUTL. (1 exemplar)

Material capturado em Ilha Seca:

Proteides mercurius F. (1 ♂)

Systasea erosa HUBNER (2 exemplares)

Heliopetes arsalte L. (1 ♂)

Diaeus variegata PLOTZ. (1 exemplar)

Schlyodes thraso HUBN. (1 exemplar)

CASTNIDAE

Castnia icarus CR. (1 ♂ — Salobra)

SATYRIDAE

Euptichia hermes (2 exemplares — Ilha Seca)

LYCAENIDAE

Tecla marsyas L. (1 exemplar — Salobra)

Tecla sp. (1 exemplar — Ilha Seca)

NYMPHALIDAE

Material capturado em Salobra:

Callicore sorana GODART. (2 exemplares)

Zaretes isidora CR. (f. itys CR.) (1 ♀)

Pyrrhogyra neaerea arge STGR. (4 exemplares)

Adelpha iphicla pharas FRUST. (2 exemplares)

Doxocopa lauretta STGR. (1 ♀)

Doxocopa vacuna GODART. (1 ♂)

Doxocopa agathina CR. (3 ♂ ♂)

Anaea sp. (1 ♂)

Colaenis phaetusa L. (5 ♂ ♂)

Colaenis julia F. (2 exemplares)

Dione vanillae L. (2 exemplares)

Anartia jatrophae L. (2 exemplares)

Euptoieta hegesia CR. (1 exemplar)

Phyciodes hermas HEW. (1 exemplar)

Heliconias phyllis F. (2 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca:

Callicore hydaspes F. (19 ♂ ♂)

Callicore sorama GODART (4 exemplares)

Callicore codomannus paulistanus FRUHST. (4 exemplares)

Diaethria janeira FELD. (10 exemplares)

Haematera pyramus F. (14 exemplares)

Zaretes isidora CR. (8 ♂ ♂)

Evonyme anna CR. (2 ♂ ♂)

Evonyme maja F. (1 exemplar)

Prepona eugenes laertides STGR. (1 ♂)

Agrias pericles HEW. (1 ♂)

Adelpha goyana SCHAUS (4 ♂ ♂)

Adelpha abia HEW. (1 exemplar)

Doxocopa lauretta STGR. (2 ♂ ♂)

Doxocopa vacuna GODART (3 ♂ ♂)

Doxocopa agathina CR. (6 ♂ ♂)

Epiphile orea HUBNER (1 ♂)

Anaea sp. (1 ♂)

Ageronia februa atinia FRUHST. (1 exemplar)

Ageronia chloe xenia (?) FRUHST. (1 ♂)

Dynamine artemisia F. (8 ♂ ♂)

Dynamine mylita C. (2 ♂ ♂)

Dynamine tithia HUBNER (2 ♂ ♂)

Dynamine coenus F. (16 exemplares)

Temenis laothoe CR. (3 exemplares)

Pseudonica flavilla lunigera FRUHST. (2 exemplares)

Megalura chiron F. (1 exemplar)

Gynaercia dirce L. (1 exemplar)

Hypanartia lethe F. (2 exemplares)

Mestra hypermestra apicalis STGR. (3 exemplares)

Smyrna blomfildia F. (1 exemplar)

Biblis biblis F. (3 exemplares)

Colaenis phaetusa L. (4 ♂ ♂ e 1 ♀)

Colaenis julia F. (1 exemplar)

Anartia amathea L. (1 exemplar)

Anartia jatrophae L. (2 exemplares)

Phyciodes esora HEW. (1 exemplar)

Chlosyne saundersii D. & W. (3 exemplares)

Heliconius phyllis F. (2 exemplares)

Eueides aliphera GOD. (1 exemplar)

HETEROCERA (280 exemplares)

Material capturado em Salobra:

EUCHROMIIDAE (5 exemplares)

SPHINGIDAE (6 exemplares)

HEMILEUCIDAE (8 exemplares)

ADELOCEPHALIDAE (18 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca:

EUCHROMIIDAE (149 exemplares)

SPHINGIDAE (41 exemplares)

ARCTIDAE (23 exemplares)

ADELOCEPHALIDAE (3 exemplares)

Material capturado em Bodoquena:

SPHINGIDAE (2 exemplares)

DIPTERA

CULICIDAE (987 exemplares) (S. J. Oliveira det.)

Material capturado em Salobra:

Aedes (*O.*) *scapularis* Rond. (5 ♀ ♀ e 5 ♂ ♂)

Psorophora (P.) *ciliata* (Fabr.) (1 ♀)

Psorophora (J.) *varipes* (Coquil.) (6 ♀ ♀)

Psorophora (*G.*) *confinis* Arrib. (1 ♀)

Taeniorhynchus (T.) *humeralis* (Dyar. & Knab.) (148 ♀ ♀)

Anopheles (*N.*) *albitarsis* Arrib. (455 ♀ ♀ e 1 ♂)

Anopheles (*N.*) *darlingi* Root (31 ♀ ♀)

Anopheles (*N.*) *triannulatus* (Neiva & Pinto) (3 ♀ ♀)

Culex sp. (5 ♀ ♀)

Sabethes purpureus Neiva (1 ♀)

Material capturado em Ilha Seca:

Aedes (*O.*) *scapularis* (Rond.) (5 ♀ ♀)

Aedes (*O.*) *serratus* (Theob.) (15 ♀ ♀)

Aedes (*O.*) *fulvus* (Wied.) (20 ♀ ♀)

Psorophora (*J.*) *ferox* (Humb.) (130 ♀ ♀, uma delas portadora de ovos de *Dermatobia hominis*)

Psorophora (*J.*) *varipes* (Coq.) (31 ♀ ♀)

Taeniorhynchus (*R.*) *chrysonotum* (Peryassú) (38 ♀ ♀)

Culex sp. (37 ♀ ♀ e 11 ♂ ♂)

Haemagogus capricorni LUTZ (14 ♀ ♀)

Anopheles (*N.*) *rondoni* (NEIVA & PINTO) (23 ♀ ♀)

BIBIONIDAE (1 exemplar)

STRATIOMYIIDAE (4 exemplares) (H. S. LOPES det.)

Material capturado em Salobra:

Hermetia illucens L. (1 ♀ e 1 ♂)

Chrysochlora vespertilio FABR. (1 ♀)

Material capturado em Ilha Seca:

Hoplitimyia mutabilis FABR. (1 ♂)

TABANIDAE (86 exemplares) (G. M. DE OLIVEIRA CASTRO det.)

Material capturado em Salobra:

Selasoma tibiale FABR. (2 ♀ ♀)

Lepidoselaga crassipes FABR. (15 ♀ ♀)

Fidena sp. (3 ♀ ♀)

Dichelacera scutellata WILL. (1 ♀)

Tabanus (*Neotabanus*) *triangulum* WIED. (1 ♀)

Tabanus (*Neotabanus*) *ochrophilus* LUTZ (18 ♀ ♀ e 14 ♂ ♂)

Material capturado em Ilha Seca:

Lepidoselaga crassipes FABR. (3 ♀ ♀)

Esembeckia infuscata LUTZ. (3 ♀ ♀)

Chlorotabanus inanis FABR. (1 ♀)

Tabanus (*Neotabanus*) *occidentalis* L. (2 ♀ ♀)

Tabanus (*Neotabanus*) *plangens* WLK. (1 ♀)

Material capturado em Bodoquena:

Selasoma tibiale FABR. (2 ♀ ♀)

Fidena castanea PERTY (1 ♀)

Esembeckia sp. (2 ♀ ♀)

Esembeckia (?) *filipalpis* WILL. (2 ♀ ♀)

Material capturado em Agua Clara:

Tabanus (*Tabanus*) *importunus* WIED. (1 ♀)

ASILIDAE (7 exemplares) (H. S. LOPES det.)

Material capturado em Salobra:

Doryclus distendens WIED. (1 ♀)

Andrenosoma xanthocnema WIED. (1 ♀)

Outras proveniências:

Proctacanthus sp. (1 ♀ — Rio Pardo)

Atomosia sp. (3 ♂♂ — Ilha Seca)

BOMBYLIDAE (32 exemplares)

Toxophora dryitis SEGUY (2 ♀♀ e 3 ♂♂ — Ilha Seca)

PIPUNCULIDAE (1 exemplar)

SYRPHIDAE (94 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca:

Baccha livida SCHINER (1 ♀ e 1 ♂)

Baccha pr. arx FLUKE (1 ♀)

Bacha dimidiata FABR. (7 ♀♀ e 1 ♂)

Baccha clarapex WIED. (1 ♂ e 1 ♀)

Baccha pilipes SCHIN. (2 ♀♀)

Baccha funebris MACQ. (2 ♂♂ e 2 ♀♀)

Baccha gastrostacta WIED. (1 ♂)

Salpingogaster niger SCHIN. (1 ♂ e 1 ♀)

Mesogramma florale FABR. (6 ♀♀ e 4 ♂♂)

Mesogramma polita SAY (3 ♂♂ e 2 ♀♀)

Mesogramma basilare WIED. (3 ♂♂)

Planes sp. (1 ♀)

Ornidia obesa WIED. (7 ♀♀ e 5 ♂♂)

Volucella picta WIED. (2 ♂♂)

Volucella chapadensis CURR. (1 ♂)

Volucella scutellata MACQ. (14 ♀♀ e 10 ♂♂)

Eristalis mus CURR. (1 ♂)

DOLICHOPIDAE (11 exemplares)

Condylostylus astequinus Big. (2 ♂ ♂ e 1 ♀ — Ilha Seca)

TANYPEZIDAE (1 exemplar)

TRYPETIDAE (5 exemplares)

ULIDIIDAE (4 exemplares)

Acrosticta scrobiculata Loew (1 ♀)

Euxesta sp. (2 ♀ ♀ e 1 ♂ — Ilha Seca)

MICROPEZIDAE (4 exemplares)

Taeniaptera lasciva Fabr. (2 ♂ ♂ e 1 ♀ — Ilha Seca)

Taeniaptera annulata Fabr. (1 ♀ — Ilha Seca)

RHOPALOMERIDAE (1 exemplar)

Willistoniella pleuropunctata Wied. (1 ♂)

CHLOROPIDAE (2 exemplares)

EPHYDRIDAE (3 exemplares)

Brachydeutera argentata Wlk. (2 ♀ ♀ e 1 ♂ — Bodoquena)

BORBORIDAE (2 exemplares)

LAUXANIIDAE (28 exemplares)

DROSOPHILIDAE (5 exemplares)

Zigothrica dispar Wied. (1 ♂ e 4 ♀ ♀) — Ilha Seca)

HIPPOBOSCIDAE (1 exemplar)

MUSCIDAE (40 exemplares)

Philornis sp. (prope *pici* Macq.) 2 ♀ de Salobra, criada em ninho de *Crotophaga ani* L.

Philornis sp. (♀ criada de *Cissopis leveriana* (Gm.)

CALLIPHORIDAE (4 exemplares)

Lucilia cuprina Wied. (1 ♀ de Salobra)

Lucilia eximia Wied. (1 ♂ — Ilha Seca)

SARCOPHAGIDAE (29 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Pachyophthalmus sp. (1 ♀)

Material capturado em Ilha Seca:

Camptops sp. (4 ♀ ♀)

Sarcophagula sp. 5 ♀ ♀ e 1 ♂)

Sarcodexia sternodontae Town. (3 ♀ ♀)

Paraphrissopoda (*E.*) *collusor* Curr. & Wall. (1 ♂ e 1 ♀)

Argoravinia modesta Wied. (1 ♀)

Udamopyga ogloblini Lopes (1 ♂)

Lipoptilocnema crispula Lopes (1 ♂)

Sarcophaga ampullula Eng. (1 ♂)

Oxysarcodxia aurifinis Wlk. (1 ♂)

Helicobia rapax Walk. (1 ♂ e 1 ♀)

Raviniopsis spinosa Hall. (1 ♂)

TACHINIDAE (61 exemplares)

Srchytas diaphana Fabr. (1 ♂ — Ilha Seca)

PHASIIDAE

Beskia cornuta Brauer & Hergenst. (1 ♂ — Ilha Seca). Esta espécie é, segundo Costa Lima, parasita de *Mormidea*. Várias espécies de *Mormidea* foram capturadas em Ilha Seca nesta data: *M. notulifera* Stal (a mais frequente); *M. Ypsilon* L. e *M. poecilla* Dall.

COLEOPTERA (D. Mendes e H. S. Lopes det.)

CICINDELIDAE (29 exemplares)

CARABIDAE (51 exemplares)

DYTISCIDAE (224 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Thermonectes circunscriptus Latr. (5 exemplares)

Copelatus punctulatus Sharp (4 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca :

Thermonectes circunscriptus LATR. (39 exemplares)

HYDROPHILIDAE (66 exemplares)

Neohydrophilus medius BRULL. (1 exemplar — Salobra)

STAPHILINIDAE (8 exemplares)

Paederus brasiliensis ER. (2 exemplares de Ilha Seca e 1 exemplar de Salobra).

LAMPYRIDAE (59 exemplares)

Aspisoma hesperum L. (1 exemplar — Ilha Seca)

LYCIDAE (6 exemplares)

MELOIDAE (55 exemplares)

Epicauta atomaria GERM. (37 exemplares de Ilha Seca)

ELATERIDAE (4 exemplares)

Cyathodera longicornis BLANCH. (1 exemplar de Ilha Seca)

Conoderus fuscofasciatus ESCH. (1 exemplar de Ilha Seca)

EROTYLIDAE (1 exemplar)

Brachysphaenus fasciatus OL. (1 exemplar de Ilha Seca)

COCCINELIDAE (31 exemplares)

Epilachna cacica GUER. (2 exemplares de Ilha Seca)

Cicloneda sanguinea L. (3 exemplares de Ilha Seca e 11 de Salobra)

TENEBRIONIDAE (97 exemplares)

CISTELIDAE (7 exemplares)

PRIONIDAE (3 exemplares)

CERAMBYCIDAE (27 exemplares)

Material capturado em Salobra :

Trichophorus distinctus NEWM. (1 exemplar)

Material capturado em Ilha Seca :

Eburodacrys vittata BLANCH. (1 exemplar)

Oxymerus nigricornis Dup. (1 exemplar)
Cyllene acuta Germ. (1 exemplar)

LAMIIDAE (10 exemplares)
Desmyphora hirticolis Ol. (1 exemplar de Ilha Seca)
Hippopsis lemniscata Fabr. (2 exemplares de Ilha Seca)

EUMOLPIDAE (37 exemplares)
Material capturado em Salobra:
Eumolpus ignitus Fabr. (1 exemplar)
Material capturado em Ilha Seca:
Eumolpus ignitus Fabr. (5 exemplares)
Colaspis occidentalis L. (8 exemplares)
Colaspis cupripennis Lef. (2 exemplares)
Colaspis pallipes Lef. (1 exemplar)
Colaspis flavipes Ol. (2 exemplares)

GALERUCIDAE (28 exemplares)
Material capturado em Ilha Seca:
Diabrotica speciosa Germ. (2 exemplares)
Diabrotica pauperata Baly (1 exemplar)
Diabrotica transversa Baly (1 exemplar)
Diabrotica bivittula Kirs (1 exemplar)

ALTICIDAE (17 exemplares)
Oedionychis scissa Germ. (1 exemplar) (Salobra)
Oedionychis copulata Germ. (7 exemplares) (Ilha Seca)

LAMPROSOMATIDAE (1 exemplar)
CRIOCERIDAE (1 exemplar)
HISPIDAE (7 exemplares)
Material capturado em Ilha Seca:
Charistena ruficollis Fabr. (1 exemplar)

Chalepus sanguinicolis L. (4 exemplares)
Chalepus cordiger CHAP. (1 exemplar)

CASSIDIDAE (28 exemplares)
Material capturado em Salobra:
Polychalca metallica KLUG. (2 exemplares)
Selenis spinifer L. (2 exemplares)
Material capturado em Ilha Seca:
Poecilaspis impressipennis BOH. (2 exemplares)
Canistra sp. (1 exemplar)

CURCULIONIDAE (81 exemplares)
SCARABAEIDAE (22 exemplares)
Material capturado em Ilha Seca:
Pinotus anaglypticus MANH. (4 exemplares)
Canthon septenmaculatus LATR. (2 exemplares)

PASSALIDAE (6 exemplares)
RUTELIDAE (2 exemplares)
Ruteola lineola L. (2 exemplares — Ilha Seca)

CETONIDAE (1 exemplar)
DYNASTIDAE (38 exemplares)
Megasoma acteon L. (1 ♂ de Salobra)
Dyscinetus dubius OL. (14 exemplares de Salobra)

VÁRIAS FAMÍLIAS (26 exemplares)
HYMENOPTERA (R. ARLÉ & LOPES det.)
ICHNEUMONIDAE (11 exemplares)
BRACONIDAE (7 exemplares)
CHALCIDOIDEA (2 exemplares)
SCOLIIDAE (2 exemplares)
Campsocnemis campestris BR. (1 ♂)

MUTILIDAE (3 exemplares)

FORMICIDAE (21 exemplares)

VESPIDAE (35 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Apoica pallida Ol. (1 exemplar)

Polybia sericea Ol. (1 exemplar)

Mischocyttarus sp. (2 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca:

Polybia nigra Saus. (7 ♀ ♀)

Polybia sericea Ol. (2 ♀ ♀)

Polybia occidentalis Ol. (1 ♀)

Gymnopolybia pallipes Ol. (7 ♀ ♀)

Polistes versicolor Ol. (7 ♀ ♀)

Mischocyttarus spp. (1 ♂ e 4 ♀ ♀)

PSAMOCHARIDAE (10 exemplares)

SPHEGIDAE (7 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca:

Amophila urnaria Dahlb. (1 ♀)

Seliphron figulus Ohll. (1 ♀)

Seliphron ichneumoneus (1 ♀)

Podium sp. (1 exemplar)

BEMBICIDAE (19 exemplares)

Material capturado em Salobra:

Stictia signata L. (4 ♀ ♀)

Bicyrtes variegata Ol. (1 ♀)

Material capturado em Ilha Seca:

Stictia signata L. (1 ♀)

Bicyrtes variegata Ol. (2 ♀ ♀)

Bicyrtes discisa Tasch. (1 ♂ e 1 ♀)

Rubrica surinamensis Degeer (1 ♂ e 8 ♀ ♀)

ANDRENIDAE (12 exemplares)

PODILARIIDAE (1 exemplar)

Centris collaris LEP. (1 exemplar)

BOMBIDAE (6 exemplares)

Bombus violaceus LEP. (5 ♀ ♀ — Salobra, 1 ♀ — Ilha Seca)

EUGLOSSIDAE (1 exemplar)

XYLOCOPIDAE (2 exemplares)

APIDAE (26 exemplares)

Material capturado em Ilha Seca:

Apis melifica L. (3 exemplares)

Melipona fasciata scutellaris LATR. (1 exemplar)

Melipona jaty SMITH (2 exemplares)

Melipona clavipes FABR. (1 exemplar)

V — AVES COLIGIDAS EM ILHA SECA, SÃO PAULO E SALOBRA, MATO GROSSO PELO MUSEU NACIONAL EM COLABORAÇÃO COM A COMISSÃO CIENTÍFICA DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ, ENTRE 17 DE FEVEREIRO E 10 DE MARÇO DE 1940

por

J. Moojen

PALAEGNATHAE

RHEIFORMES

Rheidae

Rhea americana intermedia (ROTHSCHILD & CHUBB) — 1 ♀ (Salobra, Mato Grosso).

TINAMIFORMES

Tinamidae

Crypturellus obsoletus obsoletus (TEMMINCK) — 1 ♀ e 2 ♂ ♂ (Ilha Seca, São Paulo)

Crypturellus undulatus undulatus (TEMMINCK) — 3 ♀ ♀ (Salobra, Mato Grosso)

Crypturellus parvirostris (WAGLER) — 1 ♀ (Ilha Seca, São Paulo)

Crypturellus tataupa tataupa (TEMMINCK) — 4 ♀ ♀ e 1 ♂ (Ilha Seca, São Paulo)

NEOGNATHAE

CICONIIFORMES

ARDEAE

Ardeidae

Butorides striatus striatus (LINNAEUS) — 1 ♂, 1 ♀ e 1 sexo? (Salobra, Mato Grosso)

Casmerodius albus egretta (GMELIN) — 1 ♂ (Salobra, Mato Grosso)

Syrigma sibilatrix (TEMMINCK) — 2 ♂ ♂ e 1 sexo? (Salobra, M. Grosso)

Nycticorax nycticorax hoactli (GMELIN) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Tigrisoma lineatum marmoratum (VIEILLOT) — 1 ♀ e 1 juv.? (Salobra Mato Grosso)

Cochleariidae

Cochlearius cochlearia (LINNAEUS) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

CICONIAE

THRESKIORNITHOIDEA

Threskiornithidae

Harpiprion caerulescens (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ e 1 ♀ (Salobra M. Grosso)

Theristicus caudatus caudatus (BODDAERT) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Phimosus infuscatus nudifrons (SPIX) — 3 ♀ ♀ e 1 ♂ (Salobra Mato Grosso)

ANSERIFORMES

ANSERES

Anatidae

Nettion brasiliense (GMELIN) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

FALCONIFORMES

CATHARTAE

Cathartidae

Cathartes aura ruficollis SPIX — 1 ♀ (Ilha Seca, São Paulo) e 2 juv.? (Salobra, Mato Grosso)

FALCONES

FALCONOIDEA

Accipitridae

Rupornis magnirostris superciliares (VIEILLOT) — 2 ♀ e 1 ♂ (Salobra, Mato Grosso)

Falconidae

Falco sparverius eidos (PETERS) — 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo) e 1 ♀ (Salobra, Mato Grosso)

GALLIFORMES

GALLI

CRACOIDEA

Cracidae

Pipile cumanensis nattereri REICHENBACK — 1 ♀ e 1 ♂ juv. (Salobra, Mato Grosso)

Penelope superciliaris jacupemba SPIX — 1 ♂ e 1 ♀ (Ilha Seca, São Paulo)

Phasianidae

Odontophorus capueira capueira (SPIX) — 1 ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

GRUIFORMES

GRUES

RALLOIDEA

Rallidae

Aramides cajanea cajanea (MULLER) — 2 ♂ ♂ (Salobra, M. Grosso)

CHARADRIIFORMES

CHARADRII

JACANOIDEA

Jacanidae

Jacana spinosa jacana (LINNAEUS) — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

CHARADRIOIDEA

Charadriidae

Belonopterus chilensis lampronotus (Wagler) — 1 ♂ e 1 sexo? (Salobra, M. Grosso)

Scolopacidae

Tringa solitaria solitaria Wilson — 2 ♀ ♀ (Salobra, Mato Grosso)

COLUMBIFORMES

COLUMBAE

Columbidae

Columba plumbea plumbea Vieillot — 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo)

Zenaida auriculata virgata Bertoni — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Scardafella squammata squammata (Lesson) — 2 ♂ ♂ e 1 sexo? (Ilha Seca, São Paulo)

Columbigallina talpacoti talpacoti (Temminck) — 1 ♀ (Ilha Seca, São Paulo)

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez) — 1 ♂, 3 ♀ ♀ e 1 ♂ juv. (Ilha Seca, São Paulo)

Leptoptila verreauxi ochroptera Pelzeln — 3 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀ (Ilha Seca, São Paulo)

CUCULIFORMES

CUCULI

Cuculidae

Piaya cayana macroura Gambel — 2 ♂ ♂ e 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo)

Piaya cayana cabanisi Allen — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Crotophaga ani Linnaeus — 1 ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

PSITTACIFORMES

Psittacidae

Ara chloroptera Gray — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Propyrrhura auricollis (Cassin) — 3 ♂ ♂ e 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Psittacara leucophthalma leucophthalma (MULLER) — 1 ♂ e 1 ♀ (Ilha Seca, São Paulo)

Aratinga auricapilla aurifrons SPIX — 1 ♂ e 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo)

Aratinga aurea aurea (GMELIN) — 1 sexo? (Salobra, M. Grosso)

Pyrrhura borelli SALVADORI — 1 ♂ e 2 ♀ ♀ (Salobra, M. Grosso)

Pyrrhura frontalis chiripepe (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

Tirica chiriri (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀ (Ilha Seca, S. Paulo)

Amazona aestiva aestiva (LINNAEUS) — 1 ♀ e 1 sexo? (Salobra, Mato Grosso)

Pionus maximiliani syi (SOUANCÉ) — 1 ♀ e 5 ♂ ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

STRIGIFORMES

Strigidae

Glaucidium brasilianum brasilianum (GMELIN) — 2 ♀ ♀ (Ilha Seca, São Paulo)

CAPRIMULGIFORMES

CAPRIMULGI

Caprimulgidae

Nyctidromus albicollis derbyanus GOULD — 1 ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

MICROPODIIFORMES

MICROPODII

Micropodidae

Chaetura brachyura (JARDIM) — 1 ♂ e 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

TROGONIFORMES

Trogonidae

Trogonurus variegatus behni (GOULD) — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

CORACIFORMES

ALCEDINES

ALCEDINOIDEA

Alcedinidae

Megaceryle torquata torquata (LINNAEUS) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)
Chloroceryle amazona (LATHAM) — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

MOMOTOIDEA

Momotidae

Baryphthengus ruficapillus (VIEILLOT) — 1 ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)
Momotus momota pilcomajensis REICHENOW — 1 ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

PICIFORMES

GALBULAE

GALBULIDEA

Galbulidae

Galbula rufoviridis rufoviridis CABANIS — 1 ♂ e 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo)

CICONIDAE

Notharcus swainsoni (GRAY & MITCHELL) — 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo)

RAMPHASTOIDEA

Ramphastidae

Ramphastos toco MULLER — 1 ♂ (Ilha Seca, S. Paulo, e 1 ♀ Salobra, Mato Grosso)

PICI

Picidae

Tripsurus flavifrons (VIEILLOT) — 3 ♂ ♂ e 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo)
Leuconerpes candidus (OTTO) — 2 ♂ ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)
Celeus lugubris (MALHERBE) — 2 ♀ ♀ (Salobra, M. Grosso)
Celeus flavescens flavescens (GMELIN) — 1 juv. (Ilha Seca, S. Paulo)
Scapaneus melanoleucus melanoleucus (GMELIN) — 1 ♂ (Salobra, Mato Grosso)

PASSARIFORMES

Dendrocolaptidae

Dendrocolaptes platyrostris intermedius BERLEPSCH — 1 ♂ e 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo), 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Heleodytes unicolor (LAFRESNAYE) — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Phacellodomus rufifrons sincipitalis CABANIS — 1 ♀ e 1 juv.? (Salobra, M. Grosso)

Lepidocolaptes angustirostris bivittatus (LICHTENSTEIN) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Furnariidae

Furnarius rufus commersoni PELZELN — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Furnarius badius badius (LICHTENSTEIN) — 1 ♂ e 1 sexo? (Ilha Seca, São Paulo)

Formicariidae

Pyriglena leucoptera (VIEILLOT) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Formicivora grisea grisea (BODDAERT) — 1 sexo? (Ilha Seca, S. Paulo)

Grallaria varia imperator LAFRESNAYE — 1 ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

Tyrannidae

Sirystes sibilator sibilator (VIEILLOT) — 1 ♂ e 1 ♀ (Ilha Seca, S. Paulo)

Colonia colonus colonus (VIEILLOT) — 1 ♀ e 1 sexo? (Ilha Seca, São Paulo)

Megarhynchus pitangus pitangus (LINNAEUS) — 1 ♀ (Ilha Seca, São Paulo) e 2 ♂ ♂ (Salobra, M. Grosso)

Tyrannus melancholicus melancholicus VIEILLOT — 1 ♂ (Ilha Seca, São Paulo) e 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Phaeomyias murina murina (SPIX) — 1 ♂ e 2 ♀ ♀ (Salobra, M. Grosso)

Pitangus sulphuratus maximiliani (CABANIS & HEINE) — 1 ♂ (Ilha Seca, São Paulo)

Xolmis irupero irupero (VIEILLOT) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Xolmis velata (LICHTENSTEIN) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Myiodynastes solitarius (VIEILLOT) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Myiarchus tyrannulus chlorepiscus BERLEPSCH & LEVERUHN — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Elaenia viridicata viridicata (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ (Salobra, M. Grosso)

Pachyramphus polychopterus spixii (SWAINSON) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Myiarchus ferox australis HELLMAYR — 1 ♂ (Ilha Seca, São Paulo) e 1 sexo? (Salobra, M. Grosso)

Cotingidae

Tityra inquisitor pelzelni SALVIN & GODMANN — 1 ♀ (Salobra, Mato Grosso)

Tityra cayana brasiliensis (SWAINSON) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Casiornis rufa (VIEILLOT) — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Hirundinidae

Progne chalybea domestica (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

Mimidae

Mimus saturninus frater HELLMAYR — 2 ♂ ♂ e 1 sexo? (Ilha Seca, São Paulo)

Turdidae

Turdus amaurochalinus CABANIS — 1 ♀ e 1 sexo? (Salobra, Mato Grosso)

Thraupidae

Cissopis leveriana leveriana (GMELIN) — 1 ♂ e 1 sexo? (Ilha Seca, São Paulo)

Tanagra chlorotica serrirostris LAFRESNAYE & D'ORBIGNY — 2 ♀ ♀ (Salobra, M. Grosso)

Thraupis sayaca sayaca (LINNAEUS) — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Thraupis palmarum palmarum WIED — 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Schistochlamis melanops olivina (SLIMTER) — 1 ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

Fringillidae

Myospiza humeralis humeralis (BOSC) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Icteridae

Archiplanus albirostris (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ (Salobra, M. Grosso)

Gnorimopsar chopi chopi (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ (Ilha Seca, São Paulo) e 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Cacicus haemorrhous affinis (SWAINSON) — 2 ♂ ♂ (Ilha Seca, S. Paulo)

Molothrus bonariensis bonariensis (GMELIN) — 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

Icterus cayanensis pyrrhopterus (Vieillot) — 1 ♂ e 1 ♀ (Salobra, M. Grosso)

Corvidae

Cyanocorax chrysops chrysops (Vieillot) — 4 ♂♂ e 2 ♀♀ (Ilha Seca, S. Paulo)

Cyanocorax cyanomelas (Vieillot) — 2 ♀♀ e 1 ♂ (Salobra, M. Grosso)

VI — LISTA SISTEMÁTICA DAS AVES INCORPORADAS A COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

por

Carlos C. Vieira

Das aves coligidas nesta excursão do Instituto Osvaldo Cruz, 85 exemplares foram incorporados à coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo. Como as coletas foram realizadas em Ilha Seca (Est. de São Paulo) e Salobra (Est. de Mato Grosso), referiremos a lista para cada uma dessas localidades. Da primeira vieram 41 exemplares e da segunda 44.

ESPECIES COLIGIDAS EM ILHA SECA

Ordem TINAMIFORMES

Família **Tinamidae**

Crypturellus parvirostris (Wagler) — 1 ♀

Ordem FALCONES

Família **Falconidae**

Falco albigularis albigularis (Daudin) — 1 ♂

Cerchneis sparverius eidos (Peters) — 1 ♂

Ordem COLUMBIFORMES

Família **Columbidae**

Scardafella squammata squammata (Lesson) — 1 ♀

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez) — 1 ♂

Leptoptila verreauxi ochroptera (Pelzeln) — 1 ♂

Ordem CUCULIFORMES

Família **Cuculidae**

Piaya cayana macroura (GAMBEL) — 1 ♀

Guira guira (GMELIN) — 1 ♂

Ordem PSITTACIFORMES

Família **Psittacidae**

Psittacara leucophthalma leucophthalma (MULLER) — 1 sexo ?

Aratinga auricapilla aurifrons (SPIX) — 1 ♂ e 2 sexo ?

Pyrrhura frontalis chiripepe (VIEILLOT) — 1 ♂

Tirica chiriri (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ e 1 sexo ?

Pionus maximiliani syi (SOUANCÉ) — 1 ♀

Ordem STRIGIFORMES

Família **Strigidae**

Otus choliba choliba (VIEILLOT) — 1 ♀

Glaucidium brasilianum brasilianum (GMELIN) — 1 ♀

Ordem CAPRIMULGIFORMES

Família **Caprimulgidae**

Nyctidromus albicolis derbyanus (GOULD) — 1 ♂

Ordem TROGONIFORMES

Família **Trogonidae**

Trogonurus surrucura (VIEILLOT) — 1 ♂

Ordem PICIFORMES

Família **Bucconidae**

Notharcus swainsoni (GRAY & MITCHELL) — 1 ♂, 1 ♀ e 1 sexo ?

Família **Picidae**

Tripsurus flavifrons (VIEILLOT) — 1 ♂

Scapaneus melanoleucus melanoleucus (GMELIN) — 1 ♀

Ordem PASSERIFORMES

Família **Furnariidae**

Furnarius rufus commersoni (PELZELN) — 1 ♀

Família **Formicariidae**

Taraba major major (VIEILLOT) — 1 ♂

Família **Mimidae**

Mimus saturninus frater HELLMAYR — 1 ♀

Família **Mniotiltidae**

Basileuterus hypoleucus (BONAPARTE) — 1 ♀

Família **Thraupidae**

Cissops leveriana major (CABANIS) — 2 ♂ ♂ e 1 sexo?

Família **Icteridae**

Psomocolax oryzivorus oryzivorus (GMELIN) — 1 ♂

Gnorimopsar chopi chopi (VIEILLOT) — 1 ♀ e 1 sexo?

Família **Corvidae**

Cyanocorax chrysops (VIEILLOT) — 1 ♂, 2 ♀ ♀ e 2 sexo?

ESPECIES COLIGIDAS EM SALOBRA

Ordem PELECANIFORMES

Família **Phalacrocoracidae**

Phalacrocorax olivaceus olivaceus (HUMBOLDT) — 1 ♀

Ordem CICONIFORMES

Família **Ardeidae**

Butorides striatus striatus (L.) — 1 sexo?

Syrigma sibilatrix (TEMMINCK) — 1 ♂ e 1 ♀

Tigrisoma lineatum marmoratum (VIEILLOT) — 2 ♀ ♀ e 1 sexo?

Família **Threskiornithidae**

Harpiprion caerulescens (VIEILLOT) — 1 sexo?

Theristicus caudatus caudatus (BODDAERT) — 1 sexo?

Ordem FALCONES

Família **Accipitridae**

Heterospizias meridionalis meridionalis (LATHAM) — 1 ♂

Rupornis magnirostris superciliaris (VIEILLOT) — 2 ♂ ♂ e 1 ♀

Família **Falconidae**

Gampsonyx swainsoni swainsoni (VIGORS) — 1 ♂

Cerchneis sparverius eidos (PETERS) — 1 ♂

Ordem GRUIFORMES

Família **Aramidae**

Aramus scolopaceus carao (VIEILLOT) — 1 ♀

Ordem CUCULIFORMES

Família **Cuculidae**

Guira guira (GMELIN) — 1 ♀

Ordem PSITTACIFORMES

Família **Psittacidae**

Propyrrhura auricollis (CASSIN) — 1 ♂

Psittacara leucophthalma leucophthalma (MULLER) — 1 sexo?

Pyrrhura borelli (SALVADORI) — 1 ♂

Ordem CORACIIFORMES

Família **Alcedinidae**

Megaceryle torquata torquata (L.) — 1 ♂ e 1 ♀

Ordem PICIFORMES

Família **Bucconidae**

Nystalus maculatus pallidigula (CHERRIE & REICHENBERGER) — 1 ♂ e 1 ♀

Família **Ramphastidae**

Ramphastos toco MULLER — 1 ♂ e 1 ♀

Família **Picidae**

Leuconerpes candidus (OTTO) — 1 ♂

Scapaneus melanoleucus melanoleucus (GMELIN) — 1 ♀

Ordem PASSERIFORMES

Família **Dendrocolaptidae**

Xiphocolaptes major castaneus (Ridgway) — 2 ♀ ♀

Lepidocolaptes angustirostris bivittatus (Lichtenstein) — 1 ♀

Phacellodomus rufifrons sincipitalis Cabanis — 1 sexo ?

Família **Tyrannidae**

Elaenia viridicata viridicata (Vieillot) — 1 ♀

Myiarchus tyrannulus bahiae (Berlepsch & Leverk) — 2 ♂ ♂

Tyrannus melancholicus Vieillot — 1 ♀

Família **Troglodytidae**

Heleodytes unicolor (Lafresnaye) — 1 sexo ?

Família **Thraupidae**

Thraupis sayaca sayaca (L.) — 1 sexo ?

Família **Fringillidae**

Saltator caerulescens caerulescens (Vieillot) — 1 sexo ?

Família **Icteridae**

Cacicus chrysopterus (Vigors) — 1 ♀

Família **Corvidae**

Cyanocorax chrysops (Vieillot) — 1 ♀

Cyanocorax cyanomelas (Vieillot) — 1 ♂, 1 ♀ e 1 sexo ?

VII — SOBRE O ASPECTO DA FLORA DE SALOBRA, ESTADO DE MATO GROSSO, E ILHA SECA, ESTADO DE SÃO PAULO, COM UM RÁPIDO PERFIL FITOGEOGRÁFICO AO LONGO DA ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL, DE ARAÇATUBA A PORTO ESPERANÇA

por

Newton Santos

A — INTRODUÇÃO

Tendo tido a oportunidade de acompanhar a terceira excursão científica do Instituto Osvaldo Cruz aos Estados de S. Paulo e Mato Grosso, durante

Fevereiro e Março, colhemos algum material botânico que herborisamos e damos a seguir o relatório dêsse nosso trabalho.

Não podemos esquecer a gentileza do Prof. Carlos Viana Freire, naturalista botânico do Museu Nacional, que nos fez a maior parte das determinações das plantas em gênero e em algumas famílias e com quem muito aprendemos. Ficou êle ainda encarregado da determinação especifica do material coligido.

O material herbarisado encontra-se no Museu Nacional, exceto as Malvaceas e Turneraceas, que foram enviadas ao Prof. Honório Monteiro, da Escola Nacional de Agronomia, e as Gramineas, Malpighiaceas e algumas outras plantas que foram entregues aos especialistas Geraldo Kuhlmann e A. C. Brade, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

B — PERFIL FITOGEOGRÁFICO

Foi feito de Penapolis até Porto Esperança pois que, de Baurú a Penapolis, viajamos à noite na ida e na volta.

Da cidade de Penapolis à estação de Glicério encontramos um campo cerrado e a seguir uma savana. São talvez restos florestais que em breve transformar-se-ão em plantações. De Glicério à Araçatuba dominam os cafesaes havendo pequenas interrupções onde se vislumbram restos florestais.

De Araçatuba até a estação de Jupiá logo após a travessia do rio Paraná, a estrada corta uma ininterrupta floresta que em certas zonas afasta-se centenas de metros do leito da Estrada pois foi ceifada pelo fogo ou pelo machado. Neste longo trecho distingue-se grande quantidade de palmeiras (Bacaiúva) misturadas com a mata. Nos locais onde foram feitas queimadas restam essas bacaiuveiras com a longa estipe enegrecida pelo fumo erguidas para o céu com o feixe de folhas, secas ou quasi mortas.

Resistem entretanto muito mais que as árvores comuns lenhosas, de modo que muitas delas apenas feridas, estavam emitindo novas folhas.

Em Ilha Seca, onde a Comissão Científica esteve na 1.ª excursão rapidamente, a mata costeava a beira da Estrada mas durante essa expedição afastava-se mais ou menos 1 km. Em seu lugar, plantas herbaceas, sub-arbustivas, arbustivas e trepadeiras ocupavam a imensa área desguarnecida. O olhar ainda ao longe distingue uma grande floresta, mas desfolhada, secada pelo fogo.

A mata neste trecho citado é bem desenvolvida e certamente sofre a influência das águas do rio Tieté que sempre costeia a Estrada. Ha grande quantidade de boas árvores madeireiras das quais se tiram ótimos dormentes.

Atravessando o rio Paraná, o aspecto floristico muda completamente, pois à mata florestal sucede a savana e o cerrado. Tal contraste fitogeográfico encontrará explicação na composição do solo de um lado e do outro do rio Paraná.

A importância edafica que é fator de importância fitogeográfica é possivelmente a determinante dêsse contraste, pois que em ambas as margens do rio o valor higrometrico deverá ser semelhante. O mesmo não sucede ao solo cuja capacidade de retenção da água é função da composição petrográfica e neste caso trata-se de terreno calcáreo incapaz de reter a água donde resulta uma flora sub-xerófila ou xerófila.

Em Mato Grosso, de Três Lagoas a Vitorino estende-se uma savana a perder de vista.

Ha um tapete de plantas baixas, na maioria Gramineas e Ciperaceas e um segundo plano de árvores baixas, pouco numerosas regularmente distribuidas.

De Vitorino até Juvencio, a formação mais frequente é o cerrado que em algumas localidades, torna-se savana pela escassez das árvores. Em todo êsse longo trecho ha diversas árvores características do cerrado como o piquí, a lixeira, o paratudo, fava de anta, etc.

Mais ou menos proximo de Correntes onde confluem 2 serras e onde o rio Aquidauana abriu imensa garganta de erosão, o cerrado se condensa e forma um cerradão, uma imitação de mata florestal. Passado êsse trecho torna o cerrado à uniformidade.

Em alguns trechos do cerrado ha verdadeira predominância duma espécie vegetal, como acontece entre Miranda e Salobra, onde se estende belíssimo paratudal, coexistindo poucas outras espécies.

De Juvencio à Bodoquena, o cerrado de novo se condensa em mata florestal com grandes exemplares vegetais e de Carandazal à Porto Esperança, zona de enchente periódica do rio Paraguai, dominam no cerrado espécies mais hidrofilas: o carandá e o paratudo.

Em Carandazal, que deve o nome a presença dessa belíssima palmeira, o carandá é a espécie predominante. Dele encontramos exemplares de todos os tamanhos.

De Carandazal à Porto Esperança, pouco a pouco, o paratudo mistura-se ao carandá até que se torna êle predominante formando paratudal.

Antes de Porto Esperança as árvores começam a rarear sendo substituidas por grandes campos de gramineas, ciperaceas e juncaceas. Desse tapete

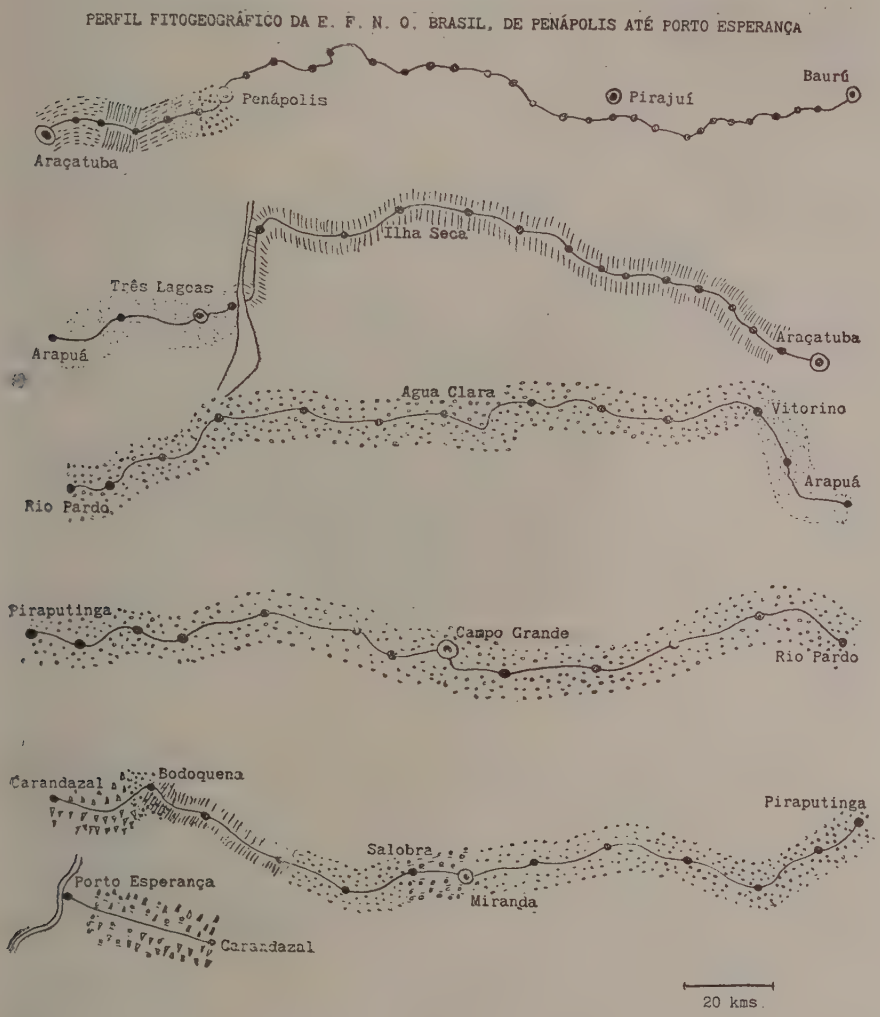

PERFIL FITOGEOGRÁFICO DA E. F. N. O. BRASIL, DE PENÁPOLIS ATÉ PORTO ESPERANÇA
Baurú
Pirajuí
Penápolis
Araçatuba
Ilha Seca
Três Lagoas
Araçatuba
Arapuá
Água Clara
Vitorino
Arapuá
Rio Pardo
Piraputinga
Campo Grande
Rio Pardo
Carandazal
Bodoquena
Piraputinga
Salobra
Porto Esperança
Miranda
Carandazal
20 kms
Floresta
Campo Serrado
Plantação
Paratudal
Savana
Carandazal

Figura 3

vegetal erguem-se os cones dos cupinseiros, que nessa ocasião estavam quasi inteiramente submersos pela enchente do Paraguai.

C — FLORA DE SALOBRA

Representando um trecho do imenso cerrado matogrossense, dêle pouco deveria diferir se dois elementos modificadores não perturbassem a composição florística local: a passagem do rio Miranda e a Estrada de Ferro.

As modificações trazidas pelo rio Miranda são consequentes às enchentes e à quantidade de água que normalmente se infiltra no solo. Daí decorrem duas formações vegetais: a) as zonas alagadas pobres de vegetação, com um tapete de Gramineas e Ciperaceas, donde emergem o paratudo e o carandá; b) a formação de matas ciliares que vão a pouca distância das margens.

A abertura do cerrado efetuada pelo leito da Estrada de Ferro não é capaz de alterar evidentemente a formação florística no conjunto, mas só é nítida na modificação da composição florística embora em pequena escala e tambem na predominância dos indivíduos vegetais.

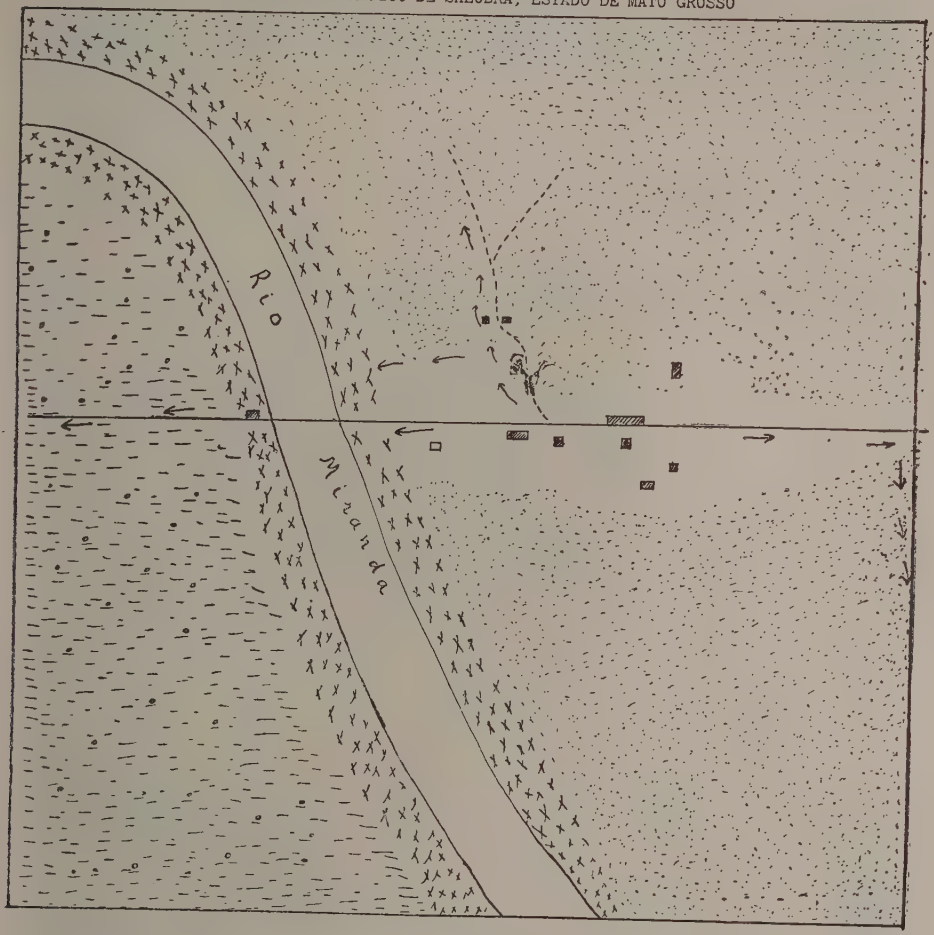
Com efeito, o leito da Estrada abrindo uma brécha no cerrado, modifica as condições de luminosidade e afasta as plantas sombreiras, permitindo o desenvolvimento de pequenas plantas, raras no meio do cerrado, onde são más as condições para a sua existência.

Além disso, ha o contingente de novas plantas disseminadas pelos trens de carga, e de passageiros, que todos os dias cortam o Sul do grande Estado. Nessas estradas bem como nas picadas de bôa luminosidade dominam as hervas e pequenas plantas rasteiras: Borrerias, *Momordica charantia* (Melão de S. Caetano), *Cucurbita citrullus* (melancia), Euphorbias herbaceas, Malvaceas, Leguminosas (*Arachis*), Mimosas, Cassias, Meibonias, Crotallarias, Dioscoreas, Aristolochias, Portulacaceas (*Talinum*) etc.

Do ponto de vista fitogeográfico, a flora de Salobra é típicamente subxerofila, sendo apenas um fragmento do cerrado matogrossense. Encontramos ainda representantes das formações hidrófilas, limitadas à mata ciliar que acompanha o rio Miranda, bem como representantes da flóra aquática em pequena quantidade existentes em zonas paludosas ou em poças dágua constantes. Nas figs. 4 e 5 estão indicadas aproximadamente a posição relativa ocupada pelo cerrado, pela mata ciliar e as plantas aquáticas.

A flóra de Salobra apresenta-se esquematicamente representada por indivíduos vegetais, situados em 3 planos distintos. O 1.º plano, mais inferior, é constituido por um manto contínuo de vegetais monocotiledoneos em

MAPA FITOGEOGRÁFICO DE SALOBRA, ESTADO DE MATO GROSSO



Campo cerrado

Zona inundada com árvores

Mata ciliar

Habitações

100 mts

----- Picadas

→ Locais onde foi colhido material botânico

Figura 4

sua maioria Gramineas e Ciperaceas; a estes podemos acrescentar hervas e plantas herbaceas, algumas das quais forrageiras. Essas plantas encontram-se entre as Leguminosas, Rubiaceas, Euphorbiaceas, Nictaginaceas, Commelinaceas, Portulacaceas, etc.

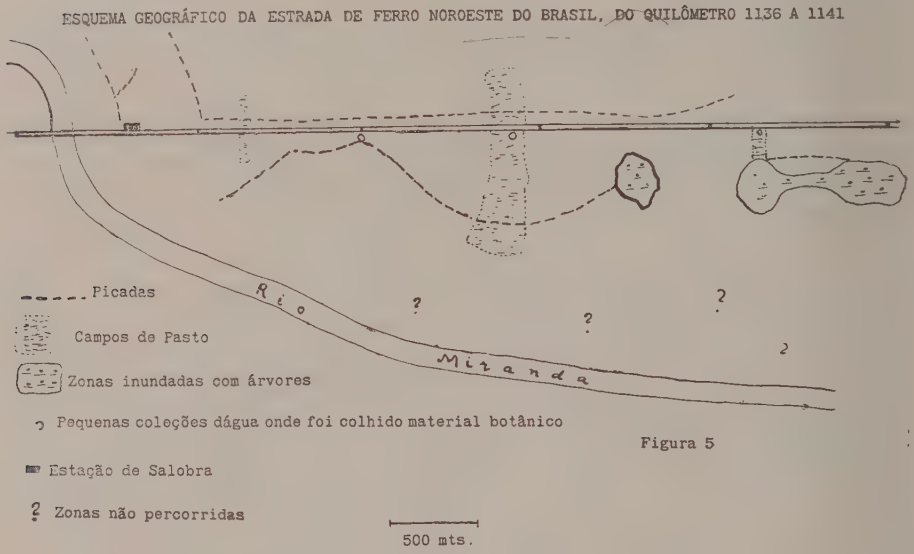

ESQUEMA GEOGRÁFICO DA ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL, DO QUILÔMETRO 1136 A 1141
Picadas
Campos de Pasto
Zonas inundadas com árvores
Pequenas coleções dágua onde foi colhido material botânico
Estação de Salobra
Zonas não percorridas
Rio Miranda
500 mts.

Figura 5

O 2.º plano, constituido por plantas sub-arbustivas, arbustivas, trepadeiras, escandentes e voluveis é bem representado em número de indivíduos e de espécies, rivalisando com as árvores. Entre estas plantas, podemos citar exemplares das seguintes famílias: Leguminosas (*Bauhinia, Mimosa, Cassia, Meibomia, Crotallaria,* etc.); Compostas (*Bidens,* etc.); Sapindaceas (*Serjanea* e *Paullinea*), Liliaceas (*Smilax*), Malvaceas (*Sida,* etc.), Euphorbiaceas (*Euphorbia, Croton*), Dioscoreaceas (*Dioscorea*), Marantaceas (*Calatea*), Malpighiaceas, Acanthaceas (*Thumbergia*), Vitaceas (*Cissus*), Cucurbitaceas (*Cucurbita, Momordica*), Passifloraceas (*Passiflora*), Cactaceas (*Cereus*), Asclepiadaceas, Esterculiaceas (*Waltheria*), Turneraceas (*Turnera*), Tiliaceas (*Luhea*), Solanaceas (*Solanum*), Verbenaceas (*Lantana, Stachytarpheta*), Piperaceas (*Piper*), Aristolochiaceas (*Aristolochia*), Rubiaceas (*Borreria*), Menispermaceas (*Cissampelos*), Urticaceas (*Bohemeria*), etc.

Êste plano enche o espaço compreendido entre o 1.º e o 3.º e se assim não fôsse, o cerrado teria o aspecto duma plantação. As plantas trepadeiras, cipós e voluveis são mais frequentes junto às matas hidrófilas do que no cerrado propriamente dito.

O 3.º plano constituido pelas árvores do cerrado dá ao conjunto o facies característico. Essas árvores que em certos casos atingem grandes dimensões nunca são comumente indivíduos gigantescos como os das florestas hidrófilas. Todas essas árvores de diversas espécies e de famílias diferentes apresentam o mesmo porte aproximado, o mesmo aspecto grosseiro e o colorido semelhante. O olhar que prescruta o cerrado, primeiro vê os bouquets de árvores regularmente separados simulando plantações.

Em alguns casos, o cerrado torna-se mais denso, as árvores reunem-se e perdem a individualidade, enquanto os cipós mesclam-nas no seu emaranhado e neste caso temos uma formação florestal em miniatura.

As árvores do cerrado são muito numerosas e delas algumas ainda não receberam determinação. Podemos citar exemplares das seguintes famílias: o paratudo (*Tecoma*) da família das Bignoniaceas; o saca-rolhas (*Helicteres*) Esterculiacea ; o ingá, o angico, o jatobá (*Inga, Piptadeniae Hymenea*) entre as Leguminosas; a acalifa (*Acalypha*), Euphorbiacea; (*Casearia*) Flacourtiacea; o piqui (*Caryocar*) Caryocaracea; (*Kilmeyera*) Guttifera; a mama de porco, Rutacea; a bacaiuva (*Acrocomia*) Palmacea ; o carandá (*Copernicea*) Palmacea; o timbó (*Magonia*) Sapindacea; a maria pobre e sabão de macaco (*Dilodendron* e *Sapindus*) Sapindacea ; a imbaúba, a figueira e o pau novato (*Cecropia, Ficus* e *Castiloa*) Moraceas ; o gonçalo alves e outras (*Astronium* e *Schinus*) Anacardiaceas ; o cedro (*Cedrella*) Meliacea ; a lixeira (*Curatella*) Dilleniacea ; o espinheiro, Rhamnacea ; a aroeira (Leguminosa); a guavira, Myrtacea ; o tarumã, (*Tecoma*) Bignoniacea ; a goiabeira (*Psidium*) Myrtacea ; a fava de anta (Leguminosa); a carne de vaca, Combretacea ; o cepultá, o catiguá, o cabutá, a pindaíba, o carvão branco, a peruchinga, a guapomba, a pururuca, o pau de sal, denominações essas colhidas no local, muitas das quais não correspondem às plantas usualmente conhecidas por algum destes nomes.

Do ponto de vista sistemático, foram coligidas mais ou menos 200 espécies, distribuidas em 56 famílias num total aproximado de 250 exemplares, cabendo indiscutivelmente às Leguminosas, a predominância das espécies com umas 40 espalhadas pelos gêneros *Bahuinia, Cassia, Meibomia, Crotallaria, Mimosa, Piptadenia, Arachis* (?), *Inga, Hymenea* e *Machaerium*.

O gênero *Bauhinia* extremamente comum apresenta umas 10 - 12 espécies, algumas floridas. Os gêneros *Cassia, Meibomia, Crotallaria, Mimosa,*

equivaleram-se com uma média de 4 espécies. Há ainda uns 3 a 4 gêneros por determinar.

A seguir vem as Sapindaceas com 15 espécies dos gêneros *Serjanea, Paullinea, Urvillea, Melicocca, Magonia, Dilodendron* e *Sapindus*. Do gênero *Serjanea* muito abundante colhemos 7 espécies entre as quais a bela *Serjanea erecta* copiosamente florida. No gênero *Paullinea* verificamos duas espécies e para os demais uma espécie.

As Euphorbiaceas, que se seguem, em igualdade de condições com as Compostas, malpighiaceas, Gramineas e Malvaceas apresentavam umas 11 espécies com a seguinte distribuição genérica: *Euphorbia* com 5 espécies, *Acalypha* e *Croton*, 2 para cada um, *Dalechampia* e *Maniot*, uma espécie.

Das Compostas com 11 espécies, só temos determinado o gênero *Bidens*.

As Gramineas com 7 espécies, as Malvaceas com 8 e as Malpighiaceas com 10 foram enviadas respectivamente aos especialistas G. KUHLMANN, A. C. BRADE e H. MONTEIRO para receberem determinação. Ainda bem representadas foram as Rubiaceas com 9 espécies entre as quais os gêneros *Borreria* e *Cocosypselum* e as Dioscoreaceas com 5 espécies do único gênero *Dioscorea*. As demais famílias com representação específica abaixo de 5 encontram-se em lista alfabética no fim deste relatório.

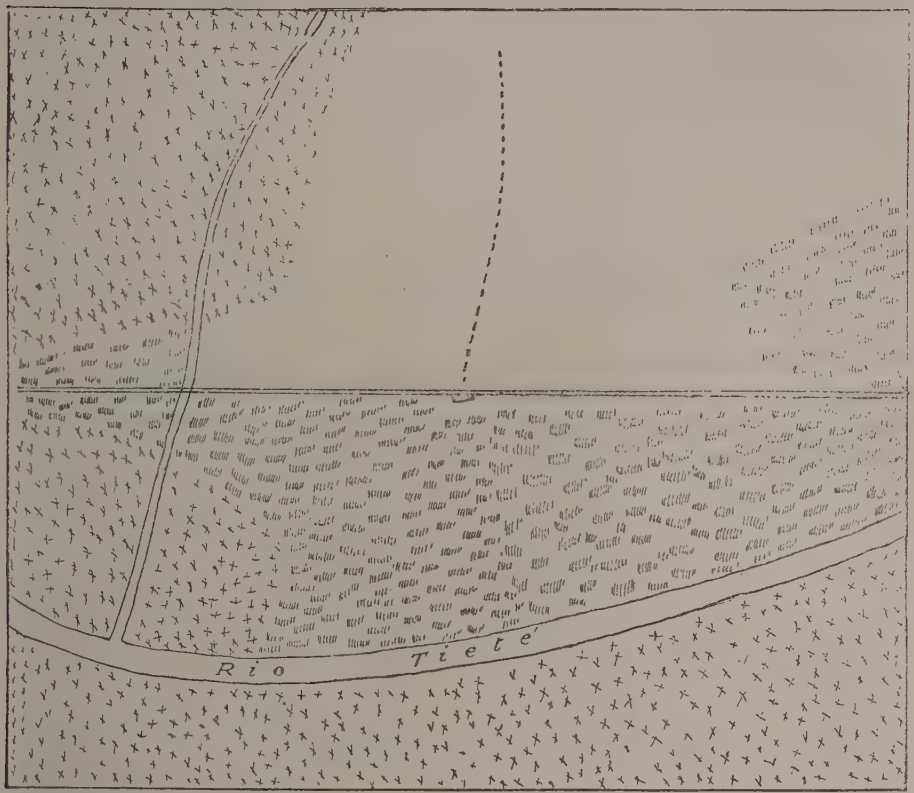
Hervas e plantas herbaceas do 1.º plano — Como já dissemos anteriormente, o 1.º plano da flora que estudamos, é formado por um tapete uniforme de Gramineas e Ciperaceas, às quais se reunem algumas hervas e plantas forrageiras mais frequentes nas picadas e ao longo da estrada onde vicejam com maior abundância.

Encontramos uma Portulacacea frequente em *Talinum racemosum*, de folhas carnosas e ostentando flores e frutos. Das Euphorbiaceas a mais comum é *Euphorbia brasiliensis* que é acompanhada de outras espécies do mesmo gênero. A *Boheravia hirsuta*, Nictaginacea, é muito encontrada, com flores e frutos. As Rubiaceas herbaceas são representadas por algumas espécies de *Borreria* e *Coccosypselum*. Das Comelinaceas encontramos *Commelina ograria* e *C. pohliana*. Das Leguminosas vimos *Arachis* (?), uma espécie de *Bauhinia* e algumas Meibomias forrageiras. As Compostas ofereciam tambem plantas herbaceas bem como algumas Malvaceas do gênero *Sida*.

Plantas do 2.º plano. a-Sub-arbustos e Arbustos — Essas 2 categorias de plantas são bem representadas rivalisando com as árvores.

As mais comuns são as Leguminosas e Compostas. Das primeiras distinguimos várias espécies de *Meibomia, Cassia* e *Mimosa* como as mais frequentes. As *Meibomias*, que são conhecidas pelo nome de carrapicho por-

MAPA FITOGEOGRÁFICO DE ILHA SECA, ESTADO DE SÃO PAULO



Estação de Ilha Seca

500 mts.

Floresta

Matas de nova formação em regiões florestais anteriormente queimadas

Em branco — Zonas queimadas recentemente

Figura 6

que os frutos (vagem) articulados quebram-se em fragmentos que se agarram tenásmente às vestes, oferecem boa forragem. O meio de disseminação é tão admiravel que encontramos nas roupas do campo, mesmo depois de lavadas, os fragmentos do fruto, após a nossa volta para o Rio de Janeiro. Das *Cassia* a mais comum é o fedegoso do campo, muito visitado por formigas. As *Mimosa,* bem como as antecedentes estavam floridas. Não encontramos *M. pudica* mas em outra *Mimosa* notamos movimentos muito rápidos; suas folhas diferem completamente de *M. pudica* pois possuem apenas 5 foliolos, porém grandes.

As Compostas, todas arbustivas ou sub-arbustivas, são frequentes, tendo sido encontrado o comuníssimo picão, *Bidens tridentatus ;* todas estavam floridas ou frutificadas.

Das Malvales só não vimos Bombacaceas ; as Malvaceas mais numerosas desta série estavam floridas ou frutificadas ; as Esterculiaceas tinham em *Helicteres,* vulgo saca-rolhas e no gênero *Waltheria* os seus representantes floridos ou frutificados ; as *Tiliaceas* figuravam com o gênero *Luhea* sem flores ou frutos.

Aparentemente proximas das Malvaceas mas muito diferentes quando se examina a flor são as Turneraceas de que trouxemos o gênero *Turnera*.

Das Euphorbiaceas, encontramos uma espécie de *Croton* sem órgãos reprodutores, a *Acalypha* e a mandioca de veado, (*Manioht*) floridos e frutificados. Deste último, só vimos um exemplar na estrada, próximo a uma zona inundada, não sabendo se se trata de planta do local ou disseminada. As Verbenaceas tinham no gervão (*Stachytarpheta*) e na uva do mato (*Lantana*) os únicos representantes, floridos e frutificados.

Das Combretaceas colhemos o gênero *Combretum,* conhecido no local pelo nome de Carne de vaca, nome que entretanto é dado a outra planta do cerrado segundo Hoene em sua Phytophisionomia do Estado de Mato Grosso; o exemplar que possuimos estava frutificado, sendo o fruto uma samara de 4 asas de cor vermelha na planta viva.

Os gêneros *Cordia* e *Bohemeria,* das Borraginaceas e Urticaceas, foram colhidos floridos e frutificados ; eram abundantes a beira das zonas alagadas.

As Piperaceas estavam representadas por *Piper colectanearum* e outra espécie do mesmo gênero, ambas ostentando as típicas espigas de flores.

Das Marantaceas colhemos o gênero *Strelitzia*.

b — Cipós e plantas trepadeiras — As mais representadas dessas plantas em número e especies pertencem às famílias das Leguminosas e Sapindaceas. Das primeiras o gênero *Bauhinea,* com um terço das espécies flores-

cidas ou frutificadas, é conhecido vulgarmente pelos nomes de pata de vaca, unha de vaca e unha de boi, devido ao recorte existente no limbo da folha; as diversas espécies que vimos, apresentavam folhas pequenas, medias ou grandes, recortadas profundamente, mediamente ou quasi nada.

Das Sapindaceas, o gênero *Serjanea* é o mais comum tendo sido encontrada apenas uma espécie que é erecta, *S. erecta* com grandes folhas compostas longo pecioladas e linda inflorescencia de folhas brancas e pequenas; as demais *Serjaneas* vistas foram :*S. glutinosa, S. orbicularis, S. reticulata, S. cuspidata. S. communis, S. eucardia* (?), todas profusamente floridas ou frutificadas. Essas Serjaneas são conhecidas pelo nome de timbó que é dado a diversas outras plantas bem como a uma Sapindacea: *Magonia glabata,* cujo fruto contem substância venenosa, ictiotoxica; as demais Sapindaceas trepadeiras colhidas foram do gênero *Paullinea* e *Urvillea* muito semelhantes e tambem floridos.

Dioscoreas sem nenhuma floração bem como o gênero *Smilax* das Liliaceas foram assinalados, mesclando-se com as outras plantas erectas. Foram encontradas tambem 3 espécies de *Aristolochia* com flores e algumas com os típicos frutos, semelhantes a cestinhas penduradas, alguns dos quais já deiscentes, deixavam observar as sementes cuneiformes.

As Cucurbitaceas tinham no comum melão de S. Caetano, *Momordica charantia,* e em *Cucurbita citrullus* os únicos representantes, só encontrados nos locais de boa claridade.

Ainda assinalamos Bignoniaceas, uma espécie, Vitaceas do gênero *Cissus,* Menispermaceas do gênero *Cissampelos,* bem como uma Malvacea rasteira, floridos todos os exemplares.

Plantas do 3.º plano — as árvores — Entre as árvores que pudemos coletar e já determinadas no gênero, algumas são de grande porte, outras de porte menor.

Das Meliaceas assinalamos o cedro (*Cedrella*) bem desenvolvido e com frutos ainda verdes. Das Leguminosas, o angico é muito comum (*Piptadenia*) sendo encontrado a toda hora, sem flores ou frutos, destacando-se das demais pelo seu bonito caule liso e branco. Sobre os ramos desta planta é muito comum encontrar-se os ninhos de *Phacellodomus rufifrons sincipitalis* Cabanis.

Também é ela hospedeira duma parasita comum do gênero *Psitacanthus,* da família das Loranthaceas que forma no ponto de implantação, grossa tuberosidade. Essa parasita, que estava belamente florida, dá às vezes a impressão de ser ela a verdadeira planta.

Ainda encontramos o ingá (*Inga -*) muito frequente e o jatobá menos comum bem como o gênero *Machaerium*. Outra Leguminosa comum e ainda não determinada é a fava da anta, nome que colhemos no local, sendo essa planta muito mais comum nas savanas de S. Paulo.

Das Sapindaceas encontramos frequentemente a maria preta, conhecida pelo nome de Maria pobre em Minas Gerais (ENGLER) única espécie do gênero, *Dilodendron bipinnatum*. Esta planta está representada e desenhada na flora de MARTIUS porem não a encontramos citada na Phytophisionomia de HOENE. Muito usual é o timbó, *Magonia glabata* que ostentava suas grandes capsulas cor de barro, algumas das quais já deiscentes, libertavam as sementes aladas.

A *Melicoca lepidopetala* da qual trouxemos uma variedade e o sabão de macaco *Sapindus saponnaria* são faceis de achar ; ambos sem flor ou fruto.

Das Moraceas encontramos uma espécie de *Ficus* muito próxima de *Ficus retusa,* não sabendo se era do local ou transplantada. Era um enorme exemplar com alguns frutos ; essa planta é tambem hospedeira duma espécie de *Psitacanthus*. Assinalamos ainda uma imbaúba (*Cecropia*) proxima da zona alagada ; comum é o novato, muito visitado por formigas.

Das Anacardiaceas vimos o gonçalo alves, planta madeireira, do gênero *Astronium,* perto da zona hidrófila do rio Miranda. O gênero *Schinus* é muito comum, sendo seus ramos utilisados pelo passaro *Phacellodomus rufifrons sincipitalis* na feitura do ninho ; todas as plantas dessa família estavam sem floração.

Das Dileniaceas, a comunissima lixeira, *Curatella americana* é representadíssima, não chegando a formar associações com uma só espécie ; estava sem flores ou frutos.

Das Caryocaraceas, o piqui (*Caryocar -*) é muito usual sendo encontrado próximo das coleções dágua.

Das Rubiaceas arboreas encontramos uma espécie muito semelhante à *Genipa americana,* frutificada.

Das Flacourtiaceas encontramos bastante o gênero *Casearia* com muitas flores.

As Rhamnaceas estão bem representadas na zona mais hidrófila, sendo os ramos espinhosos conjuntamente com de *Schinus* utilisados na confecção do ninho de *Phacellodomus rufifrons sincipitalis*.

Das Bignoniaceas encontramos 3 espécies do gênero *Tecoma* entre as quais a que representa o paratudo. Esta árvore que não atinge grandes proporções, quando jovem, tem as folhas muito grandes ; os paratudos são ex-

tremamente comuns junto às coleções dágua, de modo que as regiões periodicamente inundadas apresentam-nos em tal quantidade que êle constitue os paratudais onde poucas outras plantas coexistem. Não tivemos a sorte de encontrar o paratudal em flor, não podendo gozar o magnífico espetaculo que deve proporcionar.

Alternando com o paratudo aparece comumente, o carandá, belíssima Palmacea do gênero *Copernicea* que tambem é capaz de formar grandes associações gregarias, o carandazal, que emergem da água as longas estipes na extremidade das quais inserem as belas folhas flabeliformes. Tivemos a impressão que o carandá prefere, mais que o paratudo, as zonas alagadas. Palmacea comuníssima é a bacaiuva do gênero *Acrocomia* que nessa ocasião ostentava os cachos de saborosos frutos que são para a Ema excelente gulodice, tal foi a quantidade encontrada em uma autopsia.

LISTA DOS NOMES VULGARES COLIGIDOS

1 — Amoroso (77)*	*Meibomia*
2 — Angico (189)	*Piptadenia*
3 — Araticum (224)	
4 — Aroeira (151)	
5 — Assa-peixe (157)	
6 — Avoadeiro (95)	
7 — Balsamo bravo (192)	
8 — Batata brava (134)	*Ipomea*
9 — Buta (33)	*Aristolochia*
10 — Buta preta (46)	*Aristolochia*
11 — Caixão de velha (227)	
12 — Cabutá (60)	
13 — Cambará (158)	*Lantana*
14 — Cansansão (35)	*Solanum* (?)
15 — Carne de vaca (54)	*Combretum*
16 — Carvão branco (80)	
17 — Castelo (62)	*Rubiacea*
18 — Catiguá (40)	
19 — Catinga de mulata (152)	*Piper*
20 — Cepultá (39)	
21 — Chico Magro (122)	*Waltheria*
22 — Cipó milhome (127)	*Cissampelos*
23 — Dormideira (25)	*Mimosa*
24 — Espinheiro (28)	*Rhamnacea*
25 — Fava de anta (232)	*Leguminosa*
26 — Fedegoso do campo (143)	*Cassia*
27 — Figueirinha (56)	*Rapanea*

* O número entre parentesis corresponde à nossa numeração do exemplar coligido.

28 — Gegelim bravo (228)	*Crotallaria*
29 — Goiaba de porco (93)	*Mirtacea*
30 — Gonçalo alves (48)	*Astronium*
31 — Guapomba (186)	
32 — Guavira (220)	*Mirtacea*
33 — Guaxima (43)	*Malvacea*
34 — Guiso (166)	*Crotallaria*
35 — Herva de bicho (234)	*Casearia* (?)
36 — Herva S. Luzia (221)	*Commelina*
37 — Imbauba (119)	*Cecropia*
38 — Ingá (115)	*Inga*
39 — Jatobá (204)	*Hymenea*
40 — Joá bravo (177)	*Solanum*
41 — Leiteira (61)	*Croton*
42 — Lingua de vaca (26)	
43 — Malva branca (162)	*Malvacea*
44 — Mama de porco (24)	*Rutacea*
45 — Mandioca de veado (90)	*Manioht*
46 — Maracujá do mato (125)	*Passiflora*
47 — Maria preta (182)	*Dilodendron*
48 — Melancia (135)	*Cucurbita*
49 — Melão de S. Caetano (138)	*Momordica*
50 — Novato (121)	*Castiloa*
51 — Paratudo (120)	*Tecoma*
52 — Pata de vaca (30)	*Bauhinia*
53 — Pau de S. João (135)	
54 — Pau de sal (210)	
55 — Perunchinga (185)	*Bignoniacea*
56 — Peuva (58)	*Tecoma*
57 — Picão (178)	*Bidens*
58 — Pindaiba (78)	
59 — Piquiseiro (194)	*Caryocar*
60 — Pururuca (190)	
61 — Rabo de raposa (52)	*Graminea*
62 — Rosquinha (47)	*Helicteres*
63 — Sabão de macaco (116)	*Sapindus*
64 — Sabugueiro (187)	*Leguminosa*
65 — Taquarinha (49)	*Graminea*
66 — Tarumã (191)	*Tecoma*
67 — Timbó (183)	*Magonia*
68 — Tomate bravo (172)	*Solanum*
69 — Unha de boi (37)	*Bauhinia*
70 — Urtiga (38)	*Dalechampia*
71 — Vacury (96)	*Palmacea*
72 — Velame branco (148)	*Croton*

LISTA ALFABÉTICA DAS FAMILIAS COLIGIDAS

1 — ACANTHACEAE

1 — *Thumbergia* (76) 1 ex.

2 — ALISMACEAE

? (249) 3 ex.

3 — ANACARDIACEAE

2 — *Schinus* (81) 1 ex.
3 — *Astronium* (48) 1 ex.

4 — ANOMACEAE

? (78) 1 ex.

5 — APOCYNACEAE

4 — *Prevostia* (12) 1 ex.
? (202) 1 ex.

6 — ARISTOLOCHIACEAE

5 — *Aristolochia* (131) 1 ex.
Aristolochia (33) 1 ex.
Aristolochia (233) 1 ex.
Aristolochia (139) 1 ex.

7 — ASCLEPIADACEAE

? (55) 1 ex.

8 — BIGNONINACEAE

6 — *Tecoma* (120) 1 ex.
Tecoma (58) 1 ex.
? (191) 1 ex.
? (185)

9 — BORRAGINACEAE

7 — *Cordia* (149) 2 ex.
? (157,9) 2 ex.
? (53) 1 ex.

10 — BUTOMACEAE

8 — *Hydrocleis* (252) 2 ex.
Hydrocleis (250) 2 ex.
9 — *Limnocharis* (251) 3 ex.

11 — CACTACEAE

10 — *Cereus*

12 — CARYOCARACEAE

11 — *Caryocar* (215) 1 ex.

13 — COMBRETACEAE

12 — *Combretum* (34) 1 ex.

14 — COMMELINACEAE

13 — *Commelina* (221) 1 ex.
Commelina (13,103) 3 ex.

15 — COMPOSITAE

14 — *Bidens* (112) 3 ex.
? (188) 1 ex.
? (110) 1 ex.
? (45) 1 ex.
? (140) 1 ex.
? (67) 1 ex.
? (217, 225) 2 ex.
? (231) 1 ex.
? (34, 160) 2 ex.
? (165) 1 ex.
? (144) 1 ex.

16 — CUCURBITACEAE

? (69) 1 ex.
? (22) 1 ex.

17 — CYPERACEAE

? (243) 1 ex.
? (?-) 1 ex.

18 — DILENIACEAE

15 — *Curatella* (194) 1 ex.

19 — DIOSCOREACEAE

16 — *Dioscorea* (92) 1 ex.
Dioscorea (64) 1 ex.
Dioscorea (32) 1 ex.
Dioscorea (68) 1 ex.
Dioscorea (46) 1 ex.

20 — ESTERCULIACEAE

17 — *Waltheria* (?) 1 ex.
Waltheria (209, 216) 2 ex.
Waltheria (122) 1 ex.
18 — *Helicteres* (47) 1 ex.

21 — EUPHORBIACEAE

19 — *Dalechampia* (38) 1 ex.
20 — *Euphorbia* (109) 1 ex.
Euphorbia (107) 1 ex.
Euphorbia (167, 162) 2 ex.
Euphorbia (16, 175) 2 ex.
Euphorbia (168) 2 ex.
21 — *Acalypha* (159) 4 ex.
Acalypha (222) 4 ex.

22 — *Croton* (148) 1 ex.
Croton (61) 1 ex.
23 — *Manioht* (145) 1 ex.

22 — FLACOURTIACEAE

24 — *Casearia* (70) 1 ex.
? (223, 234) 2 ex .

23 — GRAMINEAE

? (240) 1 ex.
? (238) 1 ex.
? (49) 1 ex.
? (242) 1 ex.
? (52) 1 ex.
? (239) 1 ex.
? (244) 1 ex.

24 — GUTTIFERAE

25 — *Kilmeyera* (224) 1 ex.

25 — JUNCACEAE

? (?) 1 ex.

26 — LABIATER

? (5) 1 ex.
? (170)

27 — LEGUMINOSAE

26 — *Mimosa* (117) 1 ex.
Mimosa (118) 1 ex.
Mimosa (25) 1 ex.
Mimosa (27) 1 ex.
27 — *Arachis* (111) 1 ex.
28 — *Cassia* (3) 1 ex.
Cassia (4) 1 ex.
Cassia (143, 164, 163) 3 ex.
Cassia (174, 180) 2 ex.
29 — *Meibomia* (77) 1 ex.
Meibomia (89) 1 ex.
Meibomia (173, 176) 2 ex.
Meibomia (65) 1 ex.
Meibomia (?) 1 ex.
30 — *Crotallaria* (228) 1 ex.
Crotallaria (166) 1 ex.
Crotallaria (?) 1 ex.
31 — *Bauhinia* (8) 1 ex.
Bauhinia (7) 1 ex.
Bauhinia (30) 1 ex.
Bauhinia (11) 1 ex.
Bauhinia (85) 1 ex.

Bauhinia (84) 1 ex.
Bauhinia (37) 1 ex.
Bauhinia (100) 1 ex.
Bauhinia (126) 1 ex.
Bauhinia (154) 1 ex.
Bauhinia (155) 1 ex.
Bauhinia (156) 1 ex.
Bauhinia (17) 1 ex.

32 — *Piptadenia* (203) 1 ex.

33 — *Machaerium* (189) 1 ex.
Machaerium (137) 1 ex.

34 — *Inga* (116) 1 ex.

35 — *Hymenea* (204) 1 ex.
? (74) 1 ex.
? (212) 1 ex.
? (205, 187) 2 ex.

28 — LILIACEAE

36 — *Smilax* (29) 1 ex.

29 — LYTHRACEAE

? (142, 146) 2 ex.

30 — LORANTHACEAE

37 — *Psithacanthus* (99) 2 ex.

31 — MALPIGHIACEAE

? (211) 1 ex.
? (73) 1 ex.
? (72) 1 ex.
? (31) 1 ex.
? (50) 1 ex.
? (86) 1 ex.
? (82) 1 ex.
? (132) 1 ex.
? (133) 1 ex.
? (171) 1 ex.

32 — MALVACEAE

38 — *Sida* (6) 1 ex.
? (138) 1 ex.
? (42) 1 ex.
? (162) 1 ex.
? (147) 1 ex.
? (51) 1 ex.
? (200) 1 ex.
? (10) 1 ex.

33 — MARANTACEAE

39 — *Calatea* (245) 1 ex.

34 — MELIACEAE

40 — *Cedrella* (198) 1 ex.

35 — MENISPERMACEAE

41 — *Cissampelos* (127) 1 ex.

36 — MORACEAE

42 — *Castilloa* (141) 1 ex.
43 — *Ficus* (199) 1 ex.
44 — *Cecropia* (119) 1 ex.

37 — MUSACEAE

45 — *Strelitzia* (81) 1 ex.

38 — MYRSINACEAE

46 — *Rapanea* (56) 1 ex.

39 — MYRTACEAE

47 — *Psidium*
? (93) 1 ex.

40 — NICTAGINACEAE

48 — *Boheravia* (104) 3 ex.

41 — PALMACEAE

49 — *Copernicera*
50 — *Acrocomia*

42 — PASSIFLORACEAE

51 — *Passiflora*

43 — PIPERACEAE

52 — *Piper* (152) 1 ex.
Piper (21) 1 ex.

44 — PONTEDERIACEAE

53 — *Pontederia* (247) 1 ex.
Pontederia (?) 1 ex.

45 — PORTULACACEAE

54 — *Talinum* (102, 105) 2 ex.
55 — *Portulaca* (?) 1 ex.

46 — RHAMNACEAE

? (28) 1 ex.
? (236) 1 ex.

47 — RUBIACEAE

56 — *Borreria* (23) 1 ex.
Borreria (181, 114) 2 ex.

57 — *Coccosypselum* (113) 3 ex.
? (179) 1 ex.
? (106) 1 ex.
? (62, 63) 2 ex.
? (101) 1 ex.
? (15) 1 ex.

48 — RUTACEAE

? (24) 1 ex.

49 — SAPINDACEAE

58 — *Urvillea* (2) 2 ex.
59 — *Dilodendron* (182) 1 ex.
60 — *Serjanea* (219) 2 ex.
Serjanea (79) 2 ex.
Serjanea (66) 2 ex.
Serjanea (20) 2 ex.
Serjanea (128) 2 ex.
Serjanea (44) 2 ex.
61 — *Melicoca* (7) 2 ex.
62 — *Magonia* (183) 1 ex.
63 — *Sapindus* (116) 1 ex.
64 — *Paullinea* (181) 1 ex.
Paullinea (36) 1 ex.

50 — SOLANACEAE

65 — *Solanum* (177) 2 ex.
Solanum (?) 1 ex.
Solanum (227) 1 ex.
66 — *Nicandra* (172) 1 ex.

51 — TILIACEAE

67 — *Luhea* (75, 196, 18) 3 ex.

52 — TURNERACEAE

68 — *Turnera* (163) 2 ex.

53 — URTICACEAE

69 — *Bohemeria* (153) 2 ex.

54 — VERBENACEAE

70 — *Stachytarpheta* (18) 1 ex.
71 — *Lantana* (158, 12) 2 ex.

55 — VITACEAE

72 — *Cissus* (71, 124) 2 ex.

D — FLORA DE ILHA SECA

A flora de Ilha Seca, parte da qual já está derrubada, representa uma floresta, mata hidrófila de grande desenvolvimento, onde abundam as lianas. Ha exemplares de árvores gigantescas, produtoras de excelentes madeiras.

Essa floresta vem sendo queimada e a seguir derrubada pelo machado, deixando em seu logar uma nova mata muito diferente, onde abundam as hervas, arbustos, trepadeiras e cipós formando um emaranhado compacto. Não duvidamos que essa floresta possa vir a ser daquí ha alguns anos, uma savana em vez da soberba mata atual, pois que a devastação das florestas diminue de maneira consideravel o teor de humidade atmosférica e do solo, tornando-se a região xerofila ou sub-xerofila.

Desta pequena localidade colhemos cerca de 70 espécies vegetais num total de 100 especimens.

A predominância sistemática coube às Leguminosas com 1/8 das espécies coligidas.

Muito aquem, surgem as Euphorbiaceas, Compostas, Anacardiaceas e Sapindaceas com 4 ou 3 espécies. As demais famílias tem 3, 2 ou 1 representante específicos.

Na fig. 6 está representada de uma maneira esquemática, o mapa botânico do local onde estão assinalados as zonas florestais, as zonas de atual queimada e as de novo reflorestamento que surgem com o tempo nos locais devastados.

Essas novas formações são constituidas pelo desenvolvimento de plantas herbaceas, arbustivas e trepadeiras, cipós e voluveis que formam com as outras plantas um denso emaranhado vegetal. As árvores de grande porte não aparecem logo, pois têm um desenvolvimento mais lento do que as citadas anteriormente.

Muitas árvores derrubadas e semiqueimadas ainda conseguem brotar junto ao tronco, desenvolvendo-se outra vez em zonas devastadas. O número de árvores de nova formação diminuiria fatalmente se a presença do rio Tieté não constituisse um fator higrofilo e hidrófilo de grande significação para o reflorestamento. Mesmo assim, se a devastação progredir, faltarão os elementos reprodutores cuja disseminação se vai tornando mais dificil. E assim, pouco a pouco, a queimada avança no seio das florestas permitindo que as savanas e formações semelhantes ocupem os grandes claros da floresta extinta.

Como na flora de Salobra, distinguiremos na de Ilha Seca, os três planos vegetais citados : o 1.º das hervas e plantas herbaceas, o 2.º dos sub-arbustos, arbustos, cipós e trepadeiras e o 3.º, das árvores.

1.º plano : Formado por pequenas plantas anuais que constituem o tapete vegetal da floresta.

Coletamos dessas plantas, espécies dos gêneros *Euphorbia* e *Xantium*, uma espécie de cada ; *Boheravia hirsuta* profusamente florida e frutificada ; uma espécie da família das Amarantaceas e 2 das Comelinaceas, possivelmente do gênero *Tradescantia*.

2.º plano — Arbustos e sub-arbustos : São muito numerosos e ocupam o intervalo das árvores, as margens das estradas e os lugares onde foram feitas queimadas. Das Leguminosas encontramos as *Crotallaria*, conhecidas pelo nome vulgar de guiso, porque os seus frutos quando secos e sacudidos, produzem ruido semelhante ao do guiso da cascavel. Das Mimosaceas, encontramos uma espécie e das Gisalpinaceas o comunissimo fedegoso, espécie do gênero *Cassia*. Das Euphorbiaceas, encontramos a mandioca brava (*Manihot*) com frutos e uma outra espécie do gênero *Croton* conhecida pelo nome vulgar de cipó prata e que ocupa grande extensão nas zonas queimadas e próximas do rio Tieté. Os gêneros *Acalypha* e *Euphorbia* estavam representados por uma espécie cada um. Das Compostas encontramos o picão, *Bidens tridentatus* facilmente reconhecivel pelos aquenios pretos com três espinhos e que se prendem facilmente às roupas, um dos meios pelo qual é disseminado. Entre as Solanaceas, achamos o arrebenta cavalo, espécie do gênero *Solanum*. Das Malvaceas coletamos uma espécie do gênero *Sida*, das Amarantaceas, o gênero *Amarantus*, das Bromeliaceas o ananaz, das Piperaceas o gênero *Piper*, das Esterculiaceas, o gênero *Luhea*, das Verbenaceas o gênero *Lantana*, todos representados por uma espécie. Essas plantas arbustivas ou sub-arbustivas apresentavam-se quasi todas floridas.

Os cipós, plantas trepadeiras e voluveis — Muito frequentemente achamos as Serjanea, entre as Sapindaceas, plenamente floridas, emoldurando as matas, as estradas e as formações vegetais novas, destacando-se pela abundância dos cachos de flores branco amareladas ; registramos duas espécies conhecidas vulgarmente como timbó que passam por ter propriedades ictiotóxicas. Das Convolvulaceas encontramos uma espécie muito conhecida de *Ipomea*, que tem as folhas multifidas, sustentando belas flores escarlates, muito comuns nos locais limpos ou a beira da estrada. Das Asclepiadaceas encontramos 2 espécies, uma das quais muito florida, possivelmente do gênero *Oxypetalum* que oferecia ótima atração para os insetos hemipteros principalmente. Entre as Liliaceas vimos o gênero *Smilax* com espécie de caule fino e resistente de onde a intervalos regulares saem tufos de folhas eliticas se-

melhantes às das Orquideas. As Dioscoreaceas estavam representadas pelo único gênero *Dioscorea* com 3 espécies. Das Leguminosas vimos duas espécies escandentes do mesmo gênero sem flores ou frutos e que constituiram ótimo campo de atração para insetos dipteros. Ainda registramos uma espécie das Bignoniaceas.

3.º plano — As árvores: Ocupam lugar de incontestavel predominância na floresta do oeste de S. Paulo, onde grossos e longos troncos sucedem-se uns aos outros e donde se extraem boas madeiras.

As árvores mais comumente encontradas são as seguintes: o pau d'alho, *Gallesia gorazema* Moq. da família das Fitoloacaceas cujo tronco atinge a 1 metro de diâmetro, na base possue larga copa e elevada altura de 20 a 30 metros. Fazendo-se um ferimento na casca, dela exala forte cheiro de alho, motivo que deu a planta o nome por que é conhecida; não tivemos a sorte de encontrar exemplares floridos. O cedro, outra grande árvore comunissima, do gênero *Cedrella* da família das Meliaceas, ostenta belos e grandes exemplares que fornecem excelente madeira; não estava florido ou frutificado. O angico, *Piptadenia,* Leguminosa, é outra árvore comum na localidade reconhecivel a distância pelos seus ramos lisos e brilhantes e folhas compostas de muitas e pequeninas pinas; não estavam floridos ou frutificados. O ingaseiro, do gênero *Inga* da família das Anacardiaceas é tambem outra planta importante na mata, bem desenvolvida porem sem flores ou frutos. Das Bignoniaceas encontramos no ipê, do gênero *Tecoma* o legítimo representante arboreo tambem sem flores ou frutos. O alecrim da família das Leguminosas é muito comum e semelhante em seu aspecto ao angico, mas tem os foliolos maiores; não apresentava flores ou frutos. Das leguminosas ainda encontramos a cabriuva (*Myrocarpus*) de grandes proporções, sem órgãos reprodutores.

Outra grande árvore é o jaracatiá do gênero *Jarecatia* da família das Caricaceas muito semelhante ao mamoeiro (*Carica*) sendo porém muitas vezes maior, tendo porém o fruto menor. Essa árvore aparentemente forte é de uma fragilidade incrivel pois éôca e o cortex e o cilindro central são pouco espessos e frageis. As demais árvores são de porte médio e pertencem às famílias das Anacardiaceas (*Schinus*) das Euforbiaceas, Malpighiaceas e Leguminosas.

LISTA DOS NOMES VULGARES COLIGIDOS

1 — Alecrim — Leguminosa.
2 — Ananaz — Bromeliacea.
3 — Angico — *Piptadenia.*
4 — Arranha-gato — Mimosacea.

5 — Assa-peixe — ———
6 — Cabriuva — *Myrocarpus.*
7 — Candiuba — ———
8 — Carrapixo — *Xantium.*
9 — Cipó prata — *Croton.*
10 — Goiaba brava — Mirtacea.
11 — Guiso — *Crotallaria.*
12 — Ingaseiro — *Inga.*
13 — Ipé — *Tecoma.*
14 — Jaborandi — *Piper.*
15 — Jaracatiá — *Jarecatia.*
16 — Mandioca brava — *Manihot.*
17 — Pega-pega — *Mimosacea.*
18 — Picão — *Bidens.*
19 — Quitoco — ———.
20 — Timbó — *Serjanea.*

ESPAMPA 1

Figura 1 — Aspecto da Estação de Ilha Seca, Estado de São Paulo, vendo-se à esquerda uma das moradias.

Figura 2 — Aspecto de algumas habitações de Ilha Seca, Estado de São Paulo, vendo-se em torno um bananal.

1

2

Travassos: 3.ª excursão E. F. Noroeste (1940)

ESPAMPA 2

Figura 1 — Ilha Seca, Estado de São Paulo — Membros da Comissão e alguns moradores.

Figura 2 — Salobra, Estado de Mato Grosso — Duas crianças matogrossenses.

1

2

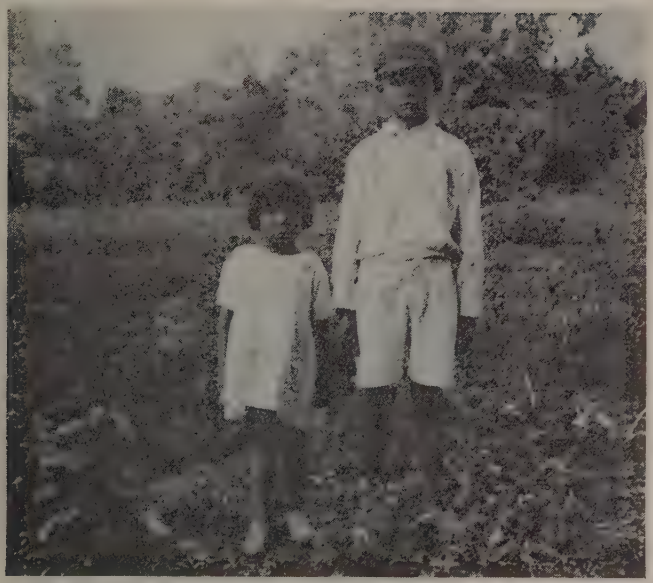
Travassos: 3.ª excursão E. F. Noroeste (1940)

ESPAMPA 3

Figura 1 — Salobra, Estado de Mato Grosso — Legítima menina bugre, civilizada

Figura 2 — Salobra, Estado de Mato Grosso — A mais numerosa família da localidade.

1



2

Travassos: 3.ª excursão E. F. Noroeste (1940)

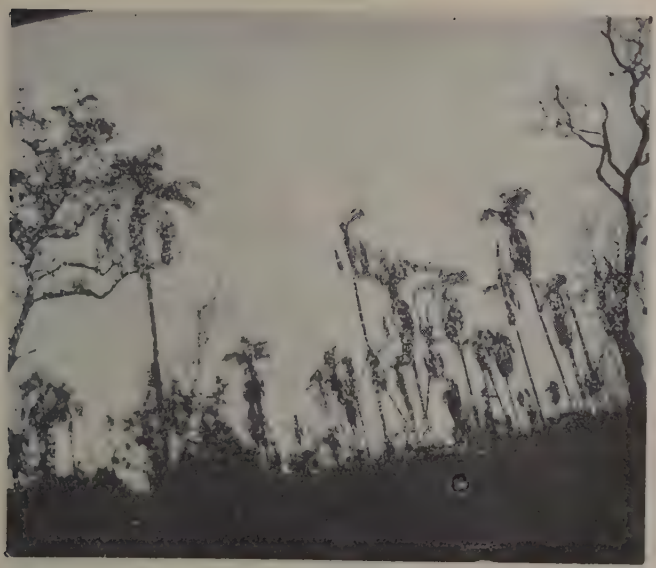
ESPAMPA 4

Figura 1 — Aspecto resultante de uma queimada na floresta paulistana do oeste.

Figura 2 — Resultado de uma queimada na floresta paulistana do oeste; veem-se as bacaiuvas, únicas árvores que escaparam ao fogo e novamente brotaram.

1

2



Travassos: 3.ª excursão E. F. Noróeste (1940)

ESPAMPA 5

Figura 1 — Um trecho de savana rala, no local de floresta derrubada, no oeste do Estado de São Paulo.

Figura 2 — Aspecto do cerrado matogrossense.

1

2

Travassos: 3.ª excursão E. F. Noroeste (1940)

ESPAMPA 6

Figura 1 — Um aspecto do paratudal, entre Miranda e Salobra, Estado de Mato Grosso.

Figura 2 — Aspecto de um carandazal em Mato Grosso.

1

2

Travassos: 3.ª excursão E. F. Noroeste (1940)

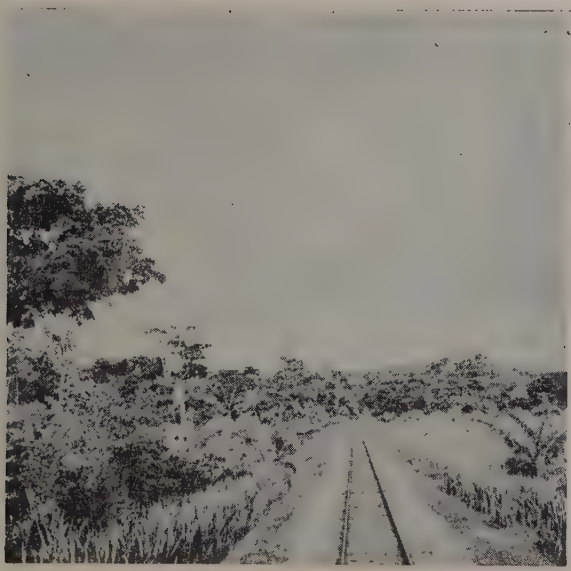
ESPAMPA 7

Figura 1 — Cerradão próximo de Correntes, Estado de Mato Grosso, vendo-se pequena elevação montanhosa, atualmente em franca erosão.

Figura 2 — Aspecto de pequena floresta entre Juvêncio e Bodoquena, Estado de Mato Grosso.

1

2



Travassos: 3.ª excursão E. F. Noroeste (1940)

ESPAMPA 8

Figura 1 — Três bacaiuvas, palmacea muito comum no cerrado matogrossense.

Figura 2 — Lagôa formada pelo transbordamento do rio Miranda, em Salobra, Estado de Mato Grosso; dentro dágua notam-se, no primeiro plano, plantas do gênero *Strelitzia*.

1

2

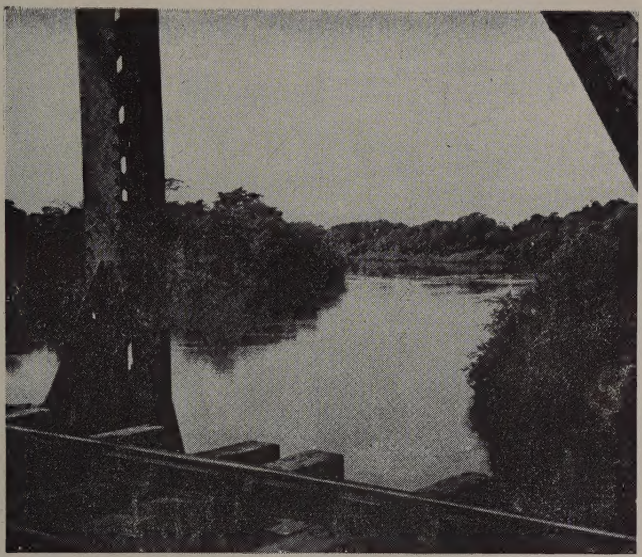
Travassos: 3.ª excursão E. F. Noroeste (1940)

ESPAMPA 9

Figura 1 — Aspecto do rio Miranda, visto da ponte de Salobra ; notar a floresta ciliar que reveste o rio.

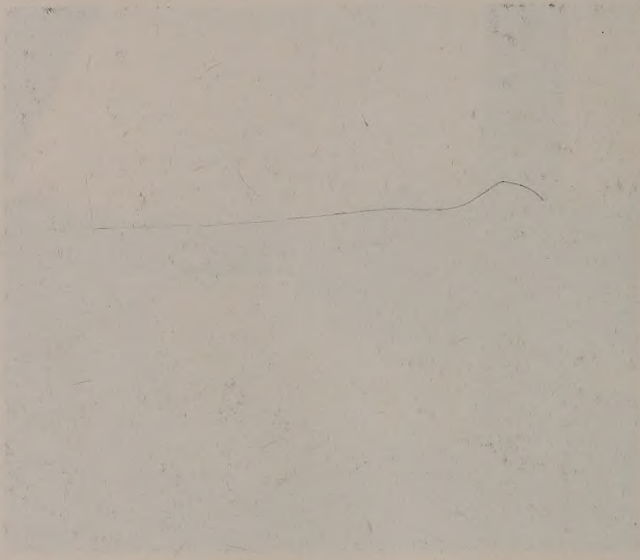
Figura 2 — Ilha Seca, Estado de São Paulo — Aspecto de uma zona florestal derrubada, vendo-se as árvores que restaram.

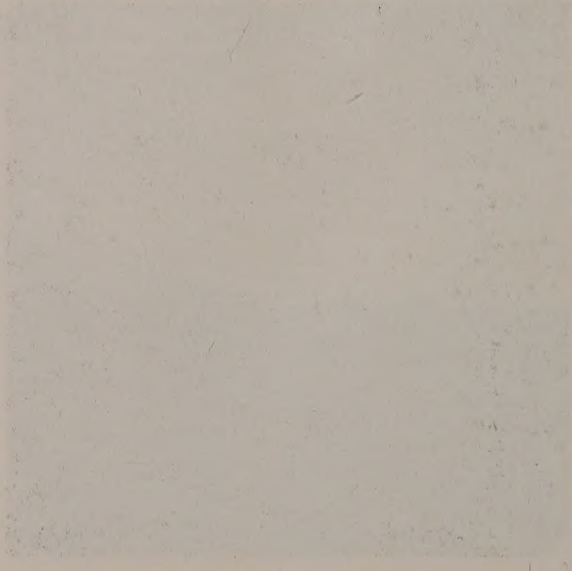
1



2

Travassos: 3.ª excursão E. F. Noroeste (1940)





IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1941